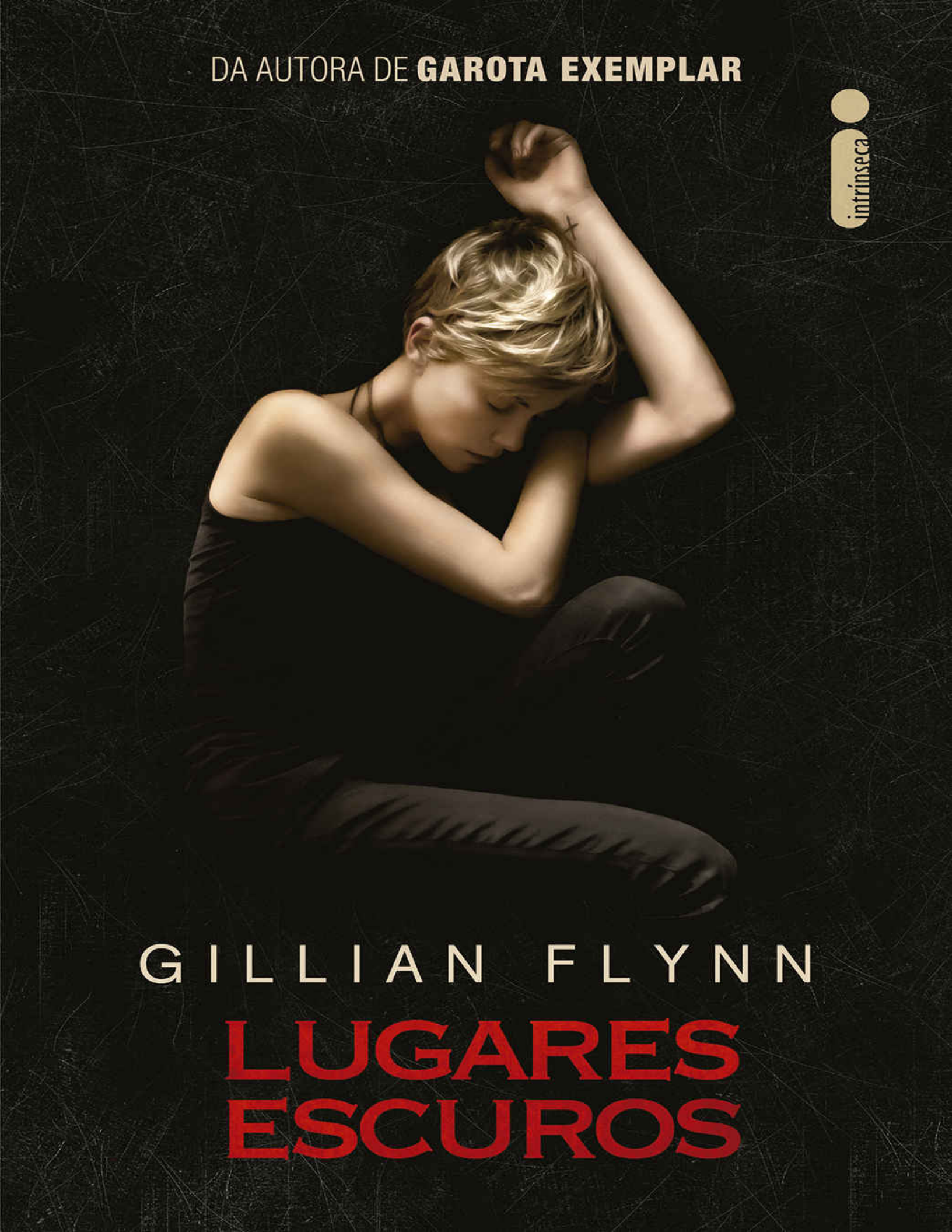
DA AUTORA DE **GAROTA EXEMPLAR**

intrínseca



GILLIAN FLYNN

LUGARES ESCUROS

GILLIAN FLYNN

LUGARES ESCUROS

TRADUÇÃO DE Alexandre Martins



Copyright © 2009 by Gillian Flynn

Publicado mediante acordo com Crown Publishers, um selo do Crown Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Dark Places

PREPARAÇÃO
Rafael Rodrigues

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO
Suelen Lopes
Juliana Pitanga

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-607-8

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIAS
Sabon e Interstate

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day

Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Patty Day
Libby Day
Ben Day
Libby Day
Calvin Diehl
Libby Day
Ben Day
Libby Day

Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora
Leia também

PARA MEU MARIDO ENCANTADOR,

BRETT NOLAN

Os Day eram um clã que poderia viver à beça
Mas Ben Day perdeu a cabeça
O poder de Satanás o garoto queria
E matou a família em meio a uma gritaria

Da pequena Michelle torceu o pescocinho
Depois de Debby fez picadinho
A mãe, Patty, guardou para o final
E, sem piedade, em sua cabeça deu um tiro fatal

A bebê Libby conseguiu viva permanecer
Mas passar por aquilo de modo algum é viver

– CANTIGA DE RODA, CIRCA 1985

LIBBY DAY

HOJE

Eu tenho uma maldade dentro de mim, tão real quanto um órgão. Corte minha barriga e talvez ela escorra para fora, viscosa e escura, e caia no chão para que você possa pisar nela. É o sangue dos Day. Há algo de errado com ele. Nunca fui uma boa menina e piorei depois dos assassinatos. A pequena órfã Libby cresceu triste e fraca, cercada por um grupo de parentes distantes — primos em segundo grau, tias-avós e amigos de amigos —, enfiada em uma série de trailers ou casas de fazenda caindo aos pedaços por todo o Kansas. Indo à escola com roupas usadas das irmãs mortas. Camisas com axilas amareladas. Calças com traseiros caídos, comicamente folgadas, sustentadas por um cinto gasto no último furo. Nas fotos de escola, meu cabelo estava sempre despenteado — presilhas pendendo dos cachos, como se fossem objetos voadores que grudaram ali —, e eu sempre tinha bolsas inchadas sob os olhos, olhos de senhora embriagada. Talvez uma curva rancorosa nos lábios onde deveria haver um sorriso. Talvez.

Eu não era uma criança adorável e me tornei uma adulta extremamente detestável. Se alguém fizesse um retrato da minha alma, veria um amontoado de rabiscos com presas.

* * *

Era março, um infeliz e encharcado março, e eu estava deitada na cama pensando em me matar, um passatempo meu. Uma espingarda, minha boca, um bang e minha cabeça sacudindo uma,

duas vezes. Sangue na parede. Respingos, jorros. “Ela queria ser enterrada ou cremada?”, perguntariam as pessoas. “Quem deveria vir para o funeral?” E ninguém saberia. As pessoas, quem quer que fossem, apenas olhariam para os sapatos ou ombros umas das outras até o silêncio se estabelecer, e então alguém apareceria com um bule de café e o colocaria numa mesa, de maneira rápida e barulhenta. Café combina bem com uma morte repentina.

Tirei um dos pés de sob o lençol, mas não consegui alcançar o chão. Acho que estou deprimida. Acho que tenho estado deprimida há uns vinte e quatro anos. Posso sentir uma versão melhor de mim em algum lugar lá dentro — escondida atrás do fígado ou presa a um pedaço de baço dentro do meu corpo mirrado, infantil —, uma Libby que me diz para me levantar, fazer algo, crescer, seguir em frente. Mas a maldade normalmente vence. Meu irmão massacrou minha família quando eu tinha sete anos. Minha mãe, minhas duas irmãs, mortas: bang bang, chop chop, gasp gasp. Realmente não tinha nada que eu pudesse fazer depois daquilo, nada era esperado.

Herdei 321.374 dólares quando fiz dezoito anos, vindos de todas as pessoas bem-intencionadas que haviam lido minha história triste, idealistas cujos *corações estavam comigo*. Sempre que ouço essa expressão, e a escuto muito, imagino gordos corações desenhados, com asas, voando para um dos meus muitos lares decrépitos da infância, meu eu de menina junto à janela, acenando e agarrando cada coração brilhante, notas verdes chovendo em mim, *obrigada, obrigada mesmo!* Quando ainda era criança, as doações foram depositadas em uma conta bancária administrada de modo conservador, que na época dava um salto a cada três ou quatro anos, quando alguma revista ou emissora de rádio atualizava meu perfil. Um Novo Dia para a Pequena Libby: A Única Sobrevivente do Massacre da Pradaria Completa Dez Amargos Anos. (Eu com tranças malfeitas no gramado mijado por gambás em frente ao trailer da minha tia Diane. As panturrilhas grossas dela expostas por uma saia curta, plantadas na grama amarela atrás de mim.) Os

Dezesseis Anos da Corajosa Pequena Day! (Eu, ainda em miniatura, o rosto iluminado por velas de aniversário, a camisa apertada demais sobre seios que haviam ficado enormes naquele ano, parecendo duas caricaturas em meu corpo pequeno; ridículos, pornográficos.)

Eu vivi daquele dinheiro por mais de treze anos, mas ele estava quase acabando. Teria um encontro naquela tarde para determinar exatamente quanto eu ainda tinha. Uma vez por ano, o homem que administrava minha conta, um corretor com bochechas rosadas chamado Jim Jeffreys, insistia em me levar para almoçar, “botar o papo em dia”, como ele chamava. Comíamos algo na faixa de vinte dólares e conversávamos sobre minha vida — afinal, ele me conhecia desde que eu era deste tamanho, ha-ha. Quanto a mim, não sabia quase nada sobre Jim Jeffreys e nunca perguntava, vendo os encontros sempre do ponto de vista de uma criança: seja educada, mas não muito, e acabe logo com isso. Respostas monossilábicas, suspiros cansados. (A única coisa que suspeitava sobre Jim Jeffreys era que ele devia ser cristão, carola — tinha a paciência e o otimismo de alguém que achava que Jesus estava vendo tudo.) Eu não deveria “botar o papo em dia” antes de oito ou nove meses, mas Jim Jeffreys estava me atormentando, deixando recados na secretária eletrônica com uma voz séria e baixa, dizendo que tinha feito o possível para estender a “vida dos recursos”, mas que era hora de pensar nos “próximos passos”.

E novamente vem a maldade: de imediato pensei naquela outra garotinha dos tabloides, Jamie Alguma Coisa, que perdera a família no mesmo ano — 1985. Ela teve parte do rosto queimada em um incêndio provocado pelo pai, que matara todos os outros familiares. Sempre que vou ao caixa eletrônico, penso nessa garota Jamie e em como eu teria o dobro do dinheiro se ela não tivesse me atrapalhado. Aquela Jamie Sei Lá O Quê estava em algum shopping com meu dinheiro, comprando bolsas elegantes, joias e maquiagem

para passar em seu rosto brilhante e marcado. O que era uma coisa horrível de se pensar, claro. Pelo menos isso eu sabia.

Finalmente, finalmente, finalmente saí da cama com um resmungo teatral e fui até a frente da minha casa. Eu alugo uma pequena casa de tijolos em uma fila de outras pequenas casas de tijolos, todas acocoradas em um enorme penhasco debruçado sobre os antigos estábulos de Kansas City. Kansas City, Missouri, não Kansas City, Kansas. Existe uma diferença.

Meu bairro não tem nem nome, de tão esquecido que é. É chamado de Lá Em Cima Por Ali. Uma estranha área decadente, cheia de becos sem saída e cocô de cachorro. As outras casas são ocupadas por velhos que vivem nelas desde que foram construídas. Os velhos ficam sentados, cinzentos e flácidos, atrás de janelas de tela, olhando para fora o tempo todo. Algumas vezes vão até os carros em pequenos passos cautelosos que me fazem sentir culpada, como se eu devesse ajudar. Mas eles não gostariam disso. Não são velhos amistosos — são velhos irritados de lábios franzidos que não gostam que eu seja vizinha deles, essa pessoa *nova*. Há um zumbido de desaprovação no ar. E então há o barulho do desprezo deles e do pequeno cachorro ruivo duas portas abaixo, que late o dia inteiro e uiva a noite toda; e há o constante ruído de fundo que você não percebe que o está enlouquecendo, até que ele para, apenas por alguns abençoados instantes, e então recomeça. O único som alegre da vizinhança eu normalmente perco dormindo. Os barulhinhos matinais das crianças. Um bando delas, rostos redondos e todas agasalhadas, caminham até alguma creche escondida ainda mais longe no labirinto de ruas atrás de mim, todas segurando uma corda comprida puxada por um adulto. Elas passam marchando como pinguins pela minha casa toda manhã, mas nunca as vi voltar. Pelo que sei, contornam o mundo inteiro e voltam a tempo de passar pela minha janela novamente na manhã seguinte. Qualquer que seja a história, sou apegada a elas. Há três meninas e um menino, todos com preferência por casacos vermelhos

brilhantes, e, quando não os vejo, quando durmo demais, fico realmente triste. Ainda mais triste. Essa é a palavra que minha mãe usaria, não algo tão dramático quanto *deprimida*. Eu ando triste há vinte e quatro anos.

* * *

Vesti uma saia e uma blusa para o encontro, sentindo-me anã, minhas roupas adultas de garota crescida nunca me caem bem. Mal tenho um metro e meio — um e quarenta e oito, na verdade, mas eu arredondo. Fazer o quê? Tenho trinta e um anos, mas as pessoas tendem a falar comigo com uma vozinha suave, como se estivessem conversando com uma criancinha.

Fui para o quintal íngreme e cheio de mato, o cachorro ruivo do vizinho começando seus latidos intrometidos. Na calçada perto do meu carro estão os esqueletos esmagados de dois passarinhos, os bicos e as asas achatados, fazendo com que pareçam quase desprezíveis. Estão ali há um ano. Não consigo resistir a olhá-los sempre que entro no carro. Precisamos de uma boa enchente para levá-los embora.

Duas idosas estavam conversando nos degraus da frente de uma casa do outro lado da rua, e eu pude senti-las se recusando a me olhar. Não sei o nome de ninguém. Se uma daquelas mulheres morresse, eu não poderia nem dizer “A pobre Sra. Zalinsky morreu”. Teria que dizer: “Aquela piranha velha miserável do outro lado da rua bateu as botas.”

Sentindo-me como um fantasma de criança, subi em meu carro popular de tamanho médio que parece ser feito principalmente de plástico. Fico esperando que alguém da loja apareça e me diga o óbvio: “Ei, é uma piada. Você não pode dirigir isto. Estávamos brincando.” Dirigi distraída meu carro de brinquedo por dez minutos até o centro para me encontrar com Jim Jeffreys, entrando no

estacionamento da churrascaria vinte minutos atrasada, ciente de que ele sorriria gentilmente e não diria nada sobre meu atraso.

Eu deveria ligar do celular quando chegasse para que ele pudesse sair e me escoltar para dentro. O restaurante — uma churrascaria das antigas — é cercado por prédios desocupados que o preocupam, como se um pelotão de estupradores estivesse permanentemente agachado em suas estruturas vazias esperando minha chegada. Jim Jeffreys não será O Cara Que Deixou Algo Ruim Acontecer a Libby Day. Nada ruim pode acontecer à CORAJOSA PEQUENA DAY, a GAROTINHA PERDIDA, a patética garota ruiva de sete anos com grandes olhos azuis, a única sobrevivente do MASSACRE DA PRADARIA, dos INSANOS ASSASSINATOS DO KANSAS, do SACRIFÍCIO SATÂNICO DA FAZENDA. Minha mãe, duas irmãs mais velhas, todas vítimas da chacina de Ben. Única a sobreviver, eu o apontara como o assassino. Eu fui a gracinha que levou meu irmão adorador do demônio à Justiça. Fui notícia. O *Enquirer* colocou uma foto minha chorando na primeira página com a manchete ROSTINHO DE ANJO.

Olhei para o retrovisor e pude ver meu rosto de bebê ainda agora. Minhas sardas desbotaram e meus dentes se ajeitaram, mas meu nariz continua arrebitado, e meus olhos, redondos como os de uma gatinha. Tinha pintado o cabelo de louro-platinado, mas as raízes ruivas já estavam crescendo. Parecia que meu couro cabeludo estava sangrando, especialmente à luz do fim do dia. Parecia violento. Acendi um cigarro. Eu havia passado meses sem fumar e então me lembrei: preciso de um cigarro. Sou assim, nada persistente.

— Vamos lá, Pequena Day — disse em voz alta.

É como me chamo quando estou com raiva.

Saltei do carro e fumei a caminho do restaurante, segurando o cigarro com a mão direita para não ter que olhar para a esquerda, a deformada. Era quase noite: nuvens passageiras flutuavam em

bandos pelo céu como bisões, e o sol estava baixo o bastante para pintar tudo de cor-de-rosa. Na direção do rio, entre as curvas da rodovia, alguns elevadores de grãos obsoletos, monumentos vazios e sem sentido no horizonte.

Cruzei o estacionamento sozinha, sobre uma constelação de vidro quebrado. Não fui atacada. Afinal, eram apenas pouco mais de cinco da tarde. Jim Jeffreys era um madrugador e tinha orgulho disso.

Ele estava sentado no bar, bebendo um refrigerante, quando entrei, e a primeira coisa que fez, como eu previa, foi tirar o celular do bolso do paletó e olhar para o aparelho como se o tivesse traído.

— Você ligou? — perguntou Jim, franzindo a testa.

— Não, esqueci — menti.

Então ele sorriu.

— Bom, tudo bem. Estou contente por você estar aqui, querida. Pronta para um papo sério?

Ele colocou dois dólares no balcão e nos conduziu a um reservado de couro vermelho com enchimento amarelo saindo pelas rachaduras do estofamento. As beiradas dos rasgos arranharam a parte de trás das minhas pernas quando deslizei ao me sentar. Um bafo de fumaça de cigarro saiu das almofadas.

Jim Jeffreys nunca bebia álcool na minha frente e nunca perguntava se eu queria um drinque, mas, quando o garçom se aproximou, pedi uma taça de vinho tinto e o observei enquanto ele tentava não parecer surpreso, decepcionado ou qualquer coisa que não fosse Jim Jeffreys. *Qual tipo de tinto?*, perguntou o garçom, e eu realmente não tinha ideia; nunca me lembrava de nomes de tintos ou brancos, ou qual parte do nome você devia dizer em voz alta, então disse apenas *da casa*. Ele pediu um filé, eu optei por uma batata assada com dois recheios, depois o garçom partiu; Jim Jeffreys deu um demorado suspiro e falou:

— Bem, Libby, estamos chegando a um estágio muito novo e diferente.

— Quanto ainda tem? — perguntei, pensando *digadezmildigadezmil*.

— Você *lê* os relatórios que eu envio?

— Às vezes — menti novamente.

Eu gostava de receber correspondência, mas não de ler; os relatórios provavelmente estavam em uma pilha em algum lugar da casa.

— Você *ouviu* as minhas mensagens?

— Acho que seu celular está quebrado. As mensagens ficam cortadas.

Eu escutara o suficiente para saber que estava em apuros. Normalmente desligava depois da primeira frase dele, que sempre era: *Libby, aqui é seu amigo Jim Jeffreys...*

Jim Jeffreys juntou as pontas dos dedos e projetou o lábio inferior.

— Restam 982 dólares e 12 centavos no fundo. Como já mencionei, caso você tivesse conseguido repor com a renda de algum tipo de trabalho regular, poderíamos ter conseguido fazê-lo durar por mais tempo, mas... — falou, lançando as mãos para a frente e fazendo uma careta antes de prosseguir — as coisas não funcionaram assim.

— E quanto ao livro, o livro não...

— Lamento, Libby, mas o livro não. Eu lhe digo isso todo ano. Não é sua culpa, mas o livro... Não. Nada.

Um tempo atrás, para explorar meu aniversário de vinte e cinco anos, um editor de livros de autoajuda me pediu para escrever sobre como eu havia derrotado os “fantasmas do passado”. Eu não havia, de modo algum, derrotado nada, mas ainda assim concordei com o livro, conversando pelo telefone com uma mulher de Nova Jersey que era quem realmente escrevia. O livro foi lançado na época do Natal, em 2002, com uma foto minha na capa usando um corte de cabelo horrível. O título do livro era *Um novo dia! Sobreviva ao trauma de infância e supere-o!*, e ele incluía alguns retratos de infância meus e da minha família morta no meio de duzentas

páginas de uma baboseira sentimentaloide de pensamento positivo. Recebi oito mil dólares, e alguns poucos grupos de sobreviventes me convidaram para palestras. Fui a Toledo para um encontro de homens que haviam ficado órfãos quando pequenos; a Tulsa para uma reunião especial de adolescentes cujas mães haviam sido mortas pelos pais. Autografei o livro para garotos boquiabertos que me faziam perguntas irritantes, como se minha mãe fazia tortas. Autografei o livro para velhos grisalhos carentes que me fitavam por trás de lentes bifocais, o hálito cheirando a café queimado e ácido gástrico. Escrevia “Comece um novo dia!” ou “Um novo dia o aguarda!”. Que sorte a minha ter um sobrenome que dá para fazer trocadilho. As pessoas que iam me assistir sempre pareciam exaustas e desesperadas, ficando inseguras perto de mim. Os grupos eram sempre pequenos. Quando me dei conta de que não estava sendo paga para fazer nada daquilo, recusei-me a ir aonde quer que fosse. De todo modo, o livro já havia fracassado.

— Parece que deveria ter rendido mais dinheiro — murmurei.

Eu realmente queria que o livro tivesse rendido, de uma forma infantil obsessiva; a sensação de que, se desejasse bastante, deveria acontecer. Deveria acontecer.

— Eu sei — afirmou Jim Jeffreys, não tendo mais nada a dizer sobre o tema após seis anos. Ele me viu tomar o vinho em silêncio. — Mas, de certa forma, Libby, isso lhe apresenta a uma nova fase realmente interessante na vida. Quer dizer, o que você quer ser quando crescer?

Eu sabia que isso deveria ser fascinante, mas produziu um surto de fúria em mim. Eu não queria ser nada, essa era a porra da questão.

— Não tem mais nenhum dinheiro sobrando?

Jim Jeffreys balançou a cabeça com tristeza e começou a colocar sal no filé recém-chegado, o sangue se acumulando ao redor da carne como refresco brilhante.

— E quanto a novas doações? O aniversário de vinte e cinco anos da tragédia está chegando — falei, sentindo outra onda de raiva por ele me obrigar a dizer isso em voz alta.

Ben começara a fúria assassina por volta das duas da manhã de 3 de janeiro de 1985. A hora do massacre da minha família, e eu ali ansiando por ela. Quem dizia coisas assim? Por que não poderia haver ainda pelo menos cinco mil dólares?

Jim Jeffreys balançou a cabeça novamente.

— Não há mais, Libby. Você tem o quê, trinta? Já é uma mulher. As pessoas seguiram em frente. Elas querem ajudar outras garotinhas, não...

— Não a mim.

— Temo que não.

— As pessoas seguiram em frente? Mesmo?

Senti uma lufada de abandono, algo que eu sempre sentia quando criança, quando uma tia ou um primo me deixava na casa de outra tia ou de outro primo: *Cansei, você fica com ela um tempo*. E a nova tia ou o novo primo seria bastante legal por uma semana, se esforçaria muito com a pequena e amarga Libby, e então... Na verdade, em geral era culpa minha. Realmente era, não é conversa fiada de vítima. Encharquei a sala de um primo com spray de cabelo e coloquei fogo. Minha tia Diane, minha tutora, irmã da minha mãe, minha adorada, me recebeu — e me mandou embora — meia dúzia de vezes antes de finalmente fechar a porta de uma vez por todas. Fiz coisas muito ruins àquela mulher.

— Temo que sempre haja um novo assassinato, Libby — falou Jim Jeffreys, num tom monótono. — As pessoas têm memória curta. Quer dizer, pense em como elas estão ficando malucas com Lisette Stephens.

Lisette Stephens era uma bela morena de vinte e cinco anos, que desaparecera na volta para casa depois de um jantar em família no Dia de Ação de Graças. Kansas City inteira estava disposta a encontrá-la — era impossível ligar a TV sem ver a foto dela sorrindo

para você. A história chegara aos noticiários nacionais no começo de fevereiro. Absolutamente nada acontecera no caso durante um mês. Lisette Stephens estava morta, e agora todos sabiam disso, mas ninguém queria ser o primeiro a sair da festa.

— Mas acho que todos gostariam de saber que você está bem — continuou Jim Jeffreys.

— Maravilha.

— Que tal uma faculdade? — perguntou, mastigando um pedaço de carne.

— Não.

— E se tentássemos colocar você em algum serviço de escritório, arquivo ou coisas assim?

— Não.

Eu me fechei, ignorando minha refeição, fazendo uma cara de mau humor. Esta era outra das expressões da minha mãe: *mau humor*. Significava sentir tristeza de um jeito que incomodava as outras pessoas. Sentir tristeza de forma explícita.

— Bem, por que você não tira uma semana para pensar nisso?

Ele estava devorando seu filé, o garfo subindo e descendo rapidamente. Jim Jeffreys queria ir embora. Jim Jeffreys estava farto.

* * *

Ele me deixou com três envelopes e um sorriso que deveria ser otimista. Três envelopes, todos parecendo lixo. Jim Jeffreys costumava me dar caixas de sapato abarrotadas de correspondências, a maioria cartas com cheques dentro. Eu endossava o cheque para ele, e o doador recebia uma carta padrão em minha caligrafia pesada. “Obrigada por sua doação. São pessoas como você que me permitem acreditar em um futuro mais brilhante. Atensiosamente, Libby Day”. Eu realmente escrevia

“atensiosamente”, um erro que Jim Jeffreys achava que as pessoas achariam comovente.

Mas as caixas de sapato com doações acabaram, e fui deixada com três envelopes e o resto da noite para passar. Voltei para casa, vários carros piscando os faróis para mim até eu me dar conta de que dirigia com faróis apagados. O horizonte de Kansas City brilhava a leste, modestos prédios baixos espalhados, torres de rádio se erguendo aqui e ali. Tentei imaginar coisas que pudesse fazer para ganhar dinheiro. Coisas que adultos faziam. Eu me imaginei com gorro de enfermeira, segurando um termômetro; depois com o uniforme azul justo de policial, ajudando uma criança a atravessar a rua; depois usando pérolas e avental florido, preparando o jantar para meu maridinho. *Para ver como você é perturbada*, pensei. *Sua ideia de maturidade ainda sai de livros infantis*. E enquanto pensava nisso me via escrevendo ABCs em um quadro-negro diante de alunos de primeira série com olhos brilhantes.

Tentei me lembrar de ocupações realistas — algo que tivesse a ver com computadores. Inserção de dados, isso não era um trabalho? Atendimento ao cliente, talvez? Uma vez vi um filme em que uma mulher ganhava a vida passeando com cachorros, vestindo macacão e moletom, e sempre segurando flores, os cachorros babando e amáveis. Mas eu não gostava de cachorros, eles me assustavam. Finalmente pensei em algum trabalho relacionado à fazenda, claro. Nossa família fora de fazendeiros por um século, chegando à minha mãe, até Ben matá-la. E aí a fazenda foi vendida.

De qualquer forma, eu não saberia cuidar de uma fazenda. Tenho lembranças do lugar: Ben atravessando a lama fria de primavera, espantando bezerros do caminho; as mãos grossas de minha mãe afundando nas sementes cor de cereja que se transformariam em sorgo; os guinchos de Michelle e Debby saltando sobre fardos de feno no celeiro; “Coça!”, Debby sempre reclamava, depois pulava de

novo. Nunca posso alimentar esses pensamentos. Classifiquei essas lembranças como se fossem um lugar particularmente perigoso: um lugar escuro. Bastava alimentar por tempo demais uma imagem da minha mãe tentando dar um jeito na cafeteira quebrada ou de Michelle dançando em sua camisola de jérsei, e minha mente mergulhava em um lugar escuro. Manchas maníacas de um vermelho brilhante soam na noite. Aquele inevitável machado ritmado se movendo mecanicamente como se cortasse madeira. Disparos de espingarda em um pequeno corredor. Os gritos apavorados da minha mãe, ainda tentando salvar os filhos com metade da cabeça faltando.

Pensei: *o que faz um assistente administrativo?*

Parei em frente à minha casa, pisei em um pedaço de calçada onde alguém havia talhado “Jimmy ama Tina” no concreto décadas antes. Algumas vezes gosto de imaginar o que aconteceu com esse casal: ele era um jogador de beisebol da segunda divisão/ela era dona de casa em Pittsburgh lutando contra um câncer. Ele era um bombeiro divorciado/ela era uma advogada que se afogara na Costa do Golfo no ano anterior. Ela era professora/ele morrera de um aneurisma aos vinte anos. Era um bom jogo mental, embora horrendo. Eu costumava matar pelo menos um deles.

Ergui os olhos para minha casa alugada e pensei se o telhado estaria cedendo. Se a coisa inteira despencasse, eu não perderia muito. Não tinha nada de valor, a não ser um gato muito velho chamado Buck, que me tolerava. Quando pisei nos degraus molhados e afundados, seus miados ressentidos chegaram a mim vindos de dentro da casa, e me dei conta de que não o alimentara naquele dia. Abri a porta, e o gato ancião veio na minha direção, lento e cambaleante, como um carro detonado com uma roda quebrada. Eu não tinha mais ração — estava na lista de afazeres havia uma semana —, então fui à geladeira, tirei fatias de um queijo suíço duro e dei a ele. Depois me sentei para abrir meus três envelopes, os dedos cheirando a leite azedo.

Nunca passei da primeira carta.

Cara Srta. Day,

Espero que esta carta chegue a você, já que parece não ter um site na internet. Li sobre você e acompanhei sua história atentamente ao longo dos anos, e estou muito interessado em saber como está e o que faz atualmente. Você vai a eventos? Integro um grupo que lhe pagaria 500 dólares apenas por sua presença. Por favor, entre em contato comigo e ficarei contente em dar mais informações.

Calorosamente,
Lyle Wirth

P.S.: Esta é uma oferta legítima.

Fazer striptease? Pornografia? Quando o livro foi lançado, com seu encarte de fotos Pequena Day Cresce, a mais notável era uma fotografia minha aos dezessete anos, os seios trêmulos de mulher mal contidos por uma camiseta branca. Por causa disso, recebi várias propostas de revistas de segunda linha para tirar fotos nua, embora nenhuma delas tenha oferecido dinheiro suficiente para me fazer pensar seriamente no assunto. Mesmo agora, quinhentos dólares não bastariam se esses caras quisessem que eu ficasse sem roupa. Mas talvez — *pense positivo, Pequena Day!* —, talvez realmente fosse uma oferta séria, outro daqueles grupos de sofredores precisando que eu aparecesse e lhes desse um motivo para falar sobre eles mesmos. Quinhentos dólares por algumas horas de simpatia era uma troca justa.

A carta era datilografada, a não ser pelo número de telefone ao final, escrito em uma caligrafia firme. Disquei o número, esperando uma secretária eletrônica. Em vez disso, houve uma pausa cavernosa, um telefone tirado do gancho, mas não atendido. Eu me

senti desconfortável, como se tivesse ligado para alguém no meio de uma festa da qual não deveria saber.

Três segundos depois, uma voz masculina:

— Alô?

— Oi. É Lyle Wirth?

Buck estava circulando ao redor de minhas pernas, ansioso por mais comida.

— Quem fala?

Ainda ao fundo: um grande e alto nada. Como se ele estivesse em um poço.

— É Libby Day. Você me escreveu.

— Ahhhh, caramba. Mesmo? Libby Day. Ahn, onde você está? Está na cidade?

— Qual cidade?

O homem — ou garoto, ele soava jovem — gritou algo para alguém atrás dele que incluía a frase “Eu já fiz”, depois grunhiu no meu ouvido.

— Você está em Kansas City? Você mora em Kansas City, certo? Libby?

Eu estava prestes a desligar, mas o sujeito começou a gritar “Alô-ôôô? Alô-ôôô?”, como se eu fosse um garoto perdido que não prestava atenção na aula. Então falei que morava em Kansas City e perguntei o que ele queria. Ele deu um daqueles risos *hehehe*, aqueles risos *você-não-vai-acreditar-mas*.

— Bem, como disse, queria conversar com você sobre uma participação. Talvez.

— Fazendo o quê?

— Bem, eu integro um clube especial... Vamos fazer uma reunião do clube aqui semana que vem, e...

— Que tipo de clube?

— Bem, é meio diferente. É uma coisa meio underground...

Não falei nada, deixei que ele se virasse. Depois da ousadia inicial, eu podia sentir que ele estava desconfortável. Isso era bom.

— Ah, merda, é complicado explicar pelo telefone. Eu posso, ahn, te pagar um café?

— É tarde demais para um café — retruquei, e então me dei conta de que ele provavelmente não queria dizer naquela noite, provavelmente em algum momento da semana, então pensei de novo em como iria passar as quatro ou cinco horas seguintes.

— Uma cerveja? Vinho? — perguntou.

— Quando?

Pausa.

— Hoje?

Pausa.

— Tudo bem.

* * *

Lyle Wirth parecia um serial killer. O que significava que provavelmente não era um. Se você estivesse fatiando prostitutas ou comendo fugitivos, tentaria parecer normal. Estava sentado em uma mesa de carteado imunda no meio do Tim-Clark's Grille, um bar horrível vizinho a um mercado de pulgas. O Tim-Clark's tinha ficado famoso por seu churrasco e agora estava sendo considerado um lugar "sofisticado", frequentado por uma mistura desconfortável de veteranos grisalhos e homens de cabelo bagunçado usando calças jeans skinny. Lyle não era nem um nem outro: tinha vinte e poucos anos, com cabelo castanho-claro ondulado, que ele tentava domar com gel demais nos lugares errados, de modo que era metade emaranhado, metade com pontas brilhantes. Usava óculos sem armação, um casaco da loja Members Only apertado e uma calça jeans skinny, que não era legal, apenas apertada. Os traços eram delicados demais para serem atraentes em um homem. Homens não deviam ter lábios carnudos.

Ele me encarou enquanto eu caminhava na sua direção. Inicialmente não estava me reconhecendo, apenas avaliando aquela

estranha. Quando eu estava quase chegando à mesa, ele teve um estalo: as sardas, o esqueleto de passarinho, o nariz arrebitado que ficava mais arrebitado quanto mais as pessoas mantivessem contato visual.

— Libby! — começou ele, depois se dando conta de que era íntimo demais e acrescentando: — Day!

Ele se levantou, puxou uma das cadeiras dobráveis, pareceu lamentar o cavalheirismo e se sentou novamente.

— Seu cabelo está louro.

— É — respondi.

Odeio pessoas que começam conversas com fatos — o que você deveria fazer com isso? '*Claro que está quente hoje. Bastante.'* Olhei ao redor para pedir uma bebida. Uma garçonete de minissaia com um cabelo negro voluptuoso estava com suas belas costas viradas para nós. Tamborilei na mesa até ela se virar, mostrar um rosto que devia ter pelo menos setenta anos, a maquiagem pesada acumulando nas rugas das bochechas, veias arroxeadas marcando suas mãos. Alguma parte dela rangeu quando se curvou para anotar meu pedido, fungando quando pedi apenas uma cerveja Pabst Blue Ribbon.

— O peito de boi daqui é realmente bom — disse Lyle.

Mas ele também não estava comendo, apenas bebendo os restos de algo cremoso.

Eu não como carne, não desde que minha família foi fatiada — ainda estava tentando tirar Jim Jeffreys e seu filé grosso da cabeça. Neguei com um gesto e esperei minha cerveja, olhando ao redor como uma turista. As unhas de Lyle estavam sujas, foi a primeira coisa que percebi. A peruca preta da velha garçonete estava fora do lugar. Cachos de cabelo branco suado grudavam no pescoço. Ela enfiou alguns para baixo da peruca, enquanto pegava um pacote de batatas fritas que chiavam sob o aquecedor. Um homem gordo estava sentado sozinho na mesa ao lado, comendo costeletas e examinando sua compra no mercado de pulgas: um velho vaso

kitsch em formato de sereia. Seus dedos haviam deixado marcas de gordura nos seios da sereia.

A garçonete não disse nada ao colocar a cerveja bem na minha frente, depois ronronou para o gordo, chamando-o de docinho.

— E então, qual é a do clube? — comecei.

Lyle ficou cor-de-rosa, o joelho sacudindo sob a mesa.

— Bem, sabe como alguns caras fantasiam sobre futebol ou colecionam cartões de beisebol?

Assenti. Ele deu uma risada estranha e continuou.

— Ou mulheres leem revistas de fofocas e sabem tudo sobre um ator, tipo o nome do filho dele e a cidade onde foi criado?

Inclinei a cabeça atenta, uma anuência cuidadosa.

— Bem, é tipo isso, mas é, bem, nós o chamamos de Kill Club.

Tomei um gole de cerveja, gotas de suor brotando em meu nariz.

— Não é tão esquisito quanto parece — disse ele.

— Parece bastante esquisito.

— Sabe como algumas pessoas gostam de mistérios? Ou são vidradas em blogs de crimes reais? Bem, esse clube é formado por um bando de pessoas assim. Todos têm um crime pelo qual são obcecados: Laci Peterson, Jeffrey MacDonald, Lizzie Borden... Você e sua família. Quer dizer, você e sua família são muito importantes no clube. Muito. Mais que JonBenét.

Ele me viu fazer uma careta e acrescentou:

— Uma tragédia o que aconteceu. E seu irmão na cadeia por quanto tempo? Vinte e cinco anos?

— Não sinta pena de Ben. Ele matou minha família.

— Hum, sei... — disse, sugando um pedaço de sorvete. — Então, você já conversou com ele sobre isso?

Senti minhas defesas se erguendo. Há pessoas que juram que Ben é inocente. Elas me enviam recortes de jornal sobre Ben, e eu nunca leio, jogo no lixo assim que vejo a foto dele — seu cabelo ruivo solto e na altura dos ombros, em um corte ao estilo Jesus Cristo para combinar com seu rosto reluzente, cheio de paz. Agora

ele está com quase quarenta anos. Nunca fui visitar meu irmão na cadeia em todo esse tempo. Sua atual prisão é, convenientemente, na periferia de nossa cidade natal — Kinnakee, Kansas —, onde ele cometeu os assassinatos. Mas não sou nostálgica.

A maioria dos devotos de Ben é do sexo feminino. Orelhas de abano, dentes longos, permanente nos cabelos e calças compridas, lábios franzidos e crucifixos. Essas mulheres eventualmente aparecem na minha porta, com brilho demais nos olhos. Dizem que meu testemunho foi errado. Eu estava confusa, fui coagida e menti ao jurar, aos sete anos, que meu irmão era o assassino. Com frequência, gritam comigo e cospem ao falar. Várias chegam a me estapear. Isso as torna ainda menos convincentes: uma mulher histérica de rosto vermelho é muito fácil de ignorar, e estou sempre procurando uma razão para isso.

Se elas fossem mais gentis comigo, poderiam ter me conquistado.

— Não, eu não falo com Ben. Se é sobre isso, não estou interessada.

— Não, não, não, não é. Você apenas aparece, é quase como uma convenção, e permite que obtenhamos informações. Você realmente não pensa naquela noite?

Lugar escuro.

— Não, não penso.

— Você poderia descobrir algo interessante. Há alguns fãs... Especialistas que sabem mais sobre o caso que os detetives. Não que *isso* seja difícil.

— Então é um bando de pessoas que quer me convencer de que Ben é inocente.

— Hum... Talvez. Talvez você os convença do contrário.

Senti um toque de condescendência. Ele estava se inclinando para a frente, os ombros tensos, exaltado.

— Quero mil dólares.

— Eu poderia lhe dar setecentos.

Olhei novamente ao redor do salão, sem me comprometer. Aceitaria qualquer coisa que Lyle Wirth me desse, porque, do contrário, em pouco tempo estaria procurando um emprego de verdade, e eu não queria fazer isso. Não sou alguém de quem se possa depender cinco dias por semana. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta? Eu nem mesmo me levanto da cama cinco dias seguidos. Ir a um local de trabalho onde teria que ficar durante oito horas — oito longas horas fora da minha casa — seria impossível.

— Tudo bem, setecentos, então — concordei.

— Excelente. E haverá muitos colecionadores lá, então leve suvenires, ahn, objetos de sua infância que possa querer vender. Você poderia facilmente sair com dois mil dólares. Sobretudo cartas. Quanto mais pessoais, melhor, claro. Qualquer coisa com data próxima à dos assassinatos. Três de janeiro de 1985 — recitou, como se dissesse com frequência. — Qualquer coisa da sua mãe. As pessoas são realmente... fascinadas pela sua mãe.

As pessoas sempre foram. Sempre quiseram saber: que tipo de mulher é assassinada pelo próprio filho?

PATTY DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
8H02

Ele estava ao telefone novamente, ela podia ouvir o *muaMUAua* de sua voz, típico de desenho animado, murmurando atrás da porta. Ele sempre quisera a própria extensão — jurara que metade de seus colegas de escola tinha o próprio número na lista telefônica. Eram chamadas de Linhas Infantis. Ela rira e depois ficara furiosa por *ele* ter ficado furioso com ela por ter rido. (Falando sério, uma linha telefônica para crianças? Quão mimados eram esses garotos?) Nenhum deles voltou a mencionar isso — ambos ficavam constrangidos facilmente —, e, algumas semanas depois, ele simplesmente chegou em casa, cabeça baixa, e mostrou o conteúdo de uma sacola de compras: um divisor que permitia que dois aparelhos utilizassem a mesma linha e um telefone de plástico superleve que não parecia muito diferente das versões cor-de-rosa que as meninas usavam para brincar de secretária. “Escritório do Sr. Benjamin Day”, atendiam, tentando arrastar o irmão mais velho para a brincadeira. Ben costumava sorrir e pedir que pegassem o recado; depois, simplesmente passou a ignorar.

Desde que Ben levara suas compras para casa, a frase “maldito fio de telefone” foi introduzida na casa dos Day. O fio se retorcia da tomada na cozinha, passava sobre o balcão, seguia pelo corredor e se esgueirava pela fresta da porta do quarto dele, que estava sempre fechada. Alguém tropeçava no fio pelo menos uma vez por dia, e isso era seguido por um grito (se fosse uma das meninas) ou um xingamento (se fosse Patty ou Ben). Ela pediu várias vezes para

ele prender o fio na parede, e ele várias vezes deixou de atender ao pedido. Tentou dizer a si mesma que era a típica teimosia adolescente, mas Ben não costumava ser assim, agressivo, e ela se preocupava com o fato de ele estar sempre com raiva, com preguiça ou com algo ainda pior em que ela nem pensara. E com quem falava? Antes do misterioso acréscimo do segundo telefone, Ben mal recebia ligações. Ele tinha dois bons amigos, os irmãos Muehler, integrantes da Future Farmers of America, e eles eram tão tímidos que algumas vezes simplesmente desligavam quando era Patty que atendia — e então ela dizia a Ben que Jim ou Ed tinha ligado. Mas até então as conversas a portas fechadas nunca foram tão longas.

Patty suspeitava de que seu filho finalmente tinha uma namorada, mas suas poucas insinuações nesse sentido haviam deixado Ben tão incomodado que a pele clara dele ficara azul-esbranquiçada e suas sardas âmbar chegaram a brilhar, como um alerta. Então ela se afastou totalmente. Não era o tipo de mãe que revirava a vida dos filhos — já era bastante difícil para um garoto de quinze anos ter privacidade em uma casa cheia de mulheres. Ele instalara um cadeado na porta de seu quarto depois de chegar certo dia e encontrar Michelle revirando as gavetas de sua escrivaninha. A instalação da tranca também foi apresentada como algo decidido: um martelo, algumas batidas e, de repente, ali estava. Seu espaço de garoto, protegido. Mais uma vez, Patty não podia culpá-lo. A casa da fazenda se tornara feminina nos anos que sucederam a partida de Runner. As cortinas, os sofás, mesmo as velas, tudo era adamascado e de renda. Pequenos sapatos cor-de-rosa e roupa de baixo florida, além de prendedores de cabelos, enchiam gavetas e armários. As poucas afirmações de Ben — o fio telefônico espiral e o cadeado metálico masculino — pareciam, de fato, compreensíveis.

Ela ouviu um riso vindo de detrás da porta dele, e isso a irritou. Ben não era de rir, nem quando pequeno. Aos oito anos, ele olhara

para uma das irmãs friamente e anunciara: “Michelle tem um caso grave de risada”, como se fosse algo a ser consertado. Patty o descrevia como estoico, mas seu comedimento ia além disso. O pai certamente não soubera o que fazer com ele, alternando entre brincadeiras grosseiras (Ben rígido e mudo enquanto Runner o rolava pelo chão como um crocodilo) e recriminação (Runner se queixando em voz alta de que o garoto não era divertido, era esquisito e afeminado). Patty não se saíra muito melhor. Pouco antes, havia comprado um livro sobre como ser mãe de um adolescente, que escondia debaixo da cama como se fosse pornografia. O autor dizia para ser corajosa, fazer perguntas, exigir respostas do filho, mas Patty não conseguia. Ultimamente, pouco mais que uma insinuação de pergunta irritava Ben, despertava nele aquele silêncio insuportavelmente alto. Quanto mais ela tentava descobrir, mais ele se escondia. Em seu quarto. Conversando com pessoas que ela não conhecia.

Suas três filhas também já estavam acordadas havia horas. Uma fazenda, mesmo aquela fazenda patética, endividada e desvalorizada, exigia levantar cedo, e a rotina se mantinha no inverno. Naquele momento, estavam andando na neve. Ela as enxotara para fora como um bando de filhotinhos para que não acordassem Ben, depois se aborreceu quando ouviu a voz dele ao telefone e se deu conta de que ele já havia levantado. Ela sabia que era a razão pela qual estava preparando panquecas, prato preferido das filhas. Para igualar o placar. Ben e as garotas sempre a acusavam de escolher um lado — Ben sempre ouvindo pedidos para ter paciência com as pequenas criaturas, e as garotas sempre ouvindo súplicas para se calarem, para não incomodarem o irmão. Michelle, de dez anos, era a mais velha, Debby tinha nove e Libby, sete. (“Meu Deus, mãe, é como se tivesse parido uma ninhada”, podia ouvir Ben censurando.) Puxou de lado uma cortina leve para ver as garotas em seu estado animal natural. Michelle e Debby, chefe e ajudante, construindo um forte de neve a partir de planos

que não haviam se preocupado em partilhar com Libby. Libby tentando participar, oferecendo bolas de neve, pedras e uma comprida vareta instável, tudo rejeitado quase sem um olhar. Finalmente Libby se agachou para dar um belo grito, depois chutou a coisa toda. Patty se virou — em seguida viriam punhos e lágrimas, mas ela não estava no clima para isso.

A porta de Ben se abriu rangendo e os passos pesados no fim do corredor lhe indicaram que ele estava calçando aquelas grandes botas pretas que ela odiava. Nem sequer olhe para elas, disse a si mesma. Falava a mesma coisa sempre que ele vestia suas calças de camuflagem. (“Papai usava calças de camuflagem”, ele se ressentia quando ela reclamava. “Para caçar, ele usava para caçar”, ela corrigia.) Sentia falta do garoto que costumava exigir roupas discretas, que só vestia calça jeans e camisa xadrez de botão. O garoto com cachos ruivos escuros e uma obsessão por aviões. Ali estava ele, de jaqueta de brim preta, calça jeans preta e um gorro enfiado na cabeça. Murmurou algo e foi na direção da porta.

— Não antes do café — chamou Patty.

Ele parou e virou apenas de lado para ela.

— Tenho que fazer umas coisas.

— Tudo bem, mas tome café conosco.

— Eu detesto panquecas. Você sabe disso.

Maldição.

— Eu faço outra coisa. Sente-se.

Ele não desobedeceria uma ordem direta, desobedeceria? Eles se encararam, Patty prestes a desistir, mas então Ben suspirou explicitamente e se jogou em uma cadeira. Começou a brincar com o saleiro, derramando um pouco de sal na mesa e fazendo montinhos. Ela quase pediu que ele parasse, mas se conteve. Por ora era suficiente que Ben estivesse à mesa.

— Com quem estava conversando? — perguntou, servindo um pouco de suco de laranja, que ela sabia que ele deixaria intocado só para aborrecê-la.

— Com umas pessoas.

— Pessoas, plural?

Ele apenas ergueu as sobrancelhas.

A porta de tela se abriu, depois a porta da frente bateu na parede, e ela pôde ouvir uma série de botas caindo no capacho — filhas bem treinadas que não deixavam rastros. A briga não devia ter durado muito. Michelle e Debby já estavam tagarelando sobre um desenho animado na TV. Libby apenas entrou marchando e se jogou em uma cadeira ao lado de Ben, sacudindo gelo dos cabelos. Das três filhas de Patty, apenas Libby sabia desarmar Ben: ela sorriu para ele, acenou rapidamente e depois olhou direto para a frente.

— Oi, Libby — disse ele, ainda brincando com o sal.

— Oi, Ben. Gostei da sua montanha de sal.

— Obrigado.

Patty pôde observar Ben visivelmente se retrair quando as outras duas entraram na cozinha, suas vozes animadas e desagradáveis ecoando nos cantos do cômodo.

— Mãe, Ben está fazendo bagunça — disse Michelle.

— Tudo bem, querida, as panquecas estão quase prontas. Ovos, Ben?

— Por que Ben ganha ovos? — choramingou Michelle.

— Ovos, Ben?

— É.

— Eu quero ovos — disse Debby.

— Você nem gosta de ovos — interrompeu Libby. Ela sempre ficava do lado do irmão. — Ben precisa de ovos porque é menino. Um homem.

Aquilo fez Ben dar um leve sorriso, o que levou Patty a escolher a panqueca mais perfeitamente redonda para Libby. Patty empilhou a massa em pratos enquanto os ovos respingavam nela, o ajuste fino de um café da manhã para cinco funcionando surpreendentemente bem. Era o fim da comida decente que sobrara do Natal, mas ela

não se importaria com isso naquele momento. Pensaria nisso depois do café.

— Mãe, Debby está com os cotovelos na mesa — disse Michelle, com disposição de chefe. E emendou: — Mãe, Libby não lavou as mãos.

— Nem você — acusou Debby.

— Ninguém lavou — arrematou Libby, rindo.

— Sujismunda — disse Ben, e cutucou Libby de lado.

Era uma piada velha entre eles. Patty não sabia como começara. Libby inclinou a cabeça para trás e riu com vontade, um riso teatral concebido para satisfazer Ben.

— Moribundo. — Libby riu em uma espécie de resposta.

Patty molhou um pedaço de pano com água e sabão e o passou para cada uma delas, assim elas poderiam limpar as mãos ali mesmo. Ben se dando o trabalho de provocar uma das irmãs era um acontecimento raro, e parecia que ela poderia sustentar o clima bom se todos apenas ficassem em seus lugares. Ela precisava daquele clima do mesmo modo como alguém precisa dormir após virar a noite, da mesma forma como alguém sonha acordado em se jogar na cama. Todo dia ela acordava e jurava que não deixaria a fazenda acabar com ela, não deixaria que a ruína (estava com o empréstimo atrasado fazia três anos, três *anos* e nenhuma solução à vista) a transformasse no tipo de mulher que ela odiava: sem alegria, infeliz, incapaz de aproveitar qualquer coisa. Toda manhã Patty se ajoelhava dolorosamente no tapete gasto junto à cama e rezava, mas, na verdade, era uma promessa: *Hoje eu não vou gritar, não vou chorar, não vou me encolher em posição fetal como se esperasse que um vento me derrubasse. Hoje eu vou aproveitar o dia.* Talvez conseguisse não ficar amarga, ao menos não antes do almoço.

Todos estavam prontos agora, todos com as mãos limpas, uma prece rápida, e tudo estava bem até Michelle falar.

— Ben tem que tirar o gorro.

A família Day tinha uma regra que proibia o uso de gorro à mesa, um regulamento inegociável que Patty ficou surpresa até mesmo de ter que citar.

— Ben, realmente precisa tirar o gorro — disse Patty, um estímulo gentil na voz.

Ben inclinou a cabeça para ela, que sentiu uma pontada de preocupação. Algo estava errado. As sobrancelhas dele, normalmente linhas ferruginosas finas, estavam pretas, a pele abaixo manchada de roxo escuro.

— Ben?

Ele tirou o gorro, e na cabeça havia uma espécie de coroa, feita com seu próprio cabelo, agora tão negro que quase chegava a brilhar. Foi um choque, como engolir água gelada rápido demais, ver seu garoto ruivo — já não mais — sem a principal característica que o definia. Ele parecia mais velho. E mau. Como se aquele garoto diante dela tivesse empurrado para o esquecimento o Ben que ela conhecia.

Michelle gritou. Debby começou a chorar.

— Ben, querido, por quê? — perguntou Patty.

Ela estava dizendo a si mesma para não reagir de forma exagerada, mas era exatamente o que estava fazendo. Aquele ato adolescente idiota — não passava disso — fizera toda a sua relação com o filho de repente parecer perdida. Enquanto Ben olhava para a mesa com um sorriso de desprezo, criando um campo de força contra a perturbação feminina das irmãs, Patty ensaiou uma desculpa. Ele odiava seu cabelo ruivo quando criança, era provocado por causa dele. Talvez ainda fosse. Talvez fosse um gesto de afirmação. Uma coisa positiva. Ainda assim, foi Patty quem deu a Ben seu cabelo ruivo, que ele tinha acabado de descartar. Como isso não seria uma rejeição? Libby, sua única outra ruiva, claramente pensava assim. Ficou sentada segurando um cacho de cabelo entre dois dedos magrelos, olhando para ele com melancolia.

— Ok — disse Ben, engolindo um ovo e se levantando. — Sem drama. É só um cabelo idiota.

— Mas seu cabelo era tão bonito.

Então ele parou, como se realmente estivesse pensando. Depois balançou a cabeça — se para o comentário, ou se para a manhã toda, ela não sabia — e foi de modo tempestuoso na direção da porta.

— Apenas se acalmem — disse, sem se virar. — Volto mais tarde.

Ela achou que ele fosse bater a porta, mas, em vez disso, fechou-a silenciosamente, o que lhe pareceu pior. Patty soprou a franja e olhou ao redor da mesa, para todos os olhos azuis arregalados que a observavam, a fim de saber como reagir. Então esboçou um sorriso e riu baixo.

— Bem, isso foi bizarro — disse ela.

As garotas se animaram um pouco e se endireitaram nas cadeiras.

— Ele é muito bizarro — acrescentou Michelle.

— Agora o cabelo dele combina com as roupas — disse Debby, limpando as lágrimas com as costas da mão e levando um pedaço de panqueca à boca.

Libby simplesmente olhou para seu prato, ombros caídos. Seu rosto tinha a expressão de melancolia que apenas uma criança era capaz de apresentar.

— Está tudo bem, Lib — disse Patty, e tentou afagá-la, sem deixar que as outras recomeçassem a falar.

— Não está, não — disse Libby. — Ele nos *odeia*.

LIBBY DAY

HOJE

Cinco noites depois de minha cerveja com Lyle, desci de carro a colina da minha casa, depois desci mais um pouco, até a baixada de West Bottoms, em Kansas City. O bairro tinha prosperado na época dos estábulos e depois passou muitas décadas fazendo o contrário de prosperar. Agora era cheio de prédios altos e silenciosos com nomes de empresas que não existem mais: Raftery Cold Storage, London Beef, Dannhauser Cattle Trust. Algumas poucas estruturas recuperadas haviam sido transformadas em casas assombradas profissionais, que se iluminavam na época de Halloween: escorregas de cinco andares, castelos de vampiros e adolescentes bêbados escondendo cervejas em jaquetas de couro.

No começo de março, o lugar era apenas solitário. Enquanto eu dirigia pelas ruas sem movimento, às vezes via alguém entrando ou saindo de um prédio, mas não tinha ideia do porquê. Perto do rio Missouri, a área passava de semivazia para ameaçadoramente desocupada, uma completa ruína.

Senti certo desconforto quando estacionei diante de um prédio de quatro andares, identificado como Tallman Corporation. Foi um daqueles momentos em que eu desejei ter mais amigos. Ou ter amigos. Deveria ter alguém comigo. No mínimo, deveria ter alguém que esperasse notícias minhas. Como eu não tinha ninguém, acabei deixando um bilhete logo na entrada de casa, explicando onde estava, e anexei a carta de Lyle. Caso desaparecesse, os policiais teriam por onde começar. Claro que, se tivesse uma amiga, talvez ela me dissesse: *De jeito nenhum vou deixar você fazer isso,*

querida, do modo como as mulheres sempre dizem as coisas, com aquela voz protetora.

Ou talvez não. Os assassinatos haviam me deixado permanentemente desequilibrada para esse tipo de avaliação. Eu supunha que tudo de ruim no mundo podia acontecer, porque tudo de ruim no mundo já havia acontecido. Mas então não eram ínfimas as chances de que eu, Libby Day, fosse me dar mal de novo? Eu não estaria fora de perigo pelo que aconteceu antes? Uma estatística reluzente e indestrutível. Não consigo decidir, então oscilo entre drástico excesso de cautela (dormir com as luzes acesas o tempo todo, o velho Colt Peacemaker de minha mãe na mesa de cabeceira) e ridículo descuido (me arriscar em um Kill Club num prédio abandonado).

Eu usava botas de salto alto, para conseguir mais alguns centímetros, a direita muito mais folgada do que a outra por causa do meu pé ruim. Eu queria quebrar todos os ossos do meu corpo, afrouxar as coisas. Eu estava tensa. Irritada, meus dentes trincados. Ninguém deveria precisar tanto assim de dinheiro. Tentei ver o que eu fazia sob uma ótica inofensiva e, em breves momentos ao longo do dia anterior, eu me transformara em algo nobre. Aquelas pessoas estavam interessadas em minha família, eu tinha orgulho da minha família e estava permitindo que aqueles estranhos tivessem acesso a algumas coisas que de outra forma não teriam. E, se quisessem me oferecer dinheiro, eu aceitaria. Eu não era tão boa assim.

Mas, na verdade, eu não me orgulhava da minha família. Ninguém nunca gostou dos Day. Meu pai, Runner Day, era maluco, bêbado e violento de uma forma nada impressionante — um homem pequeno com punhos rápidos. Minha mãe teve quatro filhos dos quais não conseguia cuidar direito. Crianças pobres, morando em uma fazenda falida, fedorentas e manipuladoras, sempre chegando carentes na escola: sem café da manhã, com camisas rasgadas, narizes escorrendo, gargantas inflamadas. Eu e minhas duas irmãs

fomos a causa de pelo menos quatro infestações de piolhos em nossa breve experiência no primário. As Day sujas.

E ali estava eu, vinte e tantos anos depois, ainda aparecendo nos lugares, precisando de coisas. Dinheiro, especificamente. Levava no bolso de trás da calça jeans um bilhete que Michelle escrevera para mim um mês antes dos assassinatos. Ela rasgara a folha de um caderno espiral, as beiradas aparadas com cuidado, depois o dobrara com capricho na forma de uma flecha. Falava sobre as coisas comuns que enchiam a cabeça de quarta série de Michelle: um garoto da turma, a professora idiota, uma calça jeans de grife feia que uma garota mimada recebera de aniversário. Era entediante, nada memorável — eu tinha caixas dessas coisas, elas iam comigo de uma casa para outra, e eu nunca abrira nenhuma até agora. Ia pedir duzentos dólares pelo bilhete. Tive uma rápida sensação de culpa misturada com alegria ao pensar em todas as outras merdas que eu poderia vender, bilhetes, fotos e lixo que nunca tive coragem de jogar fora. Saltei do carro, respirei fundo, estalei o pescoço.

A noite estava fria, com sopros agradáveis de primavera aqui e ali. Uma lua amarela enorme brilhava no céu, como uma lâmpada chinesa.

Subi os degraus de mármore manchados, folhas sujas esmagadas sob as botas, um som insalubre de ossos velhos. As portas eram de metal grosso e pesado. Bati, esperei, bati mais três vezes, exposta de pé ao brilho da lua como um ator de pastelão. Estava prestes a ligar do celular para Lyle quando a porta se abriu, um sujeito alto de rosto fino me olhando de cima a baixo.

— Sim?

— Lyle Wirth está?

— Por que Lyle Wirth estaria aqui? — retrucou ele, sem um sorriso.

De sacanagem comigo só porque podia.

— Ah, vá se foder — mandei, e dei as costas, sentindo-me uma idiota.

Havia descido três degraus quando o cara me chamou.

— Nossa, calma, não precisa se alterar.

Mas eu havia nascido alterada. Podia me ver saindo do útero retorcida e errada. Nunca demora muito para eu perder a paciência. A frase *vá se foder* pode não morar na ponta da minha língua, mas fica perto. No meio da língua.

Parei com um pé em cada degrau, de costas para ele.

— Olha, eu conheço Lyle Wirth, obviamente — disse o cara. — Você está na lista de convidados?

— Não sei. Meu nome é Libby Day — falei, enquanto me virava de frente para ele, que ficou de queixo caído, fechou a boca com um barulho molhado e me analisou da mesma forma que Lyle.

— Seus cabelos estão louros.

Ergui as sobrancelhas.

— Entre, levo você lá embaixo — disse ele, abrindo mais a porta. — Pode vir, eu não mordo.

Há poucas frases que me incomodam mais do que *eu não mordo*. A única que me deixa puta mais depressa é quando um bêbado gordo me vê tentando passar por ele e rosna: *Sorria, não pode ser tão ruim!* Na verdade, pode, imbecil.

Subi mais uma vez, revirando os olhos selvagemente para o cara da porta, andando mais devagar, de modo que ele tivesse que se apoiar na porta para mantê-la aberta. Babaca.

Entrei em um saguão que parecia uma caverna, com luminárias quebradas feitas de latão parecendo ramos de trigo. O pé-direito tinha mais de doze metros. O teto, um dia, fora coberto por um mural. Imagens vagas e fragmentárias de garotos e garotas do interior capinando ou cavando. Uma garota, o rosto agora desaparecido, parecia segurar uma corda de pular. Ou uma cobra? Todo o canto oeste do teto desmoronara em algum momento. Onde o carvalho do mural deveria explodir em folhas verdes de verão

havia um trecho de céu noturno azul. Eu não podia ver a lua, apenas seu brilho. O saguão permanecia escuro, sem eletricidade, mas era possível identificar pilhas de lixo nos cantos. Os donos da festa haviam expulsado os invasores, passado um esfregão no lugar, tentando dar uma ajeitada. Mas, ainda assim, cheirava a urina. Um preservativo ancestral estava grudado em uma parede como espaguete.

— Vocês não podiam ter arrumado tipo um salão de festas? — murmurei.

O piso de mármore zumbia sob mim. Claramente tudo acontecia lá embaixo.

— Não somos exatamente uma convenção bem-vinda — disse o sujeito. Tinha um rosto jovem carnudo com verrugas. Usava um pequeno brinco de turquesa que eu sempre associara a caras que jogavam Dungeons and Dragons. Homens donos de furões que curtem truques de mágica. — Além disso, este prédio tem um certo... clima. Um dos Tallman explodiu os miolos aqui em 1953.

— Legal.

Ficamos nos encarando, o rosto dele mudando de forma na penumbra. Eu não conseguia ver um modo óbvio de descer. Os elevadores à esquerda evidentemente não funcionavam, os ponteiros desbotados parados entre os andares. Imaginei uma força de trabalho de fantasmas de terno esperando pacientemente para se mover de novo.

— Então... Vamos a algum lugar?

— Ah. Sim. Olhe, eu só queria dizer... Lamento por sua perda. Estou certo de que mesmo depois de todo esse tempo... Simplesmente não consigo imaginar. É como algo de Edgar Allan Poe. O que aconteceu.

— Tento não pensar muito nisso — dei a resposta-padrão.

Ele riu.

— Bem, então você está no lugar errado.

Ele me conduziu contornando o canto e seguindo por um corredor de antigos escritórios. Pisei em um vidro quebrado e espreitei dentro de cada sala pela qual passávamos: vazia, vazia, um carrinho de compras, uma pilha cuidadosa de fezes, os restos de uma velha fogueira, e então um sem-teto tomando uma cerveja forte que disse um alegre *E aí!.*

— O nome dele é Jimmy — disse o garoto. — Ele parecia legal, então deixamos que ficasse.

Quanta gentileza, pensei, mas apenas assenti para Jimmy. Chegamos a uma pesada porta corta-fogo, abrimos, e fui atacada pelo barulho. Do porão vinha uma mistura de sons de música de órgão e heavy metal, e o zumbido alto de pessoas tentando gritar mais que as outras.

— Você primeiro — disse ele.

Não me movi. Não gosto de gente atrás de mim.

— Ou então posso... Ahn, por aqui.

Pensei em ir embora naquele instante, mas a repulsa cresceu em mim quando imaginei aquele garoto, aquela porra de bobo da corte renascentista, descendo e contando aos amigos: *Ela surtou, simplesmente saiu correndo!* E todos rindo e se sentindo durões. E ele dizendo: *Ela realmente é diferente do que achei que seria*. Vásefodervásefodervásefoder, entoei mentalmente, e o acompanhei.

Descemos um lance até uma porta no porão coberta de panfletos: Estande 22: Acumulando Lizzie Borden! Objetos de coleção para venda ou troca! Estande 28: Karla Brown — Debate sobre marcas de mordida. Estande 14: Interpretando papéis — Interrogue Casey Anthony! Estande 15: Terríveis Gostosuras de Tom — Servindo Jonestown Punch e Sweet Fanny Adams!

Então vi um folheto azul granulado com uma foto minha xerocada no canto: Converse Sobre um Dia Ruim! O Massacre da Casa da Fazenda de Kinnakee, Kansas — Análise de Caso e uma CONVIDADA Muito Especial!!!

Novamente pensei em partir, mas a porta se abriu e fui sugada para dentro de um porão úmido e sem janelas, lotado por talvez duzentas pessoas, todas inclinadas umas sobre as outras, gritando nos ouvidos, mãos nos ombros. Uma vez, na escola, eles projetaram para a turma uma série de imagens de uma praga de gafanhotos no Meio-Oeste, e foi do que me lembrei — todos aqueles olhos arregalados me encarando, bocas mastigando, braços e cotovelos retorcidos. O espaço era organizado como uma feira, dividido em fileiras de estandes separados por alambrados baratos. Cada estande correspondia a um crime diferente. Contei uns quarenta. Um gerador mal sustentava uma fileira de lâmpadas, que pendiam de fios por todo o salão, balançando sem ritmo, iluminando os rostos em ângulos horrendos, uma festa de máscaras mortuárias.

Do outro lado, Lyle me viu e começou a atravessar a multidão, abrindo caminho com um dos ombros, passando de lado. Apertando mãos. Aparentemente ele era alguém importante naquele grupo — todos queriam tocá-lo, falar com ele. Ele se inclinou para deixar um sujeito sussurrar em seu ouvido delicado e, ao se levantar, bateu com a cabeça em uma lâmpada, e todos ao redor riram, os rostos acendendo e apagando enquanto a luz girava como a de um carro de polícia. Rostos de homens. Rostos de garotos. Havia poucas mulheres no lugar — eu só vira quatro, todas de óculos, sem graça. Os homens também não eram atraentes. Havia caras barbudos de ar professoral, tipos paternais suburbanos desinteressantes; e um bom número de sujeitos na casa dos vinte anos com cortes de cabelo comuns e óculos de nerd, homens que me lembravam Lyle e o sujeito que me levara até ali. Comuns, mas emanando uma arrogância cerebral. Pode chamar de loção pós-barba universitária.

Lyle chegou até mim, os homens atrás dele sorrindo às suas costas, analisando-me como se eu fosse sua nova namorada. Ele balançou a cabeça.

— Desculpe, Libby. Kenny deveria ligar para meu celular quando você chegasse, para que eu mesmo a trouxesse.

Por cima da minha cabeça, Lyle olhou Kenny, que fez um ruído de desprezo e saiu. Lyle estava me levando pela multidão, usando um dedo indicador no meu ombro. Algumas pessoas usavam fantasias. Um homem de colete e cartola pretos passou por mim rindo e oferecendo doces. Lyle revirou os olhos e disse:

— Maluco por Frederick Baker. Há dois anos, tentamos afastar os que interpretam papéis, mas... Há gente demais nessa.

— Não sei o que isso significa — falei, com medo de explodir. Cotovelos e ombros me acertavam, eu continuava a ser empurrada para trás a cada poucos passos que dava para a frente. — Realmente, falando sério, não estou entendendo que porra está acontecendo.

Lyle suspirou, impaciente, e conferiu o relógio.

— Olha, nossa sessão só começa à meia-noite. Quer que eu circule com você, para poder explicar melhor?

— Quero meu dinheiro.

Ele mordeu o lábio inferior, tirou um envelope do bolso de trás e o colocou na minha mão enquanto se inclinava sobre meu ouvido e me pedia para contar mais tarde. Parecia recheado, e me acalmei um pouco.

— Vamos dar uma volta.

Nós percorremos o perímetro do salão, estandes lotados à esquerda e à direita, todas aquelas cercas de metal me lembrando canis. Lyle colocou o dedo em meu ombro de novo, empurrando-me para a frente.

— O Kill Club... Ah, por falar nisso, não censure, sabemos que é um nome ruim, mas pegou. Enfim. O Kill Club, que chamamos de KC, é um dos motivos pelos quais temos a grande reunião aqui todo ano, Kansas City, KC, Kill Club... Ahn, como disse, é basicamente para solucionadores. E entusiastas. De crimes famosos. De todos os tipos, de Fanny Adams a...

— Quem é Fanny Adams? — interrompi, percebendo que estava prestes a sentir ciúmes. Eu deveria ser a atração ali.

— Era uma menina de oito anos, foi cortada em pedaços na Inglaterra em 1867. Aquele cara pelo qual acabamos de passar, de cartola e tudo o mais, interpretava o assassino dela, Frederick Baker.

— Isso é realmente doentio.

Então ela estava bem morta. Isso era bom. Sem concorrência.

— Bom, foi um assassinato muito famoso — disse Lyle, flagrando-me em uma careta. — É, como eu falei, eles são uma parcela menos palatável. Quer dizer, a maioria desses assassinatos já foi solucionada, não há realmente mistério. Para mim, tudo diz respeito a solucionar. Temos ex-policiais, advogados...

— Há intérpretes para... mim? Minha família, há intérpretes aqui?

Um sujeito musculoso com cabelo com luzes segurando uma boneca inflável de vestido vermelho parou no meio da multidão, quase em cima de mim, sem me notar. Os dedos de plástico da boneca faziam cócegas na minha bochecha. Alguém atrás de mim gritou *Scott e Amber!* Eu empurrei o cara para longe de mim, tentei procurar na multidão alguém vestido como minha mãe, como Ben, algum desgraçado de peruca ruiva brandindo um machado. Cerrei o punho.

— Não, não, claro que não — disse Lyle. — De modo algum, Libby, eu nunca deixaria isso acontecer, a interpretação... Não.

— Por que são todos homens?

Em um dos estandes próximos, dois sujeitos baixos e gordos de camisa polo discutiam raivosamente sobre assassinatos de crianças no sul do Missouri.

— Não são todos homens — disse Lyle, na defensiva. — A maioria dos solucionadores é de homens, quero dizer, se você for a uma convenção de palavras cruzadas, vai ver a mesma coisa. As mulheres vêm pela rede de contatos. Conversam sobre por que se identificam com as vítimas, tiveram maridos agressivos ou por outro

motivo, tomam café, compram uma foto antiga. Mas tivemos que ser mais cuidadosos, porque algumas vezes elas podem se... apegar.

— É, melhor não ser muito humano em relação a isso — falei, sendo hipócrita.

Felizmente Lyle me ignorou.

— Tipo, no momento estão todas obcecadas com Lisette Stephens.

Ele apontou para trás, onde um pequeno grupo de mulheres cercava um computador, pescoços esticados, como galinhas. Passei por Lyle e fui na direção do estande. Todas assistiam a um vídeo sobre Lisette. Lisette e as colegas de faculdade. Lisette e seu cachorro. Lisette e sua irmã.

— Entende o que quero dizer? — perguntou Lyle. — Elas não estão solucionando, só estão olhando para coisas que poderiam ver na internet, em casa.

O problema com Lisette Stephens é que não havia nada a ser solucionado: ela não tinha namorado, nem marido, tampouco colegas de trabalho aborrecidos, nada de ex-presidiários estranhos fazendo obras em sua casa. Apenas desapareceu sem nenhum motivo em que alguém pudesse pensar, exceto que era bonita. Era o tipo de garota que as pessoas notavam. O tipo de garota cujo desaparecimento a imprensa quis cobrir.

Eu me enfiei em um lugar perto de uma pilha de moletons com decalques a ferro dizendo Traga Lisette Para Casa. Vinte e cinco pratas. Mas o grupo estava mais interessado no laptop. A mulher clicou nas mensagens do site. As pessoas muitas vezes anexavam fotos às mensagens, mas as imagens eram incongruentes. “Amamos você, Lisette, sabemos que voltará para casa” surgia junto com uma foto de três mulheres de meia-idade na praia. “Paz e amor para sua família nesta hora difícil” aparecia ao lado de uma foto do mestiço de labrador e poodle de alguém. As mulheres voltaram à página, e surgiu a foto de que a imprensa mais gostava: Lisette e a mãe, braços em volta uma da outra, rostos colados, iluminados.

Dei de ombros, tentando ignorar minha preocupação com Lisette, que eu não conhecia. E também lutando mais uma vez contra o ciúme. De todos aqueles crimes, eu queria que o estande dos Day fosse o maior. Era um toque de amor: meus mortos eram os melhores. Tive um vislumbre da minha mãe, seus cabelos ruivos presos em um rabo de cavalo, me ajudando a tirar minhas botas de inverno finas e depois esfregando meus dedos um por um. *Esquentando o dedão, esquentando o dedinho*. Nessa lembrança eu podia sentir o cheiro de torrada com manteiga, mas não sei se havia torrada com manteiga. Nessa lembrança eu ainda tinha todos os dedos.

Estremeci com força.

— Uau, viu algum morto? — perguntou Lyle, e depois se deu conta da ironia.

— E então, o que mais?

Chegamos a um engarrafamento de pessoas em frente ao estande Bazar Bizarro do Bob, comandado por um cara de bigode preto exagerado tomando sopa. Havia quatro crânios alinhados em uma tábua atrás dele com uma placa dizendo Últimos Quatro. O cara gritava com Lyle, para que apresentasse sua amiguinha. Lyle começou a dispensá-lo, tentou nos levar pela multidão, depois deu de ombros e sussurrou para mim *intérprete*.

— Bob Berdella — disse Lyle ao homem, fazendo uma piada do nome —, esta é Libby Day, cuja família foi... do massacre da fazenda de Kinnakee, Kansas. Os Day.

O sujeito se inclinou sobre a mesa, um pedaço de hambúrguer no dente.

— Se você tivesse um pau, estaria em pedaços no meu lixo neste momento — disse, e depois deu uma risada. — Pequenos pedaços, minúsculos.

Ele se lançou na minha direção. Recuei involuntariamente, depois me voltei para Bob, punho erguido, furiosa, como sempre fico quando sinto medo. No nariz, faça com que sangre, tire aquele

pedaço de carne da cara dele, depois o acerte de novo. Antes que conseguisse chegar, Bob empurrou a cadeira para trás, mãos para cima, gaguejando não para mim, mas para Lyle: *cara, só estava brincando, não foi por mal, cara*. Ele nem sequer me olhou enquanto se desculpava, como se eu fosse uma criança. Enquanto ele choramingava com Lyle, fui para cima dele. Meu punho não conseguiu encaixar o golpe, então acabei dando-lhe um tapa forte no queixo, do modo como você bateria em um cãozinho.

— Vá se foder, babaca.

Então Lyle se meteu, gaguejando desculpas e me levando embora, meus punhos ainda cerrados, maxilar trincado. Chutei a mesa de Bob com a bota enquanto saía, o suficiente para ela balançar uma vez, derrubando a sopa do cara no chão. Já estava lamentando não ter virado a mesa. Nada mais constrangedor do que uma mulher baixa que não consegue acertar um soco. Poderia muito bem ter sido arrastada para fora, meus pés balançando no ar. Olhei para trás. O cara simplesmente ficou lá, braços caídos, queixo rosado, tentando decidir se sentia arrependimento ou raiva.

— Tudo bem, não teria sido a primeira briga no Kill Club, mas teria sido a mais bizarra — disse Lyle.

— Não gosto de ser ameaçada.

— Na verdade, ele não estava... Eu sei, eu sei — murmurou Lyle. — Como disse, em algum momento, esses caras fantasiados vão sair e restarão apenas os solucionadores sérios. Você vai gostar do nosso grupo, o grupo Day.

— É o grupo Day ou o grupo do Massacre da Fazenda de Kinnakee, Kansas? — resmunguei.

— Ah. Sim, é como o chamamos.

Ele tentou se esgueirar por outro gargalo do corredor lotado e terminou esmagado contra mim. Meu rosto estava a centímetros das costas de um homem. Camisa social azul, engomada. Mantive os olhos no impecável vinco central. Alguém fantasiado de palhaço estava atrás de mim, me empurrando.

— A maioria das pessoas, de algum modo, enfia Satanás nisso — falei. — Massacre Satânico da Fazenda. Assassinatos Satânicos do Kansas.

— É, nós realmente não acreditamos nisso, então tentamos não usar nenhuma referência ao diabo. Com licença! — disse ele, seguindo em frente.

— Então é uma questão de classificação — cortei, olhos fixos na camisa azul.

Viramos uma esquina para encontrar o frescor de um espaço aberto.

— Quer ver mais grupos? — perguntou Lyle, apontando para a esquerda, na direção de um bando de homens no Estande 31: cortes de cabelo simples, alguns bigodes, muitas camisas sociais. Discutiam intensamente em voz baixa. — Esses caras são bastante legais. Basicamente estão criando o próprio mistério. Acreditam ter identificado um serial killer. Alguém vem cruzando vários estados, Missouri, Kansas, Oklahoma, e ajudando a matar pessoas. Pais de família, ou algumas vezes pessoas mais velhas, que estão muito endividadas, cartões de crédito estourados, hipotecas, sem saída.

— Ele mata pessoas porque não sabem lidar com dinheiro? — perguntei, revirando os olhos.

— Não, não. Eles acham que ele funciona como um Jack Kevorkian para pessoas com crédito ruim e bons seguros de vida. Eles o chamam de Anjo da Dívida.

Um dos integrantes do Estande 31, um jovem com prognatismo inferior e lábios que não cobriam totalmente os dentes, estava escutando e se virou ansioso para Lyle.

— Acho que localizamos o Anjo em Iowa mês passado: um sujeito com uma mansão cafona e quatro filhos teve um acidente exageradamente perfeito de trenó motorizado em um momento muito conveniente. Foi tipo um por mês no ano passado. A economia, cara.

O garoto estava prestes a continuar, querendo nos atrair para o estande, com seus gráficos, calendários e recortes de jornal, além de nozes espalhadas por toda a mesa, os homens pegando mãozadas transbordantes, pretzels e amendoins quicando em seus tênis. Balancei a cabeça para Lyle e o levei para longe. No corredor, respirei ar fresco e conferi o relógio.

— Certo — disse Lyle. — É muito para assimilar. Vamos em frente. Você vai mesmo gostar do nosso grupo, acho. É muito mais sério. Veja, já tem gente lá.

Ele apontou para um pequeno estande de canto, onde uma mulher gorda de cabelos frisados tomava café em um copo descartável do tamanho de um bule e dois homens magros de meia-idade observavam o espaço, mãos nos quadris, ignorando-a. Pareciam policiais. Atrás deles, um homem calvo mais velho estava sentado, curvado sobre uma mesa de carteado, fazendo anotações em um bloco, enquanto um garoto tenso com aparência de universitário lia sobre os ombros dele. Um punhado de homens comuns se reunia nos fundos, vasculhando pilhas de pastas de papel pardo ou apenas passando tempo.

— Veja, mais mulheres — disse Lyle, triunfante, apontando para a montanha de cabelos frisados. — Quer ir agora ou esperar e fazer uma entrada triunfal?

— Pode ser agora.

— Este é um grupo afiado, com fãs sérios. Você vai gostar deles. Aposto que vai acabar aprendendo alguma coisa.

Bufei e segui Lyle. A mulher ergueu os olhos primeiro, estreitou-os na minha direção, depois os arregalou. Segurava uma pasta feita em casa, na qual colara uma velha foto minha no ensino médio usando uma corrente com coração de ouro que alguém me enviara pelo correio. A mulher parecia querer me dar a pasta — a segurava como se fosse um programa de teatro. Não estendi a mão. Percebi que ela havia desenhado chifres de diabo na minha cabeça.

Lyle colocou um braço no meu ombro e depois o tirou.

— Oi, pessoal, nossa convidada especial chegou, e é a estrela da Kill Convention deste ano: Libby Day.

Algumas sobrancelhas se ergueram, várias cabeças assentiram, um dos homens que pareciam policiais disse: *cacete*. Ele estava prestes a bater a palma da mão na de Lyle para comemorar, mas mudou de ideia, e seu braço congelou em uma saudação nazista acidental. O homem mais velho desviou os olhos de mim e rabiscou mais anotações. Por um momento, temi que esperassem um discurso — em vez disso, balbuciei um *olá* seco e me sentei à mesa.

Houve os cumprimentos e as perguntas de sempre. Sim, eu morava em Kansas City, não, eu meio que estava mudando de emprego, não, nunca tive qualquer contato com Ben. Sim, ele me escrevia algumas vezes por ano, mas eu jogava os envelopes diretamente no lixo. Não, não tinha curiosidade sobre o que ele havia escrito. Sim, estaria disposta a vender a próxima carta que recebesse.

— Bem — disse Lyle, finalmente interrompendo com um ruído grandioso. — Vocês têm à sua frente uma figura fundamental do caso Day, o que chamamos de testemunha ocular, então por que não passamos para as perguntas de verdade?

— Eu tenho uma pergunta de verdade — disse um dos homens com jeito de policial, dando um meio sorriso e se virando na cadeira. — Caso não se importe de ir direto ao ponto.

Ele realmente esperou que eu dissesse que não me importava.

— Por que você testemunhou que Ben matou sua família?

— Porque ele fez isso. Eu estava lá — respondi.

— Você estava escondida, querida. Nenhuma chance de ter visto o que diz ter visto, ou também estaria morta.

— Eu vi o que vi — comecei, como sempre começava.

— Besteira. Você viu o que eles lhe disseram para ver, porque era uma boa garotinha assustada que queria ajudar a polícia. A promotoria deixou você totalmente perturbada. Eles a usaram para

pegar o alvo mais fácil. O trabalho policial mais preguiçoso que já vi...

— Eu estava na casa...

— Sim, como você explica os tiros que mataram sua mãe? — insistiu o cara, inclinando-se para a frente sobre os joelhos. — Ben não tinha qualquer resíduo nas mãos...

— Pessoal — interrompeu o homem mais velho, acenando com dedos grossos e retorcidos, antes de acrescentar, assentindo para mim e a Mulher de Cabelo Frisado. — Nem ao menos apresentamos os fatos do caso. Precisamos seguir o protocolo, ou isso poderia ser um bate-papo pela internet. Quando temos uma convidada dessas, devemos ter certeza absoluta de que estamos todos no mesmo barco.

Ninguém discordou com mais que um resmungo, então o homem mais velho umedeceu os lábios, olhou por cima dos bifocais e pigarreou. Ele tinha autoridade, mas era, de algum modo, perturbado. Eu o imaginei sozinho em casa, comendo pêssegos em lata no balcão da cozinha, estalando os lábios com a calda. Ele começou a recitar suas anotações.

— Fato: em algum momento, por volta das duas horas da manhã de 3 de janeiro de 1985, uma ou mais pessoas mataram três membros da família Day na fazenda em Kinnakee, Kansas. Os mortos são Michelle Day, dez anos; Debbie Day, nove anos, e a matriarca da família, Patty Day, trinta e dois anos. Michelle Day foi estrangulada; Debbie Day morreu com ferimentos de machado, e Patty Day, de dois ferimentos de tiros de espingarda, ferimentos de machado e cortes profundos de uma faca de caça Bowie.

Senti o sangue correr em minhas orelhas e disse a mim mesma que não estava ouvindo nenhuma novidade. Nada capaz de me deixar em pânico. Eu realmente nunca escutara os detalhes do assassinato. Deixei as palavras voarem por meu cérebro e saírem pelos ouvidos, como um paciente de câncer que escuta aterrorizado

todo aquele jargão sem entender nada, a não ser que eram péssimas notícias.

— Fato — continuou o homem —: a filha mais nova, Libby Day, sete anos, estava na casa no momento e escapou do assassino, ou dos assassinos, por uma janela no quarto da mãe.

"Fato: o filho mais velho, Benjamin Day, quinze anos, alega que estava dormindo no celeiro de um vizinho naquela noite, após uma briga com a mãe. Ele nunca deu qualquer outro álibi e não cooperou com a polícia. Posteriormente foi preso e condenado, em grande medida com base em boatos na comunidade de que se envolvera com adoração a Satanás — as paredes da casa estavam cobertas de símbolos e palavras associadas a cultos satânicos. Feitos com o sangue da mãe.

O homem mais velho fez uma pausa para criar efeito dramático, fitou o grupo e retornou às suas anotações.

— Mais prejudicial foi o fato de a irmã sobrevivente, Libby, ter afirmado em seu testemunho que viu o irmão cometendo os assassinatos. A despeito do depoimento confuso e da pouca idade de Libby, Ben Day foi condenado. Isso *a despeito de uma chocante falta de provas físicas*. Nós nos reunimos para investigar outras possibilidades e debater os méritos do caso. Acho que concordamos que os assassinatos estão ligados aos acontecimentos de 2 de janeiro de 1985. Tudo deu errado naquele dia.

Murmúrios ou risadas, e olhares culpados na minha direção.

— Quando a família se levantou naquela manhã, ela não estava condenada. Algo realmente deu errado *naquele dia*.

Parte de uma foto da cena do crime escorregara para fora da pasta do orador: uma roliça perna ensanguentada e parte de uma camisola lavanda. Debby. O homem percebeu meu olhar e a enfiou de volta, como se não fosse da minha conta.

— Acho que o consenso geral é de que Runner Day fez isso — disse a mulher gorda, remexendo na bolsa, lenços de papel amassados caindo pela lateral.

Eu me assustei com o som do nome do meu pai. Runner Day. Homem infeliz.

— Quero dizer, é isso, não é? — continuou ela. — Ele procura Patty, tenta arrancar dinheiro dela, como sempre, não consegue nada, fica puto, surta. O cara era maluco, certo?

A mulher sacou um frasco e engoliu duas aspirinas do modo como as pessoas fazem nos filmes, jogando a cabeça para trás de maneira seca e violenta. Depois olhou para mim em busca de confirmação.

— É. Acho que sim. Não lembro dele muito bem. Eles se divorciaram quando eu estava com mais ou menos dois anos. Não tivemos muito contato depois. Ele voltou e morou conosco um verão, o verão antes dos assassinatos, mas...

— Onde ele está agora?

— Não sei.

Ela revirou os olhos para mim.

— Mas e quanto à pegada de um cara grande? — perguntou um homem no fundo do estande. — A polícia nunca explicou por que aparece um sapato social masculino com sangue em uma casa onde nenhum homem usava sapatos sociais...

— A polícia nunca explicou muita coisa — começou o homem mais velho.

— Como as manchas de sangue aleatórias — acrescentou Lyle, virando-se para mim em seguida. — Havia uma mancha de sangue na roupa de cama de Michelle, e era um tipo sanguíneo diferente do de qualquer um da família. Infelizmente os lençóis vinham de instituições de caridade, então a promotoria alegou que o sangue poderia ser de qualquer um.

Lençóis “pouco usados”. Sim. Os Day gostavam muito de brechós de caridade: sofá, TV, luminárias, calças jeans, até nossas cortinas conseguimos lá.

— Sabe como encontrar Runner? — perguntou o garoto mais novo. — Poderia fazer a ele algumas perguntas por nós?

— Ainda acho que valeria ouvir alguns dos amigos de Ben na época. Ainda tem conhecidos em Kinnakee? — perguntou o homem mais velho.

Várias pessoas começaram a discutir sobre o vício de Runner em jogo, os amigos de Ben e o trabalho pouco eficiente da polícia.

— Ei — interrompi. — E quanto a Ben? Ben foi descartado?

— Por favor, esse é o erro judicial mais grosseiro que já aconteceu — disse a mulher gorda. — E não finja que você pensa o contrário. A não ser que esteja protegendo seu pai. Ou envergonhada demais com o que fez.

Olhei furiosa para ela. Ela tinha gema de ovo nos cabelos. Pensei: *quem come ovos à meia-noite? Ou está lá desde de manhã?*

— Magda está muito envolvida com o caso, bastante comprometida com o esforço para libertar seu irmão — disse o homem mais velho, com um erguer de sobrancelhas condescendente.

— Ele é um homem maravilhoso — disse Magda, apontando o queixo para mim. — Escreve poesia e música e é uma força de esperança. Você deveria conhecê-lo, Libby, realmente deveria.

Magda passava os dedos por uma pilha de pastas na mesa diante dela, uma para cada membro da família Day. A pasta mais grossa estava coberta de fotos do meu irmão: Ben, ruivo e jovem segurando melancolicamente um bombardeiro de brinquedo; Ben, cabelos pretos e assustado na fotografia policial depois da prisão; Ben hoje, na cadeia, cabelos ruivos de volta, aparência estudiosa, boca parcialmente aberta, como se apanhado no meio de uma frase. Ao lado disso, estava a pasta de Debby, com uma única foto dela vestida de cigana no Halloween: bochechas vermelhas, lábios vermelhos, cabelos castanhos cobertos pela bandana vermelha da minha mãe, quadril deslocado para o lado fingindo sensualidade. À direita dela era possível ver meu braço sardento tentando alcançá-

la. Era uma foto de família, algo que eu pensava nunca ter sido divulgado.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei a ela.

— Por aí — respondeu, cobrindo a pasta com uma mão grossa.

Olhei para a mesa, resistindo à vontade de me lançar à frente. A fotografia do corpo morto de Debby escorregara novamente da pasta do velho. Eu podia ver a perna ensanguentada, a barriga cortada, o braço quase arrancado. Debrucei-me sobre a mesa e agarrei o pulso do homem.

— Guarde essa merda — murmurei.

Ele escondeu de novo a foto, depois segurou a pasta como um escudo e piscou para mim.

Agora o grupo inteiro estava me encarando, curioso, um pouco preocupado, como se eu fosse um coelhinho de estimação que de repente tivessem se dado conta de que poderia ter cólera.

— Libby — disse Lyle, com o tom calmo de um apresentador de talk show. — Ninguém duvida de que você estava na casa. Ninguém duvida de que sobreviveu a uma provação inacreditavelmente horrenda que nenhuma criança jamais deveria suportar. Mas você realmente viu com seus próprios olhos o que diz ter visto? Ou foi orientada a dizer que viu?

Eu estava vendo Debby mexendo em meus cabelos com dedos pequenos e gordos, trançando-os no estilo espinha de peixe, que ela insistia ser mais difícil de fazer do que as tranças francesas, soprando hálito quente de mortadela em minha nuca. Amarrando uma fita verde no final, transformando-me em um presente. Ajudando a me equilibrar na beirada da banheira, para que eu pudesse segurar um espelho de mão e ver a parte de trás da minha cabeça no espelho acima da pia. Debby, que queria tão desesperadamente que tudo fosse bonito.

— Não há prova de que ninguém além de Ben tenha assassinado minha família — falei, voltando para a terra dos vivos, onde morava

sozinha. — Ele nunca tentou um recurso, por Deus. Nunca tentou deixar a prisão.

Eu não tinha experiência com condenados, mas me parecia que estavam sempre recorrendo, que era uma paixão deles, mesmo que não tivessem chance. Quando imaginava a prisão, imaginava macacões laranja e blocos de notas amarelos. Ben se provara culpado pela pura inércia — meu testemunho não importava.

— Ele tinha motivos suficientes para oito recursos — anunciou Magda grandiosamente. Eu me dei conta de que ela era uma daquelas mulheres que apareciam à minha porta para gritar comigo. Fiquei contente de nunca ter dado meu endereço a Lyle. — Não lutar não significa que seja culpado, Libby, significa que ele perdeu a esperança.

— Bom, que seja.

Lyle arregalou os olhos.

— Meu Deus. Você realmente acha que Ben fez isso.

Depois ele riu. Apenas uma vez, por acidente, rapidamente interrompido, mas totalmente sincero.

— Me desculpe — murmurou.

Ninguém ri de mim. Tudo o que digo ou faço é levado muito, muito a sério. Ninguém debocha de uma vítima. Não sou objeto de diversão.

— Bem, aproveitem bastante suas teorias da conspiração — falei, levantando-me da cadeira.

— Ah, não faça isso — disse o cara com jeito de policial. — Fique. Tente nos convencer.

— Ele nunca... apresentou... um recurso — falei, como uma professora de jardim de infância. — Isso é suficiente para mim.

— Então você é uma idiota.

Mostrei o dedo para ele, um gesto duro, como se estivesse cavando terra fria. Depois me virei, com alguém às minhas costas dizendo “Ela ainda é uma mentirosa”.

Disparei para a multidão, abrindo caminho sob axilas e passando por virilhas até voltar para o frio da escada, deixando o barulho para trás. Minha única vitória da noite era o maço de dinheiro no bolso e o entendimento de que aquelas pessoas eram tão patéticas quanto eu.

* * *

Voltei para casa, acendi todas as luzes e me enfiei na cama com uma garrafa de rum viscoso. Deitei de lado, estudando as dobras intrincadas do bilhete de Michelle, que me esquecera de vender.

* * *

A noite parecia entortada. Como se o mundo, um dia, tivesse sido cuidadosamente dividido entre pessoas que acreditavam que Ben era culpado e pessoas que acreditavam em sua inocência, e agora aqueles doze estranhos espremidos em um estande em um porão do centro da cidade haviam corrido para o lado do inocente com pedras nos bolsos e — bum! — era onde todo o peso estava agora. Magda e Ben e poesia e uma força de esperança. Pegadas e manchas de sangue e Runner surtando. Pela primeira vez desde o julgamento de Ben, eu havia me submetido plenamente a pessoas que acreditavam que eu estava errada sobre Ben e, no fim, revelou-se que eu não estava à altura do desafio. Numa outra noite, eu poderia ter descartado tudo isso com um dar de ombros, como normalmente fazia. Mas aquelas pessoas eram tão seguras, tão indiferentes, como se tivessem discutido sobre mim inúmeras vezes e decidido que eu não merecia tanto esforço. Fui lá supondo que eles seriam como as pessoas costumavam ser: poderiam querer me ajudar, cuidar de mim, resolver meus problemas. Em vez disso,

debocharam de mim. Era realmente tão fácil me perturbar? Eu era mesmo tão frágil?

Não. Eu vi o que vi naquela noite, pensei, meu mantra de sempre. Embora isso não fosse verdade. A verdade era que eu não tinha visto nada. Certo? Certo. Tecnicamente eu não vi nada. Apenas ouvi. Apenas ouvi porque estava escondida em um closet enquanto minha família morria porque eu era uma pequena covarde inútil.

* * *

Aquela noite, aquela noite, aquela noite. Eu tinha acordado no escuro, no quarto que dividia com minhas irmãs, a casa tão fria que havia gelo do lado de dentro da janela. Debby tinha subido na cama em algum momento — normalmente ficávamos juntas para nos aquecer —, e seu traseiro roliço pressionava minha barriga, empurrando-me para a parede gelada. Eu era sonâmbula desde quando aprendi a andar, então não lembro de passar por cima de Debby, mas lembro de ver Michelle adormecida no chão, o diário nos braços como de hábito, chupando a caneta enquanto dormia, a tinta preta escorrendo pelo queixo com a saliva. Não tentei acordá-la nem colocá-la de volta na cama. O sono era selvagemente defendido em nossa casa barulhenta, fria, cheia, e nenhum de nós acordava sem luta. Deixei Debby na minha cama, abri a porta e ouvi vozes no quarto de Ben, no fundo do corredor — sussurros urgentes que eram quase barulho. Os sons de pessoas que acham que estão sendo silenciosas. Uma luz passava pela fresta sob a porta. Decidi ir ao quarto da minha mãe, segui pelo corredor, puxei as cobertas e me apertei junto às costas dela. No inverno, minha mãe dormia com duas calças e dois moletons — sempre parecia um bicho de pelúcia gigante. Ela normalmente não se mexia quando eu subia na cama, mas naquela noite me lembro de ela ter se virado para mim tão depressa que pensei que estivesse com raiva. Em vez disso, ela me

agarrou, me apertou e beijou minha testa. Disse que me amava. Ela dificilmente dizia que nos amava. Por isso lembro, ou penso que lembro, a não ser que tenha inventado isso para me consolar depois do que aconteceu. Mas digamos que ela tenha dito que me amava e que adormeci imediatamente.

Quando acordei de novo, poderiam ser minutos ou horas mais tarde, ela tinha sumido. Do lado de fora da porta fechada, onde eu não podia ver, minha mãe gemia e Ben gritava com ela. Também havia outras vozes; Debby soluçava, gritando *mamãemamãemamãemichelle*, e então houve o som de um machado. Soube na mesma hora o que era. Metal no ar — esse era o som —, e, depois do som do movimento, veio o ruído de um baque suave, um gorgolejo, e Debby deu um grunhido e fez um barulho como se sugasse ar. Ben gritava com minha mãe. “Por que me obrigou a fazer isso?” E nenhum som de Michelle, o que era estranho, já que ela sempre era a mais barulhenta, mas nada. Mamãe gritando *Corra! Corra! Não, não*. E um disparo de espingarda, e minha mãe ainda gritando, mas não mais capaz de formar palavras, apenas um guincho como o de um pássaro batendo nas paredes no final do corredor.

Passos pesados de botas e os pequenos pés de Debby correndo para longe, ainda viva, disparando na direção do quarto da minha mãe, e eu pensando *não, não, não venha para cá*, e então botas fazendo o corredor tremer atrás dela e arrastando e arranhando o chão, depois um baque, o som do machado, e minha mãe ainda fazendo sons horríveis, e eu de pé, paralisada, no quarto da minha mãe, apenas escutando, e a espingarda estourando meus ouvidos de novo e depois um estrondo que sacudiu as tábuas do assoalho sob meus pés. Eu, covarde, torcendo para que tudo acabasse. Encolhendo-me meio dentro e meio fora do closet, balançando. *Vá embora vá embora vá embora*. Portas batendo, mais passos e um gemido longo, Ben sussurrando consigo mesmo, exaltado. E depois

choro, um choro grave masculino, e a voz de Ben, eu sabia que era a voz de Ben, gritando *Libby! Libby!*

Abri a janela do quarto da minha mãe, passei pela tela rasgada, caindo sentada sobre o terreno coberto de neve, minhas meias imediatamente encharcadas, cabelos prendendo nos arbustos. Corri.

Libby! Olhando para trás em direção à casa, uma única luz na janela, todo o resto escuro.

Meus pés estavam em carne viva no momento em que cheguei ao lago e agachei nos juncos. Vestia mais de uma roupa, como minha mãe, ceroulas sob a camisola, mas tremia, o vento levantando o vestido e jogando ar frio na minha barriga.

Uma lanterna escrutinou de forma frenética o alto dos juncos, depois um grupo de árvores próximas, depois o chão não muito longe de mim. *Libby*! A voz de Ben novamente. Me caçando. *Fique onde está, querida*. A luz da lanterna se aproximando, aquelas botas esmagando a neve, e eu chorando muito na manga, embalando-me até estar quase pronta para me levantar e acabar com aquilo, e então a luz da lanterna simplesmente se virou, os passos se afastaram de mim, e fiquei ali sozinha, deixada para congelar até a morte no escuro. A luz na casa se apagou, e eu fiquei onde estava.

Horas depois, quando estava dormente demais para ficar de pé, rastejei de volta para casa sob a luz fraca do alvorecer, meus pés como ferro, minhas mãos congeladas na forma de garras de corvo. A porta estava escancarada, e manquei para dentro. Na entrada da cozinha, havia uma triste pilha de vômito, ervilhas e cenouras. Tudo o mais era vermelho — jorros nas paredes, poças no carpete, um machado ensanguentado deixado de pé no braço do sofá. Encontrei minha mãe caída no chão na frente do quarto das filhas, o topo da cabeça explodido em um corte triangular, talhos de machado por todas as roupas grossas de dormir, um seio exposto. Acima dela, compridas mechas de cabelos ruivos grudadas nas paredes com sangue e massa cinzenta. Debby estava caída pouco depois dela,

os olhos arregalados e uma linha ensanguentada na bochecha. O braço estava quase arrancado; sua barriga havia sido cortada com o machado e estava aberta, caída como a boca de alguém dormindo. Chamei Michelle, mas sabia que estava morta. Fui na ponta dos pés até nosso quarto e a encontrei aninhada na cama com suas bonecas, o pescoço enegrecido de hematomas, um chinelo ainda calçado, um olho aberto.

As paredes estavam pintadas com sangue: pentagramas e palavras feias. Bocetas. Satanás. Tudo estava quebrado, rasgado, destruído. Potes de comida haviam sido quebrados nas paredes, cereal espalhado no chão. Um único grão seria encontrado no ferimento do peito de minha mãe, a destruição tão aleatória. Um dos sapatos de Michelle pendia pelos cadarços do ventilador de teto barato.

Manquei até o telefone da cozinha, puxei-o para o chão, disquei o número da minha tia, o único que sabia de cor, e, quando Diane atendeu, gritei *Estão todas mortas!* em uma voz que feriu meus próprios ouvidos por sua intensidade. Depois me enfiei no espaço entre a geladeira e o forno e esperei por Diane.

No hospital eles me sedaram e removeram três dos meus dedos do pé congelados e meio dedo anelar. Desde então, tenho esperado para morrer.

* * *

Eu me sentei empertigada sob a luz amarela. Retirei-me da nossa casa assassina de volta para meu quarto de adulta. Não iria morrer tão cedo, eu tinha a saúde de um cão de caça, então precisava de um plano. Felizmente, abençoadamente, meu cérebro conspirador voltou a pensar em meu próprio bem-estar. A pequena Libby Day acabara de encontrar um caminho. Chame isso de instinto de sobrevivência, ou chame pelo que era: ganância.

Aqueles “entusiastas dos Day”, aqueles “solucionadores” pagariam por mais do que apenas velhas cartas. Não haviam me perguntado onde Runner estava e quais dos amigos de Ben eu poderia conhecer? Pagariam por informações que apenas eu poderia conseguir. Aqueles espertinhos que decoraram a planta da minha casa, que enchiam pastas com fotos da cena do crime, todos tinham as próprias teorias sobre quem matara os Day. Sendo esquisitos, teriam dificuldade para convencer alguém a conversar com eles. Sendo eu, podia fazer isso por eles. A polícia atenderia à pobrezinha, até mesmo muitos dos suspeitos. Poderia falar com meu pai, se fosse o que eles queriam e se conseguisse encontrá-lo.

Não que isso necessariamente fosse levar a algo. Em casa, sob minhas luzes brilhantes de hamster, novamente segura, lembrei a mim mesma que Ben era culpado (*tinha que ser*, *tinha que ser*), sobretudo porque eu não poderia lidar com qualquer outra possibilidade. A menos que fosse por trabalho e, pela primeira vez em vinte e quatro anos, eu precisava trabalhar. Comecei a fazer as contas de cabeça: quinhentos dólares, digamos, para falar com a polícia; quatrocentos dólares para conversar com alguns dos amigos de Ben; mil dólares para localizar Runner; dois mil para conversar com Runner. Tenho certeza de que os fãs tinham uma lista de pessoas que poderiam dedicar um pouco do seu tempo à Órfã Day. Eu poderia fazer isso durar meses.

Adormeci, a garrafa de rum ainda na mão, tentando me convencer: Ben Day é um assassino.

BEN DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
9H13

Ben estava derrapando sobre o gelo, as rodas de sua bicicleta vibrando. A trilha era feita para o verão, e congelara, então era idiota ir por ela. Era ainda mais idiota o que ele estava fazendo: pedalar o mais rápido possível sobre o terreno irregular, talos quebrados do milharal dos dois lados, e ele puxando o maldito adesivo de borboleta que uma de suas irmãs grudara no velocímetro. Estava ali havia semanas, entrando e saindo de sua visão, irritando-o, mas não o suficiente para que desse um jeito. Ele apostava que fora Debby que o colocara ali, revirando os olhos e despreocupada: *Fica bonito!* Ben tinha desgrudado metade da coisa cintilante quando bateu em um monte de terra, a roda da frente virando totalmente para a esquerda, a traseira sacudindo sob ele. Ele não caiu de imediato; foi jogado para cima, uma perna ainda presa à bicicleta, e tombou de lado, o braço direito raspando nos restolhos de milho, a perna direita torcida sob ele. A cabeça bateu com força na terra, os dentes badalaram como um sino.

Quando voltou a respirar — depois de dez segundos de choro —, podia sentir um fio de sangue quente escorrendo pelo olho. Bom. Limpou com as pontas dos dedos a bochecha, mas sentiu um novo fio de sangue correr do corte na testa. Desejou ter batido com mais força. Ele nunca quebrara um osso, fato que só admitia quando pressionado. *Sério, cara? Como você consegue passar pela vida sem quebrar algo? Sua mãe o embrulha em plástico-bolha?* Na primavera anterior, ele invadiu a piscina da cidade com uns caras e

ficou de pé no trampolim acima do grande buraco seco, olhando para o fundo de concreto, desejando se jogar, realmente se arrebentar, ser o garoto maluco. Saltitou algumas vezes, tomou outro gole de uísque, balançou para cima e para baixo mais um pouco e voltou até os caras, que ele mal conhecia e que o estavam observando com os cantos dos olhos.

Um osso quebrado seria melhor, mas algum sangue não era mau. Estava escorrendo direto agora, pela bochecha, sob o queixo, pingando no gelo. Puros lagos vermelhos redondos.

Aniquilação.

A palavra saiu do nada — seu cérebro estava viscoso, frases e trechos de músicas sempre se enfiando ali. Aniquilação. Ele teve visões de bárbaros noruegueses brandindo machados. Pensou por um segundo, apenas um segundo, em se teria reencarnado e aquilo era alguma lembrança que sobrara, flutuando como cinzas. Então levantou a bicicleta e afastou a ideia. Ele não tinha dez anos.

Começou a pedalar, o lado direito do quadril travado, o braço ardendo pelo arranhão do milharal. Talvez também conseguisse um belo hematoma. Diondra gostaria disso, passaria a ponta do dedo macia sobre ele, contornaria uma ou duas vezes e cutucaria para poder provocá-lo quando desse um pulo de dor. Era uma garota que gostava de grandes reações, Diondra — era de gritar, chorar, uivava quando ria. Arregalava os olhos e levantava as sobrancelhas quase até a linha dos cabelos quando queria parecer surpresa. Gostava de sair pulando detrás de portas e assustá-lo para que ele fingisse persegui-la. Diondra, sua garota com o nome que o fazia pensar em princesas ou strippers, não sabia bem qual. Era um pouco das duas: rica, mas vulgar.

Algo se soltara em sua bicicleta, havia um som como o de um prego em uma lata vindo de algum ponto perto dos pedais. Ele parou um segundo para olhar, as mãos rosadas e enrugadas no frio como as de um velho, e igualmente fracas, mas não conseguiu ver nada errado. Mais sangue se acumulou em seus olhos enquanto

tentava achar o problema. Porra, ele era um inútil. Era pequeno demais quando o pai foi embora. Nunca teve chance de aprender algo prático. Via garotos mexendo em motocicletas, tratores e carros, o interior dos motores parecendo intestinos metálicos de um animal que nunca vira antes. Ele conhecia animais e armas. Era um caçador, como todos na família, mas isso não era grande coisa, já que sua mãe atirava melhor que ele.

Queria ser um homem útil, mas não estava certo de como fazer isso, o que o deixava apavorado. Seu pai tinha voltado a viver na fazenda por alguns meses naquele verão, e Ben estava esperançoso de que ele fosse lhe ensinar algo depois de tanto tempo, ter o trabalho de ser um pai. Mas Runner fez todos os serviços mecânicos sozinho, nem sequer chamou o filho para ver. Na verdade, deixou claro que Ben deveria ficar fora do caminho. Era visível que Runner o achava maricas: sempre que a mãe falava sobre algo que precisava ser consertado, Runner dizia “isso é trabalho de homem” e dava um sorriso para Ben, desafiando-o a concordar. Não podia pedir a Runner para lhe mostrar merda nenhuma.

E ele também não tinha dinheiro. Corrigindo, tinha no bolso quatro dólares e trinta centavos, mas isso era para ele, para a semana. A família não tinha dinheiro guardado. Apenas uma conta corrente que sempre estava praticamente vazia — certa vez viu um extrato cujo saldo era literalmente de um dólar e dez centavos, então, em dado momento, a família inteira tinha menos no banco do que ele levava no casaco naquele instante. Sua mãe não conseguia cuidar direito da fazenda — e, de alguma forma, estava arruinando o lugar. Tinha levado uma carga de trigo para o silo em um caminhão emprestado e não ganhou nada — menos do que custou para produzir —, e qualquer dinheiro que ganhava ela devia. *Os lobos estão à porta*, sua mãe sempre dizia, e, quando era mais novo, ele a imaginava se inclinando para fora da porta dos fundos, jogando

notas verdes impecáveis para uma matilha, eles mordendo como se fosse carne. Nunca era suficiente.

Será que alguém tomaria a fazenda em algum momento? Alguém não deveria fazer isso? A melhor coisa seria se livrar dela, recomeçar, sem estar ligado àquela coisa grande, morta, viva. Mas era o lugar dos pais da sua mãe, e ela era sentimental. Bastante egoísta, quando você pensava na coisa. Ben trabalhava a semana toda na fazenda, e voltava à escola nos finais de semana para a bosta do seu trabalho de faxineiro. (Escola, fazenda, fazenda, escola, essa era a sua vida antes de Diondra. Agora tinha um belo triângulo de lugares aonde ir: escola, fazenda e a grande casa de Diondra, nos limites da cidade.) Ele alimentava gado e carregava estrume em casa, e basicamente fazia a mesma coisa na escola, limpando vestiários e passando esfregão na lanchonete, descartando a merda dos outros garotos. E, ainda assim, esperava-se que desse metade do seu pagamento à mãe. *Famílias dividem*. É? Bem, pais cuidam dos filhos, que tal isso? Que tal não parir mais três filhos quando mal podia cuidar do primeiro?

A bicicleta chacoalhava, Ben esperava que a coisa toda se despedaçasse como em uma comédia, um desenho animado no qual ele acabaria pedalando apenas com o selim e uma roda. Odiava ter que pedalar por lugares como Opie a caminho do lugar de pesca. Ele odiava não dirigir. *Nada mais triste do que um garoto que ainda não chegou aos dezesseis*, diria Trey balançando a cabeça e soprando fumaça na direção dele. Falava isso sempre que Ben aparecia de bicicleta na casa de Diondra. Trey até que era legal, mas era também o tipo de cara que sempre precisava provocar alguém. Tinha dezenove anos, cabelos compridos, pretos e sem brilho como alcatrão de uma semana, primo de consideração de Diondra, ou outra coisa estranha do tipo, tio-avô, amigo da família ou enteado de um amigo da família. Ou mudara a história algumas vezes, ou Ben não prestara muita atenção. O que era totalmente possível, já que, sempre que estava perto de Trey, Ben

ficava imediatamente tenso, preocupado com o próprio corpo. Por que estava de pé com as pernas naquele ângulo? O que devia fazer com as mãos? Colocá-las na cintura ou nos bolsos?

Qualquer escolha parecia estranha. Qualquer das formas levaria a brincadeiras. Trey era o tipo de cara que procurava alguma coisa ligeiramente mas definitivamente errada que você mesmo nem sequer percebera e apontava para a sala toda. *Voltando da pesca?* Foi a primeira coisa que Trey lhe dissera. Ben vestia uma calça jeans que talvez estivesse, provavelmente estava, um centímetro curta demais. Possivelmente dois. *Voltando da pesca?* Diondra deu um guincho com isso. Depois de um tempo, ela parou de rir, mas Trey falou de novo. Ben esperou dez minutos, sem dizer nada, apenas tentando se sentar em um ângulo em que suas meias não aparecessem muito. Depois, foi ao banheiro, afrouxou o cinto e baixou a calça um pouco. Quando voltou à sala — a sala de jogos de Diondra no andar de baixo, com carpete azul e pufes por toda parte, como cogumelos —, a segunda coisa que Trey disse foi “Seu cinto chegou ao seu pau agora, cara. Ainda não está enganando ninguém”.

Ben chacoalhou pela trilha na sombra fria do inverno, mais flocos de neve flutuando no ar como grãos de poeira. Mesmo quando fizesse dezesseis anos, ele não teria um carro. Sua mãe tinha um Cavalier que havia comprado em um leilão; antes era de uma locadora. Eles não podiam ter um segundo automóvel, e ela já dissera isso a Ben. Teriam que compartilhar o veículo, o que imediatamente fez com que Ben não quisesse usá-lo. Já havia imaginado tentar pegar Diondra em um carro que cheirava totalmente a usado — batatas fritas velhas e manchas de sexo de outras pessoas — e, além disso, um carro que estava cheio de livros escolares, bonecas de pano e braceletes de plástico das meninas. Não daria certo. Diondra disse que ele poderia dirigir seu carro (ela tinha dezessete, outro problema: não era meio constrangedor estar duas séries abaixo de sua namorada?). Mas

era uma visão muito melhor: os dois no CRX vermelho dela, com a traseira arrebitada, os cigarros mentolados de Diondra enchendo o carro com fumaça perfumada, Slayer no volume máximo. É, muito melhor.

Eles sairiam daquela cidade de merda para Wichita, onde o tio dela, dono de uma loja de material esportivo, poderia lhe dar um emprego. Ben tentou jogar nos times de basquete e futebol americano, mas foi logo cortado de forma definitiva — do tipo “não volte mais” —, portanto, passar seus dias em um grande salão cheio de bolas de basquete e futebol parecia irônico. Mas, com todo aquele equipamento por perto, ele talvez pudesse treinar, tornar-se bom o bastante para entrar em alguma liga masculina ou algo assim. Parecia que havia um lado bom.

Claro que o melhor lado era Diondra. Os dois em seu próprio apartamento em Wichita, comendo McDonald’s, vendo TV, fazendo sexo e fumando maços inteiros de cigarro em uma noite. Ben não fumava muito se Diondra não estivesse por perto — ela era a viciada, fumava tanto que cheirava a cigarro mesmo depois de um banho; caso ela cortasse a pele, vazaria fumaça mentolada. Ele tinha passado a gostar disso, para ele cheirava a conforto e lar, o mesmo que pão quente significaria para outra pessoa. Então seria assim: ele e Diondra, com seus cachos de cabelos castanhos duros de gel (outro cheiro que era a cara dela, aquele toque seco de uva em seus cabelos), sentados no sofá assistindo às novelas que ela gravava diariamente. Ele foi conquistado pelo drama: damas de ombros grandes tomando champanhe com diamantes cintilando em seus dedos enquanto traíam, ou seus maridos traíam, ou pessoas tinham amnésia e traíam. Ele voltaria para casa do trabalho, as mãos com aquele cheiro de couro empoeirado de bola de basquete, e ela teria comprado McDonald’s ou Taco Bell, e eles ficariam ali fazendo piada com as damas cintilantes na TV, e Diondra apontaria aquelas com as melhores unhas, de que ela tanto gostava, e então insistiria em pintar as dele, ou passar batom nele, coisa que adorava

fazer, adorava deixá-lo bonito, sempre dizia. Terminariam fazendo cócegas um no outro na cama, nus com sachês de ketchup grudados nas costas, e Diondra daria gargalhadas tão altas que os vizinhos bateriam no teto.

Essa imagem não era exatamente completa. Ele deixara de fora um detalhe muito assustador, simplesmente apagara certas realidades. Esse não podia ser um bom sinal. Significava que a coisa toda era um sonho. Ele era um garoto idiota que não podia nem ao menos ter algo tão pequeno quanto um apartamento de merda em Wichita. Nem mesmo algo tão pequeno quanto isso ele podia ter. Sentiu uma onda de fúria familiar. Sua vida era uma longa sequência de negativas, apenas esperando por ele.

Aniquilação. Novamente viu machados, armas, corpos ensanguentados esmagados no chão. Gritos davam lugar a gemidos e canto de pássaros. Ele queria sangrar mais.

LIBBY DAY

HOJE

Quando eu era menina, morei com o primo em segundo grau de Runner em Holcomb, Kansas, por uns cinco meses, enquanto a pobre tia Diane se recuperava do meu particularmente furioso décimo segundo ano. Não lembro muito daqueles cinco meses, exceto que fizemos uma excursão de escola a Dodge City para aprender sobre Wyatt Earp. Achávamos que veríamos armas, bisões, prostitutas. Em vez disso, vinte de nós nos enfiamos e nos apertamos em uma série de pequenas salas de arquivo, olhando registros, o dia inteiro trancados com poeira e choramingando. O próprio Earp não me causou grande impacto, mas adorei aqueles vilões do Velho Oeste com seus bigodes caídos, roupas desmazeladas e olhos que brilhavam como níquel. Um fora da lei sempre era descrito como “um mentiroso e um ladrão”. E ali, em uma daquelas salas cheirando a mofo, o arquivista tagarelando sobre a arte de arquivar, eu me animei com a sorte de encontrar um companheiro de viagem. Porque pensei: “Isso sou eu.”

Sou uma mentirosa e uma ladra. Não permita que eu entre em sua casa e, se o fizer, não me deixe sozinha. Eu pego coisas. Você pode me flagrar com seu belo colar de pérolas chacoalhando em minhas patinhas gananciosas e lhe direi que me lembra o da minha mãe e apenas toquei nele por um segundo e, lamento muito, não sei o que me deu.

Minha mãe nunca teve nenhuma joia que não deixasse sua pele verde, mas você não saberá disso. E eu ainda furtarei as pérolas quando você não estiver olhando.

Eu roubo roupa íntima, anéis, CDs, livros, sapatos, iPods, relógios. Vou a uma festa na casa de alguém — não tenho amigos, mas tenho pessoas que me convidam a lugares — e saio vestindo algumas camisas sob meu moletom, com dois belos batons em meu bolso e o dinheiro que houver em uma ou duas bolsas. Algumas vezes, levo até a bolsa se o grupo estiver suficientemente bêbado. Apenas a penduro no ombro e saio. Comprimidos, perfumes, botões, canetas. Comida. Tenho uma garrafinha que o avô de alguém trouxe da Segunda Guerra, tenho um bóton da Phi Beta Kappa dado pelo tio preferido de alguém. Tenho uma xícara de latão desmontável antiga, que não consigo me lembrar de ter roubado, de tanto tempo que eu a tenho. Finjo que sempre esteve na família.

Não suporto olhar para as coisas que minha família tinha de verdade, aquelas caixas sob as escadas. Gosto mais das coisas dos outros. Elas chegam com a história das outras pessoas.

Uma coisa em minha casa que não roubei foi o livro sobre um crime real chamado *Colheita do diabo: sacrifício satânico em Kinnakee, Kansas*. Foi lançado em 1986, escrito por uma ex-repórter chamada Barb Eichel, e isso é tudo que realmente sei sobre ele. Pelo menos três seminamorados me deram um exemplar do livro, solene e sabiamente, e terminei com todos eles logo em seguida. Se digo que não quero ler o livro, não quero ler o livro. É como minha regra sobre sempre dormir de luz acesa. Digo a todo homem com quem durmo que sempre deixo as luzes acesas, e eles sempre dizem algo como “Vou cuidar de você, querida”, e então tentam apagar a luz. Como se fosse assim. Eles, de algum modo, parecem ficar surpresos por eu realmente dormir de luz acesa.

Resgato o *Colheita do diabo* de uma pilha torta de livros no canto — eu o guardo pela mesma razão que guardo as caixas de papéis e tralhas da minha família, porque talvez um dia o queira e, mesmo que não, não quero que ele pertença a mais ninguém.

A primeira página diz:

Kinnakee, Kansas, no coração dos Estados Unidos, é uma tranquila comunidade rural onde as pessoas se conhecem, vão à igreja juntas, envelhecem lado a lado. Mas não é impenetrável aos males do mundo exterior, e, nas primeiras horas de 3 de janeiro de 1985, esses males destruíram três membros da família Day em uma avalanche de sangue e horror. Esta é uma história não apenas de assassinato, mas de culto demoníaco, rituais de sangue e disseminação do satanismo para todos os cantos do país — mesmo os lugares mais aconchegantes e aparentemente mais seguros.

Meus ouvidos começaram a zumbir com os sons daquela noite: um resmungo masculino alto, um gemido crescente de garganta seca. Os gritos assustadores da minha mãe. Lugar escuro. Olhei para a foto de Barb Eichel na quarta capa. Ela tinha cabelos curtos espetados, brincos grandes e um sorriso triste. A biografia dizia que vivia em Topeka, Kansas, mas isso fora vinte e tantos anos antes.

Eu precisava telefonar para Lyle Wirth com minha proposta de trocar dinheiro por informações, mas não estava pronta para ouvi-lo mais uma vez discursando sobre o assassinato da minha própria família. (*Você realmente acha que Ben é culpado!*) Precisava ser capaz de argumentar com ele, em vez de ficar sentada como uma ignorante sem ter nada de útil a dizer. O que basicamente eu era.

Folheei o livro um pouco mais, deitada de costas, apoiada em um travesseiro dobrado duas vezes, com Buck me monitorando com seus olhos atentos de gato em busca de qualquer movimento na direção da cozinha. Barb Eichel descrevia Ben como “um perdedor vestido de preto, impopular e raivoso” e “obcecado pelas formas mais brutais de canções heavy metal — chamadas black metal — que, segundo os boatos, eram pouco mais que invocações em código do próprio diabo”. Eu li na diagonal, claro, até encontrar uma referência a mim: “angelical, mas forte”, “determinada e triste”, com “ar de independência que normalmente não se encontra em crianças com o dobro da idade dela”. Nossa família havia sido “feliz

e animada, buscando um futuro de ar fresco e vida limpa". Aham. Mas aquele devia ser o livro definitivo sobre os assassinatos e, depois de todas aquelas vozes no Kill Club me dizendo que eu era uma tola, estava ansiosa para falar com alguém de fora que também acreditasse que Ben era culpado. Munição para Lyle. Eu me vi contando fatos nos dedos: *isto, isto e isto provam que vocês babacas estão errados*, e Lyle parando de franzir os lábios, percebendo no fim que eu estava certa.

Ainda estava disposta a aceitar o dinheiro dele, caso ele quisesse.

Sem saber por onde começar, liguei para o serviço de informações de Topeka, a escolha mais acertada, e consegui o telefone de Barb Eichel. Ainda em Topeka, ainda na lista telefônica. Muito fácil.

Ela atendeu no segundo toque, a voz alegre e aguda até eu me identificar.

— Ah, Libby, sempre me perguntei se você entraria em contato um dia — disse, após fazer um som gutural como *eehhh*. — Ou se deveria procurá-la. Eu não sabia, não sabia...

Podia imaginá-la olhando ao redor da sala, mexendo nas unhas, agitada, uma daquelas mulheres que estudam o cardápio durante vinte minutos e ainda assim entram em pânico quando o garçom chega.

— Queria conversar com você sobre... Ben — comecei, insegura sobre como deveria falar.

— Eu sei, eu sei, escrevi várias cartas com pedidos de desculpas a ele ao longo dos anos, Libby. Simplesmente não sei quantas vezes posso dizer que lamento por aquele maldito livro.

Inesperado.

* * *

Barb Eichel me receberia para almoçar. Queria me explicar pessoalmente. Ela não dirigia mais (tive uma pista da verdadeira história — ela tinha aquela aura de quem vinha tomando remédios demais), então eu poderia ir até lá, e ela ficaria muito grata. Felizmente Topeka não é longe de Kansas City. Não que estivesse ansiosa para ir lá — tinha visto o suficiente da cidade enquanto crescia. O lugar costumava ter uma clínica psiquiátrica infernal, havia até mesmo uma placa na rodovia que dizia algo como “Bem-vindo a Topeka, capital psiquiátrica do mundo!”. A cidade inteira estava infestada de malucos e terapeutas, e eu costumava ser levada lá regularmente para raras e privilegiadas consultas. Conversávamos sobre meus pesadelos, meus ataques de pânico, meus problemas com a raiva. Na adolescência, conversávamos sobre minha tendência à agressão física. No que me diz respeito, a cidade toda, a capital do Kansas, cheira a baba de manicômio.

Eu tinha lido o livro de Barb antes de conhecê-la, estava armada de fatos e perguntas. Mas minha confiança sumiu em algum momento nas três horas que levei para fazer o trajeto de uma hora. Muitas voltas erradas, eu me amaldiçoando por não ter internet em casa, não ser capaz de simplesmente baixar o mapa. Sem internet, sem TV a cabo. Eu não sou boa com coisas assim: cortes de cabelo, trocas de óleo e consultas ao dentista. Quando me mudei para a casinha passei os três primeiros meses enrolada em cobertores porque não conseguia ligar o gás. Ele foi cortado três vezes nos últimos anos, porque algumas vezes não consigo parar e fazer um cheque. Tenho problemas de manutenção.

A casa de Barb, quando enfim cheguei lá, era devidamente confortável, um decente bloco de alvenaria que ela pintara de verde-claro. Tranquilizante. Muitos sinos de vento. Ela abriu a porta e recuou, como se eu a tivesse surpreendido. Ainda tinha o mesmo corte de cabelo da foto do livro, agora um grisalho espetado, e usava óculos com corrente feita de contas, o tipo que mulheres mais velhas descrevem como sendo “modernas”. Tinha cinquenta e

tantos anos, com olhos escuros rápidos que se projetavam de um rosto ossudo.

— Ahhh, oi, Libby! — disse, engasgando, e de repente estava me abraçando, alguns de seus ossos apertando com força meu seio esquerdo. Ela cheirava a patchuli e lã. — Entre, entre.

Um cãozinho peludo foi na minha direção, batendo as unhas no piso de cerâmica, latindo alegremente. Um relógio badalou as horas.

— Ah, espero que não se importe com cachorros, ele é um amor — disse ela, vendo que o animal ia até mim. Eu odeio cachorros, mesmo quando são pequenos e fofos. Mantive minhas mãos erguidas, mostrando que não queria acariciá-lo. — Vamos, Weenie, deixe nossa amiga passar — falou, como se com uma criança.

Desgostei ainda mais do bicho após ouvir seu nome.

Ela me instalou em uma sala que parecia entulhada: cadeiras, sofás, tapete, almofadas, cortinas, tudo era roliço e redondo, e então estofado com mais tecido ainda. Foi de um lado para outro um pouco, falando por sobre o ombro em vez de ficar parada, perguntando duas vezes o que eu queria beber. De algum modo, eu sabia que ela tentaria me dar canecas de cerâmica com um chá ou um *smoothie*, então pedi apenas água. Procurei garrafas de álcool, mas não encontrei nenhuma. Definitivamente comprimidos eram engolidos ali. Tudo simplesmente estalava naquela mulher — bing, bang! — como se ela fosse laqueada.

Ela trouxe sanduíches em bandejas para que comêssemos na sala. Minha água era só cubos de gelo. Acabou em dois goles.

— E então, como está Ben, Libby? — perguntou ela quando finalmente se sentou, colocando sua bandeja de lado.

— Ah, não sei. Não tenho contato com ele.

Ela não parecia realmente escutar; estava sintonizada em sua própria estação de rádio interna. Um jazz suave.

— Obviamente, Libby, sinto-me muito culpada por meu papel nisso, embora o livro tenha saído depois do veredito e não o tenha afetado — disse, apressada. — Mas fui parte daquela pressa de

julgar. Era a *época*. Você era jovem demais, sei que não se lembra disso, mas eram os anos oitenta. Aquilo foi chamado de Pânico Satânico.

— O que era isso? — perguntei, pensando em quantas vezes ela usara meu nome em conversas.

— Toda a comunidade psiquiátrica, a polícia, a justiça, o mundo achava que todos eram adoradores do diabo na época. Estava... na *moda* — disse, inclinando-se na minha direção, os brincos balançando, as mãos se apertando. — As pessoas realmente acreditavam que havia uma vasta rede de satanistas, que era uma coisa comum. Um adolescente começa a agir de forma anormal: é um adorador de Satanás. Uma criança da pré-escola chega em casa com um hematoma esquisito e um comentário estranho sobre suas partes íntimas: seus professores são adoradores de Satanás. Quer dizer, lembra do julgamento da pré-escola McMartin? Aqueles pobres professores sofreram durante *anos* antes que as acusações fossem retiradas. Pânico satânico. Era uma boa história. Eu me encantei com ela. Não investigamos o suficiente.

O cachorro veio fungando até mim e fiquei tensa, esperando que Barb o chamasse. Mas ela não percebeu, os olhos voltados para um girassol de vidro colorido pendurado que lançava uma luz dourada da janela acima de mim.

— E a história simplesmente batia — continuou Barb. — Agora eu admito, e precisei de uma boa década para isso, Libby, que deixei de lado muitas provas que não se encaixavam nessa teoria de Ben-Satã, ignorei sinais evidentes.

— Tipo o quê?

— Ahn, tipo o fato de que você claramente foi orientada, que não era de modo algum uma testemunha com credibilidade, que o analista que lhe deram para, citando, “trazer você para fora”, estava apenas colocando palavras em sua cabeça.

— O Dr. Brooner?

Eu me lembrava do Dr. Brooner: um hippie barbudo com nariz grande e olhos pequenos — ele parecia um animal carinhoso de livro infantil. Foi a única pessoa além de minha tia Diane de quem gostei naquele ano todo, e a única pessoa com quem conversei sobre aquela noite, já que Diane não estava disposta a me ouvir. Dr. Brooner.

— Charlatão — disse Barb, e deu um risinho.

Eu estava prestes a protestar, sentindo-me na defensiva — a mulher basicamente acabara de me chamar de mentirosa na minha cara, o que era verdade, mas ainda assim me irritava —, mas ela continuou.

— E o álibi do seu pai? Aquela namorada dele? Nenhuma chance de aquilo ter se sustentado. Aquele homem não tinha um álibi de verdade e devia muito dinheiro a muita gente.

— Minha mãe não tinha dinheiro nenhum.

— Tinha mais do que seu pai, acredite em mim.

Eu acreditava. Meu pai certa vez me mandou à casa de um vizinho para um almoço de graça, pediu que eu olhasse embaixo das almofadas do sofá e, caso encontrasse alguma moeda, levasse para ele.

— E havia aquela pegada de um sapato social masculino sujo de *sangue* que ninguém nunca investigou. Mas toda a cena do crime estava contaminada; foi outra coisa que ignorei no livro. Pessoas entraram e saíram daquele lugar o dia inteiro. Sua tia apareceu e tirou armários inteiros de lixo, roupas e outras coisas para você. Tudo isso era contra as regras do procedimento policial. Mas *ninguém ligou*. As pessoas estavam perturbadas. E havia um adolescente estranho, de quem ninguém na cidade gostava muito, que não tinha dinheiro, que não sabia cuidar dele mesmo e que, por acaso, gostava de heavy metal. É constrangedor — disse, contendo-se. — É medonho. Uma tragédia.

— Tem alguma coisa que possa tirar o Ben de lá? — perguntei, meu estômago revirando.

O fato de que a porta-voz definitiva da culpa de Ben mudara de ideia estava me deixando enjoada. Assim como encontrar mais uma pessoa certa de que eu cometera perjúrio.

— Bem, você está tentando, certo? Acho que é quase impossível desfazer as coisas depois de todos esses anos, o prazo dele para um recurso acabou. Ele precisaria tentar um *habeas corpus*, e isso... Você precisaria de alguma grande prova nova a esta altura para fazer as coisas andarem. Como alguma prova de DNA realmente convincente. Infelizmente sua família foi cremada, portanto...

— Certo, bem, obrigada — interrompi, precisando ir para casa imediatamente.

— Olha, escrevi o livro depois do veredito, mas, se puder fazer algo para ajudá-la, avise-me, Libby. Tenho alguma culpa. Assumo essa responsabilidade.

— Você deu alguma declaração, contou à polícia que acredita que Ben não seja culpado?

— Bem, não. Aparentemente a maioria das pessoas concluiu há muito tempo que Ben não cometeu o crime — disse Barb, a voz ficando aguda. — Suponho que você tenha oficialmente negado seu testemunho. Acho que isso seria de enorme ajuda.

Ela estava esperando que eu falasse mais, explicasse por que a procurara agora. Dissesse a ela que, claro, Ben é inocente e vou consertar tudo isso. Ficou sentada me olhando, comendo seu almoço, mastigando cada pedaço com excessivo cuidado. Peguei meu sanduíche — pepino e homus — e voltei a me sentar, deixando a digital de um polegar no pão encharcado. A sala era tomada de estantes, mas só havia livros de autoajuda. Títulos intermináveis, alegres, animadores. Quanto mais eu lia, mais infeliz me sentia. Remédios fitoterápicos, pensamento positivo, perdoar a si mesmo, vivendo com equívocos. Ela tinha até mesmo um livro para evitar atrasos. Não confio em quem acredita em autoajuda. Há alguns anos, saí de um bar com o amigo de um amigo, um cara normal, legal, bonito, bem-vestido, com um apartamento ali perto. Depois do

sexo, quando ele adormeceu, comecei a xeretar as coisas no quarto dele e descobri que a escrivaninha era coberta de adesivos:

Não se aborreça por pequenas coisas, são todas pequenas coisas.
Se simplesmente pararmos de tentar ser felizes, aproveitaremos bastante.
Aproveite a vida, ninguém sai daqui vivo.
Não se preocupe, seja feliz.

Para mim, toda aquela esperança foi mais assustadora do que se encontrasse uma pilha de crânios ainda com cabelos. Saí correndo em pânico, minhas roupas de baixo enfiadas na manga.

Não passei muito mais tempo com Barb. Fui embora com a promessa de telefonar logo e levando um peso de papel azul em forma de coração que roubei da mesa lateral.

PATTY DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
9H42

A pia tinha uma sujeira pastosa roxa onde Ben havia tingido os cabelos. Em algum momento da noite, ele se trancara no banheiro, sentara no vaso tampado e lera as instruções na caixa da tintura que Patty encontrara no lixo. A caixa tinha a fotografia de uma mulher com lábios rosa-claro e cabelo retinto em corte chanel. Ficou pensando se ele a teria roubado. Ela não conseguia imaginar Ben, Ben de cabeça baixa, colocando uma tintura no balcão do caixa. Então ele tinha roubado. E, no meio da noite, seu filho, sozinho, mediu, misturou e aplicou. Sentou com aquela pasta de produtos químicos nos cabelos ruivos e esperou.

A ideia toda a deixava incrivelmente triste. Que naquela casa de mulheres seu menino tivesse tingido sozinho os cabelos à noite. Era tolice pensar que pudesse ter pedido ajuda a ela, mas fazer tal coisa sem um cúmplice parecia muito solitário. A irmã mais velha de Patty, Diane, furara as orelhas de Patty naquele banheiro duas décadas antes. Patty aqueceu a ponta de um alfinete de segurança com um isqueiro barato e Diane cortou uma batata ao meio e colocou a face fria e molhada atrás da orelha de Patty. Elas congelaram o lóbulo com um cubo de gelo e Diane — *fique imóvel, fique imóóóóvel* — enfiou o alfinete na carne borrachenta de Patty. Por que elas precisavam da batata? Para mirar ou alguma outra coisa. Patty perdeu a coragem depois da primeira orelha e se sentou na lateral da banheira, o alfinete ainda preso no lóbulo. Diane, intensa e

irredutível em uma camisola de lã enorme, aproximou-se dela com outro alfinete quente.

“Vai acabar em um segundo, você não pode furar só uma, P.”

Diane, a que faz. O trabalho não podia ser abandonado, não por causa de clima, preguiça ou uma orelha latejando, gelo derretido e uma irmãzinha assustada.

Patty girou seus brincos de ouro. O esquerdo estava descentralizado, culpa dela por se encolher na última hora. Ainda assim, lá estavam, duas marcas de brio adolescente, e ela fez isso com a irmã, assim como passou batom pela primeira vez ou prendeu elásticos a absorventes do tamanho de uma fralda por volta de 1965. Algumas coisas não deviam ser feitas sozinha.

Ela despejou detergente na pia e começou a esfregar, a água ficando verde. Diane logo chegaria. Ela sempre aparecia no meio da semana se estivesse “no carro”, que era o modo que ela tinha de fazer a viagem de quase cinquenta quilômetros até a fazenda parecer apenas parte das tarefas de um dia. Diane riria dessa última saga de Ben. Quando Patty se preocupava com a escola, os professores, a fazenda, Ben, seu casamento, as crianças, a fazenda (depois de 1980 era sempre, sempre, sempre a fazenda), era por Diane que ela ansiava, como por uma bebida forte. Diane, sentada em uma cadeira de jardim na garagem deles, fumando um cigarro atrás do outro, chamaria Patty de idiota e mandaria que se animasse. As preocupações a encontram com muita facilidade, sem que você as convide. Em se tratando de Diane, preocupações eram quase seres físicos, criaturas porosas com ganchos no lugar de dedos, que devem ser derrotados imediatamente. Diane não se preocupava, isso era para mulheres menos vigorosas.

Mas Patty não conseguia se animar. Ben se tornara muito distante no ano anterior, transformara-se naquele garoto estranho e tenso que se trancava no quarto, fazendo coisas ao som de música que sacudia as paredes, as palavras arrotadas e gritadas escapando por baixo da porta. Palavras alarmantes. Ela inicialmente

não se dera o trabalho de escutar, a música em si era tão feia, tão frenética, mas um dia chegara em casa cedo da cidade, Ben achando que não havia ninguém em casa, e ela ficara do lado de fora da porta e escutara os berros:

Eu não sou mais
Estou destruído
O Diabo tomou minha alma
Agora sou filho de Satã

A gravação pulou e veio novamente o canto áspero: *Eu não sou mais, estou destruído, o Diabo tomou minha alma, sou filho de Satã*.

De novo. E mais uma vez. E Patty se deu conta de que Ben estava de pé junto ao toca-discos, levantando a agulha e tocando as palavras repetidamente, como uma prece.

Era Diane quem ela queria ali. Agora. Diane instalada no sofá como um urso carinhoso em uma das suas três velhas camisas de flanela, mastigando uma série de chicletes de nicotina, conversando sobre o dia em que Patty apareceu em casa de minivestido e seus pais realmente engasgaram, como se ela fosse uma causa perdida. “E você não era, era? Você era apenas uma criança. Assim como ele.” E Diane iria estalar os dedos como se fosse tão simples assim.

As meninas esperavam do lado de fora do banheiro — estariam lá quando ela saísse, aguardando. Elas sabiam, pelo modo que Patty esfregava e pelos murmúrios, que mais alguma coisa dera errado, e estavam tentando decidir se era uma situação para lágrimas ou recriminação. Quando Patty chorava, isso invariavelmente perturbava pelo menos duas de suas meninas, e, se alguém estava em apuros, a casa virava uma tempestade de culpa. As mulheres Day eram a definição de funcionamento em grupo. E lá estavam elas, em uma fazenda com muitos ancinhos.

Ela enxaguou as mãos, ressecadas, vermelhas e duras, e se olhou no espelho, assegurando-se de que os olhos não estavam úmidos. Tinha trinta e dois anos, mas parecia uma década mais velha. Sua testa estava enrugada como um leque de papel de criança, e pés de galinha surgiam do canto de seus olhos. Os cabelos ruivos eram marcados por fios brancos grossos, e ela tinha uma magreza nada atraente, toda projeções e pontas, como se tivesse engolido uma prateleira de barracão: martelos, naftalina e algumas garrafas velhas. Ela não parecia o tipo de pessoa que você iria querer abraçar, e, de fato, seus filhos nunca se aninhavam nela. Michelle gostava de escovar seus cabelos (impaciente e agressivamente, do jeito que fazia a maioria das coisas), e Debby se apoiava nela sempre que estavam de pé (frouxamente e distraída, como era típico dela). A pobre Libby tendia a não tocar na mãe, a não ser que estivesse realmente ferida, e isso também fazia sentido. O corpo de Patty havia sido tão desgastado que por volta dos vinte e cinco anos até mesmo seus mamilos tinham protuberâncias; ela dera mamadeira a Libby quase imediatamente.

Não havia armário de remédios no banheiro entulhado (o que ela faria quando as garotas chegassem ao ensino médio, um banheiro para quatro mulheres — como ficaria Ben? Teve uma rápida visão infeliz dele em um quarto de motel, sozinho em uma bagunça masculina de toalhas sujas e leite azedo), então ela mantinha um pequeno conjunto de artigos de higiene alinhados junto à pia. Ben tinha empurrado todos os frascos para um canto — desodorante, spray de cabelos, uma lata pequena de talco de bebê que ela não se lembrava de ter comprado. Agora estavam respingados com a mesma sujeira arroxeada que tomara a pia. Ela os limpou como se fossem porcelana. Patty não estava pronta para outra ida à loja de departamentos. Fora até Salina um mês antes com um humor ótimo comprar alguns itens embelezadores: condicionador, hidratante facial, batom. Colocara uma nota de vinte dólares no bolso da frente apenas para a viagem. Uma extravagância. Mas a grande variedade

de opções apenas em creme facial — hidratante, antirrugas, bloqueador solar — a esmagara. Era possível comprar um hidratante, mas então precisaria de um removedor correspondente e de algo chamado tonificante, e antes mesmo de estar pronta para o creme noturno, teria torrado cinquenta pratas. Saíra da loja sem nada, sentindo-se punida e tola.

"Você tem quatro filhos, ninguém espera que pareça uma margarida", foi o comentário de Diane.

Mas Patty queria parecer uma margarida de vez em quando. Meses antes, Runner tinha voltado, simplesmente caiu do céu com o rosto bronzeado, olhos azuis e histórias sobre os barcos de pesca no Alasca e o circuito de corridas na Flórida. Ele se plantou no umbral, alto e magro vestindo uma calça jeans suja, sem sequer atentar para o fato de que não ouviam notícias dele havia três anos, nem tinham recebido dinheiro algum. Perguntou se poderia ficar com eles até se estabelecer — naturalmente estava falido, embora tivesse dado a Debby metade de uma Coca-Cola quente que estava tomando, como se fosse um presente maravilhoso. Runner jurou que ajeitaria as coisas na fazenda e manteria tudo de forma ideal, *se ela quisesse*. Era verão, e ela deixou que Runner dormisse no sofá, para onde as meninas corriam de manhã, com ele esparramado e fedorento em cuecas rasgadas, as bolas aparecendo.

Ele encantou as garotas — chamou-as de Bonequinha, Anjinho — e até mesmo Ben o observou com atenção, entrando e saindo de cena como um tubarão. Runner não exatamente se relacionou com Ben, mas tentou conversar com ele, ser amistoso. Tratou o garoto como homem, o que era bom, dizia coisas como "Isso é trabalho de homem" e piscava para Ben. Depois da terceira semana, ele chegou de picape com um velho sofá-cama que tinha encontrado e sugeriu acampar na garagem. Parecia razoável. Ele ajudava Patty com a louça e abria portas para ela. Deixava que ela o flagrasse olhando para seu traseiro, depois fingia estar constrangido. Trocaram um

beijo com gosto de cigarro certa noite, quando ela lhe dava lençóis limpos, e ele partiu imediatamente para cima — mãos levantando sua camisa, apertando-a contra a parede, puxando sua cabeça para trás pelos cabelos. Ela o empurrou para longe, disse que não estava pronta, tentou sorrir. Ele emburrou e balançou a cabeça, olhando-a de cima a baixo com lábios crispados. Quando se despiu para dormir, ela pôde sentir o cheiro de nicotina onde ele a agarrara, logo abaixo dos seios.

Ele ficou mais um mês, espreitando, começando serviços e os deixando pela metade. Quando certo dia durante o café da manhã Patty pediu que ele fosse embora, ele a chamou de piranha, atirou-lhe um copo, deixou manchas de suco no teto. Depois que Runner foi embora, Patty descobriu que ele roubara sessenta pratas, duas garrafas de bebida e uma caixa de joias que ele logo descobriria que estava vazia. Mudou-se para um casebre decrépito a um quilômetro e meio — fumaça saía da chaminé o tempo todo, a única forma de aquecimento. Algumas vezes, ela ouvia tiros a distância, sons de balas disparadas para o alto.

Aquele seria seu último romance com o homem que era pai de seus filhos. E agora era hora de mais realidade. Patty ajeitou os cabelos secos e despenteados atrás das orelhas e abriu a porta. Michelle estava sentada no chão bem em frente, fingindo estudar as tábuas do assoalho. Avaliou Patty por detrás de óculos de lentes cinza.

— Ben está com problemas? — perguntou. — Por que fez aquilo? Com o cabelo?

— É só uma fase da adolescência, acho — disse Patty, enquanto Michelle respirava fundo, pois ela sempre engolia ar antes de dizer algo, suas frases eram correntes apertadas de palavras que continuavam a sair até ela ter que respirar novamente.

E então elas ouviram um carro subindo o caminho para casa.

A entrada de carros era comprida, demorava-se mais um minuto para chegar. De algum modo, Patty sabia que não era a irmã,

embora as meninas já estivessem berrando *Diane! Diane!* e correndo na direção da janela para olhar. Haveria suspiros tristes quando percebessem que não era Diane. De alguma forma, Patty sabia que era Len, o gerente do banco. Até mesmo a maneira como ele dirigia tinha uma vibração possessiva. Len, o Credor Promíscuo. Patty lidava com ele desde 1981. Runner havia partido, anunciando que aquele tipo de vida não era para ele, olhando ao redor como se a casa lhe pertencesse, e não a ela, a seus pais, avós.

Tudo que ele fez foi casar com ela e arruinar o lugar. Pobre Runner, seus sonhos haviam sido tão grandes nos anos setenta, quando as pessoas realmente acharam que podiam ficar ricas com agricultura. (Rá! Ela bufou alto, ali na sua cozinha, ao pensar nisso, imagine.) Ela e Runner haviam assumido a fazenda dos pais dela em 1974. Foi um grande acontecimento, ainda maior que seu casamento ou o nascimento do primogênito. Nada disso havia perturbado seus pais, doces e calmos como eram — Runner cheirava a encrenca desde então, mas, abençoados sejam, nunca disseram nada contra ele. Quando, aos dezessete anos, ela lhes contou que estava grávida e ia se casar, apenas disseram: *Ah*. Desse jeito. O que foi suficiente.

Patty tinha uma fotografia desfocada do dia em que assumiram a fazenda: seus pais, tensos e orgulhosos, sorrindo timidamente para a câmera, e ela e Runner, sorrisos triunfantes, cabelos fartos, inacreditavelmente jovens, segurando o champanhe. Seus pais nunca tinham tomado champanhe antes, mas foram de carro à cidade e compraram uma garrafa para a ocasião. Brindaram com velhos copos de geleia.

Deu errado rápido, e Patty não podia culpar totalmente Runner. Na época, todos achavam que o valor da terra continuaria a disparar — *não estão produzindo mais isso!* —, e por que não comprar mais, e melhor, o tempo todo? *Plantar de mourão a mourão* — era esse o lema. Seja agressivo, seja corajoso. Runner, com seus grandes sonhos e nenhum conhecimento, levara a mulher ao banco —

colocara uma gravata verde como um sorvete de limão, grossa como um edredom — e se equivocara ao pedir um empréstimo. Acabaram com uma dívida equivalente ao dobro do que pediram. Eles não deveriam ter aceitado, talvez, mas o credor disse para que não se preocupassem — eram tempos de bonança.

Estão simplesmente distribuindo! Runner berrara, e de repente eles tinham um trator novo e uma semeadeira de seis filas quando uma de quatro serviria. Em um ano, havia uma reluzente semeadeira Krause Dominator vermelha e uma nova colheitadeira John Deere. Vern Evelee, com seus respeitáveis duzentos hectares mais abaixo, fazia questão de mencionar cada coisa nova que via na propriedade deles, sempre erguendo um pouco a sobrancelha. Runner comprou mais terra e um barco de pesca e emburrava e resmungava como doía o fato de Patty não acreditar nele quando ela perguntava *tem certeza, tem certeza?.* Então tudo virou um inferno de uma vez só, e foi uma piada. Carter e o embargo de grãos russo (combater os comunas, esqueça os fazendeiros), taxas de juros subindo para 18%, preço do combustível subindo e então disparando, bancos quebrando, países dos quais ela mal ouvira falar — Argentina — de repente disputando mercado. Disputando com *ela* na pequena Kinnakee, Kansas. Alguns anos ruins, e Runner estava arruinado. Ele nunca perdoou Carter — falava em Carter o tempo todo. Runner se sentava com uma cerveja para assistir às más notícias na TV e quando via aqueles grandes dentes de coelho brilhando seus olhos ficavam vidrados e ele sentia tanto ódio que parecia que realmente conhecia o sujeito.

Então Runner culpou Carter, e todos os outros na cidade arrasada culpavam a ela. Vern Evelee fazia um barulho com a língua sempre que a via, um barulho constrangedor. Fazendeiros que não estavam falindo nunca se solidarizavam, olhavam para você como se tivesse brincado nua na neve e depois quisesse limpar seu nariz escorrendo neles. No verão anterior, o depósito de grãos de um fazendeiro dos arredores de Ark City desabou.

Derrubou mil e oitocentos quilos de trigo sobre ele. Esse homem de um metro e oitenta se afogou. Sufocou antes que conseguissem retirá-lo, como se engasgasse na areia. Todos em Kinnakee ficaram tristes — lamentando muito aquele *acidente bizarro* —, até descobrirem que os negócios do homem estavam indo mal. Então, de repente, era: *Bem, ele deveria ter sido mais cuidadoso*. Discursos sobre cuidar devidamente do equipamento, ter segurança. Voltaram-se contra ele num piscar de olhos, aquele pobre homem morto com os pulmões cheios da própria colheita.

Ding-dong, e ali estava Len, exatamente como ela temera, dando seu chapéu de caça de lã a Michelle, seu sobretudo pesado a Debby, batendo os pés para tirar a neve dos mocassins, que brilhavam de tão novos. Ben não os aprovaria, pensou. Ben passava horas detonando seus tênis novos, deixava as meninas se revezarem andando com eles na época em que permitia que elas se aproximassem. Libby olhou furiosa para Len do sofá e se virou novamente para a TV. Libby amava Diane e aquele homem não era Diane, aquele homem a enganara passando pela porta quando deveria ter sido Diane em seu lugar.

Len nunca dizia *olá* como cumprimento; dizia algo como se cantasse à tirolesa *o-lá-á*, e Patty tinha que suportar isso toda vez, o som que ela achava tão ridículo. Ele gritou isso enquanto ela descia o corredor, e ela teve que retornar ao banheiro e xingar por apenas um segundo, depois sorrir novamente. Len sempre a abraçava, algo que ela tinha certeza de que ele não fazia com nenhum outro fazendeiro que precisasse de seus serviços. Então, ela foi para seus braços abertos e deixou que ele cumprisse esse ritual de abraçar, em que a segurava por um instante longo demais, as mãos nos seus cotovelos. Ela podia senti-lo fazer um ruído rápido de sugar, como se a cheirasse. Ele fedia a salsicha e balas de menta. Em algum momento, Len se insinuaria de verdade, obrigando-a a tomar, de fato, uma decisão, e o jogo era tão patético que a fazia querer chorar. O caçador e a caça, mas era como um programa ruim sobre

a vida animal. Ele era um pequeno coiote de três pernas, e ela, um coelho cansado e manco. Não era magnífico.

— Como está minha fazendeira? — perguntou.

Havia um entendimento de que ela comandar a fazenda sozinha era uma espécie de piada. E, supunha, esse era o objetivo.

— Ah, resistindo — respondeu.

Debby e Michelle foram para o quarto. Libby bufou no sofá. Da última vez em que Len os visitara, eles fizeram um leilão algumas semanas depois — os Day olhando pelas janelas enquanto seus vizinhos pagavam uma mixaria pelo equipamento de que ela precisava para operar uma fazenda produtiva. Michelle e Debby haviam ficado constrangidas ao ver algumas de suas colegas de escola, as meninas Boyler, circulando com os pais como se fosse um piquenique, pulando pela fazenda. *Por que não podemos sair?*, elas choramingaram, transformando-se em borrões suplicantes-raivosos, vendo as garotas Boyler se revezando em seu balanço de pneu; poderiam muito bem ter vendido aquilo a eles também. Patty apenas continuava a repetir: *Aqueles lá fora não são nossos amigos*. Pessoas que haviam lhe enviado cartões de Natal estavam passando as mãos sobre seus arados de disco e broca, todas aquelas formas curvadas, retorcidas, oferecendo a contragosto metade do que tudo valia. Vern Evelee levou a semeadeira que tanto pareceu rejeitar um dia, fazendo o leiloeiro reduzir um pouco o valor em relação ao preço inicial. Impiedoso. Patty deparou com Vern uma semana depois na loja de rações. A nuca dele ficou rosa enquanto se afastava. Ela foi atrás dele e fez o barulho de vergonha bem em seu ouvido.

— Bem, certamente está um cheiro bom aqui — disse Len, quase ressentido. — Cheira como se alguém tivesse tomado um belo café da manhã. Panquecas?

Ela assentiu. *Por favor, não me faça perguntar por que está aqui. Por favor, diga logo de uma vez por que veio.*

— Importa-se se eu me sentar? — perguntou, enfiando-se no sofá ao lado de Libby, os braços rígidos. — Quem é esta?

Len havia encontrado as garotas pelo menos doze vezes, mas não conseguia dizer quem era quem, ou mesmo arriscar um nome. Uma vez ele chamou Michelle de “Susan”.

— Esta é Libby.

— Tem cabelos ruivos como os da mãe.

Sim, ela tem. Patty não conseguiu dizer aquilo em voz alta. Ficava mais enjoada à medida que Len postergava, seu desconforto se transformando em medo. As costas de seu suéter estavam úmidas.

— Vocês são irlandeses?

— Alemães. Meu nome de solteira era Krause.

— Ah, engraçado. Porque Krause significa encaracolado, não ruivo. Vocês, na verdade, não têm cabelos crespos. Talvez ondulados. Também sou alemão.

Eles haviam tido essa conversa antes, e Len sempre dizia a mesma coisa. Ou isso ou que era engraçado seu nome de solteira ser Krause, como a fabricante de equipamentos agrícolas, e era uma pena que não fossem parentes, não é? Tanto uma coisa quanto a outra a deixavam tensa.

— Então, há algo errado? — perguntou, finalmente desistindo.

Len pareceu desapontado por ela ser objetiva. Franziu a testa como se a achasse grosseira.

— Bem, agora que você mencionou, sim. Temo que algo esteja muito errado. Quis vir e contar pessoalmente. Quer fazer isso em algum lugar mais reservado? — perguntou, apontando com a cabeça para Libby, arregalando os olhos. — Quer ir para o quarto ou algo assim?

Len tinha uma pança. Era perfeitamente redonda sob o cinto, como o começo de uma gravidez. Ela não queria entrar no quarto com ele.

— Libby, poderia ver o que suas irmãs estão fazendo? Preciso conversar com o Sr. Werner.

Libby suspirou e deslizou para fora do sofá, lentamente: pés, depois pernas, então traseiro, e costas, como se fosse feita de borracha. Chegou ao chão, rolou elaboradamente algumas vezes, engatinhou um pouco e finalmente se colocou de pé e se arrastou pelo corredor.

Patty e Len se entreolharam, depois ele mordeu o lábio inferior e assentiu.

— Eles vão tomar a fazenda.

O estômago de Patty deu um nó. Mas ela continuou em pé. Ela não se sentaria ao lado daquele homem, não agora. Ela não iria chorar.

— O que podemos fazer?

— *Nóóóós*, temo, não temos opção. Eu os contive por seis meses, mais tempo do que deveriam ter sido contidos. Realmente arrisquei meu emprego, fazendeira.

Sorriu para ela, as mãos entrelaçadas nos joelhos. Ela queria arranhá-lo. Os colchões começaram a guinchar no outro quarto, e Patty soube que Debby estava pulando na cama, sua brincadeira preferida, saltando de uma para outra e depois para a seguinte, no quarto das meninas.

— Patty, a única forma de resolver isso é com dinheiro. Agora. Se quiser manter este lugar. Estou falando de pegar emprestado, suplicar ou roubar. Estou dizendo que acabou o tempo do orgulho. Então: quanto você quer manter esta fazenda?

As molas dos colchões rangeram com mais força. Os ovos na barriga de Patty reviraram. Len manteve o sorriso.

LIBBY DAY

HOJE

Depois que a cabeça de minha mãe foi explodida e seu corpo, quase cortado em dois por um machado, as pessoas em Kinnakee ficaram especulando se ela seria uma prostituta. Inicialmente especularam, depois supuseram, então se tornou um fato vago. Carros haviam sido vistos na casa em horas estranhas da noite, diziam as pessoas. Ela olhava para os homens do modo como uma prostituta faria. Nessas situações, Vern Evelee sempre comentava que ela deveria ter vendido sua semeadora em 1983, como se isso fosse prova de que estava se prostituindo.

Culpe a vítima, naturalmente. Mas os boatos se tornaram substanciais: todos tinham um amigo que tinha um primo que tinha outro amigo que comera minha mãe. Todos tinham alguma prova: diziam que ela tinha uma verruga no lado de dentro da coxa, uma cicatriz na nádega direita. Não acho que as histórias sejam verdadeiras, mas, como muita coisa relativa à minha infância, não posso ter certeza. Quanto você lembra de quando tinha sete anos? Fotos da minha mãe não revelam uma mulher indecente. Quando adolescente, os cabelos se projetando do rabo de cavalo como fogos de artifício, ela era a definição de boa aparência, o tipo de pessoa que nos faz lembrar de uma vizinha ou uma antiga babá de quem sempre gostamos. Na casa dos vinte, com um ou dois dos quatro filhos montados nela, o sorriso era maior, porém estressado, e ela estava sempre se afastando de um de nós. Eu a imagino constantemente rodeada pelos filhos. Nosso peso inteiro em cima dela. Na casa dos trinta, não havia muitas fotos dela. Nas poucas

existentes, ela sorri de forma obediente, um daqueles sorrisos tire-a-maldita-foto que vão desaparecer com o flash da câmera. Passei anos sem olhar as fotografias. Costumava manuseá-las obsessivamente, estudando as roupas dela, sua expressão, o que havia no fundo. Procurando pistas: de quem é aquela mão no ombro dela? Onde ela está? Que ocasião é essa? Tranquei-as quando ainda era adolescente, junto com todo o resto.

Agora olho para as caixas enquanto elas repousam sobre minha escada, opressivas. Estava me preparando para me reaproximar de minha família. Tinha levado o bilhete de Michelle ao Kill Club porque não consegui suportar abrir aquelas caixas, então enfiei a mão em um canto da caixa de papelão onde a fita soltou, e aquela foi a primeira coisa que tirei — como se minha mão fosse a garra de uma daquelas máquinas de pegar bichos de pelúcia. Se realmente levaria aquilo em frente, se realmente pensaria sobre os assassinatos depois de todos aqueles anos fazendo exatamente o oposto, eu precisava ser capaz de olhar para os objetos básicos da casa sem entrar em pânico: nosso batedor de ovos que soava como guizos quando você girava rápido demais, facas e garfos amassados que haviam estado nas bocas dos meus familiares, um ou dois livros de colorir com linhas bem definidas, caso fosse de Michelle, ou rabiscos horizontais entediados, se fosse meu.

Olhe para eles, deixe que sejam apenas objetos.

Depois decida o que vender.

Para os esquisitões do Kill Club, os itens mais desejados da casa Day não estão disponíveis. A espingarda calibre 10 que matou minha mãe — sua arma de gansos — está jogada em algum armário de provas, juntamente com o machado do nosso barracão. (Essa foi outra razão pela qual Ben foi condenado: as armas eram da nossa casa. Assassinos de fora não chegam a uma casa em que todos estão dormindo de mãos vazias simplesmente esperando encontrar armas de assassinato convenientes.) Algumas vezes tentei imaginar todas aquelas coisas — o machado, a arma, os

lençóis nos quais Michelle morreu. Todos aqueles objetos ensanguentados, fumacentos, viscosos estariam todos juntos, conspirando em alguma grande caixa? Haviam sido limpos? Se você abrisse a caixa, qual seria o cheiro? Lembrei daquele cheiro próximo de terra podre poucas horas depois do assassinato — estaria pior agora, após tantos anos de decomposição?

Fui uma vez a Chicago e vi alguns objetos ligados à morte de Lincoln em um museu: tufos de cabelo, fragmentos de bala, a dura cama na qual morrera, o colchão ainda afundado no meio como se ele soubesse que devia preservar sua última impressão. Em determinado momento, corri para o banheiro, pressionando o rosto sobre a porta fria do reservado para não desmaiar.

Como seria a casa da morte dos Day se reuníssemos todas as suas relíquias, e quem iria ali para ver? Quantas mechas dos cabelos grudados de sangue da minha mãe estariam em exposição na vitrine? O que acontecera às paredes, marcadas com aquelas palavras odiosas, quando nossa casa foi derrubada? Poderíamos recolher um buquê de juncos congelados de onde eu passara tantas horas agachada? Ou exibir a ponta do meu dedo congelado? Meus três dedos do pé perdidos?

Dei as costas às caixas — não ao desafio — e me sentei a uma escrivaninha que funcionava como mesa de jantar. O correio tinha entregado uma caixa repleta de coisas, enviada por Barb Eichel. Uma fita de vídeo de 1984 intitulada *Ameaça à inocência: Satanismo na América*, um pacote de recortes de matérias de jornal sobre os assassinatos, algumas fotos polaroides de Barb em pé na frente do tribunal onde acontecia o julgamento de Ben, um manual gasto intitulado *Sua família na prisão: Supere as grades!*

Tirei o clipe de papel que prendia as matérias de jornal e o coloquei em meu porta-clipes na cozinha (ninguém nunca deveria comprar clipes, canetas — essas coisinhas de material de escritório). Depois coloquei a fita de vídeo em meu videocassete muito velho. Clique, zum, ploct. Imagens de pentagramas e homens-

bode, bandas de rock berrando e pessoas mortas surgiram na tela. Um homem com um belo mullet com laquê caminhava junto a uma parede grafitada explicando que “Este vídeo o ajudará a identificar satanistas e até buscar os sinais de que seu ente querido pode estar flertando com este perigo muito real”. Ele entrevistava pregadores, policiais e alguns “satanistas de verdade”. Os dois satanistas mais poderosos tinham delineador nos olhos, túnicas pretas e pentagramas pendurados nos pescoços, mas estavam sentados numa sala, em um sofá de veludo barato, e era possível ver a cozinha à direita, onde uma geladeira amarela zumbia em um piso de linóleo de cor viva. Podia imaginá-los depois da entrevista procurando salada de atum e uma Coca-Cola na geladeira, as capas atrapalhando. Parei o vídeo quando o apresentador estava alertando os pais a vasculhar os quartos dos filhos em busca de bonecos do He-Man e tabuleiros ouija.

Os recortes eram igualmente inúteis, e eu não tinha ideia do que Barb queria que eu fizesse com suas fotos. Eu me sentei, derrotada. E preguiçosa. Poderia ter ido à biblioteca estudar as coisas direito. Poderia ter colocado acesso à internet em casa três anos antes, quando disse que o faria. Nada disso parecia ser uma opção naquele momento — eu me cansava facilmente —, então telefonei para Lyle. Ele atendeu no primeiro toque.

— Eeeiiii, Libby. Ia ligar para você. Realmente queria me desculpar por semana passada. Você talvez tenha se sentido encurralada, e isso não deveria acontecer.

Belo discurso.

— É, realmente foi horrível.

— Acho que não me dei conta de que todos tínhamos nossas teorias, mas que nenhuma delas incluía Ben ser culpado. Não havia pensado nisso. E não me dei conta. Não levei em consideração. Foi isso. Você sabe, isso é de verdade para você. Quero dizer, eu sei disso, nós sabemos disso, mas *não* ao mesmo tempo. Nós realmente nunca saberemos. Ao menos acho que não. Eu entendi

perfeitamente. Você passa muito tempo discutindo e debatendo e se torna... Mas, bem, eu lamento.

Eu não queria gostar de Lyle Wirth, pois já havia decidido que ele era um cretino. Mas apreciei o pedido de desculpas, que me pareceu sincero, do modo como uma pessoa incapaz de distinguir notas musicais desfruta de uma bela canção. Não posso fazer isso, mas posso aplaudir essa atitude dos outros.

— Bem — eu disse.

— Decididamente há membros que ainda gostariam de adquirir qualquer, você sabe, lembrança que queira vender. Se for por isso que está ligando.

— Ah, não. Eu só estava pensando. Tenho pensado muito sobre o caso.

Poderia muito bem ter dito *ponto ponto ponto* em voz alta.

* * *

Nós nos encontramos em um bar mais ou menos perto da minha casa, um lugar chamado Sarah's, que sempre me pareceu um nome estranho para um bar, mas era bem agradável, bastante espaçoso. Não gosto de pessoas em cima de mim. Lyle já estava sentado, mas se levantou quando entrei e se curvou para me abraçar, o gesto exigindo muita elasticidade do seu corpo alto. A lateral dos seus óculos acertou minha bochecha. Ele vestia outra jaqueta ao estilo anos oitenta — de brim, coberta de bótons com slogans. Se beber, não dirija, gentiliza gera gentileza, vote consciente. Fez um barulho metálico ao se sentar novamente. Lyle era cerca de dez anos mais novo que eu, imaginei, e não conseguia descobrir se seu visual era intencionalmente um retrô irônico ou apenas bobo.

Ele começou a se desculpar novamente, mas eu não queria mais disso. Estava farta, obrigada.

— Veja, nem de longe estou dizendo que comprei a ideia de que Ben é inocente, ou que cometi algum erro em meu depoimento.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas a fechou de novo.

— No entanto, se eu quisesse ir mais fundo, o clube seria capaz de ajudar a financiar? Pagar por meu tempo, de certa forma?

— Uau, Libby, é uma grande notícia saber que você está interessada em ir mais fundo nisso — disse Lyle.

Odiei esse tom de criança, como se ele não se desse conta de que conversava com alguém mais velho. Lyle era do tipo que, quando a aula terminava e os garotos estavam inquietos para sair, realmente tinha mais perguntas para o professor.

— Quero dizer, todos temos teorias sobre o caso, mas você conseguiria abrir muito mais portas do que qualquer outro — disse Lyle, a perna sacudindo sob a mesa. — Quero dizer, as pessoas realmente *querem* falar com você.

— Certo.

Apontei para a jarra de cerveja ao lado de Lyle, que me serviu um pouco em um copo de plástico, mais espuma que cerveja. Depois passou o dedo no nariz e o colocou na cerveja, baixando a espuma com a gordura, e serviu mais.

— Então. Em que tipo de remuneração você estava pensando? — perguntou, dando-me o copo, que coloquei na minha frente pensando em se bebia ou não.

— Acho que teria que ser caso a caso — respondi, fingindo estar pensando nisso pela primeira vez. — Dependendo de quão difícil for encontrar a pessoa e quais perguntas vocês quiserem que faça.

— Bem, acho que teríamos uma longa lista de pessoas com quem gostaríamos que você falasse. Realmente não tem nenhum contato com Runner? Ele estaria no topo da maioria das listas.

O bom e velho Runner perturbado da cabeça. Ele me ligara uma vez nos últimos três anos, murmurando loucamente ao telefone, soluçando de tanto chorar e pedindo que mandasse dinheiro. E mais nada, desde então. Droga, não foram muito mais vezes antes, também. Ele apareceu esporadicamente no julgamento de Ben, algumas vezes com uma velha gravata e paletó, na maioria das

vezes usando a roupa com que dormira, sempre tão bêbado que ficava encostado pelos cantos. Finalmente a defesa de Ben pediu que ele parasse de ir. Pegava mal.

Agora era ainda pior, com todos no Kill Club dizendo acreditar que ele era o assassino. Eu sabia que ele passara pela cadeia três vezes antes dos assassinatos, mas apenas devido a bobagens no interior. Ainda assim, o cara sempre tinha dívidas de jogo — Runner apostava em tudo: esportes, corridas de cachorros, bingo, se ia chover ou fazer sol. E devia pensão à minha mãe. Matar todos nós seria uma boa forma de se livrar dessa obrigação.

Mas eu não conseguia imaginar Runner se safando, ele não era tão inteligente e definitivamente não era ambicioso o bastante. Nem sequer conseguia ser pai da única filha sobrevivente. Ele circulou alguns anos por Kinnakee depois dos assassinatos, sumia por alguns meses, me enviando caixas de Idaho, Alabama, Winner, Dakota do Sul: dentro havia estatuetas, compradas em paradas de caminhão, de garotinhas com olhos grandes segurando guarda-chuvas ou gatinhos, que sempre estavam quebradas quando chegavam a mim. Sabia que ele tinha voltado à cidade não porque ia me visitar, mas porque acendia aquele fogo fedorento no casebre no alto da montanha. Diane cantava “Poor Judd Is Dead” quando o via na cidade, o rosto envolto por fumaça. Havia algo ao mesmo tempo triste e assustador nele.

Provavelmente foi uma bênção ele ter escolhido me evitar. Quando voltou a morar conosco, naquele último verão antes do fim, tudo o que fazia era me provocar. Inicialmente era brincadeira, do tipo *peguei seu nariz*, depois era só por maldade. Um dia ele voltou da pescaria, pisoteando a casa com suas grandes botas molhadas, batendo na porta do banheiro quando eu estava na banheira, só para me sacanear. *Vamos lá, abra, tenho uma surpresa para você!* Ele escancarou a porta, o cheiro de cerveja entrando junto. Tinha algo aninhado nos braços, ele os abriu e jogou um bagre vivo de sessenta centímetros na água comigo. Foi a falta de sentido que me

assustou. Tentei sair da banheira, a pele viscosa do peixe deslizando sobre a minha, sua boca com barbilhões se abrindo, aquela coisa pré-histórica. Eu poderia colocar meu pé naquela boca e o peixe teria deslizado até em cima, apertado como uma bota.

Eu me joguei pela lateral da banheira, ofegando no tapete, Runner gritando comigo para parar de chorar como um maldito bebê. *Todos os meus filhos são uns idiotas medrosos*.

Não conseguimos tomar banho por três dias, porque Runner estava cansado demais para matar a coisa. Acho que herdei dele a minha preguiça.

— Nunca sei onde Runner está. Da última vez que soube dele, estava em algum lugar do Arkansas. Mas isso faz um ano. No mínimo.

— Bem, poderia ser uma boa ideia tentar rastreá-lo. Algumas pessoas decididamente iriam querer que você falasse com ele. Embora não ache que Runner tenha feito isso. Talvez seja o que faça mais sentido; dívidas, histórico de violência.

— Maluquice.

— Maluquice — repetiu Lyle, sorrindo animado. — Mas ele não parece inteligente o suficiente para fazer isso. Sem querer ofender.

— Não ofendeu. Então, qual é a sua teoria?

— Ainda não estou exatamente pronto para partilhar isso — disse, dando um tapinha em uma pilha de pastas ao seu lado. — Primeiro vou deixar você ler os fatos relativos ao caso.

— Ah, pelo amor de Deus — falei, dando-me conta de que aquela era uma frase frequentemente dita por minha mãe. *Pelo amor de Deus, vamos logo, onde estão minhas chaves?*

— Então, se Ben é realmente inocente, por que ele não tenta sair da prisão? — perguntei.

Minha voz ficou aguda, urgente na última parte, um choramingo de criança: mas *por que* não posso ter *sobremesa?* Eu me dei conta de que estava secretamente esperando que Ben fosse inocente, que voltasse para mim, o Ben que eu conheci antes de começar a

ter medo dele. Deixei vir à minha mente um perigoso vislumbre dele fora da prisão, caminhando até minha casa, com as mãos nos bolsos (outra lembrança que retornou assim que me permiti voltar a pensar: Ben com as mãos sempre enfiadas no fundo dos bolsos, sempre envergonhado). Ben sentado à minha mesa de jantar, caso eu tivesse uma, alegre, perdoando, sem problemas. Se ele fosse inocente.

Se "ses" e "mas" fossem doces e nozes, todos teríamos um Natal muito feliz, ouvi minha tia Diane falando alto em minha cabeça. Aquelas palavras foram a infelicidade da minha infância, uma lembrança constante de que nada dava certo, não apenas para mim, mas para todos, e por isso alguém tinha inventado um ditado como esse. Então todos sabíamos que nunca teríamos aquilo de que precisávamos.

Porque — *lembre-se, lembre-se, lembre-se, Pequena Day* — Ben estava em casa naquela noite. Quando saí da cama para ir ao quarto da minha mãe, vi a porta dele fechada, com luz escapando por baixo. E murmúrios vindos de dentro. Ele estava lá.

— Talvez você devesse perguntar a ele, fazer de Ben sua primeira parada.

Ben na prisão. Passei os últimos vinte e tantos anos me recusando a pensar naquele lugar. Agora eu imaginava meu irmão lá, atrás do arame, atrás do concreto, descendo um corredor de pedra cinza, dentro de uma cela. Será que tinha fotos da família em algum lugar? Será que era permitido? Novamente me dei conta de que não sabia nada sobre a vida de Ben. Não sabia sequer como era uma cela, a não ser pelo que vira nos filmes.

— Não, não Ben. Não ainda.

— Isso tem a ver com dinheiro? Pagaríamos a você por isso.

— Isso tem a ver com muitas coisas — resmunguei.

— Ceeeerto. Então quer investigar Runner? Ou... O quê?

Ficamos sentados em silêncio. Nenhum dos dois sabia o que fazer com as mãos; não conseguíamos manter contato visual.

Quando criança, sempre havia alguém me mandando ir brincar com outras crianças — os analistas insistiam que eu devia interagir com grupos. Meu encontro com Lyle estava sendo assim: aqueles primeiros dez minutos soltos, horríveis, quando os adultos haviam saído e nenhuma das crianças sabe o que a outra quer, então você fica ali, perto da TV que mandaram você deixar desligada, mexendo na antena.

Estiquei a mão para a tigela de amendoins com casca, quebradiças e leves como cascas de besouro. Joguei algumas na minha cerveja para pegar o sal. Eu as cutuquei. Elas boiaram. Todo o meu esquema parecia surpreendentemente infantil. Eu realmente conversaria com pessoas que poderiam ter matado minha família? Eu realmente tentaria *solucionar* algo? Eu estava começando a acreditar, ou a desejar de verdade, que Ben era inocente? E, se ele fosse mesmo inocente, isso não fazia de mim a maior desgraçada da história? Tive aquela sensação esmagadora de quando estou prestes a desistir de um plano, aquela grande golfada de ar quando percebo que minha jogada genial tem falhas e não tenho o cérebro ou a energia para eliminá-las.

Não era uma opção voltar para a cama e esquecer a coisa toda. Meu aluguel estava vencendo e eu logo precisaria de dinheiro para comida. Podia viver de uma pensão do governo, mas isso significaria descobrir como receber uma pensão, e provavelmente eu passaria fome antes de acabar com a papelada.

— Vou falar com Ben — murmurei. — Devo começar por aí. Mas vou precisar de trezentos dólares.

Disse isso achando que não conseguiria, mas Lyle enfiou a mão em uma velha carteira de náilon, mantida fechada por fita adesiva, e tirou trezentos dólares. Não pareceu infeliz.

— Onde você consegue todo esse dinheiro, Lyle?

Ele pareceu crescer um pouco com isso, endireitou-se na cadeira.

— Sou tesoureiro do Kill Club; tenho uma certa quantia em um fundo à minha disposição. Este é o projeto no qual decidi usá-la — disse Lyle, suas pequenas orelhas ficando vermelhas, como embriões com raiva.

— Você está desviando dinheiro.

De repente passei a gostar mais dele.

BEN DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
10H18

Era uma hora de bicicleta da fazenda até a cidade de Kinnakee. Pelo menos uma hora em um ritmo bom, quando o frio não queimava seus pulmões e não pingava sangue de sua bochecha. Ben programava seu trabalho na escola para os momentos em que ela estava mais vazia — tipo, nunca ia lá em um sábado, porque era quando a equipe de luta usava o ginásio. Era doloroso demais segurar um esfregão quando todos aqueles caras grandes, musculosos e barulhentos circulavam, cuspindo fumo no chão que você tinha acabado de limpar e depois olhavam para você meio culpados, meio desafiando você a dizer algo.

Hoje era quarta-feira, mas ainda feriado de Natal, então o lugar estaria calmo — bem, a sala de musculação estava sempre cheia, sempre produzindo aquele som de coração metálico pulsando. Mas era cedo. Cedo era sempre melhor. Ele normalmente ia de oito da manhã ao meio-dia, esfregava, arrumava e polia, como o maldito idiota que era, e dava o fora antes que alguém o visse. Algumas vezes Ben se sentia como um elfo de conto de fadas, que se esgueirava para dentro e deixava tudo impecável sem ninguém perceber. Os garotos ali não se preocupavam em deixar as coisas limpas: jogavam uma caixinha na direção de uma lata de lixo, o leite caindo pelo chão, e simplesmente ignoravam. Deixavam carne moída cair na cadeira da lanchonete, e ela ficava ali, secando, para que alguém desse um jeito. Ben fazia o mesmo, simplesmente porque era o que todos faziam. Ele até deixou cair recheio de

sanduíche de atum no chão e olhou para cima, como se não valesse a pena cuidar daquilo, quando era ele mesmo o cara que estaria lidando com aquilo em alguns dias. Era a coisa mais idiota, realmente ele estava agredindo a si mesmo.

Era uma bosta lidar com aquela merda qualquer que fosse o momento, e era pior ainda lidar com ela quando havia outros garotos por perto tentando evitar vê-lo. Mas hoje ele iria correr o risco, seguir em frente e cumprir seu turno. Diondra estava indo a Salina de manhã fazer compras. A garota tinha pelo menos vinte calças jeans, todas parecendo iguais para Ben, e ela precisava de mais, de uma marca especial. Ela as usava largas, enrolava a barra na altura dos tornozelos com aquelas meias grossas aparecendo. Ele sempre se preocupava em elogiar os jeans novos, e Diondra então dizia imediatamente: *mas e as meeeeias?* Era uma piada, mas não exatamente. Diondra só usava meias Ralph Lauren — que custavam tipo vinte dólares o par, um fato que revirava o estômago de Ben. Ela tinha uma cômoda inteira cheia de meias — com losangos, bolinhas e listras, todas tendo no alto o cavaleiro no meio da tacada. Ben fizera as contas: devia haver quatrocentos dólares em meias naquela cômoda, paradas ali como uma caixa de frutas da Flórida — valendo provavelmente metade do que sua mãe ganhava em um mês. Bem, gente rica precisa de coisas para comprar, e meias provavelmente eram coisas tão boas quanto qualquer outra. Diondra era estranha, não exatamente chique — era grossa e selvagem demais para se encaixar nesse grupo —, mas também não totalmente da turma do metal, embora ouvisse Iron Maiden aos berros, adorasse couro e fumasse toneladas de maconha. Diondra não pertencia a nenhum grupo, era apenas a Garota Nova. Todos a conheciam e, ao mesmo tempo, ninguém a conhecia. Ela morou em toda parte, mas passou mais tempo no Texas, e sua frase padrão para quando ela queria fazer algo que você talvez desaprovasse era “É assim que fazem no Texas”. Não

importava o que fosse, estava tudo bem, porque era como faziam no Texas.

Antes de Diondra, Ben apenas se deixava levar: era um garoto da fazenda pobre e quieto, que andava com outros garotos da fazenda em um canto discreto da escola. Não eram suficientemente estúpidos para serem agredidos; nunca eram provocados. Eram o ruído de fundo do pessoal do ensino médio. Para ele isso era pior do que ser humilhado. Bem, talvez não, havia aquele garoto com grandes bifocais, um menino que Ben conhecia desde o jardim de infância e que sempre fora esquisito. O garoto tinha cagado nas calças na primeira semana de aulas do ensino médio — as histórias variavam sobre o modo como acontecera: numa ele soltava bolos de merda pelo short enquanto escalava a corda na aula de educação física, em outra jogava uma carga na sala de aula, e havia ainda mais três versões. O importante é que ele ficou conhecido como Short Cagado para sempre. Ele mantinha a cabeça baixa nos intervalos, aqueles óculos do tamanho da lua apontados para o chão, e ainda assim algum valentão dava um tapa na cabeça dele dizendo: “Ei, Short Cagado!” Ele simplesmente continuava andando, um sorriso sinistro no rosto, como se fingisse estar na brincadeira. Então, sim, havia coisas piores do que não ser notado, mas Ben não gostava daquilo, não queria ser o mesmo Garoto Ruivo Legal e Quieto que era desde o primeiro ano. Frouxo e entediante.

Então, cacete, muito obrigado a Diondra por mudá-lo, pelo menos em particular. Ela, na verdade, atingiu-o com o carro, foi como se conheceram. Era verão — orientação para alunos calouros e transferidos. Três horas infelizes depois, enquanto atravessava a pé o estacionamento da escola, ela foi para cima dele. Acertou-o com o capô. Saltou, berrando com ele — *Que porra há de errado com você?* —, o hálito cheirando a *wine cooler*, as garrafas rolando no piso do CRX dela. Quando Ben se desculpou — ele *se desculpou* com ela — e Diondra percebeu que ele não ficaria com raiva, ela se tornou realmente doce, ofereceu uma carona para casa, mas, em

vez disso, levou-o para fora da cidade, estacionou e bebeu mais *wine coolers*. Diondra disse que se chamava Alexis, mas, depois de um tempo, contou que havia mentido. Era Diondra. Ben disse que ela nunca deveria mentir sobre um nome legal como aquele, o que a deixou feliz, e um pouco mais tarde Diondra disse: “Quer saber, você tem uma cara realmente legal.” Alguns segundos depois, falou “Quer transar?”, e então estavam transando, para ele não era a primeira vez, mas a segunda. Após uma hora, Diondra teve que ir, mas disse que ele era um ótimo ouvinte, realmente era muito legal ele ser tão bom ouvinte. Depois de tudo, ela não teve tempo de levá-lo em casa. Deixou-o exatamente onde o havia atropelado.

Então eles começaram a namorar. Ben, na verdade, não conhecia os amigos da namorada e nunca ficava com ela na escola. Diondra entrava e saía da escola como um beija-flor, algumas vezes aparecia, outras não. Era suficiente vê-la nos fins de semana, na casa dela, onde a escola não importava. Estar com ela o modificara, ele simplesmente estava mais *lá*.

Quando Ben chegou a Kinnakee pedalando, havia um punhado de picapes e carros esportivos amassados no estacionamento da escola. Ou seja, havia jogadores de basquete, além de lutadores. Ele sabia quem dirigia cada carro. Pensou em se mandar, mas Diondra levaria horas para chegar, e ele não tinha dinheiro para ficar de bobeira na lanchonete — o dono ficava maluco com os garotos fazendo hora lá sem comprar nada. Além disso, ficar sentado sozinho em uma lanchonete no feriado de Natal era ainda pior do que trabalhar. Por que sua a mãe era tão estressada? A mãe e o pai de Diondra não se importavam com o que ela fazia — passavam metade do tempo fora da cidade, na casa do Texas. Mesmo quando Diondra foi suspensa por faltar às aulas duas semanas inteiras, no mês anterior, a mãe dela apenas rira. *Quando o gato sai..., não é, querida? Mas pelo menos tente fazer o dever de casa*.

A entrada dos fundos da escola estava trancada, então ele teve que passar pelos vestiários. O cheiro de pele e desodorante de pés

o atingiu assim que entrou. O barulho abafado da quadra de basquete acima e os estalos na sala de musculação pelo menos garantiam que os vestiários estariam vazios. Do lado de fora, no corredor, Ben ouviu um único longo grito — *Cooooper! Segureeee!* — ecoar no piso de mármore como um grito de guerra. Tênis correram pelo saguão, uma porta de metal foi aberta com uma pancada, e então tudo ficou relativamente quieto. Apenas barulho de ginásio e sala de musculação: tum-tum, clanque, tum.

Os atletas da escola tinham um acordo de confiança, um sinal de coleguismo, de nunca colocar cadeados nos armários. Em vez disso, amarravam cadarços grossos nas travas onde ficaria um cadeado. Havia pelo menos doze cadarços brancos nos armários e, como sempre, Ben ficou pensando em olhar dentro de um. De que porra esses caras realmente precisavam? Se você tinha armários na escola para os livros, o que ficaria guardado no vestiário? Havia desodorantes ou cremes, algum tipo de roupa de baixo que ele não tinha? Todos usavam o mesmo tipo de suporte atlético? Tum-tum, clanque, tum. Um cadarço estava caído, sem nó, uma puxada rápida e o armário se abriria. Antes que pudesse mudar de ideia, tirou a corda e, suave e silenciosamente, levantou a trava de metal. Dentro do armário não havia nada interessante: shorts embolados no fundo, uma revista de esporte enrolada, uma bolsa esportiva pendurada em um gancho. A bolsa parecia conter alguns objetos, então Ben se inclinou e a abriu.

— Ei!

Ele se virou, a bolsa balançando loucamente no gancho e caindo no fundo do armário. O Sr. Gruger, o treinador de luta livre, estava de pé com um jornal na mão, seu rosto áspero e manchado, distorcido.

— Que porra você acha que está fazendo nesse armário?

— Eu, ahn, ele estava aberto.

— Como?

— Estava aberto, eu vi que estava aberto — disse Ben.

Ele o fechou o mais silenciosamente possível. Por favor, bostabostabosta, apenas não deixe ninguém do time voltar, pensou Ben. Podia imaginar todos os rostos raivosos virados para ele, os apelidos que viriam.

— Estava aberto? Por que você estava mexendo nele?

Gruger deixou a pergunta no ar, não se moveu, não deu qualquer indício do que iria fazer, qual era o tamanho do problema. Ben tentou apenas olhar para o chão, esperando pela bronca.

— Perguntei o que você estava fazendo no armário — disse Gruger, batendo o jornal na mão gorda.

— Não sei.

O velho simplesmente ficou ali de pé, Ben o tempo todo pensando: *apenas grite e acabe com isso*.

— Você ia pegar alguma coisa?

— Não.

— Então por que estava mexendo nele?

— Eu só estava... — interrompeu a si mesmo antes de recomeçar. — Eu achei que tinha visto algo.

— Você achou que tinha visto algo? O quê?

Ben repassou as coisas proibidas: animais, drogas, revistas de mulher pelada. Imaginou fogos de artifício e pensou por um segundo em dizer que o armário estava pegando fogo, ser um herói.

— Ahn, fósforos.

— Você achou que tinha visto fósforos?

O sangue no rosto de Gruger passara das bochechas diretamente para a pele sob seu corte rente bagunçado.

— Eu queria um cigarro.

— Você é o garoto da limpeza, certo? Day alguma coisa?

Gruger fez o nome soar bobo, feminino. Os olhos do treinador examinaram o corte na testa de Ben, depois foram claramente para seus cabelos.

— Você pintou o cabelo.

Ben ficou parado sob sua cabeleira preta e sentiu ser rotulado e descartado, colocado em um grupo de perdedores, drogados, covardes, maricas. Teve a certeza de ouvir essa palavra grunhir na mente do treinador — o lábio superior de Gruger contraído.

— Saia daqui. Vá limpar algum outro lugar. Não volte até termos ido. Você não é bem-vindo aqui. Entendeu?

Ben assentiu.

— Por que não diz em voz alta, apenas para ficarmos entendidos?

— Não sou bem-vindo aqui — murmurou Ben.

— Agora vá.

Ele disse isso como se Ben fosse um menino, um garoto de cinco anos sendo mandado de volta para a mãe. Ben foi.

Subindo as escadas até o armário úmido do faxineiro, uma gota de suor escorreu por suas costas. Ben não estava respirando. Ele se esquecia de respirar quando sentia muita raiva. Tirou o balde de tamanho industrial e o levou à pia de forma barulhenta, colocou água quente, jogou o produto de limpeza com cor de mijo, vapores de amônia fazendo seus olhos arderem. Então o recolocou no carrinho. Havia enchido demais o balde, e ele tombou quando tentou passá-lo pela beirada da pia, derramando mais dois litros de água na sua frente. Virilhas e pernas ficaram encharcadas. Parecia que ele tinha se mijado, Garoto da Faxina Day. A calça jeans grudou em suas coxas, ficou rígida. Ele teria três horas de um trabalho de merda com a virilha molhada e a calça jeans dura como papelão.

— Foda-se, otário — murmurou. Chutou a parede com uma bota de trabalho, arrancando reboco, e bateu com a mão na parede. — Foooooooda-se! — berrou, a voz ficando aguda no final.

Esperou no armário como um covarde, preocupado que Gruger rastreasse o grito e decidisse foder com ele um pouco mais.

Nada aconteceu. Ninguém estava tão interessado em ver o que acontecia no armário do faxineiro.

* * *

Ele deveria ter limpado uma semana antes, mas Diondra choramingou que era oficialmente feriado de Natal, e ele deixou para lá. Então a lata de lixo da lanchonete estava cheia de latas de refrigerante pingando, embalagens de sanduíche cobertas de salada de frango e porções mofadas do último almoço especial de 1984, um hambúrguer com molho de tomate doce. Tudo podre. Ele ficou com um pouco de tudo no moletom e na calça, então, além de amônia e suor, cheirava a comida estragada. Não podia ir à casa de Diondra nessas condições, ele era um idiota de ter combinado desse modo, para início de conversa. Teria que pedalar para casa, lidar com a mãe — haveria um discurso de trinta minutos lá —, tomar banho e pedalar de volta até a casa de Diondra. Isso se sua mãe não o colocasse de castigo. Foda-se, ele sairia mesmo assim. Era seu corpo, seu cabelo. Seu cabelo preto fodido de viado.

Esfregou os pisos, depois recolheu o lixo em todas as salas de professores — sua tarefa preferida, porque parecia muito mais significativo reunir aquele monte de papel amassado, leve como folhas. Sua última obrigação era esfregar o corredor que ligava o ensino médio ao fundamental (que tinha o próprio aluno-faxineiro constrangido). O corredor era coberto de avisos chamativos sobre futebol americano, atletismo e oficinas de teatro no lado do ensino médio, depois ia aos poucos se transformando no território das crianças, as paredes cobertas com letras do alfabeto e redações sobre George Washington. Portas azuis brilhantes marcavam a entrada do fundamental, mas eram como enfeites; nem sequer tinham trancas. Ele esfregou o caminho até a Cidade das Crianças e jogou o esfregão no balde, chutando tudo para longe. O balde deslizou suavemente pelo piso de concreto e atingiu a parede, derramando um pouco.

Ele estudara na Kinnakee Grade School desde o jardim de infância; tinha mais ligação com aquele lado do prédio do que com o

lado onde estava agora, parte da sua rejeição grudada nele.

Pensou em abrir a porta, vagar pelo silêncio do outro lado, e era exatamente o que estava fazendo. Apenas dizendo um “oi” para o velho lugar. Ben ouviu a porta se fechar atrás dele e ficou mais relaxado. As paredes ali eram amarelo-limão, com mais decoração do lado de fora das salas de aula. Kinnakee era suficientemente pequena para que cada série tivesse apenas uma turma. O ensino médio era diferente, duas vezes maior, porque outras cidades mandavam seus adolescentes para lá. Mas o fundamental era sempre agradável e aconchegante. Viu na parede um sol sorridente de feltro, com Michelle D., dez anos, escrito ao lado. E havia um desenho de um gato com colete e sapatos de fivela — ou talvez fossem saltos altos; de qualquer forma, o gato sorria e dava um presente a um rato que segurava um bolo de aniversário. Libby D., primeira série. Olhou, mas não viu nada de Debby, e não tinha certeza se a garota sabia desenhar, pensando nisso apenas naquele momento. Ela tentou ajudar a mãe a assar biscoitos uma vez, fungando alto e estragando a receita, e depois comendo mais massa do que cozinhando. Debby não era o tipo de criança que tinha algo colado na parede.

Ao longo do corredor havia latas amarelas em que os alunos podiam guardar objetos pessoais, o nome de cada criança escrito em fita adesiva na sua respectiva lata. Olhou na de Libby e encontrou uma bala de hortelã parcialmente chupada e um clipe de papel. A de Debby tinha um saco de comida que fedia a mortadela; a de Michelle, uma caixa de canetinhas hidrográficas ressecadas. Olhou algumas outras só para conferir e percebeu como continham muito mais coisas. Caixas com sessenta e quatro lápis de cera, carros de brinquedo e bonecas a pilha, resmas grossas de papelão, chaveiros, cartelas de adesivos e sacos de balas. Triste. É o que acontece quando você tem mais filhos do que pode cuidar, pensou. Era o que Diondra sempre dizia quando ele mencionava as

dificuldades em casa: *Bem, sua mãe então não deveria ter tido tantos bebês*. Diondra era filha única.

Ben começou a voltar para o lado do ensino médio e se viu examinando as latas da quinta série. Ali estava ela, a garotinha Krissi, que tinha uma queda por ele. Escrevera seu nome em letras verdes brilhantes e desenhara uma margarida ao lado. Bonitinho. A garota era a definição de bonitinha, como algo em um comercial de cereal — cabelos louros, olhos azuis e bem cuidada. Diferentemente das suas irmãs, as calças jeans dela sempre lhe caíam bem, eram limpas e passadas; a cor das camisas combinava com a das meias, dos prendedores de cabelos ou o que quer que fosse. Não tinha hálito de comida, como Debby, nem arranhões nas mãos, como Libby. Como todas elas. Suas unhas eram sempre pintadas de rosa brilhante, e se podia dizer que eram feitas pela mãe. Ele apostava que a lata estava cheia de bonecas Moranguinho e outros brinquedos com cheiro bom.

Até mesmo seu nome era correto — Krissi Cates era um nome legal por natureza. Quando chegasse ao ensino médio seria animadora de torcida, aqueles cabelos louros compridos descendo pelas costas, e provavelmente teria esquecido que um dia foi doida por este garoto mais velho chamado Ben. Ele teria o que, então, vinte? Talvez viesse de carro com Diondra de Wichita para um jogo, e ela olhasse para a torcida no meio de um pulo e o visse, abrisse um grande sorriso, acenasse animada, e Diondra desse sua gargalhada e dissesse: “Não é suficiente que metade das mulheres de Wichita estejam apaixonadas por você, ainda tem que provocar pobres garotas do ensino médio também?”

Ben poderia nunca ter conhecido Krissi — ela estava uma série acima de Michelle —, mas ele tinha sido recrutado certo dia no começo do ano letivo. A Sra. Nagel, que sempre gostou dele, solicitou que Ben ajudasse a monitorar a turma de artes depois da aula. Só aquele dia. O monitor habitual havia faltado. Ele deveria voltar direto para casa, mas sabia que sua mãe não poderia ficar

irritada com ele por ajudar com os pequenos — sempre insistia para que ajudasse com as irmãs em casa —, e misturar tinta era muito mais atraente do que carregar esterco. Krissi era uma das garotas, mas não parecia muito interessada em pintura. Apenas espalhava a coisa com o pincel até todo o papel ficar marrom-cocô.

— Você sabe o que isso parece — disse ele.

— Caca — retrucou ela, e começou a rir.

Era sedutora, mesmo para uma criança. Estava claro que nascera bonitinha e simplesmente supunha que as pessoas gostariam dela. Bem, ele gostou. Conversavam entre longos silêncios.

Então, onde você mora?

Colocar, bater, pincelar. Molhar o pincel na água e repetir.

Perto de Salina.

E vem de lá para a escola?

Ainda não terminaram minha escola. Ano que vem vou para uma perto de casa.

É uma viagem longa.

Cadeira guinchando, ombro caindo.

É. Eu odeio. Tenho que esperar horas depois da escola até meu pai me pegar.

Bem, arte é legal.

Acho que sim. Mas eu gosto mais de balé, é o que faço no fim de semana.

Balé no fim de semana dizia muito. Provavelmente era uma daquelas crianças com uma piscina no quintal, ou uma cama elástica. Pensou em contar que tinham vacas em casa — ver se ela gostava de animais —, mas achou que já estava muito ansioso com ela. Era uma criança, ela devia estar tentando impressionar.

Ele se ofereceu como voluntário para a aula de artes o restante daquele mês, provocando Krissi por causa de seus desenhos ruins (*o que isso deveria ser, uma tartaruga?*) e deixando que ela falasse sobre balé (*não, seu grande pateta, é o BMW do meu pai!*). Certo

dia, corajosa, ela foi para a parte do prédio do ensino médio e estava esperando junto ao seu armário vestindo calça jeans com borboletas de lantejoulas no bolso e uma camisa cor-de-rosa que tinha calombos do tamanho de chicletes onde os seios estariam. Ninguém a incomodava, a não ser uma garota maternal que tentou conduzi-la ao lado certo do prédio.

— Estou bem — disse a ela, jogando os cabelos e se virando para Ben. — Só queria lhe dar isto.

Deu a ele um bilhete, dobrado em forma de triângulo, com o nome dele escrito em letras gordinhas na frente. Então saiu andando, animada, parecendo não perceber que tinha metade do tamanho da maioria das crianças ao seu redor.

Um dia eu estava na aula de artes e conheci um
garoto chamado Ben.
Era seu coração que eu sabia que iria conquistar.
Tem cabelos ruivos e uma pele de arrasar.
Você vai topar?

Embaixo dos versos, em letra menor, ela deixou um aviso de que uma carta maior seria escrita depois.

Ele já tinha visto amigos de amigos com bilhetes como aquele, mas nunca havia recebido um. Em fevereiro do ano anterior, ele recebeu três cartões de dia dos namorados: um da professora, porque ela tinha que escrever para os alunos, um da garota legal que escrevia para todo mundo e um da garota gorda ansiosa que sempre parecia prestes a chorar.

Diondra agora escrevia para ele de vez em quando, mas os bilhetes não eram bonitinhos, eram sujos ou raivosos, coisas que ela rabiscava quando estava de castigo. Nenhuma garota nunca havia feito um poema para ele, e era ainda mais bonitinho ela parecer não ter ideia de que ele era velho demais. Era um poema de

amor de uma garota que não tinha nenhuma noção de sexo ou carícias. (Ou tinha? Quando jovens normais começavam a transar?)

No dia seguinte, ela esperou por ele do lado de fora da sala de artes, pediu que se sentasse na escada com ela, ele concordou, mas só por um segundo, depois se divertiram uma hora inteira naquelas escadas escuras. Em dado momento ela agarrou seu braço e se inclinou para ele — que sabia que tinha que dizer não, mas ela pareceu tão doce, e não foi nem um pouco bizarro, apenas legal, o contrário dos arranhões e gritos enlouquecidos de Diondra ou os cutucões e as bagunças das suas irmãs: foi doce como uma garota devia ser. Ela usava brilho labial cheirando a chiclete e, como Ben nunca tinha dinheiro suficiente para doces — tão fodido que era —, isso sempre lhe dava água na boca.

Então ficaram assim nos últimos meses, sentados nas escadas, esperando o pai dela. Nunca se falavam no fim de semana, e algumas vezes ela se esquecia de esperar por ele, que ficava de pé na escada como um idiota, segurando um pacote de balas que tinha encontrado limpando a lanchonete. Krissi adorava coisas doces. As irmãs de Ben eram iguais, caçavam açúcar como formigas; uma vez ele voltou para casa e encontrou Libby comendo geleia direto do pote.

Diondra nunca soube do que rolava com Krissi. Quando ela ia à escola, voltava para casa às 15h16, a tempo de assistir às suas novelas e a *Donahue*. (Normalmente fazia isso comendo massa de bolo direto da tigela; o que era essa coisa das garotas com açúcar?) E, mesmo se Diondra soubesse, não havia nada de errado acontecendo. Ele, de certa forma, era como um conselheiro. Um cara mais velho aconselhando uma garota sobre o dever de casa e o ensino médio. Talvez ele devesse fazer psicologia ou ser professor. Seu pai era *cinco* anos mais velho que sua mãe.

A única coisa ambígua entre ele e Krissi aconteceu pouco antes do Natal, e não se repetiria. Eles estavam sentados nas escadas chupando balas de maçã verde e dando cotoveladas um no outro, e

de repente ela estava muito mais perto do que costumava estar, encostando de leve o mamilo no braço dele. O cheiro de maçã era quente no pescoço de Ben, e ela simplesmente ficou ali, grudada nele, sem dizer nada, apenas respirando, e ele podia sentir a pulsação dela como um gatinho em seu bíceps, e os dedos dela apertando perto das axilas dele, e de repente os lábios dela estavam bem ali, na orelha dele, aquela respiração deixando a orelha de Ben úmida, as gengivas dele formigando com a acidez da bala, e os lábios de Krissi passando pela bochecha dele, arrepiando-lhe os braços, e nenhum dos dois reconhecendo o que acontecia, e então o rosto dela estava na frente do dele, e aqueles lábios pequenos de Krissi pressionados contra os de Ben, não exatamente se movendo, e os dois apenas ali, com os corações batendo de forma idêntica, o corpo dela todo encaixado entre as pernas dele, e as mãos de Ben rígidas junto ao corpo, suadas, e então um pequeno movimento dos lábios dele, apenas uma pequena abertura, e a língua dela estava ali, viscosa e girando, ambos sentindo gosto de maçã verde, e o pênis de Ben ficou tão duro que ele achou que explodiria em suas calças e colocou as mãos na cintura dela por um segundo, afastou-a, desceu a escadaria correndo até o banheiro dos meninos — gritando *desculpa, desculpa* para trás — e chegou a um reservado bem a tempo de se masturbar duas vezes e gozar nas mãos.

LIBBY DAY

HOJE

Então eu iria encontrar meu irmão, agora um adulto. Depois da cerveja com Lyle, fui para casa e olhei para o exemplar de Barb Eichel de *Sua família na prisão: Supere as grades!*. Depois de ler alguns capítulos confusos sobre a administração do sistema penitenciário no estado da Flórida, voltei algumas páginas amareladas até o copyright: 1985. Nem remotamente útil. Temi receber mais pacotes inúteis de Barb: folhetos sobre parques aquáticos extintos no Alabama, brochuras de hotéis de Las Vegas em pedaços, alertas sobre o Bug do Milênio.

Acabei fazendo Lyle cuidar de todos os ajustes. Falei que não conseguia chegar à pessoa certa, que estava sobrecarregada com tudo aquilo, mas a verdade é que eu não queria. Simplesmente não tenho saco: apertar números, aguardar, falar, aguardar, então ser muito gentil com uma mulher irritada com três filhos e resoluções de ano-novo de voltar à faculdade, uma mulher apenas acalentando a esperança de que você lhe dê uma desculpa para bater o telefone na sua cara. Ela é uma piranha, certo, mas você não pode chamá-la disso ou de repente é mandada de volta para a primeira casa do tabuleiro. E isso supostamente deve fazer com que você seja mais gentil em uma próxima ligação. Que Lyle lidasse com isso.

O presídio de Ben fica na periferia de Kinnakee e foi construído em 1997, após outra rodada de aquisições de fazendas. Kinnakee fica quase no meio do Kansas, não longe da fronteira com Nebraska, e certa vez foi chamada de centro geográfico dos quarenta e oito estados contíguos dos Estados Unidos. O coração

da América. Era algo grande nos anos oitenta, quando todos éramos patriotas. Outras cidades do Kansas reivindicavam o título, mas os habitantes de Kinnakee as ignoravam, teimosos, orgulhosos. Era a única coisa interessante da cidade. A Câmara de Comércio vendia cartazes e camisetas com o nome da cidade em letra cursiva dentro de um coração. Todo ano Diane comprava uma nova camiseta para nós, meninas, em parte porque gostávamos de qualquer coisa em forma de coração e em parte porque Kinnakee é uma antiga palavra indígena que significa Mulherzinha Mágica. Diane sempre tentava nos transformar em feministas. Minha mãe brincava dizendo que não se depilava muito, e era um começo. Não me lembro dela dizendo isso, mas lembro de Diane, grande e raivosa como se tornou depois dos assassinatos, fumando um cigarro no seu trailer, tomando chá gelado em uma caneca de plástico com seu nome escrito na lateral e me contando a história.

No fim das contas, estávamos errados. Lebanon, Kansas, é oficialmente o centro dos Estados Unidos. Kinnakee estava mal informada.

* * *

Pensei que levaria meses até receber a permissão para visitar Ben, mas parece que a Penitenciária Estadual de Kinnakee é rápida com os passes de visitantes. (“Acreditamos que a interação com parentes e amigos é uma atividade benéfica para os internos, ajudando-os a se manter socializados e conectados.”) Depois da papelada e tudo o mais, passei os últimos dias revendo as pastas de Lyle, lendo a transcrição do julgamento de Ben, coisas que nunca tive coragem suficiente para fazer.

Isso me fez suar. Meu depoimento era um zigue-zague de confusas lembranças infantis (*Acho que Ben levou uma bruxa para casa e ela nos matou*, falei, ao que o promotor respondeu apenas com “*Humm, agora vamos falar sobre o que realmente aconteceu*.”)

e diálogos claramente conduzidos (*Eu vi Ben enquanto estava de pé no quarto da minha mãe, ele estava ameaçando minha mãe com nossa espingarda*). Quanto ao advogado de defesa de Ben, ele poderia muito bem ter me embalado em seda e colocado em uma cama de penas, de tão delicado que foi comigo (*Será que você poderia estar um pouco confusa sobre o que viu, Libby? Você está certa, certa mesmo de que foi seu irmão, Libby? Será que você não está nos dizendo o que acha que queremos ouvir?* Ao que eu respondi *Não Sim Não*.). No final do dia, respondi *acho* para todas as perguntas, minha forma de dizer que estava esgotada.

O advogado de defesa de Ben se agarrou ao pouquinho de sangue no lençol de Michelle e ao misterioso sapato social que deixou uma marca no sangue de minha família, mas não conseguiu apresentar uma teoria alternativa convincente. Talvez mais alguém tenha estado lá, mas não havia pegadas nem marcas de pneus do lado de fora da casa para provar. A manhã de 3 de janeiro teve um aumento de sete graus que transformou a neve e todas as suas pegadas em uma pasta primaveril.

Além do meu testemunho, Ben tinha muito contra ele: arranhões de unhas no rosto que ele não conseguia explicar, uma história sobre um homem de cabelos grossos que inicialmente disse ter matado todos — história que ele logo trocou pela defesa de "noite inteira fora, não sei de nada" —, um grande cacho de cabelos de Michelle encontrado no chão do seu quarto e o seu comportamento maluco naquele dia. Ele tinha pintado o cabelo de preto, o que todos consideraram suspeito. Havia sido visto "espreitando" na escola, testemunharam vários professores. Acharam que talvez estivesse tentando recuperar alguns dos cadáveres de animais que mantinha em seu armário (cadáveres de animais?), ou reunindo objetos pessoais de outros alunos para uma missa satânica. Mais tarde, naquele dia, ele aparentemente foi a uma reunião de doidões e se vangloriou de seus sacrifícios ao Diabo.

Ben também não se ajudou muito: não tinha um álibi para os assassinatos; possuía uma chave da casa, que não havia sido arrombada; teve uma briga com minha mãe naquela manhã. Também meio que fez merda. Enquanto os promotores diziam que ele era um assassino adorador de Satanás, Ben respondeu debatendo entusiasticamente os rituais de adoração ao Diabo, músicas específicas de que ele gostava e que lembravam a ele o mundo inferior e o grande poder do satanismo. (*Ele encoraja você a fazer o que lhe faz bem, porque somos todos basicamente animais*.) Em dado momento, o promotor pediu a Ben "pare de brincar com o cabelo e fique sério, entende que isto é sério?".

"Eu entendo que você acha que é sério", retrucou Ben.

Aquilo nem sequer soava como o Ben de quem me lembrava, meu irmão quieto e ensimesmado. Lyle incluíra algumas novas fotos do julgamento: Ben com os cabelos pretos em um rabo de cavalo (porque seus advogados não o mandaram cortar?), enfiado em um terno torto, sempre com um sorriso afetado ou completamente indiferente.

Ben não se ajudou, mas a transcrição do julgamento me fez corar. Contudo, a coisa toda me deixou um pouco melhor. Não era apenas culpa minha Ben estar na cadeia (se ele era de fato inocente). Não, era um pouco culpa de todo mundo.

* * *

Uma semana depois de ter concordado em ver Ben, eu estava vendo Ben. Dirigia de volta à minha cidade natal, onde não estivera nos últimos doze anos, que se transformara em uma cidade penitenciária sem minha permissão. Tudo aconteceu depressa demais, o que me deixou angustiada. A única forma de conseguir entrar no carro foi continuar a me assegurar de que não iria exatamente para Kinnakee, não tomaria aquela longa estrada de terra que me levaria para casa, não, eu não iria. Não que ainda

fosse minha casa: alguém comprara a propriedade havia anos, demolira tudo logo em seguida, quebrando paredes que minha mãe enfeitara com pôsteres floridos baratos, destruindo janelas contra as quais havíamos respirado enquanto esperávamos para ver quem vinha pela estrada; estilhaçando a moldura da porta onde minha mãe marcara a lápis o crescimento de Ben e o das minhas irmãs, mas ficara cansada demais para me acompanhar (eu só tinha uma marca: Libby, noventa e cinco centímetros).

Dirigi três horas até Kansas, subindo e descendo as Flint Hills, depois chegando à planície, placas me convidando a visitar o Hall da Fama Greyhound, o Museu da Telefonia, a Maior Bola de Barbante. Novamente um surto de lealdade: eu devia ir a todos eles, no mínimo para conhecer viajantes irônicos. Finalmente saí da rodovia, seguindo norte e oeste e norte e oeste em estradas secundárias em zigue-zague, e avistei os campos das fazendas, pontos verdes, amarelos e marrons, pontilhismo pastoral. Eu me curvei sobre o volante, trocando de estação entre músicas *country* chorosas, rock cristão e sons pesados. O sol esforçado de março conseguia aquecer o carro e destacava minhas grotescas raízes vermelhas. O calor e a cor me fizeram novamente pensar em sangue. No banco do carona, havia uma única garrafinha de vodca que eu planejava engolir quando chegasse à prisão, uma dose de insensibilidade autoprescrita. Demandou um volume atípico de força de vontade não virar aquilo dirigindo, uma das mãos no volante, a cabeça jogada para trás.

Como um truque de mágica, no instante em que eu pensava *Chegando perto agora*, uma pequena placa surgiu no amplo horizonte. Eu sabia exatamente o que diria: *Bem-vindo a Kinnakee: Coração da América!*, em uma letra cursiva dos anos cinquenta. Era o que ela realmente dizia, e pude perceber uma série de buracos de bala no canto inferior esquerdo, onde Runner havia atirado, de sua picape, décadas antes. Então cheguei mais perto e me dei conta de que eu estava imaginando aqueles buracos. Aquela era uma nova

placa, mas com a mesma caligrafia antiga: *Bem-vindo a Kinnakee: Coração da América!* Sustentando a mentira, gostei. Assim que passei pela placa, surgiu outra: Penitenciária Estadual de Kinnakee, Kansas, próxima à esquerda. Segui a indicação, dirigindo rumo ao oeste sobre terras que um dia foram a fazenda Evelee. *Rá, bem feito para vocês, Evelee,* pensei, mas não consegui lembrar por que os Evelee eram maus. Só lembrava que eram.

Desacelerei enquanto seguia por essa nova estrada, bem no limite da cidade. Kinnakee nunca fora um lugar próspero — era mais um reduto de fazendas em ruínas e mansões de compensado, resultado de um *boom* do petróleo ridiculamente breve. O negócio penitenciário não salvara a cidade. A rua era tomada por lojas de penhores e casas frágeis, mal tinham uma década e já estavam caindo aos pedaços. Crianças atônitas no meio de pátios imundos. Lixo por toda parte: embalagens de comida, canudos de bebida, guimbas de cigarro. Toda uma refeição para viagem — caixa de isopor, garfo plástico, copo descartável — no meio-fio, abandonada pelo comensal. Batatas fritas com ketchup na sarjeta adiante. Mesmo as árvores eram infelizes: mirradas, mutiladas e se recusando teimosamente a florescer. No final do quarteirão, um jovem casal de baixinhos atarracados estava sentado no frio, em um banco da Dairy Queen, olhando para o trânsito, como se estivessem vendo TV.

Em um telefone público próximo, balançava uma fotocópia granulada de uma adolescente séria, desaparecida desde outubro de 2007. Mais dois quarteirões, e o que achei ser uma cópia do mesmo cartaz revelou uma nova garota desaparecida, que sumira em junho de 2008. As duas meninas descabeladas, de mau humor, o que explicava por que não recebiam o mesmo tratamento que Lisette Stephens. Fiz uma anotação mental de tirar uma foto bonita e sorridente, para o caso de eu desaparecer um dia.

Mais alguns minutos e a prisão surgiu em uma grande clareira queimada pelo sol.

Era menos imponente do que eu supunha, nas poucas vezes em que a imaginara. Tinha uma aparência suburbana, podendo ser confundida com a filial de uma empresa de refrigeração, talvez a sede de uma empresa de telecomunicações, a não ser pelo arame farpado em espiral por cima dos muros. Isso me fez lembrar do fio telefônico enrolado pelo qual Ben e minha mãe brigaram até o fim, aquele em que estávamos sempre tropeçando. Debby foi cremada com uma pequena cicatriz no pulso por causa daquele maldito fio de telefone. Eu me obriguei a tossir alto, apenas para ouvir alguma coisa.

Entrei no estacionamento, a superfície de piche maravilhosamente lisa depois de uma hora de buracos. Estacionei e fiquei olhando, meu carro estalando da viagem. Do lado de dentro das paredes, vieram murmúrios e gritos de homens na hora da recreação. A vodca desceu com uma ardência medicinal. Mastiguei um chiclete de hortelã uma, duas vezes, depois o cuspi em um papel de sanduíche, sentindo minhas orelhas aquecidas pelo álcool. Então enfiei a mão sob o moletom e soltei meu sutiã, sentindo os seios descendo, grandes e cansados, ao ruído de fundo de assassinos jogando basquete. Era uma coisa para a qual Lyle me alertara, gaguejando e tomando cuidado com as palavras: *Você só tem uma chance de passar pelo detector de metais. Não é como no aeroporto, não há detector de mão. Então você precisa deixar no carro todo metal. Ahn, incluindo, ahn, nas mulheres, ahn, a, acho que é armação do sutiã. Isso seria, poderia ser um problema.*

Então tudo bem. Enfiei o sutiã no porta-luvas e deixei meus seios seguirem em liberdade.

No interior da prisão, os guardas tinham bons modos, como se tivessem visto muitos vídeos institucionais sobre cortesia: sim, senhora, por aqui, senhora. O contato visual era sem profundidade, minha imagem refletindo de volta para mim, uma enrascada. Revistas, perguntas, sim, senhora — e muita espera. Portas se abrindo e fechando, abrindo e fechando enquanto eu passava por

uma série delas, cada uma de um tamanho diferente, como um País das Maravilhas metálico. Os pisos fediam a alvejante e o ar cheirava a carne e umidade. O refeitório devia ficar ali perto. Tive uma onda de náusea nostálgica vendo as crianças Day e suas refeições escolares subsidiadas: as mulheres peitudas e irritadas gritando *Almoço grátis* para a caixa registradora quando passávamos com uma porção de estrogonofe e um copo de leite em temperatura ambiente.

Ben deu sorte, pensei: a pena de morte que estava num vaivém no Kansas encontrava-se em moratória quando os assassinatos aconteceram (aqui fiz uma pausa com minha perturbadora nova redação mental, “quando os assassinatos aconteceram” em oposição a “quando Ben matou todo mundo”). Ele foi condenado à prisão perpétua. Pelo menos não o condenei à morte. Agora eu estava de pé, do lado de fora da suave porta metálica da sala de visita que parecia de um submarino, e ali fiquei por mais tempo. “Nada a fazer a não ser fazer.” O mantra de Diane. Eu precisava parar de pensar na família. O guarda que estava me acompanhando, um louro tenso que me poupou de conversa fiada, fez um gesto de *você primeiro*.

Abri a porta e me lancei para dentro. Havia uma fileira de cinco cabines, uma ocupada por uma índia corpulenta, conversando com o filho detento. O cabelo negro da mulher se projetava dos ombros com uma aparência violenta. Ela cochichava com o jovem, que assentia espasmodicamente, o telefone perto do ouvido, olhos baixos.

Eu me sentei a duas cabines e estava me acomodando, respirando fundo, quando Ben passou rapidamente pela porta, como um gato saindo para uma volta. Era pequeno, talvez um metro e setenta, ou um pouco mais, e seus cabelos haviam ganhado um tom de ferrugem escura. Estavam compridos, cobrindo os ombros, enfiados femininamente atrás das orelhas. Com óculos de armação de metal e um macacão laranja, parecia um mecânico estudioso. A

sala era pequena, então ele chegou até mim em três passos, o tempo todo sorrindo em silêncio, radiante. Sentou, colocou uma mão no vidro e assentiu para que eu fizesse o mesmo. Eu não consegui, não consegui pressionar minha palma contra a dele, que, úmida sobre o vidro, parecia presunto. Em vez disso, sorri timidamente e peguei o telefone.

Do outro lado do vidro, ele segurou o telefone, pigarreou, depois baixou os olhos, começou a dizer algo, parou. Fiquei olhando para o alto da sua cabeça por quase um minuto. Quando ergueu os olhos, ele chorava, duas lágrimas dos dois olhos rolando pelo rosto. Ele as enxugou com as costas da mão, depois sorriu, os lábios trêmulos.

— Deus, você parece a mamãe — disse de repente, depois tossiu e limpou mais lágrimas. — Eu não sabia disso. Ah, Deus, Libby, como você está? — perguntou, os olhos se deslocando entre meu rosto e as próprias mãos.

Eu pigarreei e disse:

— Acho que estou bem. Só achei que era hora de vir ver você.

Eu meio que pareço com mamãe, pensei. *Pareço*. E então pensei: *meu irmão mais velho*, e senti o mesmo orgulho no peito que sentira quando criança. Ele parecia quase igual, pele clara, aquele nariz redondo dos Day. Não crescera muito desde os assassinatos. Como se nosso crescimento tivesse sido interrompido naquela noite. Meu irmão mais velho, e estava feliz de me ver. *Ele sabe jogar com você*, alertei a mim mesma. Depois afastei o pensamento.

— Estou contente, estou contente — disse Ben, ainda olhando para a lateral da mão. — Pensei muito em você nesses anos, refletindo sobre você. É o que se faz aqui... Pensar e refletir. De vez em quando, alguém me escreve sobre você. Mas não é a mesma coisa.

— Não — concordei. — Você está sendo bem tratado? — perguntei estupidamente, meus olhos vidrados, e de repente estava

chorando, e tudo o que eu queria dizer era *sintomuitoeusintomuitoeusintomuito*.

Em vez disso, fiquei calada, apenas olhando para a constelação de acne espalhada em um canto dos lábios de Ben.

— Estou bem, Libby. Libby, olhe para mim — falou, meus olhos nos dele. — Estou bem, realmente. Concluí o ensino médio aqui, mais do que provavelmente teria conseguido do lado de fora, e estou na metade do caminho de um diploma universitário. Inglês. Leio Shakespeare, porra — contou, e fez o som gutural que sempre tentara fazer passar por uma risada. — De fato, que sujismundo.

Eu não sabia o que significava a última parte, mas sorri porque ele esperava que eu sorrisse.

— Cara, Libby, eu podia ser hipnotizado por você. Não sabe como é bom vê-la. Merda, desculpe. É que você parece muito com a mamãe, as pessoas lhe dizem isso o tempo todo?

— Quem me diria isso? Não há ninguém. Runner foi embora, não sei para onde, Diane e eu não nos falamos.

Queria que ele sentisse pena de mim, que flutuasse em minha grande piscina vazia de piedade. Ali estávamos, os últimos Day. Se ele sentisse dó de mim, seria mais difícil me culpar. As lágrimas continuavam a correr, e eu deixei. Duas cadeiras adiante, a índia estava se despedindo, seu choro tão alto quanto sua voz.

— Você está sozinha, é? Isso não é bom. Eles deveriam ter cuidado melhor de você.

— O que há com você, nasceu de novo? — soltei, meu rosto molhado. Ben franziu a testa, sem entender. — É isso? Está me perdoando? Você não deveria ser legal comigo.

Mas eu ansiava por isso, podia sentir a necessidade de alívio, como soltar um prato quente.

— Não, não sou tão legal. Sinto muita raiva de muita gente, mas você não é uma delas.

— Mas — comecei, e engoli um soluço como uma criança. — Mas meu testemunho. Eu acho que posso, não sei, não sei...

Tinha que ter sido ele, alertei a mim mesma novamente.

— Ah, isso — disse ele, como se fosse um inconveniente menor, uma bobagem que aconteceu nas férias de verão e que seria melhor esquecer. — Você não lê minhas cartas, não é?

Tentei explicar com um dar de ombros inadequado.

— Bem, seu testemunho... Só me surpreendeu que as pessoas acreditassem em você. Não me surpreendeu o que disse. Você estava em uma situação completamente insana. E sempre foi uma pequena mentirosa — disse, rindo de novo, e eu também, rápidas risadas, como se tivéssemos combinado. — Falando sério, o fato de terem acreditado em você... Eles me queriam aqui, eu iria ficar aqui, aquilo apenas provou isso. Maldita garotinha de sete anos. Cara, você era tão pequena...

Os olhos se ergueram para a direita, sonhando acordado. Depois voltou a si.

— Sabe o que eu pensei outro dia, não sei por quê? Pensei naquele maldito coelhinho de porcelana, aquele que minha mãe nos obrigava a colocar no vaso sanitário.

Eu balancei a cabeça, sem ter ideia do que ele estava falando.

— Você não lembra disso, do coelhinho? Porque o vaso não funcionava direito; se usássemos duas vezes em uma hora, a descarga parava. Então, se um de nós cagasse quando não estava funcionando, deveríamos fechar o tampo e colocar o coelhinho em cima, para que ninguém levantasse a tampa e visse o vaso cheio de bosta. Porque vocês iriam gritar. Não consigo acreditar que não se lembra disso. Era tão idiota que me deixava irritado. Eu ficava irritado de ter que dividir um banheiro com todas vocês. Irritado de ter que morar em uma casa com um vaso sanitário que nem sequer funcionava, irritado com o coelhinho. O coelhinho — repetiu, dando seu riso contido. — Eu achava que o coelhinho me humilhava, ou algo assim. Me desmoralizava. Considerava aquilo muito pessoal. Como se mamãe devesse achar um carro ou uma arma de brinquedo para que eu usasse. Cara, eu ficava perturbado com

aquilo. Eu ficava de pé do lado do vaso, pensando: “Eu não vou colocar aquele coelhinho.” E então me preparava para sair e pensava: “Droga, tenho que colocar o coelhinho, ou uma delas vai entrar aqui e vai ter gritaria.” Vocês gritavam alto, *Eeecaaaaa!*, e eu não queria aturar isso, então tudo bem, eis o maldito coelhinho no seu maldito vaso!

Ele riu novamente, mas a lembrança tivera um preço para ele, o rosto estava vermelho e o nariz, suado.

— Esse é o tipo de coisa em que você pensa aqui. Coisas bizarras.

Tentei encontrar aquele coelhinho na minha memória, tentei fazer um inventário do banheiro e das coisas contidas nele, mas terminei sem nada, nem uma mísera lembrança.

— Desculpe, Libby, é uma lembrança estranha para jogar em você.

Coloquei a ponta do meu dedo perto do vidro e disse:

— Tudo bem.

* * *

Ficamos em silêncio por um instante, fingindo escutar barulhos que não estavam lá. Havíamos apenas começado, mas a visita estava quase terminando.

— Ben, posso fazer uma pergunta?

— Acho que sim — disse, o rosto dele ficou impassível, preparando-se.

— Você não quer sair daqui?

— Claro.

— Por que não deu à polícia seu álibi para aquela noite? Não havia como você estar dormindo no celeiro.

— Eu simplesmente não tinha um bom álibi, Libby. Simples assim. Acontece.

— Porque estava fazendo, tipo, menos dezessete do lado de fora. Eu lembro — falei, esfregando meu meio dedo sob o balcão, agitando meus dois dedos do pé direito.

— Eu sei, eu sei. Você não pode imaginar — disse, virando o rosto. — Você não pode imaginar quantas semanas, quantos *anos* passei aqui desejando ter feito tudo diferente. Mamãe, Michelle e Debby poderiam não estar mortas se eu simplesmente tivesse... sido homem. Não um garoto idiota. Escondido no celeiro, com raiva da mamãe.

Uma lágrima caiu no telefone, e eu achei tê-la ouvido, *ping!*

— Tudo bem estar sendo punido por aquela noite... Eu me sinto... bem.

— Mas. Não entendo. Por que você foi tão... pouco cooperativo com a polícia?

Ben deu de ombros, e novamente seu rosto se tornou uma máscara mortuária.

— Ah, Deus... eu só... Eu era um garoto inseguro. Quero dizer, eu tinha quinze anos, Libby. Quinze. Não sabia o que era ser homem. Quero dizer, Runner certamente não ajudou. Eu era aquele garoto em quem ninguém prestava muita atenção, de um modo ou de outro, e de repente as pessoas me tratavam como se *eu as* assustasse. Quero dizer, de repente eu era o grande homem.

— Um grande homem acusado de assassinar a família.

— Se você quiser me chamar de cretino idiota, Libby, por favor, vá em frente. Para mim era simples: disse que não fiz isso, sabia que não tinha feito e, não sei, mecanismo de defesa talvez, simplesmente não levei tão a sério quanto deveria. Se tivesse reagido do modo como todos esperavam, provavelmente não estaria aqui. À noite, eu chorava no travesseiro, mas me fazia de durão quando alguém podia me ver. É maluco, acredite, sei disso. Mas você nunca deve colocar um garoto de quinze anos no banco das testemunhas em um tribunal cheio de pessoas que ele conhece e esperar muitas lágrimas. O que eu pensava era que certamente

seria inocentado, e então todos na escola me admirariam por ser tão durão. Quero dizer, eu sonhava acordado com essa merda. Nunca achei que corria o risco de... acabar assim — disse ele, agora chorando, limpando novamente a bochecha. — Como você pode ver, eu superei essa coisa de as pessoas me verem chorar.

— Precisamos consertar isso — eu disse finalmente.

— Não há nada a ser consertado, Libby, a não ser que descubram o verdadeiro culpado.

— Bem, você precisa de advogados novos trabalhando no caso — argumentei. — Todas as coisas que podem fazer com DNA agora...

Para mim, DNA era uma espécie de elemento mágico, uma gosma brilhante que sempre tirava pessoas da prisão.

Ben riu por entre os lábios fechados, do modo como fazia quando éramos crianças, não deixando que você aproveitasse.

— Você parece o Runner falando — disse ele. — Mais ou menos a cada dois anos, eu recebo uma carta dele. *DNA! Precisamos conseguir um pouco daquele DNA*. Como se eu tivesse um estoque disso e simplesmente não quisesse dividir. *D-N-A!* — disse novamente, fazendo o gesto de cabeça de Runner com olhos delirantes.

— Sabe onde ele está agora?

— A última carta era aos cuidados do Abrigo Bert Nolan Para Homens, em algum lugar de Oklahoma. Pedia que eu mandasse a ele quinhentas pratas para que ele pudesse continuar sua pesquisa em meu benefício. Seja lá quem for Bert Nolan, está lamentando o dia em que deixou o maldito Runner entrar em seu abrigo.

Ele coçou o braço, levantando a manga apenas o suficiente para que eu visse uma tatuagem com o nome de uma mulher. Terminava em *–olly* ou *–ally*. Deixei ele ver que eu estava olhando.

— Ah, isto? Fogo antigo. Começamos trocando correspondência. Achei que a amava, pensei em casar com ela, mas no fim ela realmente não queria ficar amarrada a um cara condenado à prisão

perpétua. Queria que ela tivesse me dito antes de eu fazer a tatuagem.

— Deve ter doído.

— Não vou dizer que fez cócegas.

— Quero dizer o rompimento de vocês.

— Ah, isso também foi uma bosta.

O guarda nos deu o sinal de três minutos e Ben olhou para o teto.

— Difícil decidir o que dizer em três minutos. Dois minutos você apenas começa a fazer planos para outra visita. Cinco minutos você pode terminar a conversa. Três minutos? — perguntou, projetando os lábios para fora, fazendo um barulho de desprezo. — Realmente espero que venha novamente, Libby. Esqueci como sentia saudade de casa. Você parece muito com ela.

PATTY DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
11H31

Ela se retirou para o banheiro depois que Len foi embora, o sorriso irritadiço dele ainda oferecendo algo desagradável, algum tipo de ajuda que sabia não querer. As meninas haviam saído do quarto assim que ouviram a porta se fechar e, após uma rápida assembleia sussurrada na frente do banheiro, decidiram deixá-la sozinha e voltaram para a TV.

Patty segurava sua barriga engordurada, o suor frio. A fazenda de seus pais, perdida. Sentiu o embrulho de culpa no estômago que sempre fizera dela uma boa menina, o medo constante de desapontar seu pessoal, *por favor, por favor, Deus, não deixe que descubram*. Haviam-lhe confiado o lugar, e ela não estivera à altura. Ela os imaginou nas nuvens do céu, o braço do pai sobre a mãe enquanto a olhavam balançando as cabeças: *O que deu em você para fazer tal coisa?* A censura preferida da mãe.

Teriam que se mudar para outra cidade. Kinnakee não tinha apartamentos, e precisariam se apertar em um apartamento, enquanto ela arrumava um emprego em um escritório, se conseguisse. Ela sempre teve pena das pessoas que viviam em apartamentos, trancadas, escutando os vizinhos arrotar e brigar. As pernas de Patty fraquejaram e de repente ela estava sentada no chão. Não tinha energia suficiente para deixar a fazenda, nunca. Gastara o resto dela nos anos anteriores. Certas manhãs nem sequer conseguia sair da cama, psicologicamente não conseguia fazer as pernas saírem de debaixo das cobertas, as garotas tinham

que arrastá-la, puxando-a com os calcanhares fincados, e, enquanto preparava o café e de algum modo as arrumava para a escola, sonhava em morrer. Algo rápido, um ataque cardíaco no meio da noite, ou um acidente automobilístico repentino. Mãe de quatro atropelada por ônibus. E as crianças seriam adotadas por Diane, que impediria que elas ficassem de pijamas o dia todo e se certificaria de que fossem ao médico quando estivessem doentes e as atormentaria até que terminassem as tarefas. Patty era uma mulher pequena, instável e fraca, que ficava rapidamente otimista, mas desanimada ainda mais facilmente. Diane deveria ter herdado a fazenda. Mas ela não queria nada daquilo, saíra de casa aos dezoito anos, uma alegre trajetória que a levara a ser recepcionista de um consultório médico a meros, mas determinantes, cinquenta quilômetros de distância, em Schieberton.

Seus pais aceitaram de forma impassível a partida de Diane, como se sempre tivesse sido esse o plano. Patty lembrava de como era no ensino médio, todos indo vê-la como animadora de torcida em uma noite úmida de outubro. Era uma viagem de três horas para eles, penetrando fundo no Kansas, quase chegando ao Colorado, e choveu leve mas constantemente durante todo o jogo. Quando terminou (Kinnakee perdeu), lá estavam no campo seus dois pais grisalhos e sua irmã, envoltos em casacos de lã grosseiros, todos correndo até ela, sorrindo com tanto orgulho e gratidão que você acharia que ela havia se curado de um câncer, os olhos deles apertados por trás de três pares de óculos com gotas de chuva.

Ed e Ann Day estavam mortos agora, haviam morrido cedo, mas não inesperadamente, e Diane era gerente da mesma clínica médica e vivia em trailer estacionado num lugar apropriado, cercado de flores.

— É uma vida suficientemente boa para mim — dizia sempre. — Não me imagino querendo algo diferente.

Aquela era Diane. Competente. Aquela que lembrava dos pequenos mimos de que as garotas gostavam, nunca se esquecia

de suas camisetas Kinnakee anuais: Kinnakee, Coração da América! Diane mentira para as meninas dizendo que aquilo significava Mulherzinha Mágica em língua indígena, e elas haviam ficado tão contentes com isso que Patty nunca conseguira dizer que significava apenas pedra, corvo ou algo assim.

* * *

A buzina do carro de Diane se intrometeu em seus pensamentos com o toque festivo habitual.

— Diane! — guinchou Debby, e Patty pôde ouvir as três meninas correndo para a porta da frente e imaginar a massa de tranças e traseiros fofos, então as imaginou ainda correndo, diretamente para o carro, e Diane partindo com elas e a deixando naquela casa onde faria com que tudo fosse silencioso.

Ela se levantou do chão, limpou o rosto com uma toalha de banho mofada. Seu rosto estava sempre vermelho, seus olhos, sempre rosados, então era impossível saber se havia chorado — a única vantagem de parecer um rato esfolado. Quando abriu a porta, a irmã já estava esvaziando três carregamentos de comida enlatada e mandando as garotas buscarem o resto no carro. Patty passara a associar o cheiro de sacos de papel pardo a Diane, por ela ter levado comida para eles por tanto tempo. Era o perfeito exemplo da vida carente que Patty construíra: vivia em uma fazenda, mas nunca tinha o suficiente para comer.

— Também comprei para elas um daqueles livros de adesivos — disse Diane, folheando-o na mesa.

— Ah, você está mimando as meninas, D.

— Bem, só comprei um, então terão que dividir. Isso é bom, certo? — Ela riu, começando a fazer café. — Posso?

— Claro que pode, eu deveria ter feito.

Patty foi ao armário pegar a caneca de Diane. Ela gostava de uma do tamanho da sua cabeça, que havia sido do pai delas. Patty

ouviu o previsível som da máquina e se virou, dando uma pancada na maldita cafeteira; ela sempre travava depois do terceiro café.

As garotas voltaram, carregando sacos para a mesa da cozinha e, com algum estímulo de Diane, começaram a esvaziá-los.

— Onde está Ben? — perguntou Diane.

— Ahnn — disse Patty, colocando três colheres de chá de açúcar na caneca de Diane.

Apontou para as crianças, que já haviam reduzido o ritmo de guardar as latas e olhavam em vários ângulos fingindo despreocupação.

— Ele está em apuros — explodiu Michelle alegremente. — De novo.

— Conte a ela sobre o você-sabe-o-quê dele — Debby incentivou a irmã.

Diane se virou para Patty com uma careta, claramente esperando uma história de acidente genital ou mutilação.

— Meninas, a tia D trouxe um livro de adesivos para vocês...

— Vão brincar com ele no quarto para eu poder conversar com a mãe de vocês.

Diane sempre falava de forma mais dura com as meninas do que Patty, era Diane interpretando a personalidade supostamente ranzinza de Ed Day, que vociferava e resmungava com elas com um cansaço exagerado que, mesmo quando crianças, elas sabiam ser principalmente provocação. Patty acrescentou um olhar suplicante na direção de Michelle.

— Um livro de adesivos! — anunciou Michelle, com um entusiasmo apenas ligeiramente fingido.

Michelle sempre ficava contente de ser cúmplice em qualquer trama de adultos. E, enquanto ela fingia querer algo, Libby era toda dentes trincados e mãos gananciosas. Libby nascera no Natal, o que significava que nunca recebia o volume certo de presentes. Patty reservava um presente extra — e Feliz Aniversário para Libby!

—, mas todas sabiam a verdade, Libby fora roubada. Libby raramente se sentia menos que roubada.

Ela sabia essas coisas sobre suas meninas, mas sempre esquecia. O que havia de errado com ela para essas facetas das personalidades de seus filhos sempre a surpreenderem?

— Quer ir para a garagem? — perguntou Diane, dando um tapinha nos cigarros no bolso da camisa.

— Ah — foi tudo o que Patty respondeu.

Diane parava e voltava a fumar pelo menos duas vezes por ano, todo ano, desde os trinta. Agora ela tinha trinta e sete (e parecia muito pior do que a irmã, a pele do rosto escamada como a de uma cobra), e Patty havia muito tinha aprendido que o melhor apoio era apenas se calar e fazê-la se sentar na garagem. Exatamente como a mãe fez com o pai delas. Claro que ele morreu de câncer de pulmão não muito depois dos cinquenta.

Patty seguiu a irmã, esforçando-se para respirar, preparando-se para contar a Diane que a fazenda estava perdida, esperando para ver se a irmã gritaria sobre os gastos imprudentes de Runner, e por ela tê-los permitido, ou se apenas ficaria calada, assentindo.

— Então, o que há com o você-sabe-o-quê de Ben? — perguntou Diane, acomodando-se na cadeira de jardim que rangia, duas das faixas cruzadas partidas e caídas para o chão. Acendeu um cigarro, imediatamente abanando a fumaça para longe de Patty.

— Ah, não é isso, não é nada estranho. Quero dizer, é estranho, mas... Ele pintou o cabelo de preto. O que isso significa?

Patty esperou que Diane risse dela, mas ela ficou sentada em silêncio.

— Como Ben está, Patty? No geral, como ele parece?

— Ah, não sei. Temperamental.

— Ele sempre foi temperamental. Mesmo quando bebê ele era como um gato. Todo afetuoso num momento e, no seguinte, está olhando como se não tivesse ideia de quem você era.

Isso era verdade. Aos dois anos, Ben era impressionante. Exigia amor sem rodeios, agarrava um seio ou um braço, mas, assim que conseguia afeto suficiente, e isso era rápido, ficava completamente mole, fingia-se de morto até você soltá-lo. Ela o levara ao médico, e Ben ficara sentado, rígido e com os lábios crispados, um garoto estoico de pescoço encolhido, com uma perturbadora capacidade de resistir. Mesmo o médico pareceu incomodado, dando um pirulito barato e dizendo a ela para voltar em seis meses caso ele continuasse igual. Ele sempre continuou igual.

— Bem, ser temperamental não é crime — disse Patty. — Runner era temperamental.

— Runner era um babaca, não é a mesma coisa. Ben sempre teve esse distanciamento.

— Bom, ele tem quinze anos — começou Patty, e fez uma pausa. Os olhos viram um pote de pregos velhos na prateleira, um pote que duvidava que tivesse sido mexido desde o tempo do pai delas. Estava identificado como *Pregos* na caligrafia comprida e reta dele em um pedaço de fita adesiva.

A garagem tinha um piso de concreto oleoso que era ainda mais frio que o ar. Em um canto, um velho galão de água congelara, explodindo as soldas plásticas. A respiração delas se misturava à fumaça do cigarro de Diane. Ainda assim, Patty estava estranhamente contente ali, entre aquelas velhas ferramentas que conseguia visualizar nas mãos do pai: gadanhos com dentes amassados, machados de todos os tamanhos, prateleiras tomadas por potes cheios de parafusos, pregos e arruelas. Até uma velha arca de gelo metálica, a base salpicada de ferrugem, onde o pai costumava manter a cerveja gelada enquanto escutava jogos pelo rádio.

Ela estava ficando irritada por Diane falar tão pouco, já que gostava de dar opiniões, mesmo quando não tinha nenhuma. Ainda mais irritada por Diane estar tão imóvel, não ter encontrado um

projeto, algo para ajeitar ou arrumar, porque Diane fazia coisas, nunca simplesmente se sentava e conversava.

— Patty. Tenho que lhe contar algo que ouvi. E meu primeiro instinto era não dizer nada, porque claro que não é verdade. Mas você é mãe, deveria saber, e... Inferno, não sei, você simplesmente deveria saber.

— Certo.

— Ben alguma vez brincou com as meninas de uma forma que pudesse confundir alguém?

Patty simplesmente olhou para ela.

— De uma forma que as pessoas pudessem ter uma ideia errada sobre... sexualidade?

Patty quase engasgou.

— Ben *odeia* as meninas! — exclamou, e ficou surpresa com o alívio que sentiu. — Ele quer a menor relação possível com elas.

Diane acendeu outro cigarro, assentiu rigidamente.

— Bem, certo, bom. Mas há algo mais. Uma amiga me contou o boato de que houve uma queixa contra Ben na escola, que algumas garotinhas, mais ou menos da idade de Michelle, falaram sobre beijá-lo, e talvez ele tocá-las ou algo assim. Talvez pior. As coisas que ouvi foram piores.

— Ben? Você sabe que isso é uma maluquice completa.

Patty se levantou, sem saber o que fazer com braços ou pernas. Virou para a direita e depois para a esquerda depressa demais, como um cachorro distraído, então se sentou de novo. Uma faixa da cadeira se partiu.

— Sei que isso é maluquice. Ou algum mal-entendido.

Aquela era a pior palavra que Diane poderia ter usado. Assim que a irmã disse, Patty sabia que ela temera exatamente isso. Aquela possibilidade — *mal-entendido* — que poderia se transformar em algo. Um tapinha na cabeça poderia ser uma carícia nas costas, podia ser um beijo nos lábios, podia ser o teto desmoronando.

— Mal-entendido? Ben não entenderia mal um beijo. Ou um toque. Não com uma garotinha. Ele não é um pervertido. É um garoto estranho, mas não é doente. Não é louco.

Patty passara a vida jurando que Ben *não era* estranho, era apenas um garoto comum. Mas agora escolhera estranho. A percepção foi repentina, um choque, como ter seus cabelos jogados no rosto enquanto dirige.

— Você vai dizer a eles que Ben não faria isso? — perguntou Patty, e as lágrimas caíram imediatamente, de repente suas faces estavam encharcadas.

— Posso dizer a todo mundo em Kinnakee, todo mundo no estado do Kansas que ele não faria isso, e talvez não faça diferença. Não sei. Não sei. Apenas ouvi isso ontem à tarde, mas parece estar... crescendo. Eu quase vim aqui. Então passei o resto da noite me convencendo de que não era nada. E acordei esta manhã e me dei conta de que era alguma coisa.

Patty conhecia essa sensação, uma ressaca de sonho, como quando despertava de um sono apavorante às duas da manhã e tentava se convencer a pensar que a fazenda estava bem, que este ano seria bom, e então se sentia ainda mais enjoada ao acordar com o despertador algumas horas depois, culpada e enganada. Era surpreendente que você pudesse passar horas da madrugada fingindo que as coisas estavam bem e saber em trinta segundos, à luz do dia, que simplesmente não era assim.

— Então você veio aqui com compras e um livro de adesivos, mas na verdade o que queria era me contar essa *história* sobre Ben.

— Como eu disse... — falou Diane, dando de ombros de uma maneira simpática, esticando os dedos, exceto os dois que seguravam o cigarro.

— Bem, e agora? Você sabe o nome das meninas? Alguém vai me telefonar, falar comigo ou com Ben? Preciso encontrá-lo.

— Onde ele está?

— Não sei. Brigamos. Por causa do cabelo dele. Ele saiu de bicicleta.

— E qual foi a história com o cabelo?

— Não sei, Diane! O que isso importa agora?

Mas claro que Patty sabia que importava. Tudo agora podia ser filtrado e peneirado em busca de significado.

— Bem, não acho que seja uma emergência — disse Diane em voz baixa. — Não acho que precisemos trazê-lo para casa imediatamente, a não ser que você o queira em casa agora mesmo.

— Eu o quero em casa agora mesmo.

— Certo, então vamos começar a ligar para algumas pessoas. Você pode me dar uma lista dos amigos dele, e eu começo a telefonar.

— Eu nem sequer conheço mais os amigos dele — disse Patty. — Ele estava falando com alguém de manhã, mas não me disse quem era.

— Vamos tentar a rediscagem.

A irmã resmungou, esmagou o cigarro com uma bota, tirou Patty da cadeira e a levou para dentro. Diane mandou secamente que as meninas ficassem no quarto quando a porta se abriu, foi na direção do telefone e apertou o botão de rediscagem. Tons numéricos cantados saíram do aparelho — bipBipBIPbipbipbepBIP — e, antes mesmo de tocar, Diane desligou.

— Meu número.

— Ah, é. Eu liguei depois do café para ver quando você iria aparecer.

As duas irmãs se sentaram à mesa, e Diane serviu novas canecas de café. A neve lançava brilhos na cozinha como uma luz estroboscópica.

— Precisamos trazer Ben para casa — disse Patty.

LIBBY DAY

HOJE

Sonhadora como uma colegial, dirigi para casa pensando em Ben. Desde que tinha sete anos, eu o o imaginava nos mesmos flashes da casa assombrada: Ben de cabelos pretos, rosto liso, as mãos agarrando um machado, correndo pelo corredor atrás de Debby, um som cantarolado saindo de seus lábios apertados. O rosto de Ben respingado de sangue, uivando, a espingarda sendo erguida até o ombro.

Eu me esqueci de que um dia houve apenas Ben, tímido e sério, aquelas estranhas e perturbadoras mudanças de humor. Apenas Ben, meu irmão, que não podia ter feito o que disseram que ele fez. O que *eu* disse.

Em um sinal, o sangue fervendo, estiquei a mão atrás do banco e peguei o envelope de uma antiga conta. No alto, escrevi: *Suspeitos*. Depois escrevi: *Runner*. Então parei. *Alguém com problemas com Runner?* Escrevi. *Alguém a quem Runner devia dinheiro?* Runnerrunnerrunner. Continuava voltando a Runner. Aquela voz masculina gritando em nossa casa naquela noite poderia ter sido tão facilmente Runner ou um inimigo de Runner quanto Ben. Eu precisava que isso fosse verdade, e provável. Senti uma onda de pânico: não podia viver com aquilo, Ben na cadeia, essa culpa em aberto. Precisava que terminasse. Precisava saber. Eu, eu. Ainda era previsivelmente egoísta.

Quando passei pela entrada para nossa fazenda, recusei-me a olhar.

Parei em uma loja de conveniência na periferia de Kansas City, enchi o tanque, comprei uma barra de queijo Velveeta, Coca-Cola, pão branco e ração para meu velho gato faminto. Depois fui para minha casa em Lá Em Cima Por Ali, subi minha colina, saltei e olhei para as duas velhas senhoras do outro lado da rua que nunca olhavam para mim. Estavam no balanço da varanda como sempre, ignorando o frio, as cabeças rigidamente voltadas para a frente, para que eu não atrapalhasse a vista. Fiquei parada com as mãos nos quadris, no alto da minha colina, e esperei até uma enfim desistir. Então acenei grandiosamente, um aceno de curral do Velho Oeste. A megera enrugada anuiu para mim e então entrei e alimentei o pobre Buck, sentindo uma ponta de vitória.

Enquanto ainda tinha energia, passei mostarda amarela brilhante em meu pão branco, empilhei grossas fatias macias de Velveeta em cima e engoli o sanduíche; enquanto isso, negociava com três telefonistas diferentes, mas igualmente entediadas, até ter acesso ao Abrigo Bert Nolan Para Homens. Outra coisa a acrescentar à minha lista de possíveis empregos para o velho Jim Jeffreys: telefonista. Na minha época de menina, era algo que garotinhas queriam ser quando crescessem, telefonista, mas não consigo lembrar por quê.

Uma fina camada de pão grudou no céu da minha boca, finalmente alguém atendeu no Abrigo Bert Nolan, e fiquei surpresa de ser o próprio Bert Nolan. Imaginei que alguém com uma casa com seu nome devia estar morto. Eu lhe disse que estava tentando encontrar Runner Day, e ele fez uma pausa.

— Bem, ele entra e sai, e passou mais tempo fora no último mês, mas ficarei feliz de dar um recado a ele — disse Bert Nolan em uma voz que parecia a buzina de um carro velho.

Disse meu nome — nenhum sinal de reconhecimento da parte dele — e comecei a dar meu número de telefone quando Nolan me interrompeu.

— Ah, ele não conseguirá fazer um interurbano, isso posso lhe dizer de antemão. Os homens aqui tendem a ser grandes correspondentes. Por correio, entende? Menos de cinquenta centavos por um selo, e você não tem que se preocupar em ficar esperando na linha. Quer deixar o endereço?

Não quis. Estremeci com a ideia de Runner pisando com suas botas sociais exageradas em meus degraus, as mãos sujas na cintura fina, sorrindo como se tivesse me derrotado em um jogo.

— Caso queira, posso receber qualquer recado que deseje e você pode me dar seu endereço particularmente — sugeriu Bert Nolan de forma razoável. — E, quando Runner terminar a carta, posso enviá-la, de modo que ele nunca saberá seu CEP. Muitos parentes fazem isso. É triste, mas necessário.

Ao fundo, uma máquina de refrigerante cuspiu uma lata, alguém perguntou se Nolan queria uma, e ele disse *Não, obrigado, tentando diminuir*, naquele tom de voz gentil de um médico de cidade pequena.

— Quer fazer isso, senhorita? Como disse, ele não é do tipo de sentar ao lado do telefone e esperar que retornem a ligação.

— E não tem um e-mail?

Bert Nolan grunhiu.

— Não, nada de e-mail, sinto muito.

Nunca soube que Runner fosse de escrever cartas, mas sempre escreveu mais do que telefonou, então imaginei que seria minha melhor chance — além de ir até Oklahoma e esperar em um dos leitos de Bert Nolan.

— Poderia dizer a ele que preciso conversar sobre Ben e aquela noite? Posso ir vê-lo caso tenha um dia disponível.

— Certo... Você disse Ben e *aquela noite*?

— Disse.

* * *

Sabia que Lyle ficaria demasiadamente satisfeito com minha mudança de opinião — quase possível, potencial mudança de opinião — em relação a Ben. Podia imaginá-lo falando com os entusiastas do Kill Club vestindo uma de suas jaquetas justas bizarras, explicando como me convencera a ir ver Ben. “Ela, de início, realmente se recusava, acho que tinha medo do que poderia descobrir sobre Ben... E sobre si mesma.” E todos aqueles rostos olhando para ele, tão felizes com o que fizera. Isso me irritou.

Queria mesmo era falar com tia Diane. Diane, que cuidara de mim durante sete dos meus onze anos como órfã menor de idade. Fora a primeira a me receber, levando-me para seu trailer com minha maleta de pertences. Roupas, um livro favorito, mas nada de brinquedos. Michelle juntava todas as bonecas com ela de noite, chamava de sua festa do pijama e urinara nelas ao ser estrangulada. Ainda me lembro do livro de adesivos que Diane nos dera no dia dos assassinatos — flores, unicórnios e gatinhos — e sempre pensei em se estava naquela pilha arruinada.

Diane não podia pagar uma casa nova. Todo o dinheiro do seguro de vida da minha mãe fora usado para contratar um advogado decente para Ben. Diane disse que minha mãe iria querer isso, mas falou com a expressão fechada, como se fosse bater um papo com ela caso pudesse. Então, nada de dinheiro para nós. Sendo pequena, eu podia dormir em um armário de onde teriam que sair a lavadora e a secadora. Diane até o pintou para mim. Ela fazia hora extra, levava-me para a terapia em Topeka, tentava ser afetuosa comigo, embora eu soubesse que lhe causava dor me abraçar, aquela infeliz lembrança do assassinato da irmã. Seus braços me cercavam como um bambolê, como se mantê-los ao meu redor, tocando-me o mínimo possível fosse um jogo. Mas toda manhã ela dizia que me amava.

Ao longo dos dez anos seguintes, destruí o carro de Diane duas vezes, quebrei duas vezes o nariz dela, roubei e vendi seus cartões de crédito e matei seu cachorro. Foi o cachorro que finalmente

acabou com ela. Ela conseguira Gracie, uma vira-lata peluda, pouco depois dos assassinatos. Latia, era do tamanho do antebraço de Diane, e ela gostava mais da cadela do que de mim, ou era o que eu sentia. Durante anos, tive ciúmes daquele cachorro, vendo Diane esfregar Gracie, suas grandes mãos masculinas agarrando um pente de plástico cor-de-rosa, observando-a colocar uma presilha no pelo comprido de Gracie, vendo-a tirar da carteira uma foto de Gracie em vez de uma minha. A cachorra era obcecada por meu pé, o ruim, com apenas dois dedos, o segundo e o mindinho, coisas magrelas retorcidas. Gracie sempre os fareja, como se de alguma forma soubesse que havia alguma coisa errada com eles. Isso não me aproximou dela.

Eu estava de castigo por alguma coisa, no verão entre o primeiro e o segundo ano do ensino médio, e enquanto Diane trabalhava eu ficava no trailer quente com cada vez mais raiva daquela cachorra, que estava cada vez mais ranzinza. Eu me recusava a levá-la para passear, então ela passou a correr, dando voltas frenéticas do sofá para a cozinha, e dali para o closet, latindo o tempo todo, mordiscando meus pés. Enquanto eu me encolhia, alimentando minha fúria, fingindo assistir a uma novela, mas deixando meu cérebro girar, Gracie parou em uma de suas voltas e mordeu o mindinho do meu pé ruim, simplesmente o agarrou com os caninos e sacudiu. Lembro de pensar, *se esse cachorro arrancar um dos meus últimos dedos*, e então ficar furiosa com quão ridícula eu era: na minha mão esquerda, havia um cotoco onde um homem jamais colocaria uma aliança, e meu pé direito sem apoio me dava um permanente caminhar de marinheiro em uma cidade do interior. As garotas na escola chamavam meu dedo de toco. Isso era pior, soava ao mesmo tempo peculiar e grotesco, algo de que riam escondidas enquanto desviavam os olhos. Um médico pouco antes me dissera que as amputações provavelmente nem sequer eram necessárias. “Simplesmente um médico do interior ambicioso demais.” Agarrei Gracie pelo meio do corpo, sentindo suas costelas

tremerem um pouco de frio. O tremor só me deixou com mais raiva, e de repente eu a estava arrancando do meu dedo — a carne indo com ela — e a jogando com toda força na direção da cozinha. Ela bateu na beirada pontuda do balcão, caiu e teve alguns espasmos, sangrando no linóleo.

Eu não quis matá-la, mas ela morreu, não tão depressa quanto eu gostaria, mas em uns dez minutos, enquanto eu andava de um lado para outro no trailer, tentando pensar no que fazer. Quando Diane voltou para casa, levando um ofertório de frango frito, Gracie ainda estava caída no chão, e tudo o que pude dizer foi: “Ela me mordeu.”

Tentei dizer mais, explicar por que não era minha culpa, mas Diane apenas ergueu um único dedo trêmulo: *Não*. Telefonou para a melhor amiga, Valerie, mulher tão delicada e maternal quanto Diane era corpulenta e dura. Diane ficou curvada sobre a pia, olhando pela janela, enquanto Valerie enrolava Gracie em um cobertor especial. Então elas se trancaram em um quarto e depois saíram, Valerie de pé, em silêncio ao lado de Diane, chorosa e retorcendo as mãos, enquanto Diane me dizia para arrumar minhas coisas. Pensando nisso agora, acho que Valerie devia ser sua namorada — toda noite Diane ia para a cama e conversava com ela pelo telefone até pegar no sono. Elas se consultavam sobre tudo, e até usavam o mesmo corte de cabelo, simples e suavemente curto. Na época, não me interessava o que ela era de Diane.

Vivi meus dois últimos anos do ensino médio com um casal educado de Abilene, que eram parentes de segundo grau e que só aterrorizei levemente. Diane me telefonava em intervalos de alguns meses. Eu me sentava com ela na linha, estalos telefônicos pesados e a voz enfumaçada de Diane respirando no fone. Imaginava a metade inferior da boca pendurada lá, a penugem cor de pêssego em seu queixo e aquela verruga perto do lábio inferior, um disco cor de pele que ela uma vez me disse, gargalhando, que concedia desejos se eu o esfregasse. Ouvia rangidos e estalos ao

fundo e sabia que Diane estava abrindo o armário do meio na cozinha do trailer. Eu conhecia aquele lugar melhor do que conhecera a casa da fazenda. Diane e eu fazíamos barulhos desnecessários, fingíamos espirrar ou tossir, e então ela dizia “Um momento, Libby”, sem necessidade, já que nenhuma de nós estava falando. Valerie normalmente estava lá, e elas cochichavam uma com a outra, a voz de Valerie adulando, a de Diane resmungando, e então Diane me dava mais uns vinte segundos de conversa e arrumava uma desculpa para encerrar.

Parou de atender meus telefonemas quando saiu o livro *Um novo dia!*. Suas únicas palavras: *O que deu em você para fazer tal coisa?* O que era educado para Diane, mas doeu mais do que três dúzias de *vaisefoder*.

Eu sabia que Diane estaria no mesmo número, nunca iria se mudar — o trailer era ligado a ela como um caramujo a uma concha. Passei vinte minutos vasculhando pilhas em casa, procurando minha velha caderneta de endereços, uma que tinha desde o primário, com uma garota ruiva de tranças na capa que todos deviam achar parecida comigo. A não ser pelo sorriso. O número de Diane estava em Tia Diane, seu nome escrito em marcador roxo com minha letra cursiva bem redonda.

Que tom adotar e qual a justificativa do telefonema? Em parte, só queria ouvir o chiado dela ao telefone, sua voz de técnico de futebol berrando em meu ouvido *Bem, por que demorou tanto a ligar de volta?* Em parte, queria saber o que ela realmente pensava sobre Ben. Ela nunca o criticara para mim, sempre tomara muito cuidado sobre como falava dele, outra coisa pelo que retrospectivamente eu era grata a ela.

Disquei o número, meus ombros erguidos até as orelhas, um nó na garganta, prendendo a respiração sem me dar conta disso até o terceiro toque, quando caiu na secretária eletrônica, e eu de repente estava expirando.

Era a voz de Valerie na secretária, pedindo que deixasse uma mensagem para ela ou Diane.

— Ah, oi, pessoal. É Libby. Só queria dizer oi e avisar que ainda estou viva e...

Desliguei. Liguei de novo.

— Por favor, ignorem a última mensagem. É Libby. Liguei para dizer que lamento por... Ah, por muitas coisas. E gostaria de conversar...

Eu me contive para o caso de alguém estar escutando, então deixei meu número, desliguei e me sentei na beirada da cama, pronta para levantar, mas sem ter motivo para isso.

Levantei. Havia feito mais naquele dia do que no ano anterior. Enquanto ainda estava com o telefone, obriguei-me a ligar para Lyle, esperando que caísse na caixa postal e, como de hábito, sendo atendida por ele. Antes que ele pudesse me irritar, contei que o encontro com Ben havia sido bom e que estava pronta para saber quem ele acreditava ser o assassino. Disse isso tudo em um tom muito preciso, como se servisse informações com uma colher dosadora.

— Sabia que você gostaria dele, sabia que se juntaria a nós — disse ele, exultante, e novamente me orgulhei de não ter desligado.

— Não falei isso, Lyle, disse que estava pronta para outra missão, caso queira.

Nós nos encontramos novamente no Tim-Clark’s Grille, o lugar enfumaçado de gordura. Outra garçonete velha, ou talvez a mesma de peruca ruiva, circulava em tênis, a minissaia esvoaçante, fazendo-a parecer uma antiga tenista profissional. Em vez do gordo admirando o vaso novo, uma mesa de caras na moda circulando cartas de baralho de mulheres nuas da década de setenta e rindo dos grandes matagais das mulheres. Lyle estava sentado espremido em uma mesa ao lado da deles, sua cadeira virada desajeitadamente. Eu me sentei com ele, servi-me de uma cerveja de seu jarro.

— Então, era o que você esperava? O que ele disse? — começou Lyle, a perna balançando.

Contei a ele, com exceção da parte sobre o coelhinho de porcelana.

— Mas entende o que Magda quis dizer, sobre ele não ter esperança?

Eu entendia.

— Acho que ele está em paz com a sentença. — Uma opinião que partilhei apenas porque o cara tinha me dado trezentos dólares, e eu queria mais. — Ele acha que é punição por não estar lá para nos proteger ou algo assim. Não sei. Achei que quando contasse a ele sobre meu testemunho, sobre ser... exagerado, que ele daria um pulo, mas... nada.

— Em termos legais, talvez isso não ajude muito depois de tanto tempo — disse Lyle. — Magda disse que, se você quiser ajudar Ben, teremos que reunir mais provas, e você poderá desmentir seu testemunho quando fizermos o pedido de *habeas corpus*; terá mais peso. A esta altura, é mais uma questão política do que legal. Muitas pessoas construíram grandes carreiras com esse caso.

— Magda parece saber muito.

— Ela comanda um grupo chamado Free Day Society, voltado exclusivamente para tirar Ben da prisão. Algumas vezes participo das reuniões, mas ele parece principalmente para, ahn, fãs. Mulheres.

— Já ouviu falar de Ben com uma namorada séria? Uma daquelas mulheres do Free Day cujo nome seja Molly, Sally ou Polly? Ele tem uma tatuagem.

— Nenhuma Sally. Polly parece nome de animal de estimação; meu primo teve um cachorro chamado Polly. Uma Molly, mas ela tem uns setenta anos.

Um prato de batatas fritas surgiu diante dele, a garçonete definitivamente diferente da anterior, igualmente velha, mas muito

mais amistosa. Gosto de garçonetes que me chamam de querida ou docinho, como ela fez.

Lyle comeu as fritas por algum tempo, espremendo sachês de ketchup na lateral do prato, depois salgando e apimentando o ketchup, mergulhando cada batata individualmente e a levando à boca com um cuidado feminino.

— Bem, então me diga quem você acha que fez isso — pedi, finalmente.

— Quem o quê?

Olhei para o teto e apoiei a cabeça nas mãos, como se fosse demais para mim, e quase era.

— Ah, certo. Acho que foi Lou Cates, o pai de Krissi Cates — disse, reclinando satisfeito na cadeira, como se tivesse acabado de ganhar uma partida de Detetive.

Krissi Cates, o nome dizia algo. Tentei enganar Lyle, mas não deu certo.

— Sabe quem é Krissi Cates, certo?

Quando eu não disse nada, ele continuou, sua voz ganhando um elegante tom professoral.

— Krissi Cates era uma aluna da quinta série de sua escola, a escola de Ben. No dia em que sua família foi morta, a polícia queria interrogar Ben; ela o acusara de molestá-la.

— O quê?

— É.

Ambos nos encaramos com expressões idênticas de “você está maluco”.

Lyle balançou a cabeça para mim.

— Quando diz que as pessoas não conversam com você sobre essas coisas, você não está brincando.

— Ela não testemunhou contra Ben... — comecei.

— Não, não. Foi a única coisa inteligente que a defesa de Ben fez, defendendo a tese de que não estavam legalmente relacionados, a agressão e os assassinatos. Mas o júri certamente

foi envenenado contra ele. Todos na região tinham ouvido que Ben havia molestado aquela bela garotinha daquela bela família, e foi provavelmente isso que levou a seus “assassinatos satânicos”. Você sabe como os boatos se espalham.

— Então a história de Krissi Cates nunca foi a julgamento? — perguntei. — Provaram que Ben não tinha feito nada de errado com ela?

— Nunca foi adiante, a polícia não fez acusações. A família Cates conseguiu um acordo rápido com o departamento de ensino e depois se mudou. Mas sabe o que eu acho? Que Lou Cates foi à sua casa naquela noite para confrontar Ben. Acho que Lou Cates, que era um tipo de cara forte, foi à casa de vocês conseguir algumas respostas, e então...

— Ficou tão furioso que decidiu matar a família inteira? Isso não faz nenhum sentido.

— Esse cara cumpriu três anos por homicídio culposo quando mais jovem, pelo que descobri; jogou uma bola de sinuca com toda força contra um cara e acabou o matando. Tinha temperamento violento. Se Lou Cates achava que a filha havia sido molestada, posso ver fúria. Depois fez os pentagramas e essas coisas para afastar as suspeitas.

— Humm, não faz sentido — falei.

Eu realmente queria que fizesse sentido.

— Seu irmão fazer isso é que não faz sentido. É um crime insano, insano, grande parte dele não vai fazer sentido. Por isso as pessoas são tão obcecadas com esses assassinatos. Se fizessem algum sentido, não seriam realmente mistérios, certo?

Eu não disse nada. Era verdade. Comecei a brincar com o saleiro e o pimenteiro, que eram surpreendentemente bons para serem levados.

— Quero dizer, você não acha que pelo menos é algo a ser investigado? — insistiu Lyle. — Essa enorme e terrível alegação explodindo no mesmo dia em que sua família é assassinada?

— Talvez. Você é quem manda.

— Então, até encontrar Runner, veja se consegue fazer alguém da família Cates conversar com você. Quinhentos dólares se for Krissi ou Lou. Só quero saber se ainda contam a mesma história sobre Ben. Se conseguem viver com isso, entende? Quero dizer, tem que ser mentira. Certo?

Eu me sentia abalada novamente. Minha fé não precisava ser testada neste momento. Mas me agarrei a uma segurança estranha: Ben nunca me molestara. Se ele fosse um molestador de crianças, não começaria com a garotinha na própria casa?

— Certo.

— Certo — repetiu Lyle.

— Mas não acho que terei mais sorte que você. Quero dizer, sou a irmã do cara que dizem que a molestou.

— Bem, tentei e não cheguei a lugar algum — disse Lyle, dando de ombros. — Não sou bom nesse tipo de coisa.

— Que tipo de coisa?

— Artimanhas.

— Ah, bem, esse definitivamente é meu tipo de coisa.

— Excelente. E se você conseguir marcar um encontro, gostaria de ir junto.

Dei de ombros, levantei, planejando deixá-lo com a conta, mas ele gritou meu nome antes que eu desse três passos.

— Libby, você sabe que está com o saleiro e o pimenteiro no bolso?

Parei por um segundo, pensando se me fingia de chocada — *ah, meu Deus, estou tão distraída*. Em vez disso, apenas assenti e passei pelas portas. Precisava deles.

* * *

Lyle rastreara a mãe de Krissi Cates até Emporia, Kansas, onde ela morava com o segundo marido, com quem tivera uma segunda filha

quase vinte anos depois da primeira. Lyle deixara várias mensagens no ano anterior, mas ela nunca retornara. Era o mais longe que havia chegado.

Nunca deixe uma mensagem para alguém com quem realmente queira falar. Não, você continua telefonando até alguém atender — por raiva, curiosidade ou medo —, e então começa a dizer coisas para manter a pessoa na linha.

Telefonei para a mãe de Krissi doze vezes antes de ela atender, e então disse, apressada:

— Aqui é Libby Day, irmã mais nova de Ben Day, você se lembra de Ben Day?

Ouvi lábios molhados se separando com um som estalado, depois uma voz fina murmurou, como se estivesse falando com uma atendente de telemarketing:

— Sim, eu me lembro de Ben Day. Sobre o que é, por favor?

— Gostaria de conversar com você ou alguém de sua família sobre as acusações que sua filha Krissi fez a Ben.

— Não falamos sobre isso... Qual é o seu nome, Lizzy? Casei novamente e tenho muito pouco contato com minha família.

— Sabe onde poderia encontrar Lou ou Krissi Cates?

Ela deu um suspiro como se soprasse fumaça.

— Lou deve estar em um bar em algum lugar no estado do Kansas, imagino. Krissi? Siga rumo oeste pela I-70, depois de Columbia. Entre à esquerda em algum clube de striptease. Não ligue novamente.

BEN DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
12H51

Ele pegou um pedaço de cartolina cor-de-rosa da lata de Krissi, dobrou-o ao meio e escreveu: É feriado de Natal e estou pensando em você — Adivinhe quem? Com um *B* embaixo. Ela ia adorar aquilo. Pensou em pegar algo da lata de Krissi e transferir para a de Libby, mas desistiu. Seria suspeito Libby aparecer com algo legal. Pensou em como ele e as irmãs eram uma piada na escola. As três garotas dividiam um guarda-roupa e meio, com Michelle circulando com casacos velhos dele, Debby vestindo o que conseguira de Michelle, e Libby, o que restava: calças jeans de menino remendadas, velhas camisas de times de beisebol sujas, vestidos baratos de tricô que a barriga de Debby alargara. Que diferença de Krissi. Todas as roupas dela tinham algo. Também Diondra, com suas calças jeans perfeitas. Se os jeans de Diondra estavam desbotados, era por ser a última moda, se tinham manchas de cloro, era por ela tê-los comprado assim. Diondra recebia uma boa mesada, levara Ben às compras algumas vezes, colocando roupas sobre ele como se fosse um bebê, mandando que sorrisse. Dizendo que podia relaxar, pisca, pisca. Ele não estava certo sobre se garotos deviam deixar garotas comprar suas roupas, se era legal ou não. O Sr. O'Malley, professor da sua turma, sempre brincava sobre as novas camisas que a esposa o obrigava a usar, mas o Sr. O'Malley era casado. Seja como for. Diondra gostava dele de preto, e ele não tinha dinheiro para comprar nada. A maldita Diondra faria as coisas do seu jeito, como sempre.

Era outra razão pela qual era legal ficar com Krissi: ela supunha que ele era legal por ter quinze anos, e, para ela, quinze parecia extremamente maduro. Não era como Diondra, que ria dele em momentos bizarros. Ele perguntava o que era tão engraçado, e ela apenas ria de boca fechada, dizendo: “Nada. Você é bonitinho.” Na primeira vez em que tentaram fazer sexo, ele se atrapalhou tanto com a camisinha que ela começou a rir, e ele brochou. Da segunda vez, ela tomou-lhe a camisinha, jogou-a do outro lado do quarto, disse foda-se e o puxou para dentro dela.

Então ficou duro só de pensar. Estava jogando o bilhete na lata de Krissi, seu pênis totalmente duro, e a Sra. Darksilver, professora da segunda série, apareceu.

— Oi, Ben, o que está fazendo aqui? — perguntou, sorrindo. Vestia calça jeans e um moletom, mocassins, e ia na sua direção carregando um quadro e um rolo de fita.

Ben deu as costas a ela, indo na direção da porta para a área do ensino médio.

— Ah, nada, só queria colocar algo na lata da minha irmã.

— Bem, não fuja, pelo menos me dê um abraço. Nunca mais vi você, agora que é um grande homem do ensino médio.

Continuou a ir na direção dele, sapatos batendo no concreto, aquele grande sorriso rosado no rosto, a franja reta. Fora apaixonado por ela quando criança, aquela forma precisa de cabelos negros. Deu as costas totalmente e tentou ir na direção da porta, seu pênis ainda apertado contra a perna da calça. Mas, enquanto se virava, ele soube que ela havia percebido o que estava acontecendo. Ela abandonou o sorriso, e uma careta incomodada e constrangida tomou todo o rosto. Nem sequer disse mais nada, foi como ele soube que ela viu. E agora ela estava olhando para a lata em frente à qual ele estivera — a de Krissi Cates, não a da sua irmã.

Ele se sentiu um animal mancando para longe, um cervo ferido que precisava ser abatido. Apenas atire. Algumas vezes via

imagens de armas, um cano sobre sua têmpora. Em um dos seus cadernos, escrevera uma citação de Nietzsche que encontrara certo dia folheando a coletânea de citações *Bartlett's*, enquanto esperava que os jogadores de futebol americano deixassem o prédio para que ele pudesse limpar:

Sempre é um consolo pensar em suicídio;
é o que faz muitas pessoas superarem uma noite ruim.

Nunca realmente pensara em se matar. Não queria ser o esquisitão trágico pelo qual as garotas choravam nos noticiários, embora nunca falassem com ele na vida real. De algum modo, aquilo parecia mais patético do que sua vida já era. Ainda assim, à noite, quando as coisas estavam realmente ruins e ele se sentia mais encurralado e impotente, era um bom pensamento — entrar no armário de armas da mãe (combinação 5-12-69, aniversário de casamento dela, agora uma piada), sentir o peso metálico nas mãos, colocar algumas balas na câmara, fácil como apertar pasta de dentes, pressionar contra a têmpora e atirar imediatamente. Você tem que atirar imediatamente, arma na têmpora, dedo no gatilho, ou pode mudar de ideia. Tinha que ser em um movimento único — e então apenas caía no chão como roupas escorregando de um cabide. Apenas... vuuuch. No chão, e então você seria problema dos outros, para variar.

Ele não planejava fazer nada disso, mas, quando precisava de algum alívio e não podia bater uma punheta, ou já tinha batido uma punheta e precisava de mais alívio, em geral era no que pensava. No chão, de lado, como se seu corpo fosse apenas uma pilha de roupas sujas esperando para ser recolhida.

* * *

Passou rapidamente pelas portas, e seu pênis murchou, como se simplesmente entrar na escola o brochasse. Agarrou o balde, rolou-o de volta para o armário e lavou as mãos com sabão para sujeira pesada.

Desceu as escadas e foi para a porta dos fundos, enquanto um bando de alunos dos últimos anos passava por ele na direção do estacionamento, sua cabeça quente sob os cabelos pretos, imaginando o que pensavam — esquisitão, assim como o treinador —, e não disseram nada, de fato nem sequer olharam para ele. Trinta segundos depois, ele abriu a porta, o sol sobre a neve em um branco chocante. Se aquilo fosse um vídeo, seria o momento da guitarra, a barra de distorção... Brrrrr!

Do lado de fora os caras subiam em uma picape e se exibiam dando voltas pelo estacionamento. E ele soltava a tranca da bicicleta, a cabeça latejando, uma gota de sangue caindo no guidom. Limpou com a ponta de um dedo, passou o dedo pelo fio em sua testa e, sem pensar, levou o dedo à boca, como se fosse um pouco de geleia derramada.

Ele precisava de algum alívio. Cerveja e talvez um baseado, relaxar um pouco. O único lugar onde ele podia tentar relaxar era a casa de Trey. Na verdade, não era a casa de Trey, que nunca disse onde morava, mas, quando não estava na casa de Diondra, ele provavelmente estava no Complexo; para chegar lá era preciso pegar uma longa estrada de terra a partir da Rodovia 41, cercada por pés de laranjeira dos dois lados, e então aparecia uma grande clareira aberta, com um depósito feito de um material metálico duro. A coisa toda chacoalhava ao vento. No inverno, um gerador zumbia do lado de dentro, apenas o suficiente para alimentar um punhado de aquecedores e uma TV com sinal péssimo. Dezenas de amostras de carpete tomavam o chão de terra como retalhos coloridos e fedorentos, e havia alguns sofás velhos e feios que haviam sido doados. As pessoas se reuniam para fumar ao redor dos aquecedores como se fossem fogueiras. Todos tinham cerveja

— simplesmente deixavam as latas no gelo do lado de fora — e todos tinham baseados. Normalmente alguém ia a uma loja de conveniência em algum momento — quem tinha algum dinheiro — e voltava com algumas dezenas de burritos, alguns esquentados no micro-ondas, outros ainda congelados. Se sobrasse, enfiavam os burritos na neve junto com a cerveja.

Ben nunca esteve lá sem Diondra. Era a turma dela, mas para onde mais poderia ir, cacete? Aparecer com a testa quebrada certamente lhe garantiria um aceno, mesmo que de má vontade, e uma lata de Beast. Podiam não ser amistosos — Trey nunca era exatamente amistoso —, mas não era do feitio deles mandar alguém embora. Ben certamente seria o mais novo, embora houvesse mais novos: uma vez um casal aparecera com um garotinho, vestindo apenas calças jeans. Enquanto todos ficavam doidões, o garoto continuou sentado em silêncio chupando o polegar no sofá, olhando para Ben. Mas a maioria tinha entre vinte e vinte e dois anos, idade em que estariam indo para a faculdade se não tivessem abandonado o ensino médio. Iria lá, talvez gostassem dele, e Diondra pararia de chamá-lo de Sombra sempre que o levasse. Pelo menos deixariam que ele se sentasse no canto e tomasse uma cerveja durante algumas horas.

Talvez fosse mais inteligente ir para casa, mas foda-se.

* * *

O armazém estava chacoalhando quando Ben finalmente chegou, as laterais de zinco vibrando com um *riff* de guitarra do lado de dentro. Algumas vezes os caras levavam amplificadores, usavam a barra de distorção até os ouvidos de todos explodirem. Quem tocava era bastante bom, uma música do Venom, perfeita para seu humor. RumadumDUMrum! Era o barulho de cavaleiros chegando, saqueadores e incendiários. O som do caos.

Deixou a bicicleta cair na neve, mexeu as mãos, estalou o pescoço. Sua cabeça agora doía, uma espécie de dor latejante, não tão fácil de ignorar quanto uma dor de cabeça comum. Estava morrendo de fome. Ele subira e descera a rodovia, tentando se convencer a ir para o armazém. Precisava de uma boa história para o corte na testa, algo que não lhe rendesse merdas do tipo *aaahhh, o bebê caiu da bicicleta*. Agora sonhava que Diondra ou Trey aparecesse bem a tempo, o escoltasse para dentro, sem problema, todos só sorrisos e álcool quando ele passasse pela porta.

Mas teria que ir sozinho. Podia ver por quilômetros toda aquela neve lisa, nenhum carro vindo. Levantou a trava com a bota e se esgueirou para dentro, o som da guitarra batendo nas paredes como um animal encurralado. Ben já conhecia o cara que estava tocando. Ele disse ter sido *roadie* do Van Halen por um tempo, mas não tinha detalhes de como as coisas realmente funcionavam na estrada. Passou os olhos por Ben, mas na verdade não o registrou, os olhos flutuando sobre uma multidão imaginária. Quatro caras e uma garota, todos com cabelos crespos desgrenhados, todos mais velhos, circulando um baseado, jogados entre os quadrados de carpete. Mal olharam para ele. O cara mais feio tinha as mãos nos quadris da garota, esticada sobre ele como um gato. O nariz dela era arrebitado, o rosto, vermelho de espinhas, e ela parecia muito chapada.

Ben cruzou o espaço — havia uma enorme distância entre a porta e os quadrados de carpete — e se sentou em um verde fino a pouco mais de um metro do grupo, olhando-os de lado, para poder assentir. Ninguém estava comendo, então não haveria comida para filar. Se fosse Trey, teria feito um gesto de cabeça para eles e dito “Eu consigo um pouco disso?”. E pelo menos estaria fumando também.

O guitarrista, Alex, realmente era muito bom. Uma guitarra era outra coisa que Ben queria, uma Floyd Rose Tremolo. Ele mexeu em uma quando esteve em Kansas City com Diondra, e ela resolveu

entrar numa loja de guitarras. Pareceu legal, algo que ele poderia aprender. Pelo menos o suficiente para tocar algumas músicas realmente legais, ir ali e fazer o armazém tremer. Todos que conhecia eram bons em alguma coisa, nem que fosse apenas em gastar dinheiro, como Diondra. Sempre que lhe contava as coisas que queria aprender ou fazer, ela ria e dizia que primeiro ele precisava conseguir um salário decente.

“Comida custa dinheiro, eletricidade custa dinheiro, você nem imagina”, dizia. Diondra pagava muitas das contas da casa, já que os pais passavam tanto tempo fora, isso era verdade, mas pagava as contas com o dinheiro fedorento dos pais. Ben não tinha certeza se ser capaz de passar um cheque era uma coisa tão impressionante. Pensou em que horas seriam e desejou simplesmente ter ido para a casa dela e esperado. Agora teria que ficar ali mais ou menos uma hora, para que não pensassem que estava indo embora porque ninguém falava com ele. As calças ainda estavam encharcadas da água do balde, e ele podia sentir o cheiro de atum velho na parte da frente da camisa.

— Ei — disse a garota. — Ei, garoto.

Ele olhou para ela, o cabelo preto caindo sobre um dos olhos.

— Você não deveria estar na escola ou coisa assim? — perguntou, as palavras saindo meio emboladas. — Por que está aqui?

— Feriado.

— Ele diz que é feriado — disse a garota ao namorado.

O cara, sarnento, com bochechas fundas e um vestígio de bigode, ergueu os olhos.

— Conhece alguém aqui? — perguntou.

Ben apontou para Alex.

— Conheço ele.

— Ei, Alex, conhece este garoto?

Alex parou de tocar, fez pose de roqueiro com as pernas bem abertas e olhou para Ben, agachado no chão. Negou com a cabeça.

— Não, cara. Eu não ando com estudantes.

Era o tipo de merda que sempre diziam a ele. Ben pensara que o novo cabelo preto fosse ajudar, fazer com que parecesse menos novo. Mas os caras apenas gostavam de sacaneá-lo ou ignorá-lo. Era algo no modo como ele havia sido criado, a maneira como andava, ou alguma coisa no sangue. Era sempre o antepenúltimo a ser escolhido em qualquer jogo coletivo — o último a ser apanhado imediatamente antes dos verdadeiros bostas. Os caras pareciam sentir isso instantaneamente; flertavam com Diondra na frente dele o tempo todo. Como se soubessem que seu pau encolhia um pouco quando entrava em uma sala. Bem, foda-se, estava farto disso.

— Chupa aqui — murmurou Ben.

— Uauuu. O garotinho ficou puto!

— Parece ter saído de uma briga — disse a garota.

— Ei, cara, você saiu de uma briga?

A música tinha parado totalmente. Alex apoiara a guitarra em uma parede gelada e fumava com os outros, sorrindo e balançando a cabeça. Suas vozes batiam no teto e ecoavam, como fogos se artifício.

Ben assentiu.

— Uau. Com quem brigou?

— Ninguém que você conheça.

— Ah, eu conheço muita gente. Diz aí. Quem foi, seu irmão mais novo? Levou uma surra do irmãozinho?

— Trey Teepano.

— Está mentindo — disse Alex. — Trey chutaria sua bunda.

— Você brigou com aquele índio filho da puta maluco? Trey não é parte índio? — disse o namorado, agora ignorando Alex.

— Que porra isso tem a ver com alguma coisa, Mike? — perguntou um dos amigos dele.

Tragou o baseado segurando-o com uma pinça, a pena rosa brilhante presa à pinça balançando no frio. A garota apagou,

guardou o baseado e enfiou a pinça de volta no cabelo. Um cacho castanho pendia torto da cabeça.

— Ouvi dizer que ele faz umas merdas assustadoras — disse Mike. — Coisa séria, merdas de invocar Satanás.

Trey era um exibido, pelo que Ben podia dizer. Falava sobre reuniões especiais à meia-noite em Wichita, onde sangue era derramado em diferentes rituais. Aparecera doidão na casa de Diondra certa noite de outubro, sem camisa e coberto de sangue. Jurou que ele e os amigos haviam matado algumas vacas na periferia de Lawrence. Disse também que tinham pensado em entrar em um campus e sequestrar algum universitário para o sacrifício, mas haviam ficado esgotados. Ele poderia estar dizendo a verdade naquele caso — estava nos noticiários no dia seguinte, quatro vacas mortas com facões, sem entranhas. Ben viu as fotos: todas deitadas de lado, grandes corpos redondos e tristes pernas ossudas. Era difícil para cacete matar uma vaca, havia uma razão para elas darem um couro bom. Claro que Trey malhava algumas horas por dia ouvindo heavy metal, flexionando, apertando e xingando, Ben tinha visto a série. Trey era um monte de músculos bronzeado e metido e provavelmente podia matar uma vaca com um facão, e talvez fosse maluco o suficiente para fazer isso apenas por diversão. Mas e quanto à parte de Satanás? Ben achava que o Diabo iria querer algo mais útil do que tripas de vaca. Ouro. Talvez uma criança. Para provar lealdade, como quando gangues obrigam um novato a atirar em alguém.

— Ele faz — disse Ben. — Nós fazemos. Fazemos umas merdas sinistras.

— Achei que você tinha acabado de dizer que brigou com ele — disse Mike, e finalmente, finalmente enfiou a mão em uma geladeira de isopor atrás dele e deu a Ben uma Olympia Gold molhada e gelada. Ben virou-se, estendeu a mão pedindo outra e ficou surpreso ao conseguir uma segunda cerveja em vez de um monte de merda.

— Nós brigamos. Quando você faz algumas das coisas que nós fazemos, acaba brigando.

Aquilo soava tão vago quanto as histórias de *roadie* de Alex.

— Você foi um dos caras que mataram aquelas vacas? — perguntou a garota.

Ben assentiu.

— Tivemos que fazer. Foi uma ordem.

— Ordem bizarra, cara — disse o camarada quieto do canto. — Aquilo era meu hambúrguer.

Eles riram, todos, e Ben tentou parecer suave, mas durão. Jogou o cabelo na frente dos olhos e sentiu a cerveja o gelando. Duas cervejas em uma barriga vazia, e ele estava meio tonto, mas não queria parecer um fraco.

— Então, por que vocês matam vacas? — perguntou a garota.

— Cai bem, satisfaz algumas exigências. Você não pode apenas ser do clube, realmente tem que fazer as coisas.

Ben caçara muito, seu pai o levou uma vez, e sua mãe insistindo para que ele fosse com ela. Coisa de criar laços. Ela não percebia como era constrangedor caçar com a mãe. Mas foi a mãe que lhe ensinou a atirar decentemente, a lidar com o recuo, a saber o momento certo de puxar o gatilho, a esperar e ser paciente por horas no esconderijo. Ben matou dezenas de animais, de coelhos a cervos.

Estava pensando em ratos, em como o gato do celeiro de sua mãe havia descoberto um ninho e devorado dois ou três ratos recém-nascidos antes de colocar a outra meia dúzia nos degraus dos fundos. Runner tinha acabado de ir embora — pela segunda vez —, então era tarefa de Ben acabar com a infelicidade deles. Eles se remexiam em silêncio, contorcendo-se como pequenas enguias rosadas, olhos grudados, e depois de Ben correr duas vezes até o celeiro e voltar, tentando descobrir o que fazer, as formigas estavam sobre eles. Finalmente, ele pegou uma pá e os esmagou no chão, pedaços de carne caindo em seus braços,

deixando-o com mais raiva, cada golpe incontido da pá o enfurecendo cada vez mais. *Você acha que sou um maricas, Runner, acha que sou um maricas!* Quando terminou, só restava uma mancha viscosa no chão. Ele estava suado, e, quando ergueu os olhos, a mãe o observava atrás da porta de tela. Ben ficou em silêncio no jantar naquela noite, o rosto preocupado de Patty voltado para ele, os olhos tristes. Ele só queria se virar para ela e dizer: *Algumas vezes é bom foder com alguma coisa. Em vez de sempre ser o fodido*.

— Tipo? — provocou a garota.

— Tipo... Bem, algumas vezes coisas têm que morrer. Temos que matar. Assim como Jesus exige sacrifício, bem, Satanás também.

Satanás, ele disse, como se fosse o nome de alguém. Não parecia falso nem assustador. Parecia normal, como se realmente conhecesse aquele de quem falava. Satanás. Quase podia imaginá-lo ali, o cara de rosto comprido e de chifres com aqueles olhos apertados de bode.

— Você realmente acredita nessa merda? Qual é mesmo seu nome?

— Ben. Day.

— Ben-Gay?

— É, nunca ouvi essa.

Ben pegou outra cerveja do isopor, sem pedir. Havia se aproximado um pouco desde que começaram a conversar, e, enquanto o álcool o relaxava, tudo que dizia, toda merda que saía da sua boca parecia inegável. Ele percebeu que podia se tornar uma pessoa incontestável, apesar daquela última gracinha, mas o babaca soube que a piada seria um fracasso.

Eles acenderam outro baseado, a garota tirando a pinça do cabelo, o cacho de cabelo bobo e amigável voltando ao lugar normal, ela não parecendo tão legal sem ele. Ben tragou, pegou um bom volume de fumaça, mas — não tussa, não tussa — não o suficiente para ter sementes no fundo da garganta. Aquilo era erva

ditchweed, do tipo que deixa muito doidão. Deixa você paranoico e falante, em vez de relaxado. Ben tinha uma teoria de que todos os restos de produtos químicos de todas as fazendas penetravam na terra e eram sugados por aquelas plantas malvadas e gananciosas. Isso as infectava, e então os inseticidas e os fertilizantes se instalavam nos sulcos de seus pulmões e no seu cérebro.

A garota agora olhava para ele, aquele olhar chapado que Debby tinha depois de ver muita TV, como se tivesse que dizer algo mas sentisse preguiça demais para mover a boca. Ele queria algo para comer.

O diabo nunca sente fome. Foi o que pensou então, a frase vindo de repente, as palavras em seu cérebro como uma prece.

Alex estava dedilhando a guitarra novamente, Van Halen, AC/DC, uma música dos Beatles, e então de repente estava dedilhando “O Little Town of Bethlehem”, os acordes infantis fazendo a cabeça de Ben doer mais.

— Ei, nada de músicas natalinas. Ben não vai gostar disso — gritou Mike.

— Cacete, ele está sangrando! — disse a garota.

O corte em sua testa abrira e agora escorria em bom volume do rosto para as calças. A garota tentou dar a ele um guardanapo de lanchonete, mas ele dispensou e espalhou o sangue no rosto como pintura de guerra.

Alex parou de tocar, e eles ficaram olhando para Ben, sorrisos desconfortáveis e ombros rígidos, inclinando-se levemente para longe dele. Mike ofereceu o baseado para ele com a ponta dos dedos, a fim de evitar contato. Ben não queria, mas respirou fundo novamente, a fumaça amarga queimando mais tecido dos pulmões.

Foi quando a tranca da porta ressoou, e Trey entrou. Tinha os braços cruzados, os pés fincados, a pose relaxada, passando os olhos pelo espaço e então jogando a cabeça para trás, como se Ben fosse um peixe estragado.

— O que você está fazendo aqui? Diondra está aqui?

— Está em Salina. Pensei em dar uma passada, matar tempo. Eles estão me distraindo.

— Ouvimos sobre sua briga — disse a garota, sorrisos maliciosos, os lábios em crescentes finos. — E outras coisas ruins.

Trey, os compridos cabelos pretos lisos e o rosto anguloso, era impenetrável. Olhou para o grupo no chão, e para Ben agachado com eles, e pela primeira vez pareceu inseguro sobre como lidar com a situação.

— E o que ele está dizendo?

Ele manteve os olhos fixos em Ben e pegou uma cerveja com a garota sem sequer olhar para ela. E Ben ficou pensando se eles teriam dormido juntos; Trey exibia o mesmo tipo de desdém com que uma vez Ben vira ele tratar uma ex-namorada: *Não estou com raiva, triste ou feliz de ver você. Estou cagando. Você não me causa efeito algum*.

— Umas merdas sobre o Diabo e o que vocês fazem para... ajudá-lo — disse.

Trey então sorriu e se sentou em frente a Ben, que evitou contato visual.

— Ei, Trey — disse Alex. — Você é índio, não é?

— É, quer que eu escalpele você?

— Mas não puro, certo? — soltou a garota.

— Minha mãe é branca. Eu não saio com garotas índias.

— Por que não? — perguntou ela, passando a pinça pelos cabelos, os dentes de metal prendendo nas ondas.

— Porque Satanás gosta de boceta branca.

Ele sorriu e inclinou a cabeça na direção dela, que começou a dar um risinho, mas ele manteve a mesma expressão, e ela se fechou, o namorado feio colocando um braço de volta no quadril.

Eles gostaram do papo de Ben, mas Trey era mais assustador. Ficou sentado ali com as pernas quase cruzadas, encarando-os de um modo que parecia superficialmente amistoso, mas totalmente desprovido de calor. E, embora seu corpo estivesse em uma

posição descontraída, cada membro era mantido em um ângulo agudo tenso. Havia algo profundamente malvado nele. Ninguém se ofereceu para passar o baseado de novo.

Ficaram sentados em silêncio por alguns minutos, o humor de Trey irritando todo mundo. Normalmente ele era o bebedor de cerveja barulhento, espertinho e brigão, mas, quando ficava aborrecido, era como se projetasse centenas de dedos invisíveis e insistentes para empurrar todo mundo para baixo pelos ombros. Afundar todo mundo.

— Então, quer ir? — perguntou de repente a Ben. — Estou com a picape. Tenho as chaves de Diondra. Podemos ficar na casa dela até ela chegar, tem TV a cabo. Melhor que este buraco gelado.

Ben concordou, acenou de modo nervoso para o grupo e seguiu Trey, que já estava do lado de fora, jogando sua lata de cerveja na neve. Ben decididamente estava alterado. Palavras se acumulavam no fundo da sua garganta e, enquanto ele subia na GMC, tentou gaguejar alguma desculpa para Trey. Trey, que acabara de livrar sua cara, por motivos nada claros. Por que era ele quem tinha as chaves de Diondra? Provavelmente porque pediu a ela. Ben não pensou em pedir.

— Espero que esteja pronto para sustentar aquela merda que estava dizendo lá dentro — disse Trey, engrenando a marcha a ré.

A GMC era um tanque, e Trey a dirigiu em linha reta pelo terreno da fazenda, sacudindo sobre espigas de milho velhas e valas de irrigação, obrigando Ben a agarrar o apoio de braço para não morder a língua. Trey lançou um olhar significativo para o aperto de Ben.

— É, claro.

— Talvez esta noite você se torne um homem. Talvez.

Trey ligou o toca-fitas. Iron Maiden, a música pela metade, *cacete!*, as palavras sibilando para Ben: *666... Satanás... Sacrifício*.

Ben repassou a música na cabeça, o cérebro fervendo, sentindo-se raivoso-frenético, do modo como sempre ficava quando escutava

metal, a batida da guitarra nunca reduzindo, deixando-o cada vez mais tenso, balançando sua cabeça para cima e para baixo, a bateria ressoando em sua coluna, a coisa toda um frenesi de fúria, impedindo-o de pensar direito, apenas o mantendo em um tremor apertado. Seu corpo inteiro parecia um punho cerrado, pronto para se libertar.

LIBBY DAY

HOJE

O trecho da I-70 entre Kansas City e St. Louis era feito de horas de paisagem. Plana, a tinta amarela da pista desbotando e outdoors por todo lado: um feto enrolado como um gatinho (O aborto faz parar um coração pulsante); uma sala avermelhada pelas luzes de uma ambulância (Use especialistas em limpeza de cenas de crime); uma mulher impressionantemente comum dando olhares de “me coma” para motoristas que passavam (Hot Jimmy’s Gentlemen’s Club). Os outdoors recomendando de forma sinistra o amor de Jesus eram diretamente proporcionais aos que anunciavam liquidações de material pornográfico, e as placas dos restaurantes locais sempre tinham aspas equivocadas: Herb’s Highway Diner — A “melhor” refeição da cidade; Jonele’s Rib House — Prove nossas “deliciosas” costelinhas.

Lyle estava no banco do carona. Ele debateu os prós e os contras de se juntar a mim (talvez eu tivesse mais acesso a Krissi sozinha, ambas sendo mulheres; por outro lado, ele conhecia melhor essa parte do caso; só que podia ficar empolgado demais, fazer perguntas demais e estragar tudo — algumas vezes Lyle se precipitava. Se ele tinha uma falha, era esta: algumas vezes se precipitava. Mas quinhentos dólares era muito dinheiro, e ele de certo modo se sentia no direito, não querendo ofender, de ir junto). Eu finalmente disse ao telefone que passaria pelo Sarah’s Pub em trinta minutos e, se ele estivesse na frente, poderia ir. Clique. Agora ele estava agitado ao meu lado, levantando e baixando a tranca da porta, mexendo no rádio, lendo cada placa em voz alta, como se

tentasse se assegurar de algo. Passamos por uma loja de fogos de artifício do tamanho de uma catedral e pelo menos três conjuntos de indicadores de óbitos: pequenas cruzes brancas e flores de plástico juntando poeira na lateral da estrada. Postos de gasolina anunciados com placas mais altas e finas que os cata-ventos tombados das fazendas vizinhas.

No alto de uma montanha, havia um outdoor com um rosto conhecido: Lisette Stephens, com aquele sorriso alegre, um número de telefone embaixo pedindo informações sobre seu paradeiro. Fiquei pensando em quanto tempo até que o tirassem, desprovidos de esperança ou dinheiro.

— Ah, meu Deus, ela — disse Lyle quando passamos por Lisette.

Eu fiquei ofendida, mas meus sentimentos eram similares aos de Lyle. Após algum tempo, era quase grosseiro pedir que você se preocupasse com alguém que claramente estava morto. A não ser que fosse minha família.

— E então, Lyle, posso perguntar por que você é tão obcecado pela... por este caso?

Quando disse isso, o céu ficou escuro o suficiente para acender as luzes da rodovia e, em fila, até o horizonte, elas piscaram brancas, como se minha pergunta as tivesse intrigado.

Lyle olhava para a própria perna, escutando de lado como sempre fazia. Tinha o hábito de esticar uma orelha na direção de quem falava, depois esperava alguns segundos como se traduzindo para outro idioma o que fora dito.

— É só a clássica história de detetive. Há muitas teorias possíveis, portanto é interessante conversar — explicou, ainda sem olhar para mim. — E há você. E Krissi. Crianças que... causaram algo. Eu me interesso por isso.

— Crianças que causaram algo?

— Fizeram algo acontecer, algo que se tornou maior do que elas eram, algo que involuntariamente teve enormes consequências. Projeções. Isso me interessa.

— Por quê?

Ele fez uma pausa.

— Porque sim.

Éramos as pessoas menos indicadas para arrancar informações de alguém. Seres humanos atrofiados que ficavam sem jeito sempre que tentávamos nos expressar. Mas eu realmente não estava interessada em saber se conseguiríamos muito com Krissi, já que, quanto mais pensava na teoria de Lyle, mais absurda ela parecia.

Depois de mais quarenta minutos dirigindo, começaram a aparecer as boates de striptease: blocos de cimento atarracados sem graça, a maioria sem nenhum nome, apenas letreiros neon berrando Garotas ao vivo! Garotas ao vivo! Que eu achava um argumento de venda muito melhor do que Garotas mortas. Imaginei Krissi Cates parando no estacionamento de cascalho, preparando-se para tirar as roupas em uma boate totalmente genérica. Há algo de perturbador em nem ao menos se preocupar com um nome. Sempre que vejo matérias sobre crianças mortas pelos pais, eu penso: Como pode ser? Eles se importaram o bastante para dar um nome à criança, tiveram um momento — pelo menos um momento — em que examinaram todas as possibilidades e escolheram um nome específico para seu filho, decidiram como iriam chamar o bebê. Como você pode matar algo com que se importou o suficiente para batizar?

— Esta será minha primeira boate de striptease — disse Lyle, e deu seu sorriso de lábios apertados.

Saí da rodovia à esquerda, como a mãe de Krissi recomendara — quando telefonei para a única boate na lista, um homem escorregadio disse que achava que Krissi estava “por ali” —, e entrei no estacionamento do tamanho de um pasto para pelo menos três boates em sequência. Havia um posto de gasolina e uma parada de caminhões no ponto mais distante: na luz branca brilhante vi as silhuetas de mulheres circulando como gatos entre as cabines, portas se abrindo e fechando, pernas nuas se projetando

enquanto elas se inclinavam a fim de se posicionar para o próximo cliente. Supus que a maioria das strippers acabava trabalhando na parada de caminhões assim que as boates se cansavam delas.

Saltei do carro e remexi nas anotações que Lyle tinha me dado, uma lista organizada com perguntas numeradas destinadas a Krissi, caso a encontrássemos. (Número um: Você ainda sustenta que foi molestada por Ben Day quando era criança? Caso positivo, por favor explique.) Comecei a revisar as outras perguntas quando um movimento à direita chamou minha atenção. Na parada de caminhões, uma sombra pequena descolou da lateral de uma cabine e começou a ir em linha reta na minha direção, o tipo de caminhar objetivo que se dá quando se está esgotada e tenta não aparentar. Podia ver os ombros jogados para a frente, bem à frente do corpo, como se a garota não tivesse escolha a não ser continuar a se mover depois de começar. E ela *era* uma garota, vi quando chegou ao outro lado do meu carro. Tinha um grande rosto de boneca que cintilava à luz dos postes, cabelos castanho-claros presos em rabo de cavalo a partir de uma testa curva.

— Ei, tem um cigarro? — perguntou, a cabeça tremendo como alguém com Parkinson.

— Você está bem? — perguntei, tentando olhá-la melhor, avaliar sua idade.

Quinze, dezesseis. Tremia em um casaco sobre uma minissaia e botas que deveriam parecer sensuais, mas nela eram infantis, uma criança de jardim de infância brincando de *cowgirl*.

— Tem um cigarro? — repetiu ela, brilhando, os olhos úmidos.

Balançou nos calcanhares, olhou de mim para Lyle, que fitava o chão.

Eu tinha um maço em algum lugar no banco de trás do carro, então me inclinei para dentro e vasculhei entre embalagens velhas de lanchonete, um estoque de sacos de chá que roubara de um restaurante (outra coisa que ninguém devia comprar: sacos de chá) e uma pilha de colheres de metal baratas (idem). Ainda tinha três

cigarros no maço, um deles quebrado. Peguei os outros dois, acendi um isqueiro, a garota se inclinando torta, depois finalmente acertando a chama, *Desculpe, não vejo nada sem meus óculos*. Acendi meu cigarro e deixei minha cabeça fazer sua dança de onda de calor depois da primeira injeção de nicotina.

— Sou Colleen — disse ela, dando um trago no cigarro.

A temperatura despencara rapidamente junto com o sol, e ficamos frente a frente nos sacudindo, para nos mantermos aquecidas.

Colleen. Era um nome doce para uma piranha. Alguém tinha outros planos para aquela garota.

— Quantos anos você tem, Colleen?

Ela olhou de volta para a parada de caminhões, encolheu os ombros.

— Ah, não se preocupe, não estou trabalhando lá. Eu trabalho ali — disse, apontando para a boate do meio com o dedo médio. — Pode ficar tranquila, não estou fazendo nada errado. Não preciso...

Ela fez um gesto de cabeça para a fila de caminhões, todos eles imóveis, a não ser pelo que acontecia do lado de dentro.

— Apenas tentamos ficar de olho em algumas das garotas que trabalham ali. Coisa de irmandade. Você é nova?

Eu estava usando uma blusa decotada, supondo que deixaria Krissi mais confortável quando a encontrasse, um sinal de que não era pudica. Colleen olhava para meu decote com os olhos de um joalheiro, tentando ligar meus seios à boate certa.

— Ah, não. Estamos procurando uma amiga. Krissi Cates? Conhece?

— Ela pode ter um sobrenome diferente agora — disse Lyle, e depois desviou os olhos para a rodovia.

— Conheço uma Krissi. Mais velha?

— Na faixa dos trinta.

O corpo inteiro de Colleen tremia. Eu supus que estivesse tomando alguma droga. Ou talvez fosse apenas o frio.

— Certo — disse ela, terminando o cigarro com uma tragada agressiva. — Algumas vezes ela faz o turno do dia no Mike's — falou, apontando para a boate mais distante, onde o neon dizia apenas G-A-O-T-A-S.

— Não parece bom.

— Não é. Mas você tem que se aposentar em algum momento, certo? É uma merda para ela, pois acho que gastou muito dinheiro em silicone nos peitos, mas Mike não acha que ela ainda seja horário nobre. Pelo menos a coisa dos peitos pode ser descontada do imposto de renda.

Colleen disse tudo isso com a crueldade pretensiosa de uma adolescente que sabe ainda ter algumas décadas à frente, antes de começarem essas humilhações.

— Então devemos voltar no turno do dia? — perguntou Lyle.

— Ahn... Vocês podem esperar aqui — disse, com uma voz infantil, apontando para a fila de caminhões. — Ela deve terminar logo. Preciso me arrumar para o trabalho, obrigada pelo cigarro.

Ela saiu trotando, novamente projetando os ombros, em direção ao prédio escuro do meio, abriu a porta e desapareceu do lado de dentro.

— Acho que deveríamos ir embora, isso me parece um beco sem saída — disse Lyle.

Eu estava prestes a dar um esporro nele por ficar com medinho, mandar que apenas esperasse no carro, quando outra sombra desceu de um caminhão bem mais longe e começou a ir na direção do estacionamento. Todas as mulheres dali andavam como se estivessem enfrentando uma ventania monstruosa. Meu estômago revirou com uma imagem solitária de mim mesma presa ali ou em algum lugar como aquele. Não era tão improvável para uma mulher sem família, dinheiro e habilidades. Uma mulher com certo pragmatismo degenerado. Eu já abri minhas pernas para homens legais que seriam bons comigo e me renderiam alguns meses de refeições grátis. Se eu já fiz isso e nunca me senti culpada, então

quanto faltava para que eu estivesse ali? Senti minha garganta travar por um momento, depois acordei. Eu estava ganhando dinheiro agora.

A figura era só sombras: consegui identificar um halo de cabelos arruinados, o short curto, uma bolsa exagerada e pernas grossas musculosas. Saiu da escuridão para revelar um rosto bronzeado com olhos que eram levemente juntos. Bonitinha, mas canina. Lyle me cutucou, lançou um olhar inquisidor querendo saber se a reconhecera. Não, mas por garantia acenei rapidamente e ela parou, desajeitada. Perguntei se era Krissi Cates.

— Sim, sou eu — respondeu, solícita, seu rosto demonstrando uma surpreendente ansiedade, como se achando que algo bom poderia estar prestes a acontecer.

Era uma expressão estranha de ver, considerando de onde vinha.

— Eu queria conversar com você.

— Tudo bem — disse, dando de ombros. — Sobre o quê? — Ela não conseguia me identificar: não era policial, nem assistente social, nem stripper, nem a professora do filho, supondo que ela tivesse um filho. Apenas espiara Lyle, já que ele se revezava entre ficar boquiaberto para ela ou se desviar quase totalmente de nós. — Sobre trabalhar aqui? Você é repórter?

— Bem, para ser sincera, é sobre Ben Day.

— Ah. Certo. Podemos entrar no Mike's e você me paga uma bebida?

— Você é casada? Seu nome ainda é Cates? — soltou Lyle.

Krissi franziu a testa para ele, depois olhou para mim querendo uma explicação. Arregalei os olhos e fiz uma careta: o olhar que as mulheres trocam quando ficam constrangidas por causa do homem com quem estão.

— Eu me casei uma vez — disse. — Meu sobrenome agora é Quanto. Só porque fui preguiçosa demais para mudar novamente. Sabe a chateação que é isso?

Sorri como se soubesse, e de repente a estava seguindo pelo estacionamento, tentando me manter longe da bolsa gigantesca que batia em seu quadril, lançando a Lyle um olhar de que tinha que se controlar. Imediatamente antes de chegarmos à porta, ela se agachou na lateral da boate murmurando *você se incomoda?* — e cheirou algo de um pacote de papel laminado que tirou do bolso de trás. Depois me deu as costas e emitiu um som de gargarejo que deve ter doído.

Krissi se virou de volta, um grande sorriso nos lábios.

— Qualquer coisa para encarar a noite... — cantarolou, balançando o pacote de papel laminado, mas no meio do verso pareceu esquecer a melodia. Ela fungou, o nariz tão pequeno que me pareceu um umbigo estufado, do tipo que as grávidas têm. — Mike é um nazista em relação a estas coisas — disse, e abriu a porta.

Eu já estivera em boates de striptease — nos anos noventa, quando era considerado ousado, quando as mulheres eram burras o bastante para achar que era sensual ficar ali fingindo gostar de mulher porque os homens gostavam que você gostasse de mulher. Mas acho que nunca estive em uma tão barata. Era pequena e enfumaçada, as paredes e os pisos pareciam ter uma camada extra de cera. Uma jovem dançava sem nenhuma graça em um palco baixo. Na verdade, marchava sem sair do lugar, a cintura rolando sobre uma calcinha fio dental dois números menor que o dela, adesivos sobre mamilos que apontavam para fora, estrábicos. Após alguns movimentos, ela dava as costas aos homens, curvava-se e olhava para eles por entre as pernas abertas, o rosto ficando vermelho rapidamente pelo fluxo de sangue para a cabeça. Em resposta, os homens — havia apenas três, todos de camisas de flanela, debruçados sobre cervejas em mesas separadas — grunhiam ou assentiam com a cabeça. Um leão de chácara enorme se estudava no espelho de parede, entediado. Sentamos os três em fila no bar, eu no meio. Lyle estava de braços cruzados, mãos nas

axilas, tentando não encostar em nada, tentando parecer que olhava para a dançarina sem realmente olhar para ela. Desviei os olhos do palco, torci o nariz.

— Eu sei, está bem? — disse Krissi. — Maldito lugar vagabundo. É por sua conta, certo? Porque não tenho dinheiro.

Antes mesmo que eu concordasse, ela já estava pedindo uma vodca com cranberry, e eu pedi o mesmo. Lyle estava mostrando sua identidade para o bartender e começou a fazer uma encenação desconfortável, a voz ficando ainda mais parecida com a de um pato, um sorriso bizarro grudado em seu rosto. Ele não fez contato visual e não deu qualquer sinal de que estava encenando. O bartender o encarou, e Lyle disse: *A primeira noite de um homem. Você viu?* E o cara simplesmente deu as costas.

Assim como eu.

— Então, o que quer saber? — perguntou Krissi sorrindo e se inclinando na minha direção.

Pensei sobre se dizia quem era, mas ela parecia tão desinteressada que decidi me poupar desse problema. Ali estava uma mulher que apenas queria companhia. Continuei olhando para os seios dela, que eram ainda maiores do que os meus, apertados e bem presos, de modo que apontavam para fora. Eu os imaginei ali, brilhantes e esféricos como frango embrulhado em celofane.

— Gosta deles? — guinchou Krissi, sacudindo-os. — São seminovos. Bem, acho que já têm quase um ano. Deveria fazer uma festa de aniversário para eles. Não que tenham me ajudado aqui. O puto do Mike continua me sacaneando nos turnos. Mas tudo bem, sempre quis peitos maiores. E agora tenho. Se pelo menos eu pudesse me livrar disto... É do que preciso me livrar — disse, agarrando um pneuzinho mínimo, fingindo ser muito pior do que era. Logo abaixo, o brilho branco de uma cicatriz de cesariana se revelava.

— Então, Ben Day. Ruivo desgraçado. Ele realmente fodeu com a minha vida.

— Então você sustenta que foi molestada por ele? — perguntou Lyle, esticando-se por trás de mim como um esquilo.

Eu me virei para lhe lançar um olhar furioso, mas Krissi pareceu não se importar. Ela tinha a falta de curiosidade dos drogados. Continuou a falar apenas comigo.

— É, é. Era tudo parte da coisa satânica dele. Acho que teria me sacrificado, acho que esse era o plano. Teria me matado se não o apanhassem por, vocês sabem, o que ele fez com a família.

As pessoas sempre queriam sua parte dos assassinatos. Assim como todos em Kinnakee conheciam alguém que tinha transado com minha mãe, todos haviam escapado por pouco de Ben. Ele ameaçara matá-los, chutara seus cachorros, olhara para eles de modo realmente assustador algum dia. Sangrara ao ouvir uma música natalina. Mostrara a eles a marca de Satanás escondida atrás da orelha e os convidara a entrar para seu culto. Krissi tinha certa ansiedade e sempre inspirava antes de começar a falar.

— Então, como foi que aconteceu exatamente? — perguntei.

— Você quer a versão simplificada ou a picante?

Ela pediu outra rodada de vodca com cranberry e, depois, três drinques Slippery Nipple. O bartender os serviu pré-prontos, de um jarro de plástico, ergueu uma sobrancelha para mim e nos perguntou se queríamos abrir uma conta.

— Está bem, Kevin, minha amiga vai cuidar disso — disse Krissi, e depois riu. — Qual é mesmo seu nome?

Evitei a questão, perguntando ao bartender quanto devia e pagando com um leque de notas de vinte, de modo que Krissi soubesse que eu tinha mais dinheiro. É necessário um parasita para pegar outro.

— Vocês vão adorar isto, é como beber um biscoito. Saúde! — disse ela, erguendo o copo com um gesto de “vá se foder” na direção de uma janela escura nos fundos da boate, onde achei que Mike estava sentado. E então bebemos, o drinque assentando

denso em minha garganta, Lyle fazendo um ruído de *uau*, como se bebesse uísque.

Após alguns movimentos, Krissi ajeitou um dos seios e depois respirou fundo de novo.

— Então, vamos lá. Eu tinha onze anos, Ben tinha quinze. Ele começou a ficar comigo depois da escola, no começo sempre me olhando. Quero dizer, isso acontecia muito comigo, sempre acontecia. Sempre fui uma criança bonitinha, não estou me gabando, eu simplesmente era. E tínhamos muito dinheiro. Meu pai... — disse, fazendo uma pausa, e flagrei uma pontada de dor, um esgar rápido no lábio que revelou um só dente. — Ele cresceu na vida sozinho. Entrou no setor de fitas de vídeo bem no começo, era o maior atacadista de fitas do Meio-Oeste.

— Tipo filmes?

— Não, fitas virgens, para que as pessoas gravassem coisas. Lembra? Bem, você provavelmente era jovem demais.

Eu não era.

— De qualquer forma, eu talvez fosse um alvo fácil. Não que fosse uma criança criada solta ou algo assim, mas minha mãe não ficava de olho em mim o tempo todo, acho.

Desta vez uma expressão mais obviamente amarga.

— Espere, por que você está aqui? — perguntou.

— Estou pesquisando o caso.

A boca dela murchou nos cantos.

— Ah. Por um segundo, pensei que minha mãe tinha mandado você. Sei que ela sabe que estou aqui.

Ela tamborilou no balcão com suas compridas unhas coral, e eu escondi minha mão esquerda, com o dedo cotó, sob meu copo. Sabia que devia me importar um pouco com a vida familiar de Krissi, mas não me importava. Bem, importava-me o suficiente para não contar a ela que a mãe nunca iria querer saber do seu paradeiro.

Um dos clientes em uma das mesas de plástico não tirava os olhos de nós, olhando por cima do ombro com uma raiva bêbada.

Eu queria sair dali, deixar Krissi e seus problemas para trás.

— Então — recomeçou Krissi. — Ben foi realmente muito *esperto* comigo, se é que você me entende. Ele tipo... Você quer batatas? As batatas daqui são realmente boas.

As batatas estavam penduradas em sacos baratos atrás do bar. *As batatas daqui são realmente boas*. Eu tinha que gostar da mulher por ela me fazer trabalhar tanto. Assenti, e logo Krissi estava rasgando um saco, o fedor de creme azedo e cebola me dando água na boca, apesar de tudo. O corante amarelo grudou no brilho labial de Krissi.

— De qualquer modo, Ben conquistou minha confiança e então começou a me molestar.

— Como ele ganhou sua confiança?

— Você sabe, chicletes, doces, dizendo coisas legais para mim.

— E como ele molestou você?

— Ele me levava para o armário onde guardava suas coisas de faxina, ele era faxineiro da escola, lembro que sempre cheirava muito mal, como alvejante sujo. Ele me levava lá depois da escola e me obrigava a fazer sexo oral nele. Depois, ele fazia sexo oral em mim e me fazia jurar fidelidade a Satanás. Eu sentia muito medo. Sabe, ele dizia que ia machucar meus pais se eu contasse.

— Como ele a obrigava a entrar no armário? — perguntou Lyle. — Se era na escola?

Krissi encolheu os ombros com aquilo, o mesmo gesto agressivo que eu sempre fazia quando alguém questionava meu testemunho contra Ben.

— Tipo, você sabe, fazendo ameaças. Ele tinha um altar lá dentro, montara aquilo, era uma cruz invertida. Acho que alguns animais mortos que ele matara também estavam lá. Uma coisa de sacrifício. Por isso acho que estava se preparando para me matar. Mas, em vez disso, pegou a família. A família inteira estava envolvida, foi o que eu ouvi. Que a família inteira adorava o Diabo e essas coisas.

Ela lambeu migalhas de batatas das unhas de plástico.

— Duvido — murmurei.

— Bem, como você sabe? — retrucou Krissi. — Aconteceu comigo, certo?

Continuei esperando que ela descobrisse quem eu era, deixei meu rosto — não tão diferente do rosto de Ben — entrar na memória dela, ela perceber as grandes raízes de cabelos ruivos em minha cabeça.

— Então, quantas vezes Ben a molestou?

— Inúmeras. Inúmeras — disse, balançando a cabeça, desanimada.

— Como seu pai reagiu quando você contou o que Ben fez? — perguntou Lyle.

— Ah, meu Deus, ele foi tão protetor, ele surtou, ficou furioso. Dirigiu pela cidade naquele dia, o dia dos assassinatos, procurando por Ben. Sempre achei que ele o teria matado se o encontrasse, e então a família de Ben ainda estaria viva. Isso não é triste?

Minhas entranhas reviraram com isso, e então minha raiva se esvaiu.

— A família de Ben, os horríveis adoradores do Diabo?

— Bem, talvez eu tenha exagerado um pouco — disse Krissi, inclinando a cabeça, do modo como adultos fazem quanto estão tentando aplacar uma criança. — Estou certa de que eram bons cristãos. Mas, apenas pense, se meu pai tivesse achado Ben...

Apenas pense se seu pai não tivesse encontrado Ben, mas minha família. Encontrado uma arma, encontrado um machado e nos eliminado. Quase nos eliminado.

— Seu pai voltou para casa naquela noite? — perguntou Lyle. — Você o viu depois de meia-noite?

Krissi baixou o queixo de novo, ergueu as sobrancelhas para mim, e eu acrescentei, mais tranquilizadora:

— Quero dizer, como você sabe que ele nunca teve contato com nenhum dos Day?

— Porque, estou falando sério, ele teria feito algo terrível. Eu era tipo a menina dos olhos dele. Aquilo que aconteceu comigo acabou com ele. Acabou com ele.

— Ele mora por aqui?

Lyle estava deixando-o assustada, tinha a intensidade de um laser.

— Ahn, nós perdemos contato — respondeu, já olhando para o bar querendo mais. — Acho que tudo aquilo foi demais para ele.

— Sua família processou o departamento de ensino, não? — disse Lyle, inclinando-se para a frente, ficando ansioso.

Movi meu banco e o bloqueei um pouco, esperando que ele entendesse.

— Que inferno, sim. Eles precisavam ser processados, deixar alguém como ele trabalhar ali, deixar uma garotinha ser molestada debaixo dos narizes deles. Eu sou de uma boa família...

Lyle a interrompeu.

— Espero que não se importe com a pergunta, mas... Como você terminou, ahn, aqui, mesmo sua família tendo ganhado a causa?

O cliente da mesa agora estava totalmente virado na cadeira, olhando para nós, irritado.

— Minha família teve alguns reveses nos negócios. O dinheiro acabou há algum tempo. Não é uma coisa tão ruim trabalhar aqui. As pessoas sempre acham que é. Mas não é. É fortalecedor, é divertido, deixa as pessoas felizes. Quantas pessoas podem dizer tudo isso de seus empregos? Não é como se eu fosse uma piranha.

Franzi a testa antes de conseguir me conter e olhei na direção da parada de caminhões.

— Aquilo? — disse Krissi, fingindo sussurrar. — Eu estava só pegando uma coisinha para a noite. Eu não estava... Ai, Deus. Não. Algumas meninas fazem, mas eu não. Tem uma pobre garota, dezesseis anos, que trabalha nisso com a mãe. Eu tento cuidar dela. Colleen. Fico pensando se não deveria chamar o serviço social ou algo assim. Quem você chama para uma coisa dessas?

Krissi perguntou isso com a preocupação de quem está procurando um novo ginecologista.

— Podemos conseguir o endereço do seu pai? — perguntou Lyle.

Krissi se levantou, uns vinte minutos depois do que eu teria.

— Já disse, não mantemos contato — falou.

Lyle começava a dizer algo quando me virei para ele, cutuquei seu peito e fiz com a boca: cale a boca. Ele abriu a boca, fechou, olhou para a garota no palco, que agora fazia uma mímica de foder o chão, e saiu pela porta.

Mas era tarde demais, Krissi já estava dizendo que tinha que encontrar alguém. Quando eu estava acertando com o bartender, ela perguntou se podia pegar vinte dólares emprestados.

— Vou pagar um jantar para Colleen com isso — mentiu. Depois passou para cinquenta. — Devolvo tudo a você. É que ainda não saquei meu pagamento.

Fez uma encenação elaborada de pegar uma folha de papel e uma caneta para mim, pediu que eu escrevesse meu endereço, e ela mandaria o dinheiro pelo correio.

Mentalmente coloquei o dinheiro na conta de Lyle, e dei a quantia a Krissi, que verificou as notas na minha frente, como se eu pudesse tê-la enganado. Abriu a enorme boca de sua bolsa, e um copo de criança rolou para o chão.

— Pode deixar — disse ela, quando me curvei para pegar.

Então eu deixei.

Depois peguei o pedaço de papel engordurado e escrevi meu endereço e meu nome. Libby Day. Meu nome é Libby Day, piranha mentirosa.

PATTY DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
13H50

Patty ficou pensando em quantas horas ela e Diane haviam passado circulando juntas de carro: mil? Duas mil? Talvez, se você somasse tudo, em um total de dois anos, como os fabricantes de colchões sempre faziam: você passa um terço de sua vida dormindo, por que não fazer isso em um ComfortCush? Oito anos de pé em filas, seis anos urinando, eles calculam tudo. Colocada dessa forma, a vida era sinistra. Três anos esperando no consultório do médico; três horas inteiras vendo Debby rir durante o café da manhã, até o leite começar a escorrer pelo queixo. Duas semanas comendo panquecas encharcadas que as meninas fizeram para ela, o meio ainda azedo de massa. Apenas uma hora olhando impressionada enquanto Ben enfiava o boné atrás das orelhas, reproduzindo perfeitamente o gesto do avô, morto desde que Ben era apenas um bebê. Mais seis *anos* carregando estrume, três anos fugindo de telefonemas de cobradores. Talvez um mês fazendo sexo, talvez um dia tendo sexo bom. Ela tinha dormido com três homens em toda a vida. Seu gentil namorado da escola; Runner, o exuberante que a roubara do gentil namorado e a deixara com quatro filhos (maravilhosos); e um cara com quem namorou alguns meses depois de Runner ter ido embora. Eles dormiram juntos três vezes com as crianças em casa. Sempre terminava de modo desconfortável. Ben, soturno e possessivo aos onze anos, instalava-se na cozinha, a fim de poder olhar furioso para eles ao sair do quarto pela manhã. Patty preocupada com o sêmen do sujeito nela,

aquele cheiro tão forte e constrangedor com seus filhos ainda de pijamas. Desde o início, aquilo claramente não ia dar certo, e ela nunca teve coragem de tentar de novo. Libby se formaria na escola em onze anos, portanto, talvez então... Ela teria quarenta e três, que era quando as mulheres supostamente chegavam ao auge sexual. Ou algo assim. Talvez não, talvez fosse a menopausa.

— Estamos indo para a escola? — perguntou Diane, e Patty saiu de seu transe de três segundos para se lembrar da terrível obrigação, a missão delas: encontrar Ben.

E o quê? Escondê-lo até essa história explodir? Levá-lo à casa da garotinha e ajeitar tudo? Nos filmes sobre famílias, a mãe sempre flagrava o filho roubando, levava-o de volta à loja e o obrigava a devolver o doce com a mão trêmula e pedir desculpas. Ela sabia que Ben furtara coisas de lojas. Antes de ele começar a trancar a porta, ela de vez em quando encontrava coisas estranhas, que cabiam em bolsos, no quarto do filho. Uma vela, pilhas, um pacote de plástico de soldados de brinquedo. Nunca dissera nada, o que era horrível. Parte dela não queria lidar com isso — dirigir até a cidade e conversar com um garoto que recebia salário mínimo e não se importava com nada. E a outra parte (ainda pior) pensava: que inferno, por que não? O garoto tinha tão pouco, por que não continuar fingindo que era algo que um amigo dera? Deixe que fique com a coisinha roubada, uma mínima coisa errada no grande esquema.

— Não, ele não iria à escola. Ele só trabalha aos domingos.

— Então, onde?

Chegaram a um semáforo, que balançava no fio como roupa no varal. A estrada terminava no pasto de uma família cheia de terras que vivia no Colorado. Virando à direita, entravam na própria Kinnakee — a cidade, a escola. Virando à esquerda, aprofundavam-se no Kansas, apenas fazendas, onde moravam os dois amigos de Ben, os tímidos futuros fazendeiros dos Estados Unidos que não conseguiam perguntar por Ben quando ela atendia ao telefone.

— Vire à esquerda, vamos ver os Muehler.

— Ben ainda anda com eles? Isso é bom. Ninguém acharia que aqueles garotos fariam algo... bizarro.

— Ah, então Ben faria?

Diane suspirou e virou à esquerda.

— Estou do seu lado, P.

Todos os anos, desde o nascimento, os irmãos Muehler se vestiam de fazendeiros no Halloween, seus pais os levavam a Kinnakee na mesma picape grande, os garotos eram deixados na Bulhardt Avenue para pegar doces com seus pequenos bonés John Deere e macacões, enquanto os pais tomavam café na lanchonete. Os irmãos Muehler, assim como os pais, só falavam sobre alfafa, trigo e o clima e frequentavam a igreja aos domingos, onde rezavam por coisas provavelmente relacionadas a plantações. Os Muehler eram pessoas boas, sem imaginação, com personalidades tão ligadas à terra que mesmo suas peles pareciam ter as elevações e depressões do Kansas.

— Eu sei — disse Patty, colocando a mão na de Diane enquanto a irmã trocava de marcha, de modo que a mão apenas pairou acima da outra, e depois voltou para o colo.

— Ah, seu cretino idiota! — disse Diane para um carro à sua frente, seguindo a trinta quilômetros por hora e deliberadamente reduzindo enquanto Diane se aproximava.

Ela desviou para ultrapassá-lo, e Patty ficou olhando rigidamente para a frente, embora pudesse sentir o rosto do motorista voltado para ela, uma lua escura em seu campo de visão periférica. Quem era aquela pessoa? Teria ouvido a notícia? Por isso a estava encarando, talvez até mesmo apontando? *Aquela é a mulher que criou aquele garoto*. Aquele garoto Day. Se Diane tinha ouvido na noite anterior, cem telefones estavam tocando naquela manhã. Em casa, suas três meninas provavelmente estavam sentadas diante da TV, indo dos desenhos animados para o telefone barulhento, que haviam sido orientadas a atender, para o caso de Ben ligar. Pouco

provavelmente seguiriam a instrução: estavam tomadas pelo medo da manhã. Se alguém aparecesse, encontraria três crianças com menos de dez anos abandonadas, chorosas, juntas no chão da sala de estar, encolhidas para fugir do barulho.

— Talvez uma de nós devesse ter ficado em casa... Só por precaução — disse Patty.

— Você não vai a lugar algum sozinha enquanto isso estiver acontecendo, e eu não sei para onde ir. Estamos fazendo a coisa certa. Michelle é crescida. Cuidei de você quando era menor que ela.

Mas isso foi quando as pessoas ainda faziam aquilo, pensou Patty. Quando as pessoas saíam a noite inteira, deixavam as crianças sozinhas, e ninguém achava nada demais. Nos anos cinquenta e sessenta, naquela velha pradaria quieta onde nada nunca acontecia. Agora menininhas não deviam andar de bicicleta sozinhas ou ir a qualquer lugar em grupos com menos de três pessoas. Patty fora a uma festa dada por uma das colegas de trabalho de Diane, como uma reuniãozinha do Tupperware, mas com apitos de estupro e spray de pimenta em vez dos recipientes de plástico. Fizera uma piada sobre que tipo de lunático dirigiria até Kinnakee para atacar alguém. Uma loura que ela acabara de conhecer ergueu os olhos de seu novo chaveiro com spray de pimenta e disse: “Uma amiga minha foi violentada uma vez.” Patty havia comprado várias latas de spray apenas por se sentir culpada.

— As pessoas acham que sou uma mãe ruim, é por esse motivo que isso está acontecendo.

— Ninguém acha você uma mãe ruim. No que me diz respeito, você é a supermulher: mantém a fazenda funcionando, leva quatro filhos para a escola todos os dias e não bebe um galão de bourbon para fazer isso.

Patty pensou imediatamente na manhã gelada de duas semanas antes, quando quase chorou de exaustão. Simplesmente vestir roupas e levar as garotas para a escola parecia uma possibilidade

absolutamente distante. Então deixou que todas ficassem em casa e assistissem a dez horas de novelas e programas de TV com ela. Obrigou o pobre Ben a andar de bicicleta com a promessa de que ela voltaria a pedir que o ônibus escolar os pegasse no ano seguinte.

— Eu não sou uma boa mãe.

— Fique quieta.

* * *

A casa dos Muehler ficava em um belo pedaço de terra, com pelo menos cento e sessenta hectares. A casa era pequena e parecia um ranúnculo, uma pincelada amarela sobre quilômetros de trigo de inverno verde e neve. Ventava ainda mais forte que antes; a previsão dizia que nevaria a noite toda, e então de repente haveria temperaturas primaveris. Essa promessa estava cravada em seu cérebro: de repente temperaturas primaveris.

Subiram a estreita e inóspita faixa de terra que levava à casa, passando por um arado dentro do celeiro, como se fosse um animal. Suas lâminas curvas lançavam sombras na forma de garras no chão. Diane deu a típica fungada à qual sempre apelava quando estava desconfortável, um falso pigarro para preencher o silêncio. Elas não se olharam ao sair do carro. Gralhas negras atentas estavam pousadas nas árvores, grasnando o tempo todo, pássaros irritantes, barulhentos. Um deles passou voando, uma fita prateada de decoração natalina balançando no bico. Não fosse por isso, o lugar estaria imóvel, nenhum motor de qualquer tipo, nenhum portão batendo, nada de televisão do lado de dentro, apenas o silêncio de terra coberta de neve.

— Não vejo a bicicleta de Ben — foi tudo o que Diane disse enquanto batiam a aldrava.

— Pode estar lá atrás.

Ed atendeu à porta. Jim, Ed e Ben eram todos da mesma série, mas os irmãos não eram gêmeos, um deles havia repetido pelo menos uma vez, talvez duas. Ela achava ser Ed. Ele a encarou por um segundo, um garoto baixo de mais ou menos um metro e sessenta, mas com o corpo atlético de um homem. Enfiou as mãos nos bolsos e olhou para trás.

— Bem, olá, Sra. Day.

— Oi, Ed. Desculpe incomodá-los no feriado.

— Está tudo bem.

— Estou procurando Ben, ele está aqui? Você o viu?

— Be-en? — disse, em duas sílabas, como se divertindo com a ideia. — Ah, não, não vemos Ben há... Bem, acho que não o vimos o ano todo. Fora da escola, no caso. Ele está andando com uma turma diferente agora.

— Qual turma? — perguntou Diane, e Ed olhou para ela pela primeira vez.

— Ahn, be-em...

Ela podia ver a silhueta de Jim se aproximando da porta, iluminado por trás pela janela panorâmica da cozinha. Ele se arrastou na direção deles, maior e mais largo que o irmão.

— Podemos ajudá-la, Sra. Day?

Ele enfiou a cabeça, depois o tronco, lentamente empurrando o irmão para o lado. Os dois bloquearam a passagem. Isso fez Patty querer esticar o pescoço e espiar do lado de dentro.

— Só estava perguntando a Ed se vocês teriam visto Ben hoje, e ele disse que não o viram muito este ano letivo.

— Ahnn, não. Se telefonasse, poderia ter poupado tempo.

— Precisamos encontrá-lo logo. Tem alguma ideia de onde podemos achá-lo? É uma espécie de emergência familiar — interveio Diane.

— Ahnnn, não — disse Jim novamente. — Gostaríamos de poder ajudar, mas não.

— Poderia nos dar um ou dois nomes de pessoas com as quais ele anda? Certamente vocês sabem.

Ed foi para dentro e então falou, da sala:

— Fale para ligarem para 0800-Diabo-Somos-Nós! — disse, dando um risinho.

— Como?

— Nada — disse Jim, olhando para a maçaneta em sua mão, pensando em se devia começar a fechar a porta.

— Jim, pode nos ajudar, por favor? — murmurou Patty. — Por favor.

O garoto franziu a testa, bateu a ponta de uma bota de caubói no piso como uma bailarina, recusou-se a erguer os olhos.

— Ele anda com, tipo, a turma do Diabo.

— O que isso significa?

— Alguns caras mais velhos são os líderes, não sei o nome. Eles tomam muita droga, peiote, sei lá, e matam vacas e fazem outras mer... desculpe, coisas. Foi o que eu ouvi. Eles não são da nossa escola, os garotos. A não ser Ben, acho.

— Bem, você certamente sabe o nome de alguém — provocou Patty.

— Realmente não, Sra. Day. Nós ficamos bem longe dessas coisas. Lamento, tentamos continuar amigos de Ben, mas... Nós vamos à igreja aqui, meus pais, eles... Só podemos sair com a permissão deles. Ahn... Lamento mesmo.

Ele olhou para o chão e parou de falar, e Patty não conseguiu pensar em mais nenhuma pergunta.

— Certo, Jim, obrigada.

Ele fechou a porta e, antes que elas pudessem dar meia-volta, ouviram um grito vindo de dentro da casa: *Idiota, você tinha que dizer aquilo!* Seguido de uma pancada pesada na parede.

LIBBY DAY

HOJE

De volta ao carro, Lyle disse apenas duas palavras: “Que pesadelo.” Em resposta, falei apenas *hummm*. Krissi me fazia lembrar de mim mesma. Gananciosa e ansiosa, sempre guardando coisas para usar depois. Aquele pacote de batatas. Nós, oportunistas, sempre gostamos de pacotinhos de comida, porque as pessoas os dão com menos dificuldade.

Lyle e eu dirigimos vinte minutos sem falar muito, até que ele finalmente disse em sua voz de locutor, resumindo:

— Ela obviamente está mentindo sobre Ben tê-la molestado. Acho que também mentiu para o pai. Acho que Lou Cates surtou, matou sua família e, depois, descobriu que ela mentira. Ele matou uma família inocente por nada. Daí sua própria família se desintegrou. Lou Cates desaparece, começa a beber.

— E daí? — provoquei.

— É uma teoria sólida. Não acha?

— Acho que você não deveria vir a mais nenhuma dessas entrevistas. É constrangedor.

— Libby, eu estou financiando tudo.

— Bem, você não está ajudando.

— *Desculpe* — disse, e então paramos de falar.

Assim que as luzes de Kansas City deixaram o céu num tom alaranjado doentio a distância, Lyle disse, sem olhar para mim.

— Mas é uma teoria sólida, certo?

— Tudo é uma teoria, por isso é um *mistério*! — falei, imitando-o. — Apenas um grande mistério: Quem matou os Day? — proclamei,

animada. Após alguns momentos, eu disse, de má vontade: — Acho que é uma teoria razoável. Acho que também devemos investigar Runner.

— Tudo bem por mim. Embora eu ainda vá rastrear Lou Cates.

— Fique à vontade.

Eu o deixei em frente ao Sarah's, sem me oferecer para levá-lo em casa, Lyle de pé no meio-fio, como um garoto chocado por que os pais realmente o largaram no acampamento. Cheguei em casa tarde, mal-humorada e ansiosa para contar meu dinheiro. Até então já ganhara mil dólares do Kill Club, com outros quinhentos que Lyle me devia por Krissi, embora claramente Krissi tivesse falado com qualquer um. Mas, mesmo que achasse isso, sabia que não era verdade. Nenhum daqueles desajustados do Kill Club teria feito aquele trabalho com Krissi, pensei. Ela falou comigo porque tínhamos as mesmas substâncias químicas no sangue: vergonha, raiva, ganância. Nostalgia injustificável.

Eu mereci meu dinheiro, pensei, ressentida sem motivo. Lyle parecia não ter qualquer problema em me pagar. Mas era o que eu fazia, tinha conversas raivosas e defensivas comigo mesma, ficava furiosa com coisas que nem haviam acontecido ainda. Ainda.

Eu mereci meu dinheiro (agora me sentia mais calma) e, se soubesse de Runner, se falasse com Runner, ganharia muito mais e ficaria bem por uns quatro meses. Se eu vivesse muito modestamente.

Pode aumentar para cinco meses: quando cheguei em casa, Lyle já havia deixado uma mensagem dizendo que alguns esquisitões queriam marcar um encontro de trocas, comprar "*memorabilia*" da minha família. Magda seria a anfitriã, caso eu estivesse interessada. Magda, o gnomo da caverna que desenhara chifres de Diabo em minha foto. *Sim, Magda, adoraria ser convidada para ir a sua casa, onde mesmo você guarda sua prataria?*

Desliguei a secretária, que roubara de uma colega de quarto duas mudanças antes. Lembrei de Krissi e imaginei que a casa dela

provavelmente também era cheia de merdas dos outros. Eu tinha uma secretária eletrônica roubada, quase um faqueiro inteiro de prataria embolsado de um restaurante e meia dúzia de conjuntos de saleiro e pimenteiro, incluindo o novo par, do Tim-Clark's, que ainda não transferi da mesa do corredor para a cozinha. Em um canto da sala de estar, junto à minha televisão velha, há uma caixa com mais de cem garrafinhas de hidratante que roubei. Eu as mantenho porque gosto de olhar para os hidratantes juntos, rosa, roxo e verde. Sei que isso pareceria maluquice a qualquer um que viesse à minha casa, mas ninguém vem, e gosto demais das embalagens para me livrar delas. As mãos da minha mãe eram sempre grossas e secas, ela sempre passava óleo nelas, inutilmente. Era uma das nossas formas preferidas de provocá-la: "Ah, mãe, não toque, você é um jacaré!" A igreja que frequentávamos tinha no banheiro feminino um hidratante que diziam cheirar a rosas: nós nos revezávamos espremendo a embalagem e cheirando nossas mãos, cumprimentando umas às outras com nossa essência de damas.

Nenhum telefonema de Diane. Ela deve ter recebido meu recado, mas não ligou. Aquilo parecia estranho. Diane sempre facilitou para que eu me desculpasse. Mesmo depois desse tempo todo longe — seis anos. Acho que deveria ter autografado meu livro para ela.

Eu me virei para o outro conjunto de caixas. Quanto mais eu pensava nos assassinatos, mais sinistras elas ficavam. São apenas coisas, disse a mim mesma. Não podem ferir você.

Quando eu tinha quatorze anos, pensei muito em me matar — é um passatempo hoje, mas aos quatorze era uma vocação. Certa manhã de setembro, pouco depois do início das aulas, peguei a Magnum .44 de Diane e a segurei no colo por horas, como se fosse um bebê. Que prazer seria simplesmente explodir minha cabeça, todos os meus espíritos ruins desaparecendo com um disparo de arma, como soprar um dente-de-leão. Mas pensei em Diane, ela chegando em casa e vendo meu pequeno tronco e uma parede vermelha, e não consegui. Provavelmente por isso era tão horrível

com ela, porque ela me afastava daquilo que eu mais queria. Como simplesmente não podia fazer isso com ela, fiz um acordo comigo mesma: caso ainda estivesse me sentindo tão mal em primeiro de fevereiro, eu me mataria. E estava igualmente mal em primeiro de fevereiro, mas fiz novamente o acordo: se estivesse tão mal em primeiro de maio, eu me mataria. E assim por diante. Ainda estou aqui.

Olhei para as caixas e fiz uma espécie de acordo mais simples: se eu não conseguir continuar fazendo isso depois de vinte minutos, queimarei tudo.

A primeira caixa desmontou facilmente, um lado caindo assim que tirei a fita. Dentro, bem no alto da pilha, estava uma camiseta do The Police que era da minha mãe, suja de comida e extremamente macia.

Dezoito minutos.

Embaixo, um conjunto de cadernos preso com elásticos, todos de Debby. Folheei aleatoriamente:

> *Harry S. Truman foi o 33º presidente americano e veio do Missouri.*
> *O coração é a bomba do corpo que mantém o sangue indo pelo corpo inteiro.*

Embaixo havia uma pilha de bilhetes, de Michelle para mim, meu para Debby, de Debby para Michelle. Folheando, tirei um cartão de Natal com um sundae na frente, a cereja feita de lantejoulas vermelhas.

> *Querida Debby,* escreveu minha mãe com sua caligrafia apertada.
> *Temos muita sorte de ter uma garota tão doce, gentil e*

cooperativa em nossa família. Você é minha cereja do sundae!

Mãe

Ela nunca escrevia mamãe, acho, nunca a chamávamos assim quando crianças. *Quero a mamãe*, pensei. Nunca dissemos isso. *Quero minha mãe*. Senti algo se soltar dentro de mim, aquilo não deveria ter se soltado. Um ponto se desfez.

Quatorze minutos.

Vasculhei mais bilhetes, separando os entediantes e vazios para o Kill Club, sentindo falta das minhas irmãs, rindo de alguns deles, as estranhas preocupações que tínhamos, as mensagens em código, os desenhos rudimentares, as listas de pessoas de que gostávamos e não gostávamos. Eu havia esquecido como éramos unidas, as garotas Day. Não teria dito que éramos, mas agora, estudando nossos escritos como uma antropóloga solteirona, percebi que era verdade.

Onze minutos. Ali estavam os diários de Michelle, todos presos com elástico em uma pasta de couro falso. Todo ano ela ganhava dois de Natal — precisava do dobro de uma garota normal. Sempre começava o novo enquanto ainda estávamos sob a árvore, relacionando cada presente que cada um de nós ganhara, para deixar registrado.

Abri um de 1983 e lembrei de como Michelle era uma enxerida traiçoeira, mesmo aos nove anos. A anotação do dia era sobre como ela ouviu sua professora preferida, a Srta. Berdall, dizer coisas sujas pelo telefone a um homem na sala dos professores — sendo que ela nem sequer era casada. Michelle pensava que, se a confrontasse, talvez a Srta. Berdall lhe desse algo legal para o almoço. (Aparentemente a professora certa vez deu a Michelle metade de sua rosca de geleia, o que deixou minha irmã com uma fixação permanente nela e em seus sacos de papel pardo.

Normalmente era possível conseguir meio sanduíche ou um pedaço de fruta dos professores, caso você olhasse para eles por tempo suficiente. Só não era possível fazer isso muitas vezes, ou você levaria um bilhete para casa, e sua mãe iria chorar.) Os diários de Michelle estavam cheios de drama e insinuações de um nível muito primário: No recreio o Sr. McNany fumou do lado de fora do vestiário dos meninos, depois usou spray bucal (com spray sublinhado várias vezes) para ninguém saber. A Sra. Joekep, da igreja, estava bebendo no carro... E, quando Michelle perguntou se ela estava gripada, já que estava bebendo naquela garrafa, a Sra. Joekep riu e deu a ela vinte dólares para os biscoitos dos escoteiros, embora Michelle não fosse escoteira.

Que inferno, ela escreveu até sobre mim. Ela sabia, por exemplo, que eu menti para nossa mãe sobre socar Jessica O'Donnell. Isso era verdade, deixei a pobre garota com um olho roxo, mas jurei à minha mãe que ela caiu de um balanço. *Libby me disse que o Diabo a obrigou a fazer isso*, escreveu Michelle. *Será que eu devia contar à mãe?*

Fechei o livro de 1983, passei os olhos por 1982 e 1984. Li cuidadosamente o diário da segunda metade de 1984, para o caso de Michelle ter dito algo importante sobre Ben. Não havia muita coisa, exceto alegações repetidas de que ele era um grande cretino e de que ninguém gostava dele. Fiquei pensando se a polícia teve a mesma ideia. Imaginei algum pobre novato comendo comida chinesa à meia-noite enquanto lia sobre como a melhor amiga de Michelle ficou menstruada.

Nove minutos. Mais cartões de aniversário e cartas, e então desenterrei um bilhete dobrado com mais habilidade que o resto, um origami que parecia quase fálico, o que, suponho, era a intenção, já que a palavra GARANHÃO estava escrita no alto. Abri e li a letra redonda infantil:

5/11/84
Querido garanhão,

Estou na biologia e tocando uma siririca sob a mesa e com tesão em você. Consegue imaginar minha xoxota? Ainda está gostosa e vermelha por sua causa. Vá à minha casa depois da escola hoje, tá? Quero sentar no seu pau!!! Estou muito sacana, mesmo agora. Queria que você fosse morar comigo toda vez que meus pais estão fora. Sua mãe não saberia, ela é tão desligada! Por que você ficaria em casa quando pode estar comigo?! Tenha colhões e mande sua mãe ao inferno. Odiaria que você aparecesse para uma visita um dia e me visse procurando diversão em algum outro lugar. Brincadeira! Ah, eu quero gozar muito. Me encontre no meu carro depois da escola, vou estacionar na Passel St.

Até logo,
Diondra

Ben não teve uma namorada, não teve mesmo. Nenhuma pessoa, nem mesmo Ben, dissera isso. O nome nem sequer soava familiar. No fundo da caixa, havia uma pilha de nossos anuários escolares, desde 1975, quando Ben entrou para a escola, até 1990, quando Diane me mandou embora pela primeira vez.

Abri o anuário de 1984-1985 e examinei a turma de Ben. Nada de Diondra, mas uma foto de Ben me machucou: ombros caídos, mullets e uma camisa social que sempre usava em ocasiões especiais. Eu o imaginei em casa, vestindo-a para o Dia da Foto, ensaiando no espelho como iria sorrir. Em setembro de 1984, ele ainda vestia camisas que minha mãe comprava para ele e, em janeiro, era um garoto agressivo de cabelo preto acusado de assassinato. Estudei a turma acima de Ben, estremecendo ao achar Dianes e Dinas, mas nenhuma Diondra. Então fui para a turma acima daquela, prestes a desistir, e lá estava, Diondra Wertzner.

Pior nome de todos os tempos, e corri o dedo sobre a fila, esperando encontrar uma futura merendeira, alguém grosseiro e de bigodes, mas em vez disso achei uma garota bonita e bochechuda, com cabelo escuro cacheado. Tinha traços pequenos, os quais acentuava com maquiagem pesada, mas, mesmo na foto, ela se destacava na página. Algo nos olhos fundos, uma ousadia, com os lábios entreabertos para que você pudesse ver dentes pontudos de cachorrinha.

Tirei o anuário do ano anterior, nada de Diondra. Peguei o do ano seguinte, e nada de Diondra.

BEN DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
15H10

A picape de Trey cheirava a maconha, meias suadas e *wine cooler* doce que Diondra provavelmente derramara. Diondra tendia a desmaiar com uma garrafa na mão — essa era sua forma preferida de beber: beber até apagar —, aquele último gole perto só por garantia. A picape estava cheia de velhas embalagens de fast-food, anzóis de pesca, uma *Penthouse* e, em cima do tapete aos pés de Ben, uma caixa com pacotes identificados como Mexican Jumping Beans, cada pacote com um grãozinho de sombrero, curvas desenhadas sob os pés para parecer que os grãos pulavam.

— Experimente um — disse Trey, apontando para eles.

— Não. Isso não tem insetos ou algo assim?

— É, são como larvas de besouros — disse Trey, e deu seu riso de britadeira.

— Ótimo, obrigado, legal.

— Ah, que merda, cara, só estou de sacanagem com você, relaxe.

Eles entraram em uma loja de conveniência, Trey acenando para o mexicano atrás do balcão — *tem algo aqui para você* —, enquanto carregava Ben com uma caixa de Beast, nachos de micro-ondas pelos quais Diondra sempre implorava e um punhado de sticks de carne-seca, que Trey segurou na mão como um buquê.

O homem sorriu para Trey e soltou um grito de guerra indígena. Trey cruzou os braços no peito e fingiu fazer a dança mexicana do chapéu.

— É só me ligar, José.

O homem não disse mais nada, e Trey deixou o troco, que eram boas três pratas. Ben continuou a pensar naquilo a caminho da casa de Diondra. Que o mundo era cheio de pessoas como Trey, que simplesmente deixavam três dólares para trás sem sequer pensar nisso. Como Diondra. Alguns meses antes, no final quente de setembro, Diondra acabou tendo que ficar de babá para dois primos — ou primos em segundo grau adotivos, algo assim —, e ela e Ben os levaram a um parque aquático perto da divisa com Nebraska. Ela estava com o Mustang da mãe naquele mês (tinha se cansado do próprio carro), e o banco de trás estava cheio de coisas que haviam comprado, coisas que a Ben nunca ocorreria ter: três diferentes tipos de filtro solar, toalhas de praia, garrafas plásticas, colchões e boias infláveis, bolas, baldinhos. Os garotos eram pequenos, tipo seis ou sete anos, e estavam enfiados lá atrás com toda aquela bosta, os colchões infláveis fazendo um barulho guinchado sempre que eles se mexiam, e em algum lugar perto de Lebanon os garotos baixaram a janela, rindo, os colchões fazendo cada vez mais barulho, como se estivessem chegando ao clímax em um ritual de acasalamento de colchões, e Ben se deu conta do motivo pelo qual os garotos riam. Estavam pegando todas as moedas que Diondra deixava no banco de trás, no chão, nas fendas — ela jogava ali atrás todo troco que recebia —, e jogando aos punhados pela janela para vê-las se espalhando como centelhas. E não apenas de um centavo, muitas delas eram de vinte e cinco.

Ben pensou que era como você podia estabelecer a diferença entre a maioria das pessoas. Não era *Gosto de cachorro* e *de gatos*; ou *Sou torcedor dos Chiefs* e *Sou dos Broncos*. Era se você se importava com moedas de vinte e cinco. Para ele, quatro moedas de vinte e cinco eram um dólar. Uma pilha de moedas de vinte e cinco era um almoço. O volume de moedas que aqueles merdinhas jogaram pela janela naquele dia daria a ele meia calça jeans. Ele continuava a pedir que os garotos parassem, dizendo que era

perigoso, ilegal, que eles podiam ser multados, precisavam se sentar e olhar para a frente. Os garotos riam, Diondra uivava — *Ben não vai receber a mesada esta semana se vocês pegarem o troco dele* —, e ele se deu conta de que havia sido descoberto. Não era tão rápido quanto pensava: Diondra sabia que ele catava as moedas jogadas. Ele se sentiu como uma garota cujo vestido tivesse sido levantado pelo vento. E pensou sobre o que isso revelava a respeito da namorada; vê-lo catar troco e não dizer nada, isso a tornava legal? Ou malvada?

Eles foram a toda velocidade para a casa de Diondra, uma gigantesca caixa bege rodeada por uma cerca de tela para impedir que os pit bulls de Diondra matassem o carteiro. Ela tinha três, um deles era um saco de músculos branco com bolas enormes e olhos enlouquecidos de que Ben desgostava ainda mais do que dos outros. Ela os deixava em casa quando os pais estavam fora, e eles pulavam na mesa e cagavam no chão. Diondra não limpava, apenas jogava aromatizador de ambientes nos fios do carpete emaranhados com bosta. Aquele belo tapete azul na sala de jogos — violeta-acinzentado, como Diondra chamava — era agora um campo minado de bosta entranhada. Ben tentava não ligar. Não era problema dele, Diondra ficava feliz ao lembrá-lo.

A porta dos fundos estava aberta, embora fizesse muito frio, e os pit bulls entravam e saíam, como uma espécie de mágica: nenhum pit bull, um pit bull, dois pit bulls no pátio! Três! Três pit bulls no pátio, correndo em círculos, depois disparando de volta para dentro. Pareciam pássaros lutando, provocando e mordendo um ao outro em formação.

— Odeio esses malditos cachorros — disse Trey, parando.

— Ela os mima.

Os cachorros iniciaram uma rodada de ataque-latido enquanto Ben e Trey iam para a frente da casa, os animais os seguindo obsessivamente ao longo da cerca, focinhos e patas passando pelos espaços, latindo, latindo, latindo.

A porta da frente também estava aberta, o calor escapando. Passaram pela entrada coberta com papel de parede cor-de-rosa — Ben não conseguindo resistir a fechar a porta atrás de si para poupar alguma energia — e desceram para o andar de Diondra. Ela estava na sala de jogos, dançando, seminua com grandes meias cor-de-rosa, sem calças e vestindo um casaco enorme, com tricotados largos que lembravam a Ben algo que um pescador vestiria, não uma garota. Mas todas as garotas da escola usavam camisas grandes. Chamavam de camisas do namorado ou casacos do papai. Diondra, claro, tinha que usá-los supergrandes e com camadas de coisas por baixo: uma camiseta caída, depois algum tipo de top e uma camisa listrada brilhante. Ben uma vez ofereceu a Diondra um de seus grandes casacos pretos como casaco de namorado, sendo ele seu namorado, mas ela torceu o nariz e proclamou: “Ele não é legal. E tem um furo.” Como se um furo em uma camisa fosse pior que merda de cachorro espalhada no seu carpete. Ben nunca estava certo se Diondra conhecia todos os tipos de regras secretas e protocolos privados, ou se apenas inventava merdas para fazer com que ele se sentisse um idiota.

Ela estava pulando ao som de “Highway to Hell”, a lareira lançando chamas atrás dela, o cigarro mantido afastado das roupas novas. Ela tinha uns doze itens em embrulhos plásticos, cabides ou bolsas brilhantes com papel de seda saindo pelo alto como fogo. E também duas caixas de sapatos e os embrulhinhos que ela sabia que eram joias. Quando ergueu os olhos e viu seus cabelos pretos, deu um enorme sorriso feliz e levantou os polegares.

— Impressionante. — E Ben se sentiu um pouco melhor, não tão idiota. — Eu disse que ficaria bem, Benji.

E era isso.

— O que você comprou, Dio? — perguntou Trey, vasculhando as sacolas.

Deu um trago no cigarro dela enquanto ela ainda o segurava, enquanto ainda estava sem calças. Ela viu o olhar de Ben e

levantou o casaco, revelando boxers que não eram dele.

— Está tudo bem, bobo.

Ela foi até ele e o beijou, o cheiro de spray de cabelos sabor uva e de cigarros o envolvendo, acalmando-o. Ele a segurou gentilmente, como fazia agora, braços frouxos, e, quando sentiu a língua dela na sua, encolheu-se.

— Ah, Deus, por favor, supere essa fase de “Diondra é intocável” — mandou. — A não ser que eu seja velha demais para você.

Ben riu.

— Você tem dezessete — disse ele.

— Se você ouvisse o que eu ouço — cantou Diondra com uma melodia de Natal, parecendo com raiva, parecendo absolutamente puta.

— O que isso significa?

— Significa que talvez dezessete seja velha demais para o seu gosto.

Ben não soube o que dizer. Tentar arrancar algo de Diondra quando ela estava com aquela disposição apenas encorajava rodadas intermináveis de “Não é nada”, “Conto mais tarde” ou “Não se preocupe, eu cuido disso”. Ela prendeu os cabelos e dançou para eles, uma bebida aparecendo atrás de uma caixa de sapatos. O pescoço tinha chupões lilases que ele lhe dera no domingo, enfiando-se como Drácula em seu pescoço, ela exigindo mais: “Mais forte, mais forte, não vai deixar marca se você continuar fazendo assim, não aperte os lábios, nada de língua, não, mais forte... Faça! Mais! Forte! Como você pode não saber como deixar um chupão?” E, com um rosto furioso, ela o agarrara pela cabeça, virando-a de lado, e trabalhara em seu pescoço como um peixe agonizante, a carne dentroforadentrofora em um ritmo frenético. Depois se afastou. “Aí!”, falou, e o obrigou a olhar no espelho. “Agora faça assim em mim.”

O resultado era um desfile de chupões pelo pescoço, marrons e azuis e constrangedores para Ben, até ele flagrar Trey olhando.

— Ah não, querido, você está detonado — disse Diondra, com um pequeno sorriso recatado, finalmente notando sua cabeça aberta. Ela lambeu um dedo e começou a limpar o sangue. — Alguém acertou você?

— O bebê caiu da bicicleta — disse Trey, sorrindo.

Ben não contara a Trey que caíra de bicicleta e sentiu uma onda de fúria por Trey tentar debochar dele e, na realidade, apenas dizer a verdade.

— Vá se foder, Trey.

— Eiiii — disse Trey, as mãos se erguendo, os olhos duros.

— Alguém o empurrou da bicicleta, querido? Alguém tentou machucar você? — provocou Diondra.

— Você comprou algo para o menino Ben, para que ele não tenha que usar aquela calça jeans de merda por mais um mês? — perguntou Trey.

— Claro que sim — disse ela, esquecendo o machucado de Ben, o que ele imaginara que levaria muito mais tempo.

Ela deslizou até uma sacola vermelha gigantesca e tirou uma calça de couro preta, grossa como couro de vaca, uma camiseta listrada e uma jaqueta de brim preta com rebites cintilantes.

— Opa, uma calça de couro, você acha que está namorando David Lee Roth? — perguntou Trey, rindo.

— Vai ficar bem nele. Experimente — disse, torcendo o nariz enquanto ele tentava puxá-la para si. — Já ouviu falar em banho, Ben? Está com o cheiro do refeitório.

Ela enfiou as roupas nas mãos dele e o mandou para o quarto.

— É um presente, Ben — gritou. — Talvez você queira dizer obrigado em algum momento.

— Obrigado! — gritou de volta.

— Por Deus, tome um banho antes de vesti-las.

Então ela realmente falava sério, ele fedia. Sabia que fedia, mas esperava que ninguém mais sentisse. Entrou no banheiro em frente ao quarto de Diondra — ela tinha seu próprio maldito banheiro, e os

pais também tinham um, gigantesco, com duas pias — e jogou as roupas sujas emboladas sobre o tapete cor-de-rosa brilhante. A virilha ainda estava molhada da água derramada na escola, o pau enrugado e viscoso. A chuveirada foi boa, relaxante. Ele e Diondra haviam feito muito sexo naquele chuveiro — espuma e calor. O sabonete estava sempre lá, você não tinha que se lavar com xampu de bebê porque sua mãe nunca conseguia ir a uma loja.

Ele se secou e recolocou a cueca boxer. Estava usando uma cueca que Diondra comprara para ele. Na primeira vez em que ficaram nus, ela rira até engasgar por conta das suas cuecas apertadas. Ele tentou enfiar o couro rígido — cheio de fechos, zíperes e ganchos — por cima da cueca boxer, remexendo-se para passar a calça pelo traseiro, que Diondra dizia ser seu ponto forte. O problema era a cueca, que fazia um bolo na cintura quando colocava a calça, deixando calombos nos lugares errados. Ele arrancou a calça e jogou a cueca na pilha de roupa velha, os pelos em sua nuca se arrepiando enquanto Trey e Diondra sussurravam e riam na sala. Ele recolocou a calça sem nada por baixo, e elas grudaram como um traje de mergulho. Sua bunda já estava suando.

— Venha desfilar para a gente, garanhão — chamou Diondra.

Ele vestiu a camiseta e entrou no quarto dela para conferir no espelho. Os roqueiros de metal que Diondra amava olhavam para ela de pôsteres nas paredes, mesmo no teto, acima da cama, eles estavam lá, cabelos espetados e corpos apertados em couro com fivelas e cintos como calombos robóticos alienígenas. Ele não achou que estivesse mal. Parecia bonito. Quando voltou à sala, Diondra deu um guincho, correu até ele e pulou em seus braços.

— Eu sabia, eu sabia! Você é um garanhão — disse, jogando para trás o cabelo preto dele, que estava desarrumado e emaranhado na altura do queixo. — Você precisa deixar crescer mais, mas, fora isso, é um garanhão.

Ben olhou para Trey, que deu de ombros.

— Não sou eu que vou trepar com você esta noite, não olhe para mim.

No piso havia uma pilha de lixo, as embalagens compridas de sticks de carne-seca Slim Jim e uma travessa de plástico com tiras de queijo e migalhas de nachos.

— Vocês já comeram tudo? — perguntou Ben.

— Agora é sua vez, gracinha — falou Diondra, tirando as mãos dos cabelos de Ben.

Trey ergueu uma camisa com rebites de metal que Diondra havia comprado para ele (e por que Trey ganha algo?, pensou Ben), e foi até o quarto para sua parte do desfile de moda. Do corredor veio silêncio, depois, uma cerveja sendo aberta, e então risos e gargalhadas de chorar.

— Diondra, venha aqui!

Diondra já estava rindo enquanto corria até Trey, Ben sendo deixado ali, suando em suas calças novas apertadas. Em pouco tempo, ela também uivava, e eles saíram, rostos distorcidos de quem está rindo muito, Trey sem camisa, segurando a cueca de Ben.

— Cara, você está usando essas apertadoras de bolas nu? — perguntou Trey entre risadas, os olhos arregalados. — Sabe quantos caras enfiaram as coisas deles nessas calças antes de você? Neste instante, você tem suor de bolas de oito caras diferentes em você. Seu cu está apertado sobre o cu de outro cara.

Eles riram de novo, Diondra fazendo seu som de pobre Ben: Uáuáuá.

— Acho que também tem umas manchas de merda, Diondra — disse Trey, espiando dentro da cueca. — Melhor cuidar disso, mulherzinha.

Diondra a pegou com dois dedos, atravessou a sala e a jogou no fogo, onde chiou, mas não pegou fogo.

— Nem o fogo destrói essas coisas — bufou Trey. — De que é feita, Ben, poliéster?

Eles se jogaram no sofá, Diondra se ajeitando enquanto parava de rir. A cabeça de Trey nos quadris dela. Ela ria com o rosto contorcido, depois, ainda curvada, piscou, abriu um olho azul brilhante e o avaliou. Ele estava prestes a voltar ao banheiro para recolocar os jeans quando Diondra deu um pulo e o pegou pela mão.

— Ah, querido, não fique nervoso. Você está ótimo. Está mesmo. Não ligue para a gente.

— Elas são legais, cara, e ferver nos sucos de outros caras pode ser exatamente do que você precisa para ter colhões, certo?

Ele recomeçou a rir, mas, quando Diondra não o acompanhou, ele foi à geladeira pegar outra cerveja. Trey ainda não havia colocado a camisa nova — ele parecia gostar de andar sem camisa, cachos de pelos negros no peito e mamilos escuros do tamanho de moedas de cinquenta centavos, músculos se elevando em toda parte, uma trilha de pelos descendo pela barriga que Ben nunca teria. Ben, branco, de ossos pequenos e ruivo, nunca seria assim, nem em cinco anos, nem em dez anos. Ele espiou Trey, querendo dar uma longa olhada, mas sabendo que era má ideia.

— Vamos lá, Ben, não vamos brigar — disse Diondra, puxando-o para o sofá. — Depois de toda merda que ouvi hoje sobre você, eu é que deveria estar puta.

— Está vendo? O que isso significa? — perguntou Ben. — É como se estivesse falando em código, ou algo assim. Eu tive um dia de merda e não estou no clima, porra!

Era o que Diondra fazia, lançava a isca, fragmentos e pedaços aqui e ali até você ficar maluco, e então ela apenas dizia: “Por que está tão chateado?”

— Ahhh — sussurrou no ouvido dele. — Não vamos brigar. Estamos juntos, não vamos brigar. Vamos para o meu quarto transar.

Ela tinha hálito de cerveja e suas unhas compridas pousaram na virilha dele. Ela o levantou.

— Trey está aqui.

— Trey não vai se importar — disse, e depois mais alto: — Veja um pouco de TV a cabo, Trey.

Trey fez um ruído de *hummm*, nem sequer olhou para eles e se jogou de cabeça no sofá, a cerveja jorrando como se saísse de uma fonte.

Ben estava puto agora, que era sempre como Diondra parecia gostar dele. Ele queria se jogar sobre ela, fazê-la gemer. Então, assim que fecharam a porta, aquela porta de madeira compensada pela qual Trey certamente podia ouvi-los — isso era bom —, Ben se esticou na direção dela, e Diondra se virou e arranhou o rosto dele com força, arrancando sangue.

— Diondra, que porra é essa?

Ele agora tinha outro arranhão no rosto e não ligava. Marque essa cara de bebezão, faça isso. Diondra recuou por um segundo, abriu a boca e depois simplesmente o puxou até que caíram na cama, bichos de pelúcia caindo como lêmingues suicidas de um lado e do outro. Ela o arranhou novamente no pescoço, e ele realmente queria comê-la agora. Ben estava ensandecido, como um touro de desenho animado quando vê alguma coisa vermelha, e ela o ajudou a tirar as calças, como se arrancasse a pele queimada de sol, e seu pau se lançando para cima dela, duro como sempre. Ela arrancou o casaco, os peitos enormes, de um tom branco azulado e macios, e ele baixou a calcinha dela. Quando ele olhou para sua barriga, ela deu as costas e o guiou por trás, gritando: *É isso? É só o que tem para mim? Você consegue fazer mais duro que isso*, e ele estocando até suas bolas doerem, seus olhos ficarem cegos, e então acabou, e ele estava de costas, pensando se estava tendo um ataque cardíaco. Ele arfava, lutando contra a depressão que sempre vinha para sufocá-lo depois que faziam sexo, aquela depressão do tipo *é isso aí*.

Ben fizera sexo vinte e duas vezes agora. Ele estava contando, todas com Diondra, e vira televisão o suficiente para saber que os

homens deviam adormecer em paz imediatamente depois. Ele nunca fazia isso. Na verdade, ficava mais agitado, como se tivesse tomado cafeína demais, irritadiço e agressivo. Ele achava que o sexo devia acalmar você — e o durante era bom, gozar era bom. Mas depois, por uns dez minutos, ele sentia vontade de chorar. Ele sentia tipo: é isso? A maior coisa da vida, a coisa pela qual homens matam é isso, acabada em alguns minutos, deixando você vazio e deprimido. Ele nunca sabia dizer se Diondra gostara ou não, gozara ou não. Ela grunhia e gritava, mas nunca parecia feliz depois. Estava deitada ao lado dele agora, barriga para cima, sem tocá-lo, mal respirando.

— Eu encontrei umas garotas no shopping hoje — disse Diondra. — Elas disseram que você está comendo garotinhas na escola. Tipo dez anos.

— Do que você está falando? — perguntou Ben, ainda tonto.

— Conhece uma garotinha chamada Krissi Cates?

Ben tentou não dar um pulo. Colocou um braço atrás da cabeça, baixou-o ao lado do corpo, cruzou-o sobre o peito.

— Ah, sim, acho que sim. Está naquela aula de artes em que eu ajudo depois da escola.

— Você nunca me contou nada sobre aula de artes — disse Diondra.

— Não tenho o que contar, fiz isso algumas vezes.

— Fez o que algumas vezes?

— A aula de artes — respondeu Ben. — Ajudando os garotos. Uma de minhas antigas professoras pediu.

— Elas dizem que a polícia quer falar com você. Que você fez coisas erradas com algumas dessas garotas, garotas que são tipo da idade da sua irmã. Que as tocou de um modo estranho. Todos estão chamando você de pervertido.

Ele se sentou, uma visão do time de basquete debochando dos seus cabelos escuros, da sua perversão, ele trancado no vestiário

enquanto fodiam com ele até se cansarem e irem embora em suas picapes de bacanas.

— Você acha que sou um pervertido?

— Não sei.

— Você não sabe? Por que você acabou de fazer sexo comigo se acha que posso ser um pervertido?

— Queria ver se você ainda conseguia fazer comigo. Se ainda gozaria muito — disse, dando as costas a ele, as pernas erguidas até o peito.

— Bom, isso é muito escroto, Diondra — falou, e ela não disse nada. — Então você quer me ouvir dizer: eu não fiz nada com garota nenhuma. Não fiz nada com ninguém além de você desde que começamos a sair. Eu amo você. Eu não quero fazer sexo com nenhuma garotinha, certo?

Silêncio.

— Certo?

Diondra virou parte do rosto para ele, aquele olho azul fixo nele, sem emoção.

— Shhh. O bebê está chutando.

LIBBY DAY

HOJE

Lyle estava rígido e silencioso enquanto íamos de carro para nosso encontro na casa de Magda. Fiquei pensando se ele estava me julgando, eu e o pacote de bilhetes que ia vender. Nada do que eu decidira abrir mão era particularmente interessante. Havia cinco cartões de aniversário que minha mãe dera a Michelle e Debby ao longo dos anos, bilhetes alegres rabiscados no pé de pedaços de papel e um cartão de aniversário que ela escrevera para Ben que, pensei, valeria um bom dinheiro. Eu me sentia culpada por tudo aquilo, nada bem mesmo, mas temia ficar sem dinheiro, realmente temia estar falida, e isso vinha antes de ser leal. O bilhete para Ben, dentro de um cartão por seu décimo segundo aniversário, dizia: *Você está crescendo diante dos meus olhos, antes que eu perceba estará dirigindo!* Quando li isso tive que virar o papel e recuar, porque minha mãe estaria morta antes que Ben aprendesse a dirigir. E Ben estaria na cadeia, e nunca aprenderia a dirigir, de qualquer forma.

De qualquer maneira.

Cruzamos o rio Missouri, a água nem ao menos se dando o trabalho de cintilar ao sol da tarde. O que eu não queria era ver aquelas pessoas lendo os bilhetes, havia algo muito íntimo naquilo. Talvez devesse ir embora enquanto elas os examinavam e os avaliavam, como se fossem velhos candelabros em uma venda de garagem.

Lyle me levou até a casa de Magda, passando por bairros tipicamente de classe média, onde, a cada poucas casas, tremulava

uma bandeira do Dia de São Patrício — trevos brilhantes e duendes. Podia sentir Lyle se remexendo ao meu lado, agitado como sempre, até que ele se virou para mim, os joelhos quase desengrenando a alavanca de câmbio.

— E então — disse ele.

— E então.

— Esta reunião, como costuma ser o caso com Magda, tornou-se uma coisa um pouco diferente do que o planejado.

— O que isso significa?

— Bem, você sabe que ela integra aquele grupo, o Free Day Society. Para tirar Ben da cadeia. Então ela convidou algumas daquelas... mulheres.

— Ah, não — falei.

Parei o carro junto ao meio-fio.

— Escute, escute, você disse que queria investigar Runner. Bem, é assim. Elas pagarão a nós, a você, para encontrá-lo, fazer algumas perguntas de filha para pai.

— Filha para pai?

— Isso. Entenda, estou ficando sem dinheiro. Então é de onde virá o próximo financiamento.

— Então tenho que sentar lá e deixar que sejam grosseiras comigo? Como da última vez?

— Elas podem atualizar você sobre a investigação sobre Runner. Quer dizer, agora você acha que Ben é inocente, certo?

Eu tive uma visão de Ben assistindo à TV, minha mãe acariciando seus cabelos com uma das mãos enquanto passava com uma carga de roupa para lavar apoiada no quadril, e ele sorrindo, mas não se virando. Esperando até ela sair da sala antes de recolocar o cabelo no lugar.

— Não é para tanto.

Minhas chaves balançavam na ignição, no ritmo de uma canção de Billy Joel que tocava no rádio. Troquei de estação.

— Certo, vamos — falei.

Dirigi por mais alguns quarteirões. O bairro de Magda era barato como o meu, porém mais agradável. Todas as casas haviam sido mal construídas, mas os donos ainda encontravam orgulho suficiente para passar uma camada de tinta de tempos em tempos, hastear uma bandeira, plantar flores. As casas me lembravam garotas sem graça esperançosas em uma noite de sexta-feira, indo de bar em bar usando tops cintilantes, bandos delas, você imaginando que pelo menos uma poderia ser bonita, mas nenhuma era, e nunca seria. E ali estava a casa de Magda, a garota mais feia com o maior número de acessórios, empilhados freneticamente. O gramado da frente era tomado por decorações de jardim: gnomos balançando em pernas de arame, flamingos sobre molas e patos com asas de plástico que giravam ao vento. Uma rena de Natal de cartolina esquecida estava encharcada no jardim da frente, que era basicamente lama, tufos de grama como cabelo de bebê surgindo intermitentemente. Desliguei o carro e ambos olhamos para o gramado com seus moradores agitados.

Lyle se virou para mim, dedos esticados como um treinador dando conselhos sobre uma jogada difícil:

— Então, não se preocupe. Acho que a única coisa a lembrar é ter cuidado com a maneira como fala sobre Ben. Essas pessoas podem ficar bastante nervosas no que diz respeito a ele.

— O que significa bastante nervosas?

— Você vai à igreja?

— Quando era menina.

— Então seria como se algumas pessoas entrassem em sua igreja e dissessem que elas odeiam Deus.

* * *

Parecia uma igreja. Ou talvez um velório. Muito café, dezenas de pessoas murmurando, vestindo roupas escuras de lã, com sorrisos tristes. O ar era azul de fumaça de cigarro, e pensei em como quase

não vi aquilo de novo, depois de crescer no trailer enfumaçado de Diane. Respirei fundo.

Havíamos batido várias vezes na porta aberta, e, quando percebemos que ninguém ouviu, simplesmente entramos. Lyle e eu ficamos ali parados, como na pintura American Gothic, por bons cinco segundos, enquanto as conversas morriam e as pessoas começavam a olhar. Uma mulher mais velha com cabelos de Bombril com prendedores piscou para mim como alguém que transmite um código secreto, um grande sorriso congelado no rosto. Uma morena de vinte e poucos anos, perturbadoramente bonita, ergueu os olhos dos pêssegos que dava na boca de um bebê e também ofereceu um sorriso ansioso. Uma velha hostil com a constituição de um boneco de neve apertou os lábios e brincou com o crucifixo no pescoço, mas todos os outros na sala claramente seguiam ordens: seja gentil.

Eram todas mulheres, mais de dez, e todas brancas. A maioria parecia cansada, mas algumas tinham a brilhante aparência uma-hora-diante-do-espelho da classe alta. É como você as identifica. Não pelas roupas ou pelos carros, mas pelos toques adicionais: um broche antigo (mulheres ricas sempre têm broches antigos) ou um delineador labial na medida certa. Provavelmente vieram de Mission Hills se sentindo magnânimas por colocarem os pés do lado norte do rio.

Nem um só homem ali. Era o que Diane chamaria de Clube da Luluzinha (e então bufaria em tom de desaprovação). Pensei em como teriam encontrado Ben, enfiado na prisão como estava, e qual atração ele exercia sobre elas. Será que se sentavam em suas camas desarrumadas à noite, com seus maridos pegajosos roncando ao lado, e sonhavam acordadas com uma vida com Ben assim que fosse libertado? Ou pensavam nele como um pobre garoto necessitado de altruísmo, uma causa a ser defendida entre partidas de tênis?

Da cozinha, Magda saiu pisando duro, um metro e oitenta, os cabelos frisados tão altos quanto ela. Eu não seria capaz de reconhecê-la da reunião do Kill Club, onde os rostos de todos estavam borrados em minha memória, uma polaroide arrancada cedo demais. Magda vestia um vestido sem mangas sobre uma camisa de gola rulê e um volume absurdo de joias: brincos pendentes de ouro, uma corrente de ouro grossa e anéis em quase todos os dedos menos o anelar. Todos aqueles anéis me enervavam, como cracas crescendo onde não deviam. De qualquer forma, apertei a mão estendida de Magda. Quente e seca. Ela fez um som parecido com *mmmaaahhh* e me puxou para um abraço, seus grandes seios se separando e juntando sobre mim como uma onda. Eu enrijeci, depois me afastei, mas Magda se agarrou a minhas mãos.

— Passado é passado. Bem-vinda à minha casa — disse ela.

— Bem-vinda — disseram as mulheres atrás dela, quase em uníssono.

— Você é bem-vinda aqui — reafirmou Magda.

Bem, obviamente, já que fui convidada, tive vontade de dizer.

— Pessoal, esta é Libby Day, irmã mais nova de Ben.

— Única irmã de Ben — acrescentei.

As mulheres assentiram solenemente.

— E essa é parte da razão pela qual estamos aqui hoje — disse Magda à sala. — Para ajudar a levar alguma paz àquela situação. E ajudar a trazer Ben para casa!

Lancei um olhar para Lyle, que torceu o nariz bem de leve. Num cômodo vizinho à sala, um garoto de uns quinze anos, roliço de uma forma menos afirmativa que a mãe, desceu a escada acarpetada. Vestia calça de algodão e camisa social para a ocasião e olhou a sala sem estabelecer contato visual, um polegar brincando com a beirada do cinto.

Magda viu o garoto, mas não o apresentou. Em vez disso, falou:

— Ned, vá à cozinha e faça mais café.

O garoto cruzou o círculo de mulheres sem mover os ombros, olhando para um ponto na parede que mais ninguém podia ver.

Magda me levou à sala, eu fingindo tossir para poder soltar a mão. Ela me instalou no meio do sofá, com uma mulher de cada lado. Não gosto de me sentar no meio, onde braços roçam levemente nos meus, e joelhos raspam na perna da minha calça. Eu me equilibrei sobre uma nádega, depois a outra, tentando não afundar no assento, mas sou tão pequena que continuei parecendo uma criança de desenho animado em uma cadeira estofada demais.

— Libby, sou Katryn. Sinto muito por sua perda — disse uma das senhoras ricas ao meu lado, olhando para meu rosto, seu perfume abrindo minhas narinas.

— Oi, Katherine.

Pensei em quando acabava o tempo de expressar tristeza pela morte de um estranho. Acho que nunca.

— É Kate-ryn — disse ela docemente, seu broche de flor dourado balançando na presilha.

Há outra forma de identificar mulheres ricas: elas imediatamente corrigem o modo como seus nomes são pronunciados. A-li-ci-a, não A-li-sha; De-bo-ra, não De-bra. Eu não disse nada em resposta. Lyle conversava intimamente com uma idosa do outro lado da sala, oferecendo a ela seu perfil. Imaginei o hálito quente dela entrando na pequena orelha dele. Todos continuavam falando e olhando para mim, sussurrando e olhando para mim.

— Bem, vamos começar a festa? — falei, batendo palmas uma vez.

Foi grosseiro, mas eu não precisava do suspense.

— Bem, Libby... Ned, poderia trazer aquele café para cá? — começou Magda. — Estamos aqui para conversar com você sobre seu pai, como principal suspeito dos assassinatos pelos quais seu irmão foi equivocadamente condenado.

— Certo. O assassinato da minha família.

Magda deu um suspiro impaciente, incomodada por eu afirmar meus direitos à minha família.

— Mas, antes de trabalharmos nisso, queremos partilhar com você algumas das nossas histórias sobre seu irmão, que todas amamos.

Uma mulher esguia na casa dos cinquenta, com um penteado de executiva, levantou-se.

— Meu nome é Gladys, conheci Ben há três anos em meu trabalho voluntário. Ele mudou minha vida. Escrevo para muitos presidiários...

Nesse ponto eu debochei fisicamente, e a mulher percebeu.

— Escrevo para presidiários porque para mim é o maior ato cristão, amar os que normalmente não conseguimos amar. Estou certa de que todos aqui viram *Os últimos passos de um homem*. Mas comecei a escrever para Ben, e sua pureza simplesmente brilhava em suas cartas. Ele é a tranquilidade em pessoa, e adoro que seja capaz de me fazer rir das terríveis condições que ele suporta todo dia. *Me* fazer rir, quando *eu* é que deveria estar ajudando.

Todas então acrescentaram algo: *Ele é tão engraçado*... *Isso é verdade*... *Ele é impressionante nesse sentido*. Ned apareceu com um bule de café e começou a encher uma dúzia de canecas de plástico estendidas, as damas sinalizando para que parasse de servir sem sequer olhar para ele.

Uma mulher mais jovem, aproximadamente da idade de Lyle, levantou-se, tremendo.

— Sou Alison. Conheci Ben por intermédio de minha mãe, que não pôde estar aqui hoje...

— Quimio, câncer de ovário — sussurrou Katryn.

— ...mas ambas sentimos o mesmo, que seu trabalho nesta terra não estará concluído até Ben ser um homem livre.

Houve aplausos dispersos.

— E ele é tão... tão... — Aqui o tremor da garota se transformou em lágrimas. — Ele é tão bom! E tudo é tão errado. E eu simplesmente não posso acreditar que vivemos em um mundo no qual alguém tão bom quanto Ben está... está atrás das grades, sem nenhum bom motivo!

Trinquei os dentes. Podia sentir aquilo desmoronando.

— Eu só acho que você precisa dar um jeito nisso — cuspiu a mulher de neve com crucifixo, que parecia ser a menos amistosa. Ela não se deu o trabalho de levantar, apenas se inclinou para algumas pessoas. — Você precisa consertar seus erros, como todo mundo. Realmente lamento pela perda de sua família, e realmente lamento pelo que você passou, mas agora você precisa ser adulta e consertar isso.

Não consegui ver ninguém assentindo para aquele pequeno discurso, mas a sala estava tomada por uma concordância tão forte que parecia ter som, um som de *ahã-ahã* que eu não conseguia rastrear. Como o zumbido de um trilho de ferrovia quando o trem ainda está a quilômetros de distância, mas indo na sua direção. Olhei para Lyle, e ele olhou para o teto discretamente.

Magda foi para o centro da entrada da casa, inchando como um orador de nariz vermelho no palanque.

— Libby, nós a perdoamos por seu papel neste fiasco. Acreditamos que seu pai cometeu este crime horrível. Temos motivação, temos oportunidade, temos... muitos fatos importantes — disse, incapaz de recorrer a mais jargões legais. — Motivação: duas semanas antes dos assassinatos, sua mãe, Patricia Day, registrou uma queixa contra seu pai referente à pensão dos filhos. Pela primeira vez, Ronald “Runner” Day seria legalmente responsável pela família. Ele também estava devendo vários milhares de dólares em apostas. Eliminar sua família da situação ajudaria enormemente suas finanças; ele supunha que ainda estava no testamento de sua mãe quando foi lá naquela noite. Como sabemos, Ben não estava em casa quando ele chegou, e você escapou. Ele matou os outros.

Imaginei Runner respirando pesado, caminhando a passos largos pela casa com aquela espingarda, seu chapéu imundo inclinado para trás enquanto apontava para minha mãe. Ouvi em minha cabeça o uivo que sempre ouvia quando lembrava daquela noite e tentei fazer com que saísse da boca de Runner.

— Vestígios da sua casa foram encontradas na cabana de Runner, embora essa prova tenha sido sempre desconsiderada porque ele entrou e saiu da sua casa naquele verão, mas ainda é um fato. Não foi encontrado em Ben sangue ou tecido de nenhuma das vítimas, embora a promotoria tenha apelado muito para o fato de que foi encontrado sangue de Ben na casa.

— Alô-ô? Como se você não pudesse se cortar fazendo a barba? — disse a mulher raivosa do crucifixo.

As mulheres riram do comentário espirituoso e inesperado.

— Finalmente, a parte que mais me entusiasma, Libby, é a da oportunidade. Como você sabe, seu pai teve como álibi uma namorada da época, a Srta. Peggy Bannion. Só para que você saiba que não é vergonha consertar um erro, Peggy está atualmente em processo de voltar atrás no depoimento. Embora possa ser condenada a até cinco anos.

— Bem, ela não será — comemorou Katryn. — Não deixaremos isso acontecer.

As outras aplaudiram, enquanto uma mulher comprida vestindo calça jeans justa se levantava. Usava cabelos curtos, a parte de cima com permanente e mechas, e os olhos eram pequenos e opacos, como moedas que tivessem passado tempo demais na bolsa de alguém. Ela olhou para mim, depois desviou os olhos. Brincou com a pedra azul exageradamente grande que usava em uma corrente e combinava com uma faixa azul de seu casaco. Eu a imaginei em casa, diante de um espelho manchado, desfrutando a sorte de combinar a corrente com o casaco.

Olhei para a namorada de meu pai — aquela convidada especial de Magda — e desejei não piscar.

— Quero apenas agradecer a vocês todas pelo apoio nos últimos meses — começou, a voz esganiçada. — Runner Day me usou como fez com todo mundo. Estou certa de que você sabe.

Demorei alguns segundos para me dar conta de que ela falava comigo. Eu assenti, depois desejei não ter feito isso.

— Partilhe sua história conosco, por favor, Peggy — disse Magda.

Estava claro que Magda assistia muito à *Oprah*. Ela tinha a cadência, embora não o calor.

— A verdade da história é esta. Na noite de 2 de janeiro, preparei jantar para Runner em sua cabana. Foi chop suey com arroz e, como é de praxe em se tratando de Runner, muita cerveja. Ele bebia Mickey's Big Mouths, você tinha que tirar o lacre, mas os lacres saíam em ângulos agudos, pareciam pinças de caranguejo, e ele sempre se cortava. Lembra disso, Libby? Ele estava sempre cortando com aquilo.

— O que aconteceu depois do jantar? — interrompeu Lyle.

Esperei que ele olhasse para mim em busca de um sorriso simpático, mas não olhou.

— Nós, ahn, tivemos relações. Quando a cerveja acabou, Runner saiu para conseguir mais. Acho que devia ser por volta das oito horas, porque assisti a *Duro na queda*, embora lembre que era uma reprise, e isso era desanimador.

— Ela assistia a *Duro na queda* — interrompeu Magda. — Não é irônico?

Peggy olhou para ela sem entender.

— De qualquer forma, Runner saiu e não voltou, e, sabem, era inverno, então dormi cedo. Acordei com ele chegando em casa, mas ele não tinha relógio, então não sei que horas eram. Mas definitivamente foi no meio da noite, definitivamente tarde, porque fiquei acordando, e por fim levantei para urinar, e o sol estava começando a nascer, e isso não poderia ter sido mais do que algumas horas depois.

Enquanto aquela mulher estava urinando, procurando papel higiênico e provavelmente não encontrando, depois voltando para a cama por entre os motores, as lâminas e as entranhas da TV em que Runner sempre fingia estar trabalhando, talvez dando uma topada com o dedo e se aborrecendo por isso, eu engatinhava pela neve na direção da minha casa banhada em sangue, minha família morta. Eu tinha isso contra ela.

— Que o Senhor me ajude, a polícia apareceu de manhã perguntando a Runner onde ele estava entre meia-noite e cinco da manhã, *me* perguntando onde ele estava. O tempo todo ele foi muito insistente: *eu fui para casa cedo, estava em casa antes da meia-noite*. E eu não achava que ele estava, mas sustentei isso. Apenas sustentei.

— Bem, você não tem mais que se preocupar com isso, garota! — disse a morena com o bebê.

— Nem sequer tive notícias dele em um ano.

— Bem, isso é mais do que eu tive — disse, e lamentei.

Fiquei pensando se aquela mulher teria guardado segredo se Runner apenas tivesse mantido contato. Telefonado a cada três meses, em vez de a cada oito. Peggy continuou.

— E, como eu disse, ele tinha aqueles arranhões, na mão toda, mas não posso garantir que não eram dos lacres da cerveja. Simplesmente não me lembro se ele se arranhou antes de sair naquela noite, ou se talvez alguém o tenha arranhado.

— Apenas uma vítima, Michelle Day, foi encontrada com pele sob as unhas, o que faz sentido, já que ela foi estrangulada, de modo que esteve fisicamente mais perto do assassino — disse Lyle. Todas ficamos em silêncio por um segundo, os murmúrios do bebê mais altos, aproximando-se de guinchos. — Infelizmente, aquela pele se perdeu em algum ponto antes de chegar ao laboratório.

Imaginei Runner, com aquela sua expressão desconfiada de olhos arregalados, lançando-se sobre Michelle, seu peso empurrando-a sobre o colchão, e Michelle lutando para respirar,

tentando arrancar as mãos dele, dando-lhe um bom arranhão, machucando as costas das mãos pequenas e sujas de óleo dele que se apertavam mais sobre o pescoço...

— E essa é a minha história — disse Peggy, com um dar de ombros de mãos abertas, um gesto de comediante que pergunta: fazer o quê?

— Ned, estamos prontas para a sobremesa! — berrou Magda na direção da cozinha, e Ned chegou apressado, ombros nas orelhas, migalhas no lábio inferior enquanto levava uma bandeja desfalcada de biscoitos secos com geleia dura no centro.

— Pelo amor de Deus, Ned, pare de comer minhas coisas! — disse Magda, olhando furiosa para a bandeja.

— Só comi dois.

— Mentira que só comeu dois — disse Magda, acendendo um cigarro de um maço quase vazio. — Vá até a loja, preciso de cigarros. E mais biscoitos.

— Jenna pegou o carro.

— Então vá andando, fará bem a você.

As mulheres claramente estavam planejando passar a noite, mas eu não ficaria. Eu me instalei perto da porta, de olho em um baleiro esmaltado que parecia bom demais para Magda. Enfiei-o no bolso enquanto via Lyle fechar o acordo, com Magda dizendo enquanto abria o talão de cheques: *Ela fará isso? Ela o achou? Ela realmente acredita?* Sempre que eu piscava Peggy se aproximava de mim, um jogo de xadrez bizarro. Antes que conseguisse fugir para o banheiro, ela estava junto ao meu cotovelo.

— Você não parece nada com Runner — disse, apertando os olhos. — Talvez o nariz.

— Pareço com minha mãe.

Peggy parecia sofrer.

— Ficou muito tempo com ele? — perguntei.

— Terminando e reatando, acho. É. Quer dizer, tive namorados no meio. Mas ele tinha um jeito de voltar e fazer você achar que era

parte do plano. Tipo, quase como se você tivesse combinado que ele iria desaparecer, mas voltaria, e tudo seria como antes. Não sei. Eu desejava ter conhecido um contador ou algo assim. Nunca sei aonde ir para conhecer homens legais. Minha vida toda. Quer dizer, aonde você vai?

Ela parecia estar querendo um ponto geográfico, como se houvesse uma cidade especial onde todos os contadores e atuários eram guardados.

— Você ainda está em Kinnakee?

Ela assentiu.

— Eu sairia de lá, para começar.

PATTY DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
15H10

Patty se jogou no banco do motorista do carro de Diane — os olhos nas chaves balançando na ignição, *sair daqui, agora, sair*. Diane sentou-se no banco do carona enquanto Patty ligava o motor. Ela chegou a cantar pneus enquanto saía da casa dos Muehler, a traseira do carro derrapando. Toda a tralha no porta-malas de Diane — bolas de beisebol, ferramentas de jardinagem e bonecas das meninas — rolou e bateu como passageiros capotando. Ela e Diane sacudiram pela estrada de cascalho, levantando poeira, derrapando para as árvores à esquerda, depois desviando para uma vala à direita. Por fim, a mão forte de Diane surgiu e pousou suavemente no volante.

— Calma.

Patty resmungou até deixar a propriedade dos Muehler, fez uma ampla curva à direita, parou ao lado da estrada e chorou, dedos agarrados ao volante, a cabeça no centro dele produzindo uma buzinada abortada.

— Que droga está acontecendo? — gritou. Era um berro lacrimoso de criança, molhado, raivoso e confuso.

— Alguma coisa estranha — disse Diane, dando um tapinha nas costas dela. — Vamos para casa.

— Não quero ir para casa. Preciso encontrar meu filho.

A palavra *filho* a levou a chorar de novo, e ela não se conteve: soluços e pensamentos a feriram como agulhas. Ele iria precisar de um advogado. Não tinham dinheiro para um advogado. Algum

sujeito provinciano entediado seria nomeado. Iriam perder. Ele iria para a cadeia. O que diria às meninas? Quanto tempo alguém fica preso por algo assim? Cinco anos? Dez? Ela podia visualizar um grande estacionamento de prisão, os portões se abrindo, e seu Ben saindo com cautela, com vinte e cinco anos, assustado com o espaço aberto, olhos apertados sob a luz. Ele se aproxima dela, que está de olhos abertos, e cospe nela por não salvá-lo. Como você pode viver sem ter conseguido salvar seu filho? Será que podia mandá-lo embora, foragido, um fugitivo? Quanto dinheiro poderia dar a ele? Em dezembro, anestesiada de cansaço, ela vendera para Linda Boyler a pistola .45 automática que seu pai usara no Exército. Podia imaginar Dave Boyler, de quem nunca gostara, abrindo-a na manhã de Natal, aquela arma que ele não merecia. Então, naquele instante, Patty tinha quase trezentas pratas escondidas em casa. Era tudo para pagar as pessoas às quais devia, ela planejara fazer sua ronda de primeiro dia do mês naquele dia, mas agora isso não iria acontecer — mas trezentos dólares só sustentariam Ben por alguns meses.

— Ben irá para casa quando ficar mais calmo — raciocinou Diane. — Quão longe ele pode ir de bicicleta em janeiro?

— E se *eles* o encontrarem antes?

— Querida, não há um bando atrás dele. Você ouviu, os garotos Muehler sequer sabiam da... acusação. Estavam falando sobre outros boatos idiotas. Precisamos conversar com Ben para esclarecer isso, mas, pelo que sabemos, ele pode já estar em casa agora.

— Qual é a família que está dizendo que ele fez isso?

— Ninguém disse.

— Mas você pode descobrir. Eles não podem dizer coisas assim e esperar que a gente desista e aceite, certo? Você pode descobrir. Temos o direito de saber quem está dizendo isso. Ben tem o direito de confrontar seu acusador. *Eu* tenho o direito.

— Certo, vamos voltar para casa, ver como estão as meninas e darei uns telefonemas. Agora você me deixa dirigir?

* * *

Elas entraram no meio de um berreiro. Michelle estava tentando fritar fatias de salame na frigideira, gritando para Debby ir embora. Libby tinha uma série de queimaduras brilhantes em tom de rosa em um dos braços e uma bochecha que tinha sido acertada pela gordura, e estava sentada no chão, boca escancarada, chorando como Patty chorara no carro: como se não houvesse absolutamente nenhuma esperança e, mesmo se houvesse, ela não estaria à altura do desafio.

Patty e Diane se moveram como em uma coreografia, como em um daqueles relógios alemães com homens e mulheres elegantes entrando e saindo em uma dança. Diane foi à cozinha em três grandes passos e arrancou Michelle de perto do fogão, arrastando-a pelo braço, como uma boneca, até a sala de estar, deixando-a no sofá após dar uma palmada no traseiro dela. Patty passou por elas, ergueu Libby, que se enroscou na mãe e continuou a chorar pendurada em seu pescoço.

Patty se virou para Michelle, que derramava grandes lágrimas silenciosas.

— Já lhe disse: só pode usar o fogão para esquentar sopa. Você podia ter incendiado a casa toda.

Michelle olhou ao redor da cozinha e da sala desgastadas, como se estivesse avaliando o tamanho da perda.

— Estávamos com fome — murmurou Michelle. — Vocês tinham desaparecido.

— E isso significa que você precisava de um sanduíche de salame frito que sua mãe disse para não fazer? — interveio Diane, terminando de fritar e jogando a carne em um prato. — Ela precisa que vocês sejam boas meninas agora mesmo.

— Ela sempre precisa que sejamos boas meninas — murmurou Debby. Estava enfiando o nariz em um panda de pelúcia cor-de-rosa que Ben ganhara anos antes na feira de Cloud County. Ele derrubara uma pilha de garrafas de leite, quando seus músculos pré-adolescentes começavam a surgir. As garotas festejaram como se ele tivesse ganhado uma Medalha de Honra. Os Day nunca haviam ganhado nada. Eles sempre diziam isso, maravilhados, quando tinham um pouquinho de sorte. *Nunca ganhamos nada!* Era o lema da família.

— E realmente é tão difícil ser boa? — retrucou Diane, dando um tapinha suave no queixo de Debby, que baixou o olhar ainda mais enquanto começava a sorrir.

— Acho que não.

Diane disse que faria as ligações, pegando o telefone da cozinha e o levando pelo corredor o mais longe possível. Enquanto se afastava, dizia a Patty para alimentar suas malditas filhas — as palavras irritando Patty, como se ela fosse tão negligente que costumasse esquecer refeições. Fazer sopa de tomate com ketchup e leite em pó, sim. Torrar pão mofado, acrescentar um fio de mostarda e chamar de sanduíche, sim. Nos piores dias, sim. Mas ela nunca esquecia. As crianças estavam no programa de merenda grátis na escola, então pelo menos sempre comiam algo lá. Enquanto pensava isso, sentia-se pior. Porque Patty frequentara a mesma escola quando menina e nunca precisara de meio-almoço ou de almoço grátis, e seu estômago deu um nó ao se lembrar dos garotos da merenda grátis e dos sorrisos de superioridade que ela dava para eles enquanto apresentavam seus cartões amassados e as senhoras suadas do refeitório gritavam: Almoço grátis! E o garoto ao lado dela, cabelos bem curtos e sorriso confiante, sussurrava tolamente: *Não existe almoço grátis*. E ela sentia pena dos garotos, mas não de um modo que a fizesse querer ajudar, apenas de uma maneira que a fazia não querer mais olhar para eles.

Libby ainda arfava e chorava em seus braços; o pescoço de Patty estava suado por causa do hálito quente da menina. Após pedir duas vezes que Libby olhasse para ela, a garota finalmente piscou e virou o rosto para a mãe.

— Eu me queimeeeeiiiii. — Então recomeçou a chorar.

— Querida, querida, é só uma dorzinha. Não será permanente, é com isso que está preocupada? São só umas marquinhas rosa; você nem vai lembrar semana que vem.

— Alguma coisa ruim vai acontecer!

Libby era a sua preocupada; saiu do útero alerta e continuou assim. Era a menina dos pesadelos, a irritada. Foi uma gravidez que veio do nada; nem Patty nem Runner ficaram contentes. Eles nem ao menos se deram o trabalho de fazer um chá de bebê; suas famílias estavam tão cansadas de eles procriarem, que toda a gravidez foi um constrangimento. Libby deve ter marinado em ácido gástrico ansioso durante nove meses, absorvendo toda aquela preocupação. Ensiná-la a usar o vaso foi surreal — gritava ao ver o que saía dela mesma, fugia nua e agitada. Deixá-la na escola sempre foi um gesto de completo abandono, sua filha com os enormes olhos marejados, rosto pressionado no vidro, enquanto uma professora do jardim de infância a segurava. No verão anterior, ela se recusara a comer por uma semana, ficara branca e agoniada, depois finalmente (finalmente, finalmente) revelara a Patty um começo de verruga que surgira em um dos joelhos. Com os olhos baixos, em frases lentas que Patty arrancou dela ao longo de uma hora, Libby explicou que achava que as verrugas poderiam ser como hera venenosa, que acabaria a cobrindo, e (soluço!) ninguém mais conseguiria ver seu rosto. E quando Patty perguntou por que, por que Libby não falara antes sobre essa preocupação, a menina simplesmente olhou para ela como se fosse louca.

Sempre que possível, Libby profetizava destruição. Patty sabia disso, mas as palavras ainda a fizeram enrijecer. Algo ruim já havia acontecido. Mas ficaria pior.

Ela se sentou com Libby no sofá, alisando seus cabelos, dando tapinhas nas costas. Debby e Michelle circulavam por perto, pegando lenços de papel para Libby e a perturbando como deveriam ter feito uma hora antes. Debby tentou fazer o panda fingir falar com Libby, dizendo que estava tudo bem, mas Libby o jogou longe e virou a cabeça. Michelle perguntou se podia fazer sopa para todo mundo. Eles tomavam sopa o inverno todo, Patty deixando enormes potes no congelador da garagem. Normalmente terminava no final de fevereiro. Fevereiro era o pior mês.

Michelle estava jogando um grande quadrado congelado de carne e legumes em uma panela, quebrando o gelo, ignorando o prato de salame quando Diane voltou com a boca distorcida em uma careta. Ela acendeu um cigarro — *acredite, eu preciso dele* — e se sentou no sofá, seu peso jogando Patty e Libby para cima como em um balanço. Ela mandou as meninas para a cozinha com Michelle, as crianças não dizendo nada, obedientes em seu nervosismo.

— Certo. Foi uma família chamada Cates que começou isso; eles moram a meio caminho entre aqui e Salina, mandaram a filha para cá porque a escola pública de lá não está pronta. Isso começou porque Ben estava fazendo trabalho voluntário depois da escola com a garota Cates. Você sabia desse trabalho voluntário?

Patty balançou a cabeça.

— Trabalho voluntário?

Diane pareceu não entender: também parecia absurdo para ela.

— Bem, qualquer que seja a razão, ele estava fazendo trabalho voluntário com esses garotos pequenos da escola básica, e os pais dessa garota dizem que aconteceu algo errado entre eles. E também alguns outros. Os Hinkel, os Putch e os Cahill.

— O quê?

— Todos estão comparando anotações, todos falaram com a escola. Pelo que ouvi, a polícia agora está envolvida, e você deve esperar que alguém, um policial, apareça aqui hoje para falar com você e Ben. Chegou a esse ponto. Nem todos na escola sabem,

temos sorte de ter acontecido no feriado de Natal, mas acho que depois de hoje não será mais assim. Acho que qualquer garoto que Ben ajudou depois da escola está conversando com os pais, então são tipo dez famílias.

— O que devo fazer?

Patty colocou a cabeça entre os joelhos. Deu uma risada, era tão ridículo. *Fico pensando se estou tendo um colapso*, refletiu. *Talvez pudesse ter um colapso, e aí não precisaria conversar com ninguém*. Um quarto limpo e seguro e Patty sendo levada como uma criança do café da manhã para o almoço, e depois jantar, manipulada por pessoas com sussurros suaves, Patty se arrastando como alguém moribundo.

— Acho que todos estão conversando na casa dos Cates neste instante — disse Diane. — Peguei o endereço.

Patty apenas olhou para ela.

— Acho que devemos ir lá — sugeriu Diane.

— Ir lá? Achei que você disse que alguém viria aqui.

— O telefone não para de tocar — disse Michelle, que deveria estar na cozinha e não ter ouvido nada disso.

Patty e Diane se viraram para o telefone, esperando que parasse.

— Bem, por que você não atendeu como pedimos, Michelle? — perguntou Diane.

Michelle deu de ombros.

— Esqueci se devia ou não.

— Talvez devêssemos esperar aqui — comentou Patty.

— Patty, essas famílias estão falando... *merdas* sobre seu filho. Ninguém sabe quanto de verdade pode haver lá, mas você não quer falar a favor dele? Não quer ouvir o que estão dizendo, fazer com que digam na sua cara?

Não, não queria. Ela queria que as histórias desaparecessem, bela e silenciosamente, recuassem para o esquecimento. Ela não queria ouvir o que as pessoas de sua cidade — Maggie Hinkel fizera o segundo grau com ela, por Deus — estavam dizendo sobre Ben, e

tinha medo de desmoronar com todos aqueles rostos furiosos olhando para ela. Ela iria chorar, implorar por perdão. Tudo o que ela queria era perdão, e eles sequer haviam feito algo errado.

— Espere eu colocar uma roupa melhor.

* * *

Ela encontrou um moletom sem rasgos nas axilas e uma calça de algodão. Passou um pente no cabelo e trocou os brincos de ouro por imitação de pérolas com colar combinando. Era realmente difícil dizer que eram falsos, eram pesados, inclusive.

Enquanto ela e Diane iam para a porta da frente — mais avisos para não usar o fogão, um pedido de desligar a TV e fazer as tarefas em algum momento —, Libby começou a berrar novamente, correndo até elas, agitando os braços. Michelle cruzou os braços sobre o suéter sujo e bateu o pé.

— Não consigo lidar com ela quando está assim — disse, uma imitação perfeita de Patty. — É demais. É demais para mim.

Patty respirou fundo, pensou em raciocinar com Michelle, pensou em atormentá-la, mas Libby berrava mais alto, um animal uivando, gritando *euqueroircomvocêeuqueroircomvocê*, Michelle erguendo a sobrancelha. Patty imaginou um policial aparecendo enquanto ela estava fora, uma criança de rosto queimado chorando, inconsolável, no chão. Será que deveria levar as três? Mas alguém tinha que ficar ali e atender ao telefone, estar ali, e provavelmente era melhor ter Michelle e Debby ali do que...

— Libby, vá calçar as botas — ordenou Diane. — Michelle, você está no comando. Atenda ao telefone, não abra a porta. Se for Ben, ele tem a chave, se for outra pessoa, não queremos que vocês se preocupem com isso. Michelle?

— O que está acontecendo?

— Michelle, não estou brincando com você. Certo?

— Certo.

— Certo — disse Diane, e essa foi, literalmente, a última palavra.

Patty ficou de pé no corredor, inútil, vendo Libby calçar as botas e colocar as luvas cobertas de lama. Patty agarrou uma das mãos enluvadas dela e a levou ao carro. De qualquer forma, poderia ser bom se as pessoas fossem lembradas de que Ben tinha irmãzinhas que o amavam.

Libby não era de falar muito — Michelle e Debby pareciam ficar com todas as palavras. Ela dava declarações: Eu gosto de pôneis. Eu odeio espaguete. Eu odeio você. Como sua mãe, ela não sabia blefar. Não tinha disposição. Estava tudo ali. Quando não estava com raiva ou triste, simplesmente não dizia muito. Naquele momento, sentada e com cinto no fundo do carro, ficou em silêncio, o rosto com a marca rosa virado para a janela, um dedo no vidro, traçando os topos das árvores do lado de fora.

Patty e Diane também não falavam, e o rádio estava desligado. Patty tentou imaginar a visita (visita? Realmente era possível chamar algo tão repulsivo de visita?), mas só conseguia se ver gritando: “Deixem meu filho em paz!” Ela e Maggie Hinkel nunca tinham sido amigas, mas sempre haviam conversado na mercearia, e ela conhecia os Putch da igreja. Não eram pessoas desagradáveis, não seriam desagradáveis com ela. Quanto aos pais da primeira garota, Krissi Cates, Patty não tinha ideia. Imaginou os Cates com cabelos louros brilhantes e sendo elegantes, com tudo combinando, e a casa impecável cheirando a pot-pourri. Ela especulou se a Sra. Cates identificaria as pérolas falsas.

Diane mandou que Patty saísse da rodovia e entrasse no bairro, passando por uma grande placa azul que anunciava unidades modelo em Elkwood Park. Até então eram apenas quarteirões seguidos por esqueletos de madeira, cada um deles com um perfil de casa, cada um permitindo que se visse o perfil da seguinte, e então da outra. Uma adolescente fumava no segundo andar de um esqueleto de casa, parecendo a Mulher Maravilha em seu avião

invisível, sentada na silhueta de um quarto. Quando bateu o cigarro, as cinzas flutuaram para a sala de jantar.

Todas as pré-casas irritaram Patty. Eram identificáveis, mas totalmente estranhas, uma palavra cotidiana de que de repente você não conseguia se lembrar para salvar a própria vida.

— Bonito, hein? — disse Diane, apontando para o bairro.

Mais duas curvas e lá estavam, um quarteirão de casas arrumadas, casas de verdade, um grupo de carros na frente de uma delas.

— Parece uma festa — bufou Diane. Ela baixou a janela e cuspiu do lado de fora.

O carro ficou em silêncio alguns segundos, a não ser pelos barulhos que Diane fazia com a garganta.

— Solidariedade — falou Diane. — Não se preocupe, o pior que podem fazer é gritar.

— Talvez você devesse ficar aqui com Libby — sugeriu Patty. — Não quero gritos na frente dela.

— Não. Ninguém fica no carro. Podemos fazer isso. Certo, Libby? Você é uma garotinha durona, não é? — perguntou, virando seu grande corpo para Libby no banco de trás, a parca farfalhando, e depois novamente para Patty. — Será bom eles a verem, saber que ele tem uma irmãzinha que o ama.

Patty teve uma dose de confiança ao notar que ela pensara a mesma coisa.

Diane então estava fora do carro, do outro lado, despertando Libby e escancarando a porta para ela sair. As três subiram a calçada, Patty imediatamente se sentindo mal. Sua úlcera ficara quieta por um tempo, mas agora sua barriga queimava. Teve que parar de cerrar o maxilar e relaxar. Pararam no degrau da porta, Patty e Diane à frente, com Libby logo atrás da mãe, olhando para trás. Patty imaginou um estranho passando de carro, pensando que eram amigos chegando para a festa. A porta ainda tinha uma guirlanda de Natal. Patty pensou: *Eles tiveram um belo Natal feliz e*

agora estão assustados e com raiva, e aposto que continuam pensando: mas acabamos de ter um Natal tão bom. A casa parecia ter saído de um catálogo, havia duas BMW na entrada de garagem, e aquelas não eram pessoas acostumadas com coisas ruins acontecendo.

— Não quero fazer isso, acho que não devemos fazer isso — soltou.

Diane tocou a campainha e lançou para ela um olhar que era do pai, o olhar calmo e inabalável que dirigia para chorões. Então disse exatamente o que papai sempre dizia quando lançava aquele olhar.

— Nada a fazer a não ser fazer.

A Sra. Cates abriu a porta, loura e com um rosto pálido. Os olhos estavam vermelhos de choro, e ela ainda segurava um lenço.

— Olá, posso ajudá-las?

— Eu. Você é... a mãe de Krissi Cates? — iniciou Patty, e começou a chorar.

— Sou — disse a mulher, os dedos em suas próprias pérolas, os olhos passando de Patty para Diane, e então para Libby. — Ah, sua filhinha... Ele também machucou sua filhinha?

— Não — respondeu Patty. — Sou a mãe de Ben. Sou a mãe de *Ben Day*.

Ela limpou as lágrimas com as costas da mão, depois com a manga do casaco.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, *Louuu*, venha aqui. Rápido.

A voz da Sra. Cates ficou alta e trêmula, o som de um avião descendo. Vários rostos que Patty não reconheceu espiaram pelo canto da sala de estar. Um homem saiu da cozinha segurando uma bandeja com refrigerante. Uma garota ficou no corredor, uma garota loura e bonita vestindo calça jeans florida.

— Quem é? — perguntou a menina.

— Vá buscar seu pai — disse a Sra. Cates, movendo-se para ocupar a passagem, quase as empurrando fisicamente do degrau da porta. — Louuuuu... — gritou para dentro da casa.

Surgiu atrás dela um homem, como uma rocha, de pelo menos um metro e noventa e cinco, sólido, que mantinha o queixo erguido de uma forma que lembrava a Patty pessoas que conseguiam o que queriam.

— É ela, é a mãe de Ben Day — disse a mulher, com enorme desgosto, que Patty sentiu seu útero revirar.

— Melhor vocês entrarem — falou o homem, e, quando Patty e Diane se entreolharam, ele acrescentou: — Venham, venham. — Como se fossem animais de estimação.

Elas entraram na casa, um abrigo afundado, e espiaram uma cena que parecia uma festa de aniversário de criança. Havia quatro meninas brincando em estágios diferentes. Usavam estrelas de papel laminado nos rostos e nas mãos, o tipo de adesivo que professoras colocam para indicar boas notas. Várias estavam sentadas com os pais, comendo bolo, as garotas parecendo gananciosas, as mães e os pais parecendo em pânico por trás de rostos corajosos. Krissi Cates fora para o centro do piso e brincava de boneca com um jovem grande, de cabelos escuros, sentado de pernas cruzadas diante dela. Ele tinha um daqueles bonecos esponjosos feios que Patty vira nos filmes que passavam na TV, com Meredith Baxter Birney ou Patty Duke Astin como mães ou advogadas determinadas. Eram os bonecos que as crianças usavam para mostrar como haviam sido molestadas. Krissi tirara as roupas de dois bonecos e colocava o boneco menino em cima do boneco menina. Sacudia para cima e para baixo e entoava palavras sem sentido. Uma garota morena observava do colo da mãe enquanto comia cobertura sob as unhas. Parecia velha demais para estar no colo da mãe.

— Assim — concluiu Krissi, entediada ou com raiva, e jogou o boneco de lado.

O jovem — terapeuta, assistente social, alguém que vestia moletons Shetland com camisas xadrez por baixo, alguém que

cursara uma universidade — pegou o boneco novamente e tentou chamar a atenção de Krissi.

— Krissi, vamos... — disse, segurando o boneco menino por um dos joelhos, o pênis pendendo para o chão.

— Quem é essa? — perguntou Krissi, apontando para Patty.

Patty cruzou a sala, ignorando todos os pais, que começaram a se levantar, balançando como cordas dedilhadas.

— Krissi? — disse ela, agachando-se no chão. — Meu nome é Patty, sou mãe de Ben Day.

Krissi arregalou os olhos, os lábios tremeram, e ela se afastou de Patty. Houve um segundo de silêncio, como um acidente em câmera lenta, em que ela e Patty se encararam. Depois Krissi jogou a cabeça para trás e berrou:

— Não quero ela aqui! — A voz ecoando na claraboia. — Não quero ela aqui! Você disse! Você disse que não ia precisar!

Ela se jogou no chão e começou a arrancar os cabelos. A garota morena correu e se debruçou sobre Krissi, gemendo:

— Eu não me sinto segura!

Patty se levantou, examinou a sala, viu pais com rostos assustados e revoltados, reparou em Diane levando Libby atrás dela na direção da porta.

— Ouvimos falar de você — disse a mãe de Krissi Cates, seu rosto amável e cansado retorcido. Apontou para Maggie Hinkel, antiga colega de escola de Patty, que corou para ela. E continuou, a voz seca, os olhos úmidos: — Você tem quatro filhos em casa. Não pode cuidar de apenas um. O pai é um bêbado. Vocês vivem de seguro-desemprego. Deixa suas menininhas sozinhas com aquele... chacal. Você deixa seu filho atacar meninas. Meu Deus, você deixou seu filho *fazer* isso! Deus sabe o que acontece lá!

A menina Putch então se levantou e gritou, lágrimas escorrendo pelas estrelas brilhantes em suas bochechas. Ela se juntou ao grupo no meio, onde o jovem murmurava palavras reconfortantes, tentando manter contato visual com elas.

— Não quero elas aqui! — berrou Krissi novamente.

— Onde está Ben, Patty? — perguntou Maggie Hinkel, sua filha de rosto achatado sentada ao lado, sem expressão. — A polícia realmente precisa falar com Ben. Espero que não o esteja escondendo.

— Eu? Estou tentando encontrá-lo. Estou tentando esclarecer isso. Por favor.

Por favor, ajudem-me, por favor, perdoem-me, por favor, parem de gritar.

A filha de Maggie Hinkel permaneceu calada, depois puxou a manga da mãe.

— Mãe, quero ir embora.

As outras meninas continuaram gritando, entreolhando-se. Patty ficou em pé, olhando para Krissi e o terapeuta, que ainda embalava o boneco menino nu que deveria ser Ben. Seu estômago se revirou, enchendo sua garganta com ácido.

— Acho que deveriam ir embora — interrompeu a Sra. Cates, pegando a filha como se fosse um bebê, a perna da garota pendurada quase até o chão, a mãe cambaleando com o peso.

O jovem terapeuta se levantou, ficando entre Patty e a Sra. Cates. Quase colocou uma das mãos em Patty, depois a virou para a Sra. Cates. Diane chamava da porta, dizendo o nome da irmã, do contrário Patty não teria se movido. Esperava que se lançassem sobre ela, arrancassem seus olhos.

— Sinto muito, sinto muito — Patty gritava para a sala, frenética e tonta. — Isso é um equívoco, eu sinto muito.

Então Lou Cates estava na frente dela, agarrando-a pelo braço, como se não tivesse acabado de convidá-la a entrar, e levando-a até a porta, os berros de quatro garotas atrás. Havia mães e pais por toda parte, adultos cuidando dos filhos, e Patty se sentiu idiota. Nem tola nem constrangida. Imperdoavelmente idiota. Ela podia ouvir os pais dizendo coisas carinhosas às filhas: *boa menina, está*

tudo bem, está tudo bem, ela está indo embora agora, você está em segurança, vamos dar um jeito nisso, calma, calma, querida.

Imediatamente antes de Lou Cates a botar para fora da sala, Patty se virou e viu Krissi Cates nos braços da mãe, os cabelos louros caídos sobre um olho. A menina olhou para ela e simplesmente disse:

— Ben vai para o inferno.

LIBBY DAY

HOJE

Eu havia sido contratada para encontrar Runner, mas toda a minha agitação febril e ambiciosa da semana anterior estava caída no chão ao lado da cama, como uma camisola suja. Não consegui me levantar, nem mesmo quando ouvi as crianças passando pela minha casa em sua caminhada sonolenta. Eu as imaginei com grandes galochas, chapinhando, deixando pegadas arredondadas na lama de março, e não consegui me mover.

Eu tinha acordado de um sonho infeliz, do tipo que a pessoa fica dizendo a si mesma que não significa nada, e que não deveria incomodar porque é só um sonho, só um sonho. Começava na fazenda, mas não era realmente a fazenda. Era brilhante demais, arrumada demais para ser lá, mas era, e, a distância, no sentido contrário de um horizonte alaranjado, Runner galopava na direção da fazenda, gritando como um caubói do Velho Oeste. À medida que chegava mais perto — descendo nossa colina, cruzando o portão —, vi que o galope na verdade era um balanço instável, porque o cavalo tinha rodas. A metade de cima era carne, mas a base era de metal, e a armação era fina, como uma maca de hospital. O cavalo relinchou para mim em pânico, seu pescoço musculoso tentando se separar do metal. Runner saltou, a criatura rolando para longe, uma roda quebrada, um irritante animal carrinho de compras. Parou perto de um tronco de árvore cortado, os olhos ficando brancos, ainda lutando para se soltar.

— Não se preocupe com isso — disse Runner, sorrindo para o cavalo. — Eu paguei por ele.

— Você fez um mau negócio — falei.

Runner cerrou o maxilar e ficou perto demais de mim.

— Sua mãe diz que está bem — murmurou.

Eu pensei: *Isso mesmo! Minha mãe está viva.* A ideia parecia sólida, como uma pedrinha em meu bolso. Minha mãe estava viva, e como eu havia sido tola, todos aqueles anos pensando o contrário.

— Melhor consertar sua mão primeiro — disse Runner, apontando para meu dedo anelar cortado. — Trouxe estes para você. Espero que goste mais deles que do cavalo. — Ergueu uma bolsa de veludo leve, do tipo usado no jogo Scrabble, e a sacudiu.

— Ah, eu adoro o cavalo — falei, afastando minha má vontade. O cavalo arrancara os quartos traseiros do metal e sangrava um óleo vermelho denso que escorria até o chão.

Runner tirou da bolsa oito ou nove dedos. Sempre que pegava um que parecia meu, me dava conta de que era um mindinho, um dedo de homem, um dedo da cor ou do tamanho errado.

Runner franzia os lábios para mim.

— Apenas pegue um, está bem? Não é nada de mais.

Escolhi um que era vagamente semelhante ao que eu havia perdido, e Runner o costurou na minha mão, o cavalo rasgado gritando atrás de nós, um grito de mulher, aterrorizado e cheio de raiva. Runner jogou uma pá nele, que se partiu em dois, latejando no chão, incapaz de se mover.

— Aí está — disse Runner, estalando os lábios. — Parece novo.

Entre meus dois dedos de menina, havia um grande dedão do pé inchado, preso com grossos pontos frouxos, e de repente a namorada de Runner, Peggy, estava ali e dizia:

— Querido, a mãe dela não está aqui, lembra? Nós a matamos.

E Runner deu um tapa na própria cabeça, como um homem que se esquecera de levar leite para casa, e disse:

— Isso mesmo. Isso mesmo. Eu peguei todas as meninas, menos Libby.

Nós três piscamos uns para os outros, o clima ficando pesado. Então Runner voltou ao cavalo e pegou a pá, que se transformou em machado.

Acordei de um pulo, um braço jogando no chão a luminária da mesa de cabeceira. Já estava amanhecendo quando finalmente me virei e vi a luminária caída de lado e me perguntei se a lâmpada havia feito um buraco no carpete. E então era de manhã, e eu ainda não conseguia me mover.

Mas a luz estava acesa no quarto de Ben. Meu primeiro pensamento real: naquela noite, a luz estava acesa no quarto de Ben, e alguém estava falando. Eu queria parar de pensar nisso, mas a lembrança voltava sempre. Por que um assassino enlouquecido entraria no quarto de Ben, fecharia a porta, acenderia a luz e bateria papo?

A luz estava acesa no quarto de Ben. Esqueça as outras coisas: um vingativo Lou Cates, um Runner enlouquecido por dívidas, um bando de marginais que queria dar uma lição em Runner assassinando sua família. Esqueça a voz que ouvi berrando, que — tudo bem, eu acho — poderia não ter sido a de Ben. Mas ele não estava em casa quando fomos para a cama e, ao acordar, a luz estava acesa. Lembro que senti uma onda de alívio porque Ben estava em casa, porque a luz dele estava acesa e acabara a briga entre ele e minha mãe — pelo menos por hora —, porque a luz estava acesa, e ele conversava atrás da porta, talvez em seu telefone novo, ou com ele mesmo, mas a luz estava acesa.

E quem era Diondra?

Eu me preparei para sair da cama, jogando as cobertas de lado, os lençóis cheirando a umidade, encardidos do meu corpo. Pensei em quanto tempo havia se passado desde que os trocara. E então refleti com que frequência deveria trocá-los. Esse é o tipo de coisa que você não aprende. Agora eu finalmente mudava a roupa de cama depois do sexo, e isso só aprendi alguns anos atrás, em um filme na TV: Glenn Close, algum *thriller*. Ela acabara de fazer sexo e

estava trocando os lençóis, e não consigo me lembrar do resto, pois a única coisa em que pensava era: Ah, acho que as pessoas trocam os lençóis depois de fazer sexo. Fazia sentido, mas nunca pensara nisso. Fui criada de maneira selvagem, digamos assim, e continuei desse jeito.

Saí da cama, devolvendo, por fim, a luminária à mesa de cabeceira, e caminhei pela sala dando voltas, espiando a secretária eletrônica, não deixando que ela soubesse que eu me importava caso tivesse uma mensagem. Poderia muito bem ter assoviado, meus pés dando chutes à frente — *nada incomum, apenas dando uma caminhada*. Nada de Diane. Quatro dias e nada de Diane.

Bem, sem problema, eu tinha outra família.

* * *

Desta vez Ben esperava por mim quando entrei, surgindo antes que eu estivesse preparada. Ele se sentou rigidamente no assento atrás do vidro, os olhos distraídos, um manequim de macacão. Queria lhe pedir para não fazer isso comigo, porque me assustava, mas não disse nada, pois por qual motivo eu me assustaria, a não ser que eu ainda não acreditasse totalmente na inocência dele?

E eu não acreditava, acho.

Sentei, a cadeira ainda úmida de outra pessoa, o calor do plástico parecendo grosseiramente íntimo naquele lugar. Esfreguei minhas nádegas para trás e para a frente, tornando-a minha, tentando disfarçar o nojo, mas, quando peguei o telefone, ele ainda estava suado do usuário anterior, e meu olhar fez Ben franzir a testa.

— Então você voltou. Está tudo bem? — perguntou, e assenti uma vez. Sim, claro, muito bem.

Ele sorria. Cauteloso, como sempre. Em uma festa de família, no último dia na escola, ele parecia o mesmo, um garoto que vivia permanentemente em uma biblioteca, esperando que mandassem se calar.

— Eu voltei.

Tinha um belo rosto. Não era bonito, mas agradável, o rosto de um homem bom. Ao me flagrar avaliando-o, os olhos dele baixaram rapidamente para as mãos. Estavam grandes, maiores que seu pequeno corpo, mãos de pianista, embora nunca tivéssemos tocado piano. Tinham cicatrizes, nada muito impressionante, tiras de talhos e cortes. Ele notou que eu estava olhando, ergueu uma das mãos e apontou um dedo para um talho fundo.

— Acidente de polo.

Eu ri, pois percebi que ele já lamentava a brincadeira.

— Não, sabe realmente o que é isto? — perguntou Ben. — É daquele touro, Amarelo 5, lembra-se daquele desgraçado?

Tínhamos um pequeno rebanho, mas nunca batizávamos nosso gado, não era uma boa ideia. Mesmo quando criança, eu não tinha interesse em ficar apegada a Bossy, Hank ou Sweet Belle porque eles seriam mandados ao abatedouro assim que crescessem o suficiente. Dezesseis meses, aquilo surgiu na minha cabeça. Assim que faziam um ano você começava a andar na ponta dos pés perto deles, passava a olhá-los de lado, com desgosto e constrangimento, como se olhasse para um convidado em sua casa que tinha acabado de peidar. Então os classificávamos por cor na época do nascimento, todo ano, combinando vacas e seus bezerros: Verde 1, Vermelho 3, Azul 2, escorregando de suas mães para o chão de terra do estábulo, aqueles pés chutando imediatamente, tentando se firmar na lama. As pessoas imaginam gado como sendo dócil, idiota, mas bezerros? Eles são curiosos como filhotes de gato, brincalhões, e por isso eu nunca podia ficar junto deles, apenas os olhava pelas frestas, mas me lembro de Ben calçando suas galochas, tentando se esgueirar para dentro, movendo-se lenta e deliberadamente como um astronauta, e então chegou perto e poderia muito bem estar tentando agarrar um peixe. Lembro-me do Amarelo 5, pelo menos do nome, o famoso bezerro que se recusou a ser castrado — pobres Ben e minha mãe, dia após dia tentando segurar o Amarelo

5, para que pudessem cortar seu saco e arrancar suas bolas, e todo dia voltando para a mesa de jantar fracassados, derrotados pelo Amarelo 5. Foi uma brincadeira à mesa na primeira noite, todos conversando com o filé, fingindo ser o Amarelo 5: Você vai se arrepender, Amarelo 5. Na segunda noite, foi motivo de riso desconfortável e, na quinta, eram bocas distorcidas e silêncio, um lembrete a Ben e minha mãe de que eles não eram bons o bastante: fracos, pequenos, lentos, incapazes.

Eu nunca teria pensado novamente no Amarelo 5 se Ben não tivesse me lembrado. Queria pedir a ele para fazer uma lista de coisas a lembrar, lembranças que eu não conseguia arrancar do cérebro sozinha.

— O que aconteceu? Ele mordeu você?

— Não, nada tão dramático assim. Ele me empurrou em uma cerca quando pensei que o tinha controlado e me deu um coice com uma das patas. Eu caí na hora e enfiei as costas da mão em um prego. Estava em uma trave que a mãe já havia pedido que consertasse umas boas cinco vezes. Então, como pode ver, a culpa foi minha.

Eu estava tentando pensar no que dizer — algo inteligente, solidário, ainda não tinha noção de quais reações Ben esperava que eu tivesse — quando ele interrompeu.

— Não, esqueça isso, a culpa foi do maldito Amarelo 5 — disse ele, dando um rápido sorriso e depois deixando os ombros caírem novamente. — Lembro-me de Debby, ela fez o curativo no meu corte, colocou um Band-Aid por cima e depois, no alto, um dos adesivos, aqueles adesivos brilhantes com corações ou coisas assim.

— Ela adorava adesivos — falei.

— Ela os colocava em toda parte, com certeza.

Respirei fundo, pensei em mudar para outro assunto inofensivo, o clima ou algo assim, mas não o fiz.

— Ei, Ben, posso fazer uma pergunta?

Ele lançou um olhar vazio, os olhos apertados, e novamente vi o condenado, um homem acostumado a estar no lado dos agredidos, ouvindo inúmeras perguntas e recebendo cara feia quando fazia as suas. Eu me dei conta da decadência que era se recusar a responder uma pergunta. *Não, obrigado, não quero falar sobre isso*, e o pior que você pode ter em troca é alguém o achar grosseiro.

— Sabe aquela noite?

Ele arregalou os olhos. Claro que ele sabia.

— Eu me lembro, posso ter ficado confusa sobre exatamente o que aconteceu... — comecei.

Ele estava inclinado para a frente agora, os braços rígidos, curvado sobre o telefone como se fosse uma emergência no meio da noite.

— Mas de uma coisa me lembro, lembro do tipo aposto-minha-vida-nisso... sua luz estava acesa. No seu quarto. Vi pela fresta da porta. E havia conversa. No quarto.

Parei, esperando que ele me salvasse. Ele me deixou flutuar, aquela queda livre de alguns segundos quando seus pés escorregam no gelo e você só tem tempo de pensar: *Ah. Eu vou cair*.

— Essa é nova — disse ele, finalmente.

— Essa o quê?

— Uma boa pergunta. Achei que não havia mais perguntas novas. Parabéns.

Eu nos flagrei sentados com a mesma postura, uma palma na beirada da mesa como se estivéssemos prestes a nos levantar depois de comer as sobras de uma refeição. A postura de Runner, me lembro dela da última vez em que o vi, eu com vinte e cinco ou vinte e seis, ele querendo dinheiro, inicialmente pedindo de forma sedutora e doce — *será que talvez você poderia ajudar seu velho, Libbyquerida?* —, e eu dizendo não a ele sem pensar duas vezes, um taco acertando um lançamento reto, chocante, humilhante. *Bem, por que não?* — retrucou ele, e seus ombros giraram para trás, os

braços viraram, mãos na minha mesa, eu pensando: *por que o deixei sentar?* Já calculando o tempo que perderia fazendo com que se levantasse.

— Eu escapuli naquela noite — disse Ben. — Fui para casa, eu e a mãe tivemos outra briga.

— Por causa de Krissi Cates?

Ele se assustou com aquilo, depois relaxou.

— Por causa de Krissi Cates, mas ela acreditou em mim, ficou totalmente do meu lado, essa era a grande coisa da mãe, mesmo quando estava puta com você ela ficava do seu lado, dava para saber isso. Você simplesmente sentia. Ela acreditou em mim. Mas estava com raiva, e meio com medo. Eu a deixei esperando por, sei lá, dezesseis horas sem nenhuma palavra, eu nem sabia o que estava acontecendo, sabe, não havia celulares na época, você passava um dia inteiro sem falar, não é como hoje. Pelo que dizem.

— Certo, mas...

— Certo, apenas tivemos uma briga e nem mesmo lembro se foi Krissi Cates ou se isso foi o começo e depois continuou. Por Deus, eu queria conseguir lembrar, mas de qualquer maneira ela me deixou de castigo e me mandou para o quarto. Eu fui e depois de uma hora estava puto de novo e saí de casa. Deixei o rádio ligado e as luzes acesas, para que ela pensasse que eu ainda estava ali, caso fosse dar uma espiada. Quer dizer, você sabe como ela dormia, não que ela fosse sair da cama e andar até meu quarto para me vigiar. Assim que dormia, estava dormindo de verdade.

Ben fez parecer uma viagem inacreditável, aqueles trinta e poucos passos, mas era verdade, minha mãe era inútil assim que adormecia. Ela mal se movia. Lembro-me de vigílias tensas junto ao corpo dela, convencendo-me de que estava morta, olhando fixamente até meus olhos se encherem de lágrimas, tentando identificar respiração, tentando ouvir pelo menos um gemido. Você a empurrava e ela voltava à mesma posição. Todos tínhamos histórias de encontrá-la em visitas sucessivas coincidentes ao banheiro à

noite — passar pelo corredor e a encontrar urinando no vaso, robe entre as pernas, olhando através de nós como se fôssemos de vidro. *Apenas não sei sobre o sorgo*, dizia, ou *Aquela semente já chegou?* E então passava por nós de volta ao quarto.

— Você contou isso à polícia?

— Uau, Libby, qual é? Qual é? Não quero que a conversa vá por esse caminho.

— Contou?

— Não, não contei. Que diferença teria feito? Eles já sabiam que tivéramos uma briga. Dizer que tivéramos duas? Isso é... não faz sentido. Fiquei lá talvez uma hora, nada aconteceu além disso, não teve consequências. De modo algum.

Nós nos encaramos.

— Quem é Diondra? — perguntei.

Eu podia vê-lo tentando ficar ainda mais imóvel. Podia vê-lo pensando. A escapulida poderia ser verdade, poderia não ser, mas agora via que ele estava prestes a mentir. O nome Diondra o tocara, eu conseguia imaginar seus ossos zumbindo. Ele inclinou a cabeça para a direita um pouquinho, aquela inclinada de *engraçado você perguntar*, e se recompôs.

— Diondra?

Estava reticente, tentando descobrir o que exatamente eu sabia. Fiz uma expressão impenetrável.

— Ahn, Diondra era uma garota da escola. Onde você ouviu falar sobre Diondra?

— Encontrei um bilhete que ela escreveu para você. Parece que era mais que “uma garota da escola”.

— Ahn. Bem, era uma garota maluca, pelo que lembro. Estava sempre escrevendo bilhetes que, sabe como é, era o tipo de garota que queria que as pessoas achassem que ela era selvagem.

— Achei que você não tinha namorada.

— Não tinha. Meu Deus, Libby, como você passa de um bilhete para uma namorada?

— Pelo bilhete — falei, ficando tensa, sabendo que estava prestes a me decepcionar.

— Bem, não sei o que dizer. Gostaria de falar que era minha namorada. Mas era demais para mim. Nem me lembro de receber um bilhete dela. Tem certeza de que tinha meu nome nele? E como você arrumou o bilhete?

— Esqueça — falei, afastando o telefone do ouvido para que ele soubesse que estava indo embora.

— Libby, espere, espere.

— Não, se você vai se comportar como um... condenado, não vejo sentido.

— Libby, espere, cacete. Sinto muito não poder dar a resposta que acho que você quer.

— Eu só quero a verdade.

— E eu só quero lhe dizer a verdade, mas você parece querer... uma história. Eu só... Quer dizer, por Deus, minha irmãzinha aparece depois de todos esses anos, e eu penso, bem, pode ser uma coisa boa. Uma coisa boa. Ela certamente não ajudou muito há vinte e quatro malditos anos, mas, ei, superei isso, superei de tal forma que na primeira vez que a vejo só estou feliz. Quer dizer, eu estava na minha maldita jaula de animal, esperando para ver você, nervoso como se tivesse um encontro, e vejo você e, meu Deus, é tipo, talvez essa coisa dê certo. Talvez ainda possa ter uma pessoa da minha família na minha vida e não ser tão desgraçadamente solitário, porque, e quero dizer, sei que você conversou com Magda, acredite, ouvi tudo sobre isso, então sim, tenho pessoas que me visitam e se importam comigo, mas elas não são você, não são alguém que me conhece se não como o cara que... E eu estava apenas pensando que seria tão legal, cacete, ser capaz de conversar com minha irmã, que me conhece, que conhece nossa família e sabe que éramos só, tipo, normais, e podemos rir de malditas vacas. É isso, sabe, é só o que peço a esta altura. Apenas uma coisa pequena assim. Então gostaria de poder lhe dizer algo

que não a fizesse... me odiar de novo — disse, baixando os olhos, olhando para o reflexo do seu peito no vidro. — Mas não posso.

BEN DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
17H58

Diondra tinha uma barriguinha, o que perturbava Ben, e havia semanas estava falando sobre os “chutes”. Os chutes haviam começado, o bebê estava se mexendo. Era um momento importante, muito especial, então Ben tinha que colocar a mão no abdome dela o tempo todo e sentir o bebê chutar. Ele sentia orgulho de fazer a barriga, orgulho de fazer o bebê, orgulho da ideia do bebê pelo menos, mas não gostava realmente de tocar naquela área ou olhar para ela. A pele era estranha, dura, mas ao mesmo tempo flexível, como presunto estragado, e tocar nela era constrangedor. Havia semanas que ela agarrava a mão dele e a pressionava ali, observando o rosto de Ben em busca de uma reação, e então gritava com ele quando o garoto não sentia nada. De fato, por um tempo, ele achou que talvez a gravidez fosse apenas uma das brincadeiras de Diondra para fazê-lo se sentir idiota — ficava sentado ali com a mão suando naquele monte de pele, pensando que talvez aquele ronco, ou seja lá o que fosse, era o bebê ou apenas indigestão? Ele se preocupava. Preocupava-se que não sentisse nada — e não sentira naquelas primeiras semanas depois dos movimentos — Diondra iria gritar com ele: *Está bem aí, é como um canhão detonando em meu útero, como você pode não sentir?* E temia que, se finalmente dissesse que sentia, Diondra o atingisse com sua gargalhada, a gargalhada que a curvava ao meio como se tivesse levado um tiro, a gargalhada de agarrar o joelho que fazia seus cabelos com gel sacudirem como uma árvore depois de uma

tempestade de gelo, porque é claro que ela não estava realmente grávida, estava apenas de sacanagem, ele não sabia?

De fato, ele procurou sinais de que ela pudesse estar mentindo: aqueles enormes absorventes ensanguentados que sua mãe sempre enrolava no lixo e toda vez acabavam se desenrolando um dia. Do contrário, ele não teria como saber o que procurar e não tinha certeza de que deveria perguntar se era dele. Ela falava como se fosse, e provavelmente isso era o máximo de certeza que ele iria conseguir.

De qualquer forma, no mês anterior, havia ficado claro que definitivamente ela estava grávida, pelo menos se a visse nua. Ela ainda ia à escola, vestia aqueles suéteres largos gigantescos e deixava a calça jeans desabotoada e o zíper um pouco aberto, e o monte ficando maior, Diondra o segurando e esfregando-o com as mãos como se fosse uma espécie de bola de cristal do seu futuro fodido, e um dia ela agarrou a mão de Ben, e ele sentiu, sem dúvida — aquela coisa estava chutando, e de repente ele viu um pezinho se mover sob a superfície da pele de Diondra, de forma suave e rápida.

Que porra há de errado com você? Você ajuda vacas a parir na fazenda, não ajuda? É só um bebê — foi a reação de Diondra quando ele afastou a mão. Ela a colocou de volta e a manteve ali, segurou a palma sobre aquela coisa se retorcendo dentro dela, e ele pensou: *parto de bezerros é muito diferente do seu próprio bebê de verdade, cacete*, e então pensou: *me deixe ir, me deixe ir*, como se a coisa fosse agarrá-lo, feito um filme de terror tarde da noite, e puxá-lo para dentro dela. Era como ele via: uma coisa. Não um bebê.

Talvez tivesse ajudado se falassem mais sobre aquilo. Depois dos chutes ela não falou com ele de jeito nenhum por alguns dias, e então decidiu que ele tinha que dar a ela alguma coisa por causa daquilo, pois as pessoas precisavam dar presentes a mulheres grávidas para celebrar os chutes, e falou que os pais dela tinham

dado um bracelete de ouro quando ela teve a primeira menstruação, e que era assim. Então, em vez de presente, ela o obrigou a chupá-la dez vezes, esse era o trato, algo que ele achava que ela provavelmente havia escolhido porque ele não gostava mesmo daquilo, o cheiro o deixava nauseado, ainda mais naquele momento, quando toda a área parecia usada. Ela também não demonstrava gostar, por isso parecia punição, ela gritando com ele sobre dedos e pressão e mais para cima, é mais para cima, vai mais para cima, e finalmente agarrando a cabeça dele com força, pelas orelhas, e o levando ao ponto que queria, e ele pensando maldita piranha e limpando a boca ao terminar. Faltam mais oito, sua maldita vadia, *quer um copo d'água, querida?* E ela dizendo: *Não, mas você, sim, está cheirando a xoxota*, e ria.

Mulheres grávidas são temperamentais. Ele sabia disso. Mas, fora isso, Diondra não agia como grávida. Ainda fumava e bebia, o que você não deveria fazer estando grávida, mas ela dizia que apenas fanáticos por saúde desistiam de tudo aquilo. Outra coisa que ela não fazia: planejar. Diondra não falava muito sobre o que fariam quando o bebê nascesse — quando *ela* nascesse. Diondra nunca fora ao médico, mas estava certa de que era menina, porque as meninas deixam você mais enjoada, e ela tinha ficado muito enjoada no primeiro mês. Mas ela não dizia mais nada sobre a situação, além de falar do bebê como se fosse uma menina, uma menina real que sairia dela. Inicialmente ele ficou pensando se ela faria um aborto. Dizia *se você tiver o bebê* em vez de *quando*, e ela surtara totalmente, e Diondra surtando totalmente era algo que ele nunca mais queria ver. Se já era bem difícil quando ela estava mais calma, aquilo era como ver uma catástrofe natural, as unhas, o choro, os golpes, e berrando que aquela era a pior coisa que alguém já lhe dissera, e também é seu sangue, que porra há de errado com você, seu babaca de merda?

Mas, a não ser por isso, não planejavam nem podiam planejar, já que o pai de Diondra literalmente a mataria caso um dia ficasse

sabendo que ela engravidara sem estar casada. Se ele um dia descobrisse até mesmo que ela transava sem estar casada, ele a mataria. Os pais de Diondra tinham apenas uma regra, uma única regra, e era que ela não podia nunca, jamais, deixar que um garoto a tocasse lá, a não ser que fosse seu marido. Quando Diondra fez dezesseis anos, o pai deu a ela um anel de promessa, um anel de ouro com uma grande pedra vermelha que parecia uma aliança, e ela o usava naquele dedo como símbolo de uma promessa ao pai e a si mesma de que permaneceria virgem até o casamento. Tudo isso enojara Ben — aquilo não fazia parecer que ela estava casada com o pai? Diondra disse que era basicamente um tipo de controle. Era a única coisa com a qual o pai dela decidira se preocupar, a única coisa que ele pedia a ela e, droga, era melhor fazer isso. Disse que isso o fazia se sentir melhor ao deixá-la sozinha, sem supervisão, sem proteção além da dos cães, por meses a fio. Era sua única questão paternal: minha filha pode beber ou usar drogas, mas é virgem, portanto não pode ser tão maluca quanto parece.

Ela disse isso com lágrimas nos olhos. Disse quase desmaiando de bêbada. Disse que seu pai falara que, se um dia descobrisse que ela havia quebrado a promessa, ele a colocaria para fora de casa e atiraria na sua cabeça. Seu pai estivera no Vietnã e realmente falava assim. Por isso, Diondra o levava a sério e não podia fazer planos para o bebê. Ben fez listas de coisas de que poderiam precisar e, bem perto do Natal, comprou algumas roupas de bebê usadas no mercado de pulgas Delphos. Constrangido, comprou o pacote todo da mulher por oito dólares. E então ele viu que eram camisetas e roupas de baixo, para várias idades, muitas calcinhas com babados — a mulher continuava chamando de calções —, o que é legal, crianças certamente precisam de roupa de baixo. Ben as estocou sob a cama, o que o deixou ainda mais contente por ter o cadeado; podia imaginar as garotas encontrando e roubando tudo que lhes servisse. Então era verdade que não pensava o suficiente

na criança e no que iria acontecer, mas Diondra parecia pensar ainda menos.

* * *

— Acho que deveríamos sair da cidade — disse Diondra, os cabelos ainda sobre metade do rosto, a mão de Ben ainda grudada em sua barriga, o bebê revirando ali dentro como se tivesse cavado túneis, aquelas palavras surpreendendo Ben. Diondra se virou levemente na direção dele, um cacho preguiçoso pousando no braço de Ben. — Não posso esconder isto por muito mais tempo. Meu pai e minha mãe vão voltar para casa a qualquer momento. Tem certeza de que Michelle não sabe?

Ben guardara um bilhete de Diondra, no qual ela falava sobre como era safada e quanto sexo queria dele *mesmo agora*, e a enxerida Michelle o encontrara revirando os bolsos da jaqueta do irmão. A putinha o chantageara — dez dólares para não contar à mãe — e, quando Ben se queixou disso com Diondra, ela ficou louca. *A porra da sua irmãzinha pode nos denunciar a qualquer momento, você acha que tudo bem? Isso é culpa sua, Ben. Você fez merda*. Diondra estava paranoica com Michelle, com medo de que a irmã de Ben descobrisse a gravidez a partir daquelas duas palavras — "mesmo agora". E então eles seriam desmascarados *por uma porra de garota de dez anos, que maravilha*.

— Não, ela não tocou no assunto novamente.

Era mentira. Ontem mesmo Michelle fez contato visual, balançou os quadris e disse em voz provocante: "Oi Bee-een, como está sua vida sexuaaal?" Era uma criança escrota. Ela já o havia chantageado com outras coisas — tarefas que ele não tinha feito, comida extra que ele pegou na geladeira. Coisas bobas. Eram sempre besteiras, como se ela estivesse ali apenas para lembrar a Ben como sua vida era limitada. Ela gastava o dinheiro em donuts com geleia.

Trey fez um barulho alto de puxar catarro para a garganta e, depois, um som de escarrada. Ben podia imaginar o muco amarelo escorrendo pela porta deslizante de vidro, os cachorros lambendo. Era algo que Trey e Diondra faziam: cuspiam nas coisas. Algumas vezes Trey cuspia no ar, e os cachorros agarravam com suas bocas babadas. (“É apenas um corpo entrando em outro corpo”, dizia Diondra. “Você jogou algumas coisas do seu corpo dentro do meu, e isso pareceu não incomodá-lo nem um pouco.”)

Enquanto o volume da TV ficava ainda mais alto — *terminem isso, estou ficando entediado, cacete* —, Ben tentava pensar na coisa certa a dizer. Algumas vezes ele pensava que nunca tinha dito a Diondra algo que fizesse parte de uma conversa de verdade. Eram sempre cotoveladas verbais, tentativas de acabar com sua irritação constante, de dizer o que ela queria ouvir. Mas ele a amava, realmente a amava, e isso era o que os homens faziam por suas mulheres, diziam-lhes o que elas queriam ouvir e se calavam. Ele tinha engravidado Diondra e agora era responsável por ela, ele precisava fazer a coisa certa. Tinha que abandonar a escola e arrumar um emprego em tempo integral, o que seria legal. Um garoto que ele conhecia havia saído da escola no ano anterior e trabalhava perto de Abilene na fábrica de tijolos, ganhando doze mil dólares por ano. Ben não conseguia nem começar a pensar em como gastar isso tudo. Então largaria a escola, o que era igualmente bom, considerando qualquer que fosse a merda que Diondra pensara ter ouvido sobre Krissi Cates.

Era esquisito, e no começo aqueles boatos o deixaram realmente nervoso, mas depois parte dele ficou meio orgulhosa. Embora Krissi fosse criança, era uma das crianças legais. Mesmo alguns dos alunos do segundo grau a conheciam, as garotas mais velhas queriam conhecê-la, aquela menina bonita e bem-criada, então meio que era legal que ela gostasse dele, embora fosse uma criança, e ele tinha certeza de que o que Diondra tinha lhe contado era seu exagero habitual. Algumas vezes ela ficava histérica.

— Oi, alô? Dá para prestar atenção em mim? Eu disse que acho que devemos sair da cidade.

— Então vamos sair da cidade — concordou, tentando beijá-la, e ela o afastou.

— Então é fácil assim? Para onde vamos, como você vai nos sustentar? Não vou ter mais minha mesada, você sabe. Vai ter que arrumar um emprego.

— Então vou arrumar um emprego. Que tal seu tio, ou primo, ou algo assim, em Wichita?

Ela olhou para Ben como se ele fosse maluco.

— Com a loja de artigos esportivos? — acrescentou ele.

— Não pode trabalhar lá, você tem quinze anos. Não pode dirigir. Na verdade, não acho que você possa arranjar um emprego de verdade sem a autorização da sua mãe. Quando é mesmo que você faz dezesseis?

— Em 13 de julho — falou, sentindo-se como se tivesse acabado de dizer que fizera xixi nas calças.

Então ela começou a chorar.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus, o que vamos fazer?

— Seu primo não pode ajudar?

— Meu *tio* vai contar aos meus pais, como isso ajudaria?

Ela se levantou, andando nua, a protuberância na barriga parecendo perigosamente solta, Ben querendo enfiar a mão ali embaixo e pensando em quão maior ficaria. Ela não vestiu nenhuma roupa para atravessar o corredor até o chuveiro, embora Trey pudesse ver tudo pelo corredor, se ainda estivesse sentado no sofá. Ouviu o som gutural do chuveiro sendo ligado. Fim de conversa. Ele se limpou com uma toalha mofada perto da cesta de roupa suja de Diondra, depois se enfiou em sua calça de couro e sua camisa listrada e sentou-se na beirada da cama, tentando adivinhar qual comentário engraçadinho Trey faria quando voltassem à sala.

Depois de alguns minutos, Diondra entrou no quarto enrolada em uma toalha vermelha, os cabelos molhados, sem olhar para ele, e

se sentou em frente à penteadeira com espelho. Esguichou *mousse* na palma da mão, uma enorme pilha de bosta de cachorro, e a misturou nos cabelos, apontando o secador para cada parte — aperta, esmaga, vush, aperta, esmaga, vush.

Ele não sabia se deveria sair ou ficar, então permaneceu imóvel na beirada da cama, tentando fazer contato visual. Ela derramou base escura na palma da mão, do modo como um artista derramaria tinta, e a esfregou no rosto. Algumas garotas a chamavam de cara de palhaço, ele já tinha ouvido isso, mas gostava de como ela ficava, bronzeada e suave, embora seu pescoço algumas vezes parecesse mais branco, como o sorvete de baunilha abaixo da calda de caramelo. Aplicou três camadas de máscara — ela sempre dizia que eram necessárias três: uma para escurecer, uma para engrossar e uma pelo drama. Depois começou com o batom: primeira camada, segunda camada, brilho. Ela o flagrou olhando e parou, enxugando os lábios em pequenas espumas em forma de triângulo, deixando marcas de beijo roxas e grudentas.

— Você precisa pedir dinheiro a Runner — disse, olhando para o espelho.

— Meu pai?

— É, ele tem dinheiro, não tem? Trey sempre compra fumo dele.

Ela largou a toalha, foi à cômoda de lingerie, um bosque de rendas brilhantes e cetim, e vasculhou até tirar um conjunto de calcinha e sutiã rosa-shocking, com bordas de renda preta, do tipo que as garotas usam nos *saloons* dos filmes de faroeste.

— Tem certeza de que estamos falando do mesmo cara? Meu pai, você sabe, faz bicos. Trabalho braçal. Serviços em fazendas e coisas assim.

Diondra revirou os olhos para ele, puxando a parte de trás do sutiã, os seios transbordando por toda parte — sobre os bojos, sob as presilhas, incontidos e hostis —, e então ela desistiu do sutiã e o jogou num canto do quarto — *porra, preciso de uma merda de sutiã que sirva!* Ela ficou olhando feio para Ben, e então suas calcinhas

começaram a se enrolar nelas mesmas, longe da barriga, acima do rego. Nenhuma daquelas lingeries sensuais cabia mais. Ben primeiro pensou: roliça, e depois corrigiu: grávida.

— Está falando sério? Não sabe o que seu próprio pai vende? Vendeu para mim e Trey semana passada.

Ela jogou longe mais uma calcinha que não tinha servido, depois colocou um sutiã diferente, um sutiã liso e feio, e uma nova calça jeans, fazendo beicinho por causa do seu tamanho.

Ben nunca comprara drogas. Fumava muito com Trey e Diondra e com quem tivesse fumo naquele bando, e algumas vezes dava um ou dois dólares, mas quando imaginava um traficante pensava em alguém com cabelo engomado e joias, não em seu pai com o velho boné do Royals, as botas de caubói com saltos altos e as camisas que pareciam estar encolhendo. Não em seu pai, definitivamente não em seu pai. E traficantes não deveriam ter dinheiro? Seu pai definitivamente não tinha dinheiro, então toda a discussão era idiota. E se era traficante, e tinha dinheiro, não daria nenhum a Ben. Debocharia dele por pedir, talvez esticasse uma nota de vinte fora do alcance do filho, do modo como um valentão agarraria o caderno de um nerd, riria e a enfiaria de volta na calça. Runner nunca teve carteira, apenas levava notas amassadas no bolso da frente da calça, e aquilo não era sinal suficiente de que não tinha dinheiro?

— Trey! — berrou Diondra para o corredor.

Ela colocou um novo suéter com uma estampa que parecia um experimento geométrico. Arrancou as etiquetas e as jogou no chão, depois saiu apressada do quarto. Ben foi deixado olhando os pôsteres de rock e os de astrologia (Diondra era de escorpião e levava isso muito a sério) e cristais e livros de numerologia. Ao redor do espelho haviam sido presos arranjos de flores decrépitos e secos de bailes aos quais Ben não a levara, a maioria deles presentes daquele veterano de Hiawatha chamado Gary, que até mesmo Trey dizia ser um cretino. Trey o conhecia, claro.

Os arranjos perturbavam Ben. Pareciam órgãos, com suas pregas e dobras, seu tom rosa e lilás. Lembravam a Ben os pedaços de carne fedorentos em seu armário naquele momento, um presente horrendo que Diondra tinha deixado para ele — surpresa! —, as partes femininas de algum animal, Diondra se recusando a dizer de onde vinham. Insinuou ser um sacrifício de sangue que havia feito com Trey; Ben supôs serem apenas restos de uma experiência de biologia. Ela gostava de assustá-lo. Quando a turma dela dissecou um leitão, Diondra levou para ele um rabo enrolado, achou hilariante. Não era, era apenas nojento. Ele se levantou e foi para a sala.

— Seu lamentável saco de bosta — disse Trey do sofá, onde tinha acabado de acender um baseado, sem tirar os olhos do clipe musical. — Não sabe sobre seu pai? Que foda, cara.

O estômago nu de Trey era quase côncavo, mas musculoso, perfeito, bronzeado. O oposto da barriga macia e branca de Ben. Trey fizera uma bola com a camisa que Diondra lhe dera e colocara sob a cabeça como um travesseiro.

— Aqui, seu vira-lata.

Ele passou o baseado para Ben, que deu uma grande tragada, sentindo a parte de trás da cabeça anestesiada.

— Ei, Ben, quantos bebês são necessários para pintar uma casa?

Aniquilação.

Lá estava ela de volta, aquela palavra. Ben imaginou hordas bárbaras penetrando pela grande lareira de pedra e cortando a cabeça de Trey com um machado, bem no meio de uma de suas malditas piadas sobre bebês mortos, a cabeça rolando sobre a bosta de cachorro e parando perto de um dos sapatos pretos de fivela de Diondra. E então talvez Diondra morresse depois. Foda-se tudo. Ben deu outra tragada, seu cérebro parecendo fresco, e o devolveu a Trey. O maior cachorro de Diondra, o branco, deslizou até ele e o encarou sem nenhuma piedade nos olhos.

— Depende da força com que você os joga — disse Trey. — Por que você coloca um bebê no liquidificador com os pés primeiro?

— Estou falando sério, Trey — afirmou Diondra, continuando uma conversa que Ben não acompanhara. — Ele acha que o pai não vende.

— Dá para ver, pela reação dele. Ei, Ben? Você está fumando mercadoria do seu pai, cara — disse Trey, finalmente se virando para olhá-lo. — É merda. Forte, mas é merda. Por isso sabemos que seu pai tem dinheiro. Ele cobra caro, mas ninguém mais tem neste momento. Acho que ele disse ter conseguido no Texas. Ele esteve no Texas recentemente?

Runner desaparecera da vida de Ben após Patty mandá-lo embora. Pelo que Ben sabia, ele poderia ter ido ao Texas por um tempo. Cacete, dava para dirigir até o Texas e voltar em um dia se fosse rápido, então por que não?

— Isto é dinheiro — falou Trey, prendendo o fôlego. — De qualquer forma, ele me deve dinheiro, como todo mundo nesta cidade. Eles adoram fazer apostas, nunca querem pagar.

— Ei, eu não dei nenhum — choramingou Diondra.

Ela se virou e começou a vasculhar os armários — o porão também tinha uma pequena cozinha, imagine isso, ela precisava de uma sala separada para sua comida porcaria —, depois abriu a geladeira, pegou uma cerveja, sem perguntar se Ben queria uma. Ben viu o interior da geladeira, que estava lotada de comida um mês antes e agora só tinha cerveja e um grande pote com um único picles flutuando como um cagalhão.

— Pegue uma cerveja para mim, Diondra? — pediu ele, puto.

Ela inclinou a cabeça para ele, depois deu a Ben sua bebida e voltou à geladeira para pegar outra.

— Então vamos encontrar Runner, pegar algum fumo e arrumar dinheiro — disse Diondra, acomodando-se ao lado dele na cadeira. — E então podemos sumir de Dodge.

Ben olhou para aquele olho azul, aquele olho azul brilhante — parecia que Diondra sempre o olhava de lado, ele nunca via os dois olhos ao mesmo tempo —, e pela primeira vez realmente sentiu medo. Não podia sequer abandonar a escola sem a permissão da mãe antes dos dezesseis anos. Muito menos arrumar um emprego na fábrica de tijolos ou algo que rendesse dinheiro suficiente para Diondra não o odiar, não suspirar quando chegasse em casa à noite, e agora era o que ele via, não aquele apartamentinho em Wichita, mas alguma fábrica perto da divisa, perto de Oklahoma, onde havia trabalho realmente barato, onde você trabalhava dezesseis horas por dia, inclusive nos fins de semana, e Diondra ficaria com o bebê e odiaria isso. Ela não tinha instinto maternal, dormiria mesmo com o bebê chorando, se esqueceria de alimentá-lo, sairia para beber com caras que conhecia — estava sempre conhecendo caras, no shopping, no posto de gasolina ou no cinema — e deixaria a criança lá. *O que pode acontecer? É um bebê, ele não vai a lugar algum!*, ele já podia ouvi-la dizer, e ele seria o cara mau. O pobre e idiota cara mau que não dá o sustento.

— Legal — disse, pensando que assim que saíssem de casa esqueceriam a ideia. Ele quase esqueceu. Seu cérebro estava se enrolando, ficando borrado. Queria ir para casa.

Trey imediatamente se levantou, balançando as chaves da picape — *sei onde encontrá-lo* —, e de repente estavam do lado de fora, no frio, dando passos pesados e barulhentos pela neve e pelo gelo, Diondra exigindo o braço de Ben para não cair, Ben pensando: e se ela cair? E se cair e morrer, ou perder o bebê? Ele tinha ouvido garotas na escola dizerem que, se você comesse um limão por dia, teria um aborto, e pensou em colocar limão nas Cocas diet de Diondra, e então se deu conta de que era errado fazer isso sem ela saber, mas e se ela caísse? Mas não caiu, estavam na picape de Trey com o aquecedor soprando sobre eles, Ben no banco de trás como sempre — na verdade, era meio banco de trás, apenas um garoto podia sentar, seus joelhos apertados de lado sobre seu peito

— e, quando viu uma batatinha ressecada no banco ao seu lado, enfiou-a na boca e, em vez de verificar se alguém tinha visto, apenas procurou mais, o que significava que estava muito doidão e com muita fome.

LIBBY DAY

HOJE

Na época da escola meus analistas tentaram canalizar minha maldade para algo construtivo, então eu cortava coisas com tesouras. Tecidos pesados baratos que Diane comprava no atacado. Cortava com velhas tesouras de metal, subindo e descendo: *euodeiovocêeuodeiovocê*. O rugido suave do tecido enquanto eu o fatiava, e o momento final perfeito, quando seu dedão está ficando inchado e seus ombros doem de se curvar e cortar, cortar, cortar... até não ter mais o que cortar, o tecido agora balançando em dois pedaços na sua mão, uma cortina partida. E então o quê? Era como eu estava me sentindo, como se tivesse serrado algo, chegado ao fim e ali estava sozinha novamente, em minha casinha, sem emprego, sem família, segurando duas pontas de tecido sem saber o que fazer em seguida.

Ben estava mentindo. Não queria que isso fosse verdade, mas era inegável. Por que mentir sobre uma namorada boba do segundo grau? Meus pensamentos se perseguiam como pássaros presos em um sótão. Talvez Ben estivesse dizendo a verdade e o bilhete de Diondra realmente não fosse para ele, apenas parte do entulho de uma casa cheia de crianças na escola. Que inferno, Michelle poderia ter tirado aquilo do lixo após algum garoto mais velho ter jogado fora, um lixo útil em sua contínua chantagem barata.

Ou talvez Ben conhecesse Diondra, amasse Diondra e tentasse manter isso em segredo porque ela estava morta.

Ele a matara na mesma noite em que matara nossa família, como parte de seus sacrifícios satânicos, enterrara Diondra em algum

lugar naquele grande interior agrícola plano do Kansas. O Ben que me assustava estava novamente na minha cabeça: podia imaginar uma fogueira, álcool sacudido em uma garrafa, Diondra-do-anuário, com seus cachos balançando enquanto ela ria, olhos fechados, ou cantava, o rosto alaranjado à luz do fogo, e Ben de pé atrás dela, levantando suavemente uma pá, olhos fixos no alto da cabeça.

Onde estavam os outros garotos do culto, o resto do bando de adoradores de Satanás? Se havia um círculo de adolescentes pálidos de olhos escuros amendoados que tinha recrutado Ben, onde ele estava? Àquela altura, eu lera todos os fragmentos de informação do julgamento. A polícia nunca havia encontrado ninguém envolvido com Ben em adoração satânica. Todos os garotos desgrenhados maconheiros satânicos de Kinnakee se metamorfosearam novamente em ótimos garotos do interior nos dias seguintes à prisão de Ben. Muito conveniente para eles. Dois "usuários de drogas habituais" de vinte e poucos anos testemunharam que Ben aparecera em um armazém abandonado, um ponto de encontro, no dia dos assassinatos. Disseram que ele havia guinchado como um demônio quando alguém tocou uma canção de Natal. Alegaram que Ben teria dito que ia fazer um sacrifício. Disseram que ele partiu com um cara chamado Trey Teepano, que supostamente mutilava gado e adorava o diabo. Teepano testemunhou que mal conhecia Ben. Tinha um álibi para a hora dos assassinatos: seu pai, Greg Teepano, testemunhou que Trey estava em casa com ele em Wamego, a quase cem quilômetros dali.

Então talvez Ben fosse maluco sozinho. Ou talvez fosse inocente. Os pássaros no sótão circulando e batendo outra vez. Crash tump crac. Eu provavelmente passara horas sentada no sofá, pensando no que fazer, desanimada, quando ouvi os passos pesados do meu carteiro subindo os degraus. Minha mãe sempre nos mandava fazer biscoitos de Natal para nosso carteiro. Mas meu carteiro, ou carteira, mudava de semanas em semanas. Nada de biscoitos.

Eu tinha três envelopes me oferecendo cartões de crédito, uma conta pertencente a alguém chamado Matt, que morava em uma rua nem um pouco perto de mim, e um envelope que parecia roupa suja, de tão macio e amassado. Usado. O nome e o endereço de outra pessoa haviam sido cobertos com tinta, e o meu estava escrito no pouco espaço que restava abaixo. Sra. Libby Day.

Era de Runner.

Subi para ler a carta sentada na beirada da cama. Então, como sempre faço quando estou nervosa, me enfiei em um pequeno espaço, neste caso o ponto entre minha cama e a mesinha de cabeceira, sentada no chão com as costas para a parede. Abri o envelope sujo e tirei uma folha repugnante de papel feminino, com rosas nas beiradas. A caligrafia do meu pai se espalhava por ela: pequena, frenética, pontuda, como se cem aranhas tivessem sido derramadas na página.

Querida Libby,

Bem, Libby, certamente estamos em um ponto estranho depois de todos esses anos. Pelo menus eu estou. Nunca achei que ia ficar tão velho, cansado e sozinho. Tenho câncer. Eles dizem que apenas alguns meses. Por mim tudo beim, já estou aqui mais tempo do que mereço. Então fiquei empolgadu de ter notícias suas. Olhe, sei que nunca fui próximo de você. Eu era muito jovem quando tivemos você, e eu não fui o melhor pai, mesmo tendu tentado cuidar de você e ficar com você quando podia. Sua mãe dificultava. Eu era imaturo e ela ainda mais. E então os assassinatos pesaram muito em mim. Então é isso. Eu preciso que você saiba — e, por favor, não diz que eu divia ter feito isso antes. Sei que divia ter feito isso antes. Mas entre meus problemas de jogo e ser um alcólatra, tive problema pra encarar meus demônios. Eu sei o verdadeiro assassino daquela noite e sei que não foi Ben. Vou contar a verdade antes de morrer. Se você puder

me mandar algum dinheiro, ficava feliz de visitar você e contar mais. Quinhentas pratas deve rezolver.

Espero notícias suas.

Runner "Papai" Day
Est. Donneran 12
Abrigo Bert Nolan Para Homens
Lidgerwood, OK

P.S.: Pergunte a alguém o CEP, eu não sei qual é.

Agarrei a haste fina da minha luminária de mesa e joguei a coisa toda do outro lado da sala, a luminária subindo quase um metro até o fio segurá-la, e ela cair no chão. Eu avancei nele, arranquei da tomada e a joguei de novo. Ela bateu na parede, a cúpula se soltando e rolando bêbada pelo chão, a lâmpada partida se projetando do alto como um dente quebrado.

— Vá. Se. Foder — berrei. Era dirigido tanto a mim quanto a meu pai. Que, naquele estágio da vida, eu esperasse que Runner agisse corretamente era idiota a ponto de ser ultrajante. A carta era apenas uma palma de mão comprida se estendendo por quilômetros, pedindo uma esmola e me enganando. Eu pagaria aqueles quinhentos e nunca mais veria Runner, até eu querer mais ajuda ou respostas, e então ele me enganaria novamente. Sua própria filha.

Eu iria para Oklahoma. Chutei a parede duas vezes, fazendo tremer as janelas, e me preparava para um bom terceiro chute quando a campainha tocou lá embaixo. Olhei para fora automaticamente, mas, do segundo andar, vi apenas o topo de um plátano-americano e o céu cinza. Fiquei paralisada, esperando que o visitante fosse embora, mas a campainha tocou de novo, cinco vezes seguidas, a pessoa em minha varanda sabendo que eu estava em casa por causa do meu acesso de fúria.

Estava vestida como minha mãe no inverno: um grande moletom disforme, ceroulas baratas largas, meias grossas que coçavam. Eu me virei para o closet por um segundo e então decidi que não me importava se a campainha tocasse de novo.

Minha porta não tem janelinha, então não podia dar uma espiada na pessoa. Coloquei a corrente e entreabri a porta para ver uma nuca, cabelos castanho-claros emaranhados, e então Krissi Cates se virou para me encarar.

— Aquelas senhoras ali são meio grossas — disse, e então deu um aceno exagerado, como o que eu dera a elas na semana anterior, o amplo aceno de vá se foder. — Quer dizer, *alô*, alguém já lhes disse que não é educado ficar encarando?

Continuei a olhar para ela pela corrente, eu mesma me sentindo uma velha senhora.

— Eu tinha seu endereço do... Quando você foi à boate — disse, curvando-se para chegar ao nível do meu olhar. — Ainda não tenho aquele dinheiro para você. Ahn, mas estava querendo conversar com você. Não acredito que não a reconheci naquela noite. Eu bebo meio que demais.

Ela falou sem constrangimento, como alguém diria que tem alergia a trigo.

— Sua casa é realmente difícil de encontrar. E eu nem estava bebendo. Mas nunca fui muito boa em me orientar. Tipo, se chegar a uma bifurcação na estrada podendo ir à esquerda ou à direita, sempre vou escolher a errada. Tipo, eu devia prestar atenção em meus instintos e fazer o contrário. Mas não faço. Não sei por que é assim.

Ela continuou falando desse jeito, acrescentando uma frase e depois outra, sem pedir para entrar, e provavelmente foi por isso que decidi abrir a porta.

Ela entrou respeitosamente, mãos cruzadas, como uma garota bem-criada faria, tentando encontrar algo para elogiar em minha

casa arruinada, seus olhos finalmente se iluminando ao notar a caixa de loções junto ao televisor.

— Ah, também sou totalmente viciada em loções; tenho uma com perfume de pera que estou usando muito, mas você experimentou creme para os seios? O que eles usavam em vacas leiteiras? Tipo, nos úberes delas? E é muito macio, você consegue na farmácia.

Balancei a cabeça preguiçosamente e ofereci café a ela, embora só tivesse uns poucos grãos de solúvel.

— Ahn, odeio dizer isso, mas você teria algo para beber? Foi uma viagem longa.

Ambas fingimos que era uma viagem longa, como se duas horas em um carro deixassem qualquer um precisando de álcool. Fui à cozinha e esperei que uma lata de Sprite surgisse no fundo da geladeira.

— Tenho gim, mas nada com o que misturar — falei.

— Ah, tudo bem. Puro é bom — disse ela.

Eu também não tinha cubos de gelo — tenho dificuldade em me obrigar a encher as formas —, então servi dois copos de gim à temperatura ambiente e voltei para encontrá-la zanzando perto da minha caixa de loção. Apostava que ela estava com alguns potinhos enfiados nos bolsos naquele instante. Vestia um terninho preto com uma gola rulê rosa-claro por baixo, um visual dolorosamente elegante para uma stripper. Que fique com a loção.

Dei a ela o copo e percebi que tinha pintado as unhas para combinar com a gola rulê, depois a vi notando meu dedo ausente.

— É do... — começou, a primeira vez que eu via sua voz murchar. Assenti.

— E então? — falei, da maneira mais simpática que consegui. Ela respirou fundo e se acomodou no sofá, gestos delicados de chá da tarde. Sentei ao lado dela, entrelaçando as pernas e depois forçando para entrelaçá-las.

— Nem sei como começar — disse, tomando um gole de gim.

— Simplesmente fale.

— É só que, quando me dei conta de quem você era... Quer dizer, você foi à minha *casa* naquele dia.

— Nunca fui à sua casa — falei, confusa. — Nem sei onde você mora.

— Não, não agora, na época. No dia em que sua família foi morta; você e sua mãe foram à minha casa.

— Ahnnn — falei, apertando os olhos, tentando pensar.

Aquele dia realmente não foi grande coisa; eu sabia que Ben estava em apuros, mas não o porquê nem quanto. Minha mãe nos protegeu de todo o seu pânico crescente. Mas aquele dia... Eu conseguia me lembrar de ir com minha mãe e Diane procurar por Ben. Ele estava encrencado, então fomos procurá-lo, e eu fiquei sozinha no banco de trás, solitária e satisfeita comigo mesma. Lembro-me do meu rosto queimando do salame que Michelle fritara. Lembro-me de visitar casas agitadas, uma festa de aniversário em que minha mãe achava que Ben poderia estar. Ou algo. Lembro-me de comer uma rosquinha. Nunca achamos Ben.

— Não importa — interrompeu Krissi. — É só que, com tudo o que aconteceu, esqueci. De você. Consigo outro? — perguntou, estendendo o copo para mim, rispidamente, como se um longo tempo tivesse se passado com ele vazio. Enchi até a borda para que ela pudesse continuar a contar a história.

Ela tomou um gole e estremeceu.

— Podemos ir a algum lugar?

— Não, não, me diga o que está acontecendo.

— Menti para você — soltou.

— Qual parte?

— Ben nunca me molestou.

— Achei que não — falei, outra vez tentando ser gentil.

— E ele definitivamente não molestou nenhuma das outras garotas.

— Não, todas mudaram suas histórias, menos você.

Ela se ajeitou no sofá, dirigindo o olhar para a direita, e eu sabia que ela estava se lembrando da sua casa, da sua vida no passado.

— As outras coisas eram verdade — disse. — Eu era uma menina bonita, tínhamos dinheiro e era boa na escola, boa no balé... Sempre penso em como teria sido se não tivesse contado aquela única mentira idiota. Aquela maldita mentira, se não tivesse saído da minha boca pela primeira vez, minha vida teria sido totalmente diferente. Seria uma dona de casa, teria meu próprio estúdio de balé ou algo assim — falou, passando um dedo pela barriga, onde eu sabia que estava a cicatriz da cesariana.

— Mas você tem filhos, não tem? — perguntei.

— Mais ou menos — respondeu ela, revirando os olhos. Não continuei.

— Então o que aconteceu? Como isso começou?

Eu não conseguia descobrir o significado da mentira de Krissi, o que isso fizera a nós naquele dia. Mas parecia grande, relevante — com consequências, para citar Lyle. Se a polícia quisera conversar com Ben naquele dia por causa do que Krissi dissera, tinha algum significado. Tinha que ter.

— Bem, eu havia me apaixonado. Me apaixonado de verdade. E sabia que Ben também gostava de mim. Nós ficávamos juntos, de uma forma, e estou falando sério agora, que provavelmente não era correta. Quer dizer, sei que ele também era um garoto, mas velho o suficiente para... não ter correspondido. Nós nos beijamos um dia, e isso mudou tudo...

— Você o beijou.

— Nós nos beijamos.

— Tipo?

— Inadequadamente, como adultos. De uma forma que eu definitivamente não iria querer que minha filha da quinta série fosse beijada por um adolescente.

Não acreditei nela.

— Continue.

— Mais ou menos uma semana depois, fui a uma festa do pijama no feriado de Natal e contei às garotas sobre meu namorado do segundo grau. Toda orgulhosa. Inventei coisas que fazíamos, coisas sexuais. E uma delas contou à mãe, e a mãe dela ligou para a minha. Ainda me lembro dele, o telefonema. Lembro-me da minha mãe falando ao telefone e eu apenas esperando no meu quarto que ela entrasse e gritasse comigo. Sempre estava puta com alguma coisa. E ela foi ao meu quarto e estava, tipo, doce. Falando *querida* e *amorzinho*, segurando minha mão... Sabe aquela coisa de "Você pode confiar em mim, vamos resolver isso juntas"? E perguntando se Ben havia me tocado do modo errado.

— E o que você disse?

— Bem, comecei com o beijo, e era tudo o que ia dizer. Só a verdade. Contei a ela, que pareceu se afastar, tipo "Certo, não é nada de mais. Sem problema". Lembro-me dela dizendo: *Isso é tudo? Foi tudo o que aconteceu?*, como se estivesse quase desapontada. E de repente, eu lembro bem, quando ela já estava se levantando, eu soltei: "Ele me tocou aqui. Me obrigou a fazer coisas." E aí ela voltou.

— E depois?

— Apenas continuou a crescer. Minha mãe contou ao meu pai quando chegou em casa, e ele ficou todo *minha criança, minha garotinha*, depois ligaram para a escola, que mandou um psicólogo infantil. E lembro que era um universitário, e ele tornou impossível dizer a verdade. Ele queria acreditar que eu tinha sido molestada.

Franzi a testa.

— Estou falando sério. Porque me lembro de que eu ia contar a verdade para ele e fazer com que dissesse aos meus pais, mas... Ele perguntou se Ben me obrigara a fazer coisas sexuais, eu disse que não, e ele, tipo, começou a ser mau com aquilo. *Você parece ser uma garota esperta e corajosa, dependo de você para me contar o que aconteceu. Ah, nada aconteceu? Meu Deus, achei que você era mais corajosa que isso. Realmente esperava que fosse corajosa*

o bastante para me ajudar nisto. Talvez pudesse me contar se pelo menos se lembra desse tipo de toque ou de Ben dizendo isso? Você se lembra de fazer um jogo assim, pode me dizer se pelo menos se lembra disso? Ah, isso é bom. Eu sabia que você podia, que menina boa e inteligente. E não sei, você tem aquela idade, se um bando de adultos está dizendo algo ou encorajando você, simplesmente... Começou a parecer real. Que Ben havia me molestado, pois, do contrário, por que todos aqueles adultos estariam tentando me forçar a dizer que havia? E meus pais eram rígidos: *É certo contar a verdade. É certo contar a verdade*. E assim você conta a mentira que eles achavam ser a verdade.

Eu estava me lembrando do meu analista, depois dos assassinatos. O Dr. Brooner, que sempre vestia azul, minha cor preferida, em nossas sessões, e que me dava presentes quando eu contava o que ele queria ouvir. *Conte sobre ver Ben com aquela espingarda, atirando em sua mãe. Sei que isso é muito difícil para você, Libby, mas, se você disser, disser em voz alta, ajudará sua mãe e suas irmãs e se ajudará a começar o processo de cura. Não guarde isso, Libby, não guarde a verdade. Você pode nos ajudar a garantir que Ben seja punido pelo que fez à sua família*. Eu seria uma garotinha corajosa e diria que vi Ben fatiar minha irmã e matar minha mãe. E então ele me dava manteiga de amendoim com geleia de damasco, minha preferida, e o Dr. Brooner sempre comprava para mim. Acho que ele realmente acreditava estar ajudando.

— Estavam tentando deixar você à vontade, achavam que quanto mais acreditassem em você, mais fácil seria — falei. — Estavam tentando ajudá-la, e você estava tentando ajudá-los.

O Dr. Brooner me deu um broche em forma de estrela com as palavras Superesperta e Superestrela impressas depois que eu tranquei Ben com meu testemunho.

— É — disse Krissi, arregalando os olhos. — Esse terapeuta me ajudou a visualizar, tipo, cenas inteiras. Nós encenamos tudo com bonecos. E então ele começou a falar com as outras garotas,

garotas que nem tinham beijado Ben, e, quer dizer, havia só alguns dias que tínhamos inventado todo aquele mundo imaginário em que Ben era um adorador do diabo, fazendo coisas como matar coelhos e nos obrigar a comer as entranhas enquanto nos molestava. Ou seja, era uma coisa louca. Mas era... divertido. Sei que isso é horrível, mas nós, garotas, ficávamos juntas, e certa noite tivemos outra festa do pijama, e estávamos no quarto, sentadas em roda, provocando uma a outra a inventar histórias, mais fortes e picantes, e... Você já brincou com um tabuleiro ouija?

— Quando criança.

— Isso! Você sabe que todas querem que seja real, então alguém move a coisa, e você sabe que alguém está movendo, mas parte de você pensa que pode ser real, um fantasma mesmo, e ninguém tem que dizer nada, você simplesmente meio que sabe que concordou em acreditar.

— Mas você nunca contou a verdade.

— Contei aos meus pais. Naquele dia, quando vocês apareceram, a polícia havia sido chamada, as garotas estavam na minha casa; eles nos deram bolo, quer dizer, meu Deus, que merda foi aquilo? Meus pais disseram que comprariam um maldito cachorrinho para que eu me sentisse melhor. E então a polícia saiu, as garotas saíram, o terapeuta saiu, e eu subi para o meu quarto e simplesmente comecei a chorar e, tipo, só então me dei conta. Só então pensei.

— Mas você disse que seu pai estava fora procurando Ben.

— Não, isso foi só uma pequena fantasia — disse ela, e olhou para o outro lado da sala novamente. — Quando contei a ele? Meu pai me sacudiu com tanta força que achei que minha cabeça se soltaria. E, depois daqueles assassinatos, todas as garotas entraram em pânico, contaram a verdade. Sentimos como se realmente tivéssemos invocado o diabo. Como se tivéssemos inventado aquela história ruim sobre Ben e uma parte dela se tornara realidade.

— Mas sua família conseguiu uma grande indenização da escola.

— Não foi tão grande assim — disse, olhando o fundo do copo.

— Mas seus pais foram em frente com isso mesmo depois de você ter contado a verdade.

— Meu pai era um empresário. Achou que deveríamos receber algum tipo de indenização.

— Mas seu pai definitivamente soube, naquele dia, que Ben não a tinha molestado.

— É, ele soube — disse ela, fazendo aquele movimento de cabeça assustado na minha direção, defensivo. Buck apareceu e se esfregou na perna da calça dela, e ela pareceu se acalmar, passou as unhas compridas no pelo dele. — Nós nos mudamos naquele ano. Meu pai disse que o lugar estava manchado. Mas o dinheiro não ajudou. Lembro que ele comprou um cachorro para mim, mas sempre que tentava falar sobre o cão ele levantava a mão, como se fosse demais. Minha mãe simplesmente nunca me perdoou. Eu chegava em casa e contava algo que havia acontecido na escola e... e ela simplesmente dizia: *Foi mesmo?* Como se eu estivesse mentindo, não importava o que fosse. Poderia dizer que havia comido purê de batata no almoço, e ela diria: *Foi mesmo?* E depois ela simplesmente parou de falar, olhava para mim quando eu chegava da escola e então ia até a cozinha, abria uma garrafa de vinho e ficava enchendo a taça, vagando pela casa, sem falar. Sempre balançando a cabeça. Lembro que uma vez falei que desejava não tê-la deixado tão triste, e ela disse: *Bem, você deixou*.

Krissi agora estava chorando, acariciando o gato.

— E foi isso. No final do ano, minha mãe tinha ido embora. Voltei para casa da escola um dia e o quarto dela estava vazio.

Ela então deixou a cabeça tombar no colo, um gesto infantil, dramático, os cabelos caindo sobre a cabeça. Eu sabia que deveria acariciá-la, consolá-la, mas, em vez disso, esperei, e ela finalmente olhou para mim.

— Ninguém nunca me perdoa por nada — gemeu, o queixo tremendo. Eu queria dizer que perdoava, mas não o fiz. Em vez disso, servi outra dose.

PATTY DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
18H11

Patty ainda murmurava desculpas enquanto Lou Cates a empurrava até a porta, e de repente ela estava no degrau de fora, no ar gelado, piscando rapidamente. Entre piscadelas, antes que conseguisse mover a boca, formar qualquer palavra, a porta se abriu novamente e um homem de cinquenta e poucos anos saiu. Fechou a porta ao passar, e então ali estavam, na pequena varanda da frente: Patty, Diane, Libby e o homem, bolsas de pele sob olhos úmidos, os cabelos grisalhos escovados bem para trás. Passou a mão pelo cabelo com brilhantina enquanto avaliava Patty, seu anel de Claddagh irlandês brilhando.

— Sra. Patty Day? — perguntou, o hálito de café pairando no ar frio, vagamente descolorado.

— Sou Patty Day. Mãe de Ben Day.

— Viemos descobrir o que eram essas histórias — interrompeu Diane. — Temos ouvido muitos boatos, e ninguém se preocupou em falar diretamente conosco.

O homem colocou as mãos nos quadris, olhou para Libby, e depois desviou depressa o olhar.

— Sou o detetive Jim Collins. Estou encarregado desta investigação. Tive que vir aqui hoje conversar com estas pessoas, e depois, claro, ia entrar em contato. Vocês me pouparam a viagem. Gostariam de conversar em algum outro lugar? Está um pouco frio aqui.

Eles foram a um Dunkin' Donuts na rodovia, em carros separados, Diane murmurando uma piada sobre policiais e rosquinhas, depois xingando a Sra. Cates: *nem nos cumprimentou. Vaca*. Normalmente Patty teria dito algo em defesa da Sra. Cates: os papéis de Diane, a curta e grossa, e Patty, a defensora, estavam bem entranhados. Mas a família Cates não precisava de defesa.

O detetive Collins esperava por elas com três copos de café e uma embalagem de leite para Libby.

— Não sabia se iriam querer doces — disse ele, e Patty ficou pensando em se ele a acharia uma mãe ruim caso comprasse um donut para Libby. Especialmente se soubesse que haviam comido panquecas naquela manhã. *Essa será sua vida a partir de agora*, pensou, *sempre tendo que pensar no que as pessoas vão pensar*. Mas Libby já estava com o rosto na vitrine de doces, jogando o peso de um pé para o outro, então Patty procurou trocados na bolsa, comprou um donut com glacê cor-de-rosa e a deu a Libby com um guardanapo. Ela não suportava Libby se sentindo rejeitada, olhando tristemente para todos aqueles tons pastéis de açúcar enquanto conversavam sobre Ben ser um adorador do diabo que molestava crianças. Quase riu outra vez. Instalou Libby em uma mesa atrás deles e lhe disse para ficar quieta e comer enquanto os adultos conversavam.

— Todos vocês são ruivos? — perguntou Collins. — De onde vem isso, são irlandeses?

Patty imediatamente pensou em sua conversa habitual com Len sobre cabelos ruivos, e então pensou: *A fazenda está perdida. Como me esqueci de que a fazenda está perdida?*

— Alemães — disse, pela segunda vez no dia.

— Você tem alguns outros, não? — perguntou Collins.

— Sim. Tenho quatro filhos.

— Do mesmo pai?

Diane se ajeitou no assento junto a ela.

— Claro que são do mesmo pai!

— Mas você os cria sozinha, certo? — perguntou Collins.

— Sim, somos divorciados — disse Patty, tentando soar tão pudica quanto uma carola.

— O que isso tem a ver com o que está acontecendo a Ben? — interrompeu Diane, inclinando-se sobre a mesa. — Por falar nisso, sou irmã de Patty. Cuido dessas crianças quase tanto quanto ela.

Patty se encolheu. O detetive Collins a viu se encolher.

— Vamos tentar começar isso de maneira civilizada — disse Collins. — Porque temos um longo caminho pela frente antes que isto seja esclarecido. As acusações feitas ao seu filho, Sra. Day, são muito sérias, e de natureza bem preocupante. A esta altura temos quatro garotinhas que dizem que Ben as tocou em suas partes íntimas, que as forçou a tocarem nele. Que as levou a alguma área de fazenda e realizou certos... atos que são associados à adoração ritualística do diabo.

Ele disse aquelas palavras — *adoração ritualística do diabo* — como pessoas que não entendem de carros repetem o que o mecânico disse: *É uma bomba de combustível quebrada*.

— Ben nem tem carro — disse Patty em uma voz quase inaudível.

— A diferença entre onze e quinze anos é de apenas quatro anos, mas são anos fundamentais — continuou Collins. — Nós o consideraríamos um perigo e um predador caso as acusações contra ele se provem reais. E, francamente, precisaremos conversar não apenas com Ben, mas também com suas menininhas.

— Ben é um bom menino — disse Patty, e odiou como sua voz pareceu hesitante e fraca. — Todos gostam dele.

— Como ele é visto na escola? — perguntou Collins.

— Perdão?

— Ele é considerado um garoto popular?

— Ele tem muitos amigos — murmurou Patty.

— Não acho que tenha, senhora — disse Collins. — Pelo modo como vemos, ele não tem muitos amigos, é um tanto solitário.

— E o que isso prova? — interrompeu Diane.

— Não prova absolutamente nada, senhorita...

— Krause.

— Não prova absolutamente nada, Srta. Krause. Mas isso, somado ao fato de que ele não tem uma figura paterna forte por perto, me leva a acreditar que ele pode ser mais vulnerável a, digamos, influências negativas. Drogas, álcool, pessoas que são talvez um pouco brutas, um pouco perturbadas.

— Ele não se envolve com delinquentes, se é com isso que está preocupado — disse Patty.

— Então cite alguns dos seus amigos — pediu Collins. — Cite os garotos com os quais ele anda. Com quem ele esteve no último fim de semana.

Patty ficou sentada, a língua grossa dentro da boca, depois balançou a cabeça, cruzou os braços perto da sujeira de cobertura de chocolate de alguém. Demorou. Mas agora finalmente estava vindo à tona quem ela realmente era: uma mulher que não conseguia cuidar das coisas, que vivia de uma emergência para outra, pegando dinheiro emprestado, sofrendo para dormir, ignorando quando deveria estar cuidando de Ben, estimulando-o a ter um passatempo ou entrar para um grupo, não sendo secretamente grata quando ele se trancava no quarto ou desaparecia por uma noite, sabendo que era um a menos com quem lidar.

— Então há algumas lacunas na criação. — Collins suspirou, como se já soubesse o fim da história.

— Queremos um advogado antes que mais alguma coisa aconteça, antes que fale com qualquer uma das crianças — interrompeu Diane.

— Francamente, com três menininhas em casa, se eu fosse a senhora, iria querer a verdade mais que qualquer pessoa — disse Collins, sem sequer olhar para Diane. — Esse tipo de comportamento não desaparece. Na realidade, se isso for verdade,

e para ser sincero acho que é, suas filhas provavelmente foram as primeiras vítimas dele.

Patty olhou para Libby, que estava sentada lambendo a cobertura do donut. Pensou em quanto Libby costumava ficar com Ben. Pensou em todas as tarefas que as crianças faziam sozinhas. Algumas vezes, após um dia trabalhando no celeiro com Ben, as meninas voltavam para casa irritadas, chorosas. Mas... o quê? Eram garotinhas, ficavam cansadas e ranzinzas. Ela quis jogar o café na cara de Collins.

— Posso falar claramente? — perguntou Collins, a voz pressionando. — Não posso imaginar quão... horrível deve ser ter que ouvir essas coisas sendo mãe. Mas posso lhe dizer algo, e vem diretamente do nosso psicólogo, que tem trabalhado pessoalmente com essas garotas, e posso lhe dizer o que ele me diz; que essas garotas estão nos contando coisas que uma menina da quinta série não conheceria sexualmente a não ser que tivesse acontecido. Ele diz que são casos clássicos de abuso. A senhora conhece o caso McMartin, claro.

Patty lembrava vagamente. Foi numa pré-escola na Califórnia, todos os professores foram julgados por adorar Satanás e molestar as crianças. Ela se lembrava do noticiário noturno: uma bela casa ensolarada na Califórnia, e depois palavras marcadas em preto: Pesadelo na Creche.

— Cultos satânicos não são incomuns, acho — dizia Collins. — Isso chegou a todos os setores da comunidade, e adoradores do diabo tendem a ter como alvo rapazes, levá-los para o rebanho. E parte da adoração ao diabo é a... a degradação de crianças.

— Vocês têm alguma evidência? — gritou Diane com Collins. — Alguma testemunha além de garotas de onze anos? O senhor por acaso tem filhos? Sabe com que facilidade eles imaginam coisas? Suas vidas inteiras são faz de conta. Então, vocês têm alguém que confirme essas mentiras além de um bando de garotinhas e um psiquiatra de Harvard sabichão que impressiona todos vocês?

— Bem, vamos às evidências até agora. Todas as meninas disseram que ele levou suas roupas de baixo como uma espécie de lembrança doentia ou algo assim — disse Collins a Patty. — Caso nos permita dar uma olhada em sua casa, podemos começar a esclarecer isso.

— Precisamos falar com um advogado antes — resmungou Diane para Patty.

Collins engoliu seu café e conteve um arroto batendo o punho no peito e deu um sorriso triste para Libby por sobre o ombro de Patty. Ele tinha o nariz vermelho dos alcoólatras.

— Neste momento só precisamos ficar calmos. Vamos conversar com todos os envolvidos — disse Collins, ainda ignorando Diane. — Ouvimos vários professores da escola dele esta tarde, e o que ouvimos não fez com que nos sentíssemos melhor, Sra. Day. Conhece uma professora, a Sra. Darksilver?

Ele olhou para Patty a fim de que ela confirmasse o nome, e Patty assentiu. A Sra. Darksilver sempre adorara Ben, havia sido um dos seus alunos favoritos.

— Esta manhã ela viu seu filho espiando o armário de Krissi Cates. Na escola fundamental. Em pleno feriado de Natal. Isso me perturba, e — olhando para Patty no fundo dos olhos, apontando as bordas rosadas para ela — a Sra. Darksilver diz que ele aparentemente estava excitado.

— O que isso significa? — interveio Diane.

— Ele tinha uma ereção. Quando olhamos dentro da lata de Krissi, encontramos um bilhete de natureza provocadora. Sra. Day, em nossos interrogatórios seu filho foi repetidamente representado como deslocado, desajustado. Estranho. Ele é considerado uma bomba-relógio. Alguns dos professores chegam a ter medo dele.

— Medo? — repetiu Patty. — Como podem ter medo de um garoto de quinze anos?

— A senhora não sabe o que encontramos no armário dele.

* * *

O que encontraram no armário dele. Patty achou que Collins ia dizer drogas, revistas masculinas, ou, em um mundo misericordioso, um punhado de fogos de artifício ilegais. Era o problema que ela gostaria que Ben tivesse: uma dúzia de rojões colocados como gravetos em sua mochila. Isso ela podia aguentar.

Mesmo quando Collins fez seu preâmbulo untuoso — *isso é muito perturbador, Sra. Day, quero que se prepare* —, Patty imaginara talvez uma arma. Ben adorava armas, sempre adorou. Era como sua fase do avião, a fase do caminhão-betoneira, só que aquela não passou. Era algo que eles faziam juntos — *haviam* feito juntos —, caçar, atirar. Talvez tivesse levado uma à escola só para mostrar. O Colt Peacemaker. Seu preferido. Ele não deveria abrir o armário sem sua autorização, mas, caso o tivesse feito, lidariam com isso. Então, que seja uma arma.

Collins então pigarreou e disse em uma voz que as fez se inclinarem para a frente.

— Encontramos alguns... restos... no armário do seu filho. Órgãos. Inicialmente achamos que poderia ser parte de um bebê, mas são de animais. Órgãos reprodutivos femininos em um pote de plástico, talvez de um cachorro ou gato. Vocês perderam um cachorro ou gato?

Patty ainda estava tonta com a revelação de que realmente pensaram que Ben poderia ter parte de um bebê em seu armário. Que haviam imaginado que fosse tão perturbado que infanticídio era seu primeiro palpite. Foi naquele instante, olhando para as migalhas espalhadas de donuts em tons pastel, que Patty se deu conta de que seu filho iria para a cadeia. Se acreditavam que era tão pervertido assim, ele não tinha chance alguma.

— Não, não perdemos nenhum animal de estimação.

— Nossa família é de caçadores. Fazendeiros — disse Diane. — Convivemos com animais, esfolamos animais o tempo todo. Não é

tão estranho que ele possa ter algo com eles.

— Vocês realmente guardam partes de animais mortos em casa? — retrucou Collins, pela primeira vez olhando diretamente para Diane, um olhar firme que abandonou após alguns segundos.

— Há alguma lei contra isso? — retrucou Diane.

— Um dos rituais que adoradores do diabo realizam é o sacrifício de animais, Sra. Day — falou Collins. — Estou certo de que ouviu falar do gado morto a machadadas perto de Lawrence. Achamos que isso e o envolvimento com garotinhas estão relacionados.

O rosto de Patty estava frio. Estava acabado, tudo acabado.

— O que quer que eu faça? — perguntou.

— Eu a sigo até em casa para que possamos conversar com seu filho, está bem? — disse Collins, tornando-se paternal no fim, a voz ficando aguda, quase infantil. Patty podia sentir as mãos de Diane cerrando ao seu lado.

— Ele não está em casa. Estávamos tentando encontrá-lo.

— Nós realmente precisamos falar com seu filho, Sra. Day. Onde acha que podemos achá-lo?

— Não sabemos onde ele está — interrompeu Diane. — Estamos na mesma situação que vocês.

— Vocês vão prendê-lo? — perguntou Patty.

— Não podemos fazer nada até conversar com ele, e, quanto mais depressa isso acontecer, mais rapidamente esclareceremos isso.

— Isso não é resposta — disse Diane.

— É a única que tenho, senhora.

— Isso significa que sim — disse Diane, e pela primeira vez baixou os olhos.

Collins se levantou e foi até Libby durante o último diálogo, e agora estava ajoelhado junto a ela, dizendo: *Oi, gracinha*.

Diane agarrou o braço dele.

— Não. Deixe-a em paz.

Collins franziu a testa para ela.

— Só estou querendo ajudar. Não quer saber se Libby está bem?

— Sabemos que Libby está bem.

— Por que não deixa que ela me diga isso? Ou podemos chamar o juizado...

— Vá se foder — disse Diane, colocando-se na frente dele.

Patty ficou sentada no seu lugar, desejando se desconectar. Ouviu Diane e Collins discutindo atrás dela, mas simplesmente ficou sentada e viu a mulher atrás do balcão fazer outro bule de café, tentando concentrar todo o seu interesse naquela cena. Funcionou por alguns segundos, até Diane arrastar Patty e Libby, com sua boca suja de donut, para fora da lanchonete.

* * *

Patty queria chorar mais um pouco a caminho de casa, mas preferiu esperar até Diane ter ido embora. Diane obrigou Patty a dirigir, disse que seria bom para ela se concentrar. Durante todo o caminho para casa, Diane teve que lhe dizer quais marchas colocar, de tão distraída que a irmã estava. *Por que você não tenta a terceira, P? Acho que deveria reduzir para a segunda agora.* Libby estava sentada no banco de trás sem dizer nada, aninhada, com os joelhos no queixo.

— Alguma coisa ruim vai acontecer? — perguntou ela, finalmente.

— Não, querida.

— Parece que alguma coisa ruim vai acontecer.

Patty então teve uma imagem de pânico: o que havia de errado com ela, cacete, colocando uma menina de sete anos nesse tipo de situação? Sua mãe não teria feito isso. Mas sua mãe não teria criado Ben como ela — descuido e dedos cruzados —, de modo que não seria um problema.

Naquele instante ela tinha uma necessidade quase obsessiva de ir para casa, aninhar-se, sentir-se segura. O plano de Patty era

esperar Ben voltar — ele teria que voltar logo —, e Diane sairia e avaliaria as fofocas. Quem sabia o quê, de que lado as pessoas estavam e com quem, em nome de Deus, Ben estava andando.

Elas vieram chacoalhando até em casa e viram o Cavalier de Patty e outro carro, um esportivo de bancos em concha que parecia ter uns dez anos, todo sujo de lama.

— Quem é? — perguntou Diane.

— Não tenho ideia — disse ela, de forma dramática. Patty já sabia que, independentemente quem fosse, seriam notícias deprimentes.

Elas abriram a porta da frente e sentiram o calor sair. O termostato devia estar acima de vinte e sete graus. A primeira coisa que viram foi uma caixa aberta de chocolate de micro-ondas, do tipo com marshmallows falsos, na mesa da sala de jantar, um rastro de chocolate em pó levando à cozinha. Depois Patty ouviu aquele riso chiado e soube. Runner estava sentado no chão, tomando chocolate quente com as filhas apoiadas nele. Passava um programa de vida selvagem na TV, as garotas gritando e agarrando os braços dele enquanto um jacaré saltava da água e mordia algo com chifres.

Ele ergueu os olhos preguiçosamente, como se ela fosse uma entregadora.

— Oi, Patty, há muito tempo não a vejo.

— Temos questões familiares acontecendo — interrompeu Diane. — Você devia ir para casa.

Durante as longas semanas em que Runner voltou para ficar ali, ele e Diane haviam se desentendido diversas vezes — ela gritando, e ele a ignorando. *Você não é o marido, Diane*. Ele ia para a garagem, ficava bêbado, passava horas jogando uma velha bola de beisebol na parede. Não seria Diane quem mandaria Runner embora.

— Tudo bem, D. Pode ir. Ligue mais ou menos em uma hora e me conte o que está acontecendo, certo?

Diane olhou furiosa para Runner, resmungou algo e saiu pisando firme, batendo a porta com força.

— Meu Deus! O que há com ela? — disse Michelle, e fez uma careta para o pai, a pequena traidora.

Os cabelos castanhos dela foram levantados pela estática no ponto onde Runner esfregara. Runner sempre fora esquisito com as crianças, grosseiramente afetuoso, mas não de forma adulta. Gostava de dar beliscões ou tapas para chamar a atenção. Estavam vendo TV e de repente ele se inclinava e dava um belo tapa na pele delas. Qualquer que fosse a garota acertada, olhava fazendo um bico lacrimoso ultrajado, e ele ria e dizia: “O quêêêê?” ou “Estou só dizendo oi. Oi!”. E, quando andava com os filhos em qualquer lugar, ele ficava alguns passos atrás, em vez de caminhar ao lado deles, olhando de esguelha. Isso sempre lembrava um velho coiote, trotando nos calcanhares de sua presa, apenas provocando durante alguns quilômetros antes de atacar.

— Papai fez macarrão para nós — disse Debby. — Ele vai ficar para jantar.

— Você sabe que não devia deixar ninguém entrar em casa enquanto estou fora — disse Patty, limpando o pó com um trapo que já fedia.

Michelle revirou os olhos e se apoiou no ombro de Runner.

— Meu Deus, mãe, é o papaaaai.

Seria mais fácil se Runner simplesmente estivesse morto. Ele interagia tão pouco com os filhos, era de tão pouca ajuda para eles que, se morresse, as coisas só melhorariam. Do modo como era, ele morando no vasto Em Algum Lugar Por Aí, eventualmente aparecendo com ideias, esquemas e ordens que os filhos tendiam a seguir. Porque o pai dissera.

Ela adoraria censurar Runner naquele instante. Contar a ele sobre o filho e a coleção perturbadora no armário. A ideia de Ben cortando e guardando partes de animais travava sua garganta. A menina Cates e suas amigas, aquilo era um mal-entendido que

podia acabar bem ou não. Ela não conseguia dar uma desculpa para a variedade de partes de corpos, e ela era boa em dar desculpas. Não se preocupou com o que Collins disse sobre Ben poder ter molestado as irmãs. Ela analisou essa possibilidade no caminho de volta, revirou-a, olhou em sua boca e examinou seus dentes minuciosamente. E não tinha dúvida alguma: Ben nunca faria isso.

Mas ela sabia que o filho gostava de dor. Houve aquele momento com os ratos: aquela pá robótica batendo, a boca exibindo os dentes, o rosto coberto de suor. Ele extraiu algum prazer daquilo, ela sabia. Algumas brincadeiras dele com as irmãs eram de mau gosto, pesadas. Algumas vezes risos se transformavam em gritos, e ela esticava a cabeça e o via torcendo o braço de Michelle às costas, apenas levantando-o devagar. Ou agarrando o braço de Debby para brincar de esfregar, e o que começava como brincadeira ficava cada vez mais frenético, ele esfregando até arrancar gotas de sangue, os dentes trincados. Podia ver nele aquela mesma expressão que Runner tinha quando estava perto das crianças: excitado e tenso.

— Papai tem que ir embora.

— Meu Deus, Patty, nem mesmo um oi antes de me botar na rua. Vamos lá, vamos conversar, tenho uma proposta comercial para você.

— Não estou em posição de fazer um acordo comercial, Runner. Estou falida — disse.

— Você nunca está tão mal quanto diz — falou, com cobiça, e virou o boné para trás, sobre o cabelo viscoso. Ele quis soar brincalhão, mas saiu ameaçador, como se soubesse que era melhor para ela não estar falida.

Tirou as meninas de cima dele e foi até a ex-mulher, ficando perto demais como sempre, suor de cerveja grudando a camisa no peito.

— Você não vendeu o arado, Patty? Vern Everlee me disse que você acabou de vender o arado.

— E o dinheiro todo acabou, Runner. Sempre vai embora tão depressa quanto consigo — disse, fingindo examinar a correspondência. Ele continuou pressionando.

— Preciso que me ajude. Preciso só do suficiente para ir ao Texas.

Claro que Runner ia querer passar o inverno onde estivesse quente, viajando sem filhos como um cigano de estação em estação, como fazia, um insulto a ela, à fazenda e à sua ligação com aquele pedaço de chão. Ele arrumava trabalho e gastava o dinheiro em coisas idiotas: tacos de golfe, porque se imaginava um dia jogando golfe, um aparelho de som que nunca instalou. Agora planejava ir correndo para o Texas. Ela e Diane haviam ido à costa do golfo quando Patty estava no segundo grau. A única vez em que Patty esteve em algum lugar. Foi a maresia que a marcou, o modo como você podia chupar um cacho de cabelo, e sua boca começava a salivar. De alguma forma, Runner arrumaria algum dinheiro e passaria o resto do inverno em alguma birosca junto ao oceano, tomando uma cerveja enquanto o filho ia para a cadeia. Ela não podia pagar um advogado para Ben. Continuava a pensar nisso.

— Bem, não posso lhe ajudar, Runner. Sinto muito.

Ela tentou levá-lo à porta, mas em vez disso ele a empurrou para a cozinha, seu hálito acridoce fazendo-a desviar a cabeça.

— Vamos lá, Patty, vai me obrigar a implorar? Estou mesmo em apuros. É questão de vida ou morte. Tenho que sumir. Você sabe que eu não estaria pedindo se não fosse assim. Posso ser morto esta noite se não juntar algum dinheiro. Apenas me dê oitocentas pratas.

O valor a fez rir. O cara realmente achava que isso era trocado para ela? Ele não conseguia olhar em volta e ver como eram pobres, as crianças usando camisas de manga no meio do inverno, o congelador da cozinha cheio de carne barata empilhada, todas marcando mais de um ano de fabricação? Era isso o que eram: uma casa com prazo de validade vencido.

— Não tenho nada, Runner.

Ele a olhou fixo, o braço apoiado na passagem para que ela não pudesse sair.

— Você tem joias, não tem? Tem a aliança que eu lhe dei.

— Runner, por favor, Ben está em apuros, com problemas sérios, muita coisa ruim acontecendo agora. Volte outra hora, está bem?

— Que porra Ben fez?

— Houve problemas na escola, problemas na cidade, é feio, acho que ele pode precisar de um advogado, então preciso de qualquer dinheiro que tiver para isso, e...

— Então você tem dinheiro.

— Runner, eu não tenho.

— Pelo menos a aliança.

— Não tenho.

As meninas estavam fingindo ver TV, mas as vozes ficando mais altas fizeram Michelle, a barulhenta Michelle, virar a cabeça e olhar diretamente.

— Me dê a aliança, Patty.

Estendeu a mão como se ela pudesse estar usando, aquela aliança de noivado vagabunda de ouro falso que, mesmo aos dezessete anos, ela sabia que era constrangedora, pobre. Ele a dera três meses após o pedido de casamento. Demorou três meses para levantar o traseiro da cadeira, ir a uma loja vagabunda e comprar a bijuteriazinha que deu a ela enquanto tomava a terceira cerveja. *Amo você para sempre, gata*, dissera. Ela soube imediatamente que ele tinha que ir embora, que não era um homem em quem confiar, sequer um homem de quem gostava muito. E ainda assim ela engravidara outras três vezes, porque ele não gostava de usar preservativos, e seria problema demais reclamar.

— Runner, não se lembra daquela aliança? Aquela aliança não renderia dinheiro nenhum. Ela custa uns dez dólares.

— Agora vai reclamar da aliança? Agora?

— Acredite, se aquilo valesse algo, eu já a teria empenhado.

Eles ficaram se encarando, Runner bufando como um jumento com raiva, as mãos trêmulas. Ele as colocou nos braços dela, depois as retirou com um esforço exagerado. Até mesmo o bigode tremia.

— Você realmente vai se lamentar por isso, Patty.

— Já lamento, Runner. Lamento há muito tempo.

Ele se virou, e a jaqueta derrubou um pacote de chocolate no chão, espalhando mais pó marrom aos seus pés.

— Tchau, meninas, a mãe de vocês é uma... VACA!

Ele chutou uma das cadeiras altas da cozinha, que rolou para a sala. Todas ficaram paralisadas como criaturas da floresta, enquanto Runner andava em pequenos círculos, Patty pensando se deveria correr e pegar um rifle ou agarrar uma faca de cozinha, o tempo todo suplicando em silêncio para que ele apenas fosse embora.

— Obrigado por PORRA NENHUMA! — disse, pisando com firmeza até a porta da frente e abrindo-a com tanta força que rachou a parede atrás dela. Ele a abriu novamente, segurou-a, bateu com ela na parede, a cabeça inclinada para baixo na direção da porta, e repetiu o movimento mais duas vezes, com toda a força.

E então foi embora, o carro saindo da fazenda cantando pneu, e Patty pegou a espingarda, carregou-a e a colocou sobre a moldura da lareira com um punhado de cartuchos. Só por garantia.

LIBBY DAY

HOJE

Krissi acabou dormindo no meu sofá. Eu a acompanhei até a porta e me dei conta de que ela não estava bem para dirigir; tropeçava nos sapatos, a maquiagem escorrendo em seu rosto. Enquanto cambaleava para a varanda, virou-se de repente e perguntou sobre a mãe, se eu sabia onde a mãe estava ou como encontrá-la, e foi então que puxei Krissi de volta para dentro, fiz um queijo-quente, acomodei-a no sofá e joguei um cobertor sobre ela. Enquanto ela rolava e adormecia, colocando um pedaço do sanduíche no chão ao seu lado, três dos meus potes de loção caíram do paletó dela. Assim que ela apagou, eu os enfiei de volta.

Ela já tinha ido embora quando acordei, o cobertor dobrado com um bilhete rabiscado no verso de um envelope: *Obrigada. Sinto muito*.

Então, se Krissi estiver falando a verdade, Lou Cates não matou minha família. Eu acreditava nela. Pelo menos nisso.

Decidi ir de carro ver Runner, ignorar duas mensagens de Lyle e zero mensagem de Diane. Ir de carro ver Runner, conseguir algumas respostas. Não achava que tivesse algo a ver com os assassinatos, independentemente do que a namorada pudesse dizer, mas fiquei pensando em se saberia de algo ou se teria ouvido algo, ou se talvez suas dívidas haviam provocado alguma vingança horrível. Talvez pudesse acreditar novamente em Ben, que era o que eu desejava. Agora sabia por que nunca fora visitá-lo. Era tentador demais, fácil demais ignorar os muros da prisão e simplesmente ver meu irmão, ouvir a cadência de voz específica de

Ben, aquela baixa no final de toda frase, como se fosse a última coisa que iria dizer. Apenas por vê-lo eu me lembrara de coisas, coisas legais ou nem tanto. Apenas coisas comuns. Eu queria sentir aquela brisa da nossa casa. De quando todos estavam vivos. Cara, eu queria isso.

Parei na loja de conveniência saindo da cidade, comprei um mapa e alguns biscoitos sabor queijo que descobri serem diet ao mordê-los. Comi mesmo assim, seguindo para o sul, a poeira alaranjada flutuando pelo carro. Devia ter parado para almoçar no caminho até Oklahoma. O ar na rodovia estava denso com bolsões de cheiros: batatas fritas, peixe de lanchonete, frango frito. Mas eu estava com uma sensação estranha de pânico, com receio, mesmo sem ter uma boa razão para isso, de que perderia Runner caso parasse, então comi os biscoitos diet e uma maçã velha que encontrei em um canto do balcão da cozinha.

Por que aquele bilhete, aquele bilhete indecente que não era endereçado a Ben, estava misturado em uma caixa com as coisas de Michelle? Se Michelle tivesse descoberto que Ben tinha uma namorada, teria assumido o controle dele, ainda mais caso ele quisesse guardar segredo. Ben odiava Michelle. Ele me tolerava, desprezava Debby, mas claramente odiava Michelle. Lembro-me de ele empurrá-la para fora do seu quarto com um braço, o corpo quase de lado, Michelle na ponta dos dedos, indo para não ser arrastada. Ele a jogou para fora, ela caiu na parede, e ele falou que a mataria se um dia a visse no seu quarto novamente. Ben mostrava os dentes sempre que falava com ela. Gritava com ela por sempre estar no caminho — e ela ficava na porta do quarto dele dia e noite, escutando. Michelle sempre sabia os segredos de todos, nunca travava uma conversa que não tivesse segundas intenções. Lembro-me disso mais claramente após ter descoberto as anotações bizarras dela. Quando não se tem dinheiro, fofoca não é uma forma ruim de conseguir alguma vantagem. Mesmo dentro da própria família.

“Ben fala muito sozinho”, anunciou Michelle no café certa manhã, e Ben esticou a mão, derrubando o prato dela no colo, depois a agarrando pelo colarinho.

“Me deixe em paz, cacete”, berrou ele. Então minha mãe o acalmou, fez com que ele voltasse para o quarto, e nos censurou, como sempre. Depois descobrimos restos de ovo que haviam sido jogados no candelabro de plástico acima da mesa, o candelabro que parecia ter vindo de uma pizzaria.

Então, o que aquilo significava? Ben não mataria a família porque a irmãzinha descobriu que ele tinha uma namorada.

Passei por um pasto de vacas, de pé e imóveis, e pensei sobre quando crescia, todos os boatos sobre mutilação de gado e pessoas jurando que eram adoradoras do diabo. O diabo escondia-se perto em nossa cidade do Kansas, um mal que era tão natural e físico quanto uma encosta. Nossa igreja não era feroz demais, mas o pregador certamente alimentava a ideia: o diabo, com olhos de bode e sanguinário, podia conquistar seu coração tão facilmente quanto Jesus, se você não tomasse cuidado. Em todas as cidades nas quais morei sempre havia as “crianças do diabo” e as “casas do diabo”, assim como sempre havia um palhaço assassino circulando em uma van branca. Todos conheciam algum velho armazém vazio na periferia da cidade onde havia um colchão sujo no chão, ensanguentado de sacrifícios. Todos tinham um amigo ou primo que realmente presenciou um sacrifício, mas tinha medo demais para dar detalhes.

Estava em Oklahoma havia dez minutos, faltando mais três horas de viagem, e comecei a sentir o cheiro de algo esmagadoramente doce, mas podre. Feriu meus olhos, fez brotar lágrimas. Tive um ridículo tremor de medo de que meus pensamentos sobre o diabo houvessem invocado a besta. Então, a distância, o céu agitado ganhou a cor de um hematoma, e eu vi. Fábrica de papel.

Coloquei o rádio para buscar alguma estação, explosões de barulhos desagradáveis, estática e anúncios de carro e mais

estática, então desliguei novamente.

Ao passar por uma placa com o retrato de um caubói — *Bem-vindo a Lidgerwood, Oklahoma, companheiro!* — saí da rodovia e segui para a cidade, que se revelou uma detonada armadilha para turistas. Um dia se apresentara como um lugar de Velho Oeste: a rua principal era tomada de vidro fosco, *saloons* e lojas falsas. Um letreiro indicava ser The Olde Photo Stoppe, um lugar onde famílias podiam encomendar fotos suas em sépia usando roupas da fronteira. Pendia da vitrine um impresso do tamanho de um pôster: o pai segurando um laço, tentando parecer ameaçador sob um chapéu grande demais para ele; a garotinha de vestido de algodão e touca, pequena demais para entender a piada; a mãe, vestida como prostituta, com um sorriso desconfortável, os braços cruzados diante das coxas, no ponto em que a saia ficava aberta. Junto à foto havia uma placa de "À Venda". Outra placa combinando na porta ao lado, o Daphne's Daffy Taffy, mais "À Venda" no Buffalo Bill's Amazing Arcade e em uma loja com o ridículo nome truncado de Wyatt Earp's Slurpies. O lugar inteiro parecia empoeirado. Mesmo o extinto tobogã de água, mais ao longe, estava coberto de terra.

O Abrigo Bert Nolan Para Homens ficava a apenas três quarteirões do centro, um prédio baixo, quadrado, com um pequeno jardim na frente infestado de capim rabo-de-raposa. Eu sempre gostei de rabo-de-raposa quando criança, porque era atraente para meu cérebro literal, pois parecia o que soava: um caule comprido e fino com pelo na ponta, assim como o rabo de uma raposa, só que verde. Crescia pela fazenda toda — campinas inteiras eram tomadas por ele. Michelle, Debby e eu quebrávamos a ponta e fazíamos cócegas nos pulsos umas das outras. Minha mãe nos ensinou os nomes coloquiais de tudo: orelha de ovelha, crista-de-galo, todas aquelas plantas que justificavam os nomes. Uma orelha de ovelha é tão macia quanto a orelha de uma ovelha. Crista-de-galo realmente parece a crista vermelha de um galo. Saí do carro e passei as mãos pelas pontas dos rabos-de-raposa. Talvez pudesse

plantar um jardim de ervas daninhas. Grama moinho de vento realmente se abre no alto como lâminas de um moinho. Laço da Rainha Anne é branca e rendada. Erva daninha seria adequado para mim. Uma pata do demônio.

A porta do Abrigo Bert Nolan era de metal, pintada de cinza-escuro como um submarino. Lembrava as portas da prisão de Ben. Toquei a campainha e esperei. Do outro lado da rua dois adolescentes andavam de bicicleta em círculos largos e preguiçosos, interessados. Toquei a campainha novamente e bati no metal, mas não reverberou do lado de dentro. Considerei perguntar aos garotos do outro lado se havia alguém em casa, só para quebrar o silêncio. Quando eles estavam mais próximos de mim — *fazendo o que aqui, moça?* —, a porta se abriu, revelando um homem do tamanho de um elfo de tênis brancos brilhantes, calça jeans bem passada e camisa estilo Velho Oeste. Ele ajeitou o palito de dentes na boca, sem olhar para mim, folheando um exemplar da revista *Cat Fancy*.

— Não abro para a noite antes de... — começou, fazendo uma pausa ao me ver. — Ah, sinto muito, querida. Somos uma hospedaria masculina, você precisa ser homem e ter mais de dezoito anos.

— Estou procurando meu pai — disse, usando meu sotaque. — Runner Day. O senhor é o gerente?

— Rá! Gerente, contador, padre, faxineiro — respondeu, abrindo a porta. — Alcoólatra em recuperação. Jogador em recuperação. Caloteiro em recuperação. Bert Nolan. O lugar é meu. Entre, docinho, e diga novamente seu nome.

Ele abriu a porta para uma sala cheia de catres, o cheiro forte de alvejante vindo do piso. O elfo Bert me conduziu por entre as filas de camas finas, cada uma ainda afundada da noite anterior, até um escritório do tamanho dele, do meu tamanho, que tinha uma pequena escrivaninha, um fichário e duas cadeiras dobráveis nas

quais nos sentamos. A luz fluorescente não era boa para a pele dele, coberta de cravos escuros.

— Por falar nisso, eu não sou esquisito — disse, agitando a *Cat Fancy* na minha direção. — É só que arranjei uma gata e nunca tive uma. Na verdade, ainda não gosto muito dela. Deveria ser boa para animar o espírito, mas até agora apenas mija nas camas.

— Eu tenho um gato — falei, surpreendendo-me com meu repentino e intenso carinho por Buck. — Quando fazem fora da caixa de areia, normalmente é porque estão com raiva.

— É isso?

— É, a não ser por isso, são animais de estimação bem tranquilos.

— Ahn — disse Bert Nolan. — Ahn. Então você está procurando seu pai? É, eu lembro, nós conversamos. Day. Ele é como a maioria dos homens aqui; deveria ficar feliz de ter alguém procurando por eles depois da merda que fizeram em casa. Normalmente tem a ver com dinheiro. Ou com falta de dinheiro. Nenhum dinheiro, álcool demais. Não produz o melhor. Runner. Ahn.

— Ele me escreveu uma carta, disse que ia voltar para cá.

— Quer levá-lo para casa, cuidar dele? — perguntou Bert. Os olhos estavam pretos e brilhantes, como se tivesse contado uma piada para ele mesmo.

— Bem, não tenho certeza disso. Só queria ver como ele está.

— Ah, bom. Essa é uma pergunta difícil; as pessoas que dizem querer encontrar um dos meus homens para cuidar deles nunca cuidam — disse Nolan, cheirando as pontas dos dedos. — Eu não fumo mais, e mesmo assim algumas vezes meus malditos dedos ainda cheiram a tabaco.

— Ele está aqui?

— Não. Foi embora de novo. Não permito bêbados aqui. Ele recebeu o terceiro cartão.

— Disse para onde ia?

— Ah, docinho, não dou endereços. Simplesmente não dou. Descobri que era a forma mais inteligente de lidar com as perguntas. Mas vou lhe dizer, porque você parece uma boa dama...

— Berrrrrt — gritou alguém fora do prédio.

— Ah, ignore isso, é só um dos meus homens tentando entrar cedo. É outra coisa que você aprende a nunca fazer: nunca deixar alguém entrar cedo, jamais, e nunca deixar alguém entrar tarde.

Ele havia perdido a linha de raciocínio, e me olhou ansioso.

— O que você ia me dizer? — perguntei.

— O quê?

— Como você poderia me ajudar a encontrar meu pai?

— Ah, certo. Pode deixar uma carta aqui comigo.

— Sr. Nolan, já fiz isso. Por isso vim aqui. Eu realmente preciso encontrá-lo — disse, e notei que estava na pose de Runner, com as palmas na beirada da mesa, pronto para pular se ficasse puto.

Nolan pegou um boneco de gesso de um homem velho e careca estendendo os braços em uma expressão de irritação, mas não consegui ler as palavras na base. Bert parecia encontrar algum consolo naquilo. Deu um grande suspiro por entre os lábios entreabertos.

— Bem, docinho, vou lhe dizer, ele pode não estar aqui, mas sei que continua em Lidgerwood. Um dos meus homens o viu ontem à noite na frente do Cooney's. Está se escondendo em algum lugar, mas está por perto. Só se prepare para uma decepção.

— Decepção pelo quê?

— Ah, você que sabe.

* * *

Quando Bert Nolan se levantou para me acompanhar para fora do escritório, deu-me as costas, e imediatamente agarrei seu bonequinho. Mas me obriguei a devolvê-lo e, em vez disso, peguei

um saco de Corn Nuts e um lápis. Progresso. Eles ficaram ao meu lado no carro enquanto eu ia ao bar mais próximo. Cooney's.

O Cooney's não se rendeu ao tema do Velho Oeste. O local era orgulhosamente sórdido no presente. Três rostos enrugados me olharam feio quando abri a porta. Incluindo o bartender. Pedi uma cerveja, o homem retrucando que precisava ver minha carteira de motorista, erguendo-a na luz e depois baixando até perto da barriga, resmungando por não conseguir provar que era falsa. Bebi e me sentei, deixando que se acostumassem com a minha presença. Então falei. Assim que citei Runner, o lugar se iluminou.

— Aquele cretino me roubou três embalagens de cerveja — disse o bartender. — Foi lá atrás em plena luz do dia e simplesmente as pegou na picape. E lhe paguei muitas bebidas, pode acreditar.

O homem de meia-idade a dois bancos de distância agarrou meu braço com muita força e disse:

— Seu maldito pai me deve duzentas pratas. E quero meu cortador de grama de volta. Diga que estou procurando por ele.

— Sei onde você pode encontrá-lo — disse um cara velho, com uma barba no estilo de Hemingway e o corpo de uma garota.

— Onde? — perguntaram todos ao mesmo tempo.

— Aposto qualquer coisa que ele está morando com o resto dos posseiros, acampado no lugar do programa de despoluição Superfund. Você devia dar uma olhada — acrescentou, mais para o bartender do que para mim. — É como uma antiga favela Hooverville, fogueiras e barracos.

— Por que diabo alguém moraria no lugar do Superfund? — retrucou o bartender.

— Bem, você sabe que ninguém do governo vai aparecer.

Todos riram com raiva.

— É seguro ir lá? — perguntei. Imaginei barris de lixo tóxico e lama verde-limão.

— Claro, se você não beber a água do poço e não for um gafanhoto.

Ergui as sobrancelhas

— Vou explicar para você: o lugar inteiro está encharcado de arsênico. É um velho local de desova de isca de gafanhoto.

— E de imbecis — acrescentou o bartender.

BEN DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
20H38

Foram para a cidade, a neve começando a cair, Ben acabando de lembrar que tinha deixado a bicicleta no armazém e concluindo que a essa altura ela já deveria ter sumido.

— Ei — gritou para a frente. Trey e Diondra conversavam, mas ele não conseguia ouvir por causa da música chiando no rádio, como folhas de metal sendo rasgadas: *uiiiiiir-uir-uir-uir*. — Podemos dar uma paradinha rápida no Complexo para eu pegar minha bicicleta?

Trey e Dionda trocaram olhares.

— Não — respondeu Diondra dando um sorriso, e começaram a rir. Ben se recostou por um segundo, depois se levantou.

— Estou falando sério, preciso dela.

— Esquece, cara. Sumiu — disse Trey. — Você não pode deixar merda nenhuma no Complexo.

Entraram na Bulhardt Avenue, a principal da cidade, onde nada acontecia, como de costume. A lanchonete era um diorama amarelo brilhante, com alguns atletas e suas namoradas, todos jogados uns sobre os outros. As lojas estavam na escuridão, e até o bar mal parecia aberto — só era possível ver uma luz vaga no único retângulo de vitrine na frente. A porta havia sido pintada de azul-marinho e não revelava nada.

Estacionaram bem na frente, Diondra ainda terminando sua cerveja, Trey a pegando dela e bebendo o resto — *o bebê não vai se importar*. Na calçada, um cara mais velho, com uma confusão de

rugas no rosto, nariz e boca parecendo ter sido moldados a partir de argila torcida, franziu o cenho e entrou no bar.

— Vamos lá — disse Trey, e foi saltar da picape. E então, quando viu Ben hesitar, ainda sentado no fundo, com as mãos nos joelhos, Trey enfiou a cabeça na cabine e deu aquele sorriso de negócios. — Não se preocupe, cara, você está comigo. Eu bebo muito aqui. E, ei, você está basicamente visitando seu pai no escritório.

Diondra tateou as pontas dos seus cachos duros, sua mania de passar os dedos por eles, e ambos seguiram Trey, Diondra fazendo biquinho e com olhar sexy, que era como saía na maioria das fotos, como se tivesse acordado de um sonho com você. Ao lado dela, Ben se sentindo desengonçado e abatido como sempre, literalmente arrastando os pés.

O bar estava tão enfumaçado que Ben engasgou ao entrar, Diondra já com um cigarro aceso, relaxada ao lado dele, como se isso a fizesse parecer mais velha. Um cara nervoso, com cabelos em tufos como um pássaro na muda, foi imediatamente até Trey, cabeça baixa, e murmurou algo no ouvido dele, que assentiu, sugando os lábios sobre os dentes, parecendo preocupado e sério. Ben achou que o cara talvez fosse o gerente os colocando para fora, porque Diondra podia se passar por mais velha com maquiagem mais pesada, mas Ben não enganava ninguém. Mas Trey simplesmente deu um tapinha nas costas do homem, dizendo algo como “Não me obrigue a caçar, cara”, e o sujeito, nervoso, deu um sorriso largo, riu e disse “Não, não, não, não se preocupe com isso, não se preocupe com nada disso, nada disso”, e Trey apenas disse “Domingo” e passou por ele até o bar, pediu três cervejas e uma dose de SoCo, que tomou em um gole só.

O bartender era outro cara velho e gordo com cabelo grisalho. Era uma piada como vários daqueles sujeitos eram parecidos, como se viver fosse tão duro que simplesmente apagava seus traços, eliminava tudo o que os distinguia uns dos outros. O bartender lançou para Ben e Diondra um olhar esperto, um olhar de só-para-

vocês-saberem-que-eu-sei, mas ainda assim deslizou duas cervejas para eles. Ben deu as costas ao bar para tomar a sua, um pé no banco, parecendo relaxado, como se já tivesse feito isso antes, porque podia sentir o olhar de Trey nele, procurando algo do que debochar.

— Estou vendo, estou vendo Runner — disse Diondra e, antes que Ben pudesse perguntar por que soava tão relaxada dizendo o nome dele, Trey estava chamando.

— Ei, Runner, venha aqui!

E Runner fez a mesma expressão nervosa de fuinha do primeiro cara.

Foi caminhando naquele passo cambaleante, as mãos enfiadas nos bolsos, olhos grandes e amarelos.

— Simplesmente não tenho, cara, simplesmente não tenho. Tentei arrumar mais cedo, mas eu só, eu ia tentar encontrar você, só dei uma passada aqui, posso lhe dar o resto da minha erva enquanto isso...

— Quer dizer oi a Diondra? — interrompeu Trey.

Runner se assustou, depois sorriu.

— Ah, oi, Diondra, he he, uau, eu devo estar bêbado, inconsciente! — disse, e fingiu fechar um olho para ver melhor, deu um pequeno salto na ponta dos pés. — Ah, é, bebendo até ficar vesgo porque estou muito preocupado com essa situação.

— Runner, quer dar uma olhada em quem está ao lado de Diondra?

Ben mal se virou para encará-lo, pensava em algo a dizer além de *Oi, pai*, mas não conseguiu, então simplesmente ficou ali, de pé, esperando que a merda inevitável acontecesse.

Runner olhou através da luz fraca do bar e não reconheceu Ben.

— Oi... cara — disse, depois se virou para Trey. — É o seu primo? Não consigo ver muito bem, cegueira noturna, preciso de lentes de contato, mas...

— Ah, meu Deus — exclamou Trey, inclinando-se para trás para fingir uma risada, mas parecendo furioso. — Dê outra olhada, cretino.

Ben não tinha certeza se deveria se mostrar mais, como uma garota querendo transar. Em vez disso, ficou rígido, olhando para seu cacho de cabelo escuro em um velho espelho Schlitz na parede distante, enquanto via Runner ir de lado até ele, esticar uma das mãos na sua direção ao estilo conto de fadas, como se Runner fosse um ogro e Ben, algum tesouro medonho. Continuou se aproximando, tropeçando no pé de Ben, e então fizeram contato visual, e Runner gemeu, parecendo ainda mais nervoso:

— Aaaah! O cabelo não está vermelho.

— Você se lembra do seu filho, certo, este é seu filho, não é, Runner?

— É, meu filho! Oi, Ben. Ninguém pode me culpar por isso, o cabelo não está ruivo. Nem sabia que você conhecia Trey.

Ben deu de ombros, vendo o reflexo de Runner se afastar dele no espelho. Ficou pensando em quanto Runner devia a Trey, porque Ben se sentia uma vítima de sequestro, não que Runner fosse realmente se importar caso pudesse pagar o resgate. Também ficou pensando em quão acidental era aquela visita. Parecia ter sido coisa de momento, mas agora Ben estava achando que eles sempre terminariam ali naquela noite.

— Não saquei, Runner — continuou Trey, falando acima da música country. — Você diz que não tem nenhum dinheiro, Ben aqui diz que você não tem nenhum dinheiro, e ainda assim você estava com aquele enorme estoque de erva há poucas semanas.

— Mas não era erva boa — disse, virando o ombro para Trey, tirando Ben da conversa, lançando olhares para atrás dele, tentando empurrar Trey para o centro do salão, ficando cada vez mais perto dele, Trey não se movendo e finalmente dizendo:

— Longe de mim, cara.

E Runner recuou sobre os calcanhares.

— Não, não, cara, você está certo, não era coisa boa — continuou Trey. — Mas você estava cobrando como se fosse.

— Nunca cobrei nada de você, sabe disso.

— Não cobrou de mim porque me deve, seu merda. Mas sei que estava cobrando vinte pratas por uma trouxinha, então onde está a porra do dinheiro? Deu para sua mulher guardar?

— Ex! Ex-mulher — berrou Runner. E depois: — Estava tentando conseguir dinheiro *com* ela, não dar a ela. Sei que ela tem dinheiro lá, mesmo quando éramos casados ela escondia dinheiro, rolos deles, notas de cem, das vendas da colheita, e enfiava em lugares engraçados. Uma vez achei duzentos dólares no pé de uma meia-calça dela. Talvez eu devesse voltar lá.

Ele olhou para Ben, que estava escutando, mas fingia provocar Diondra, o dedo torcendo o cabelo dela, ela apenas parcialmente brincando.

— Posso conversar em particular com você sobre a situação? — perguntou Runner, apontando para um canto onde três homens do tamanho de rebocadores jogavam sinuca. O mais alto, um velho pálido de cabelo branco com tatuagem de fuzileiro, ergueu o taco e estufou o peito para eles.

— Está certo — disse Trey.

— Podem conversar na minha frente — disse Ben, tentando parecer não se importar.

— Seu filho precisa de dinheiro seu, assim como eu — retrucou Trey. — Talvez mais do que eu.

Runner se virou de uma posição encolhida sob os olhos negros de Trey e se voltou para Ben, esticando-se o máximo possível. Em algum momento desde o verão, Ben crescera. Era agora apenas um pouco maior que Runner, estava com mais ou menos um metro e sessenta e oito.

— Você deve dinheiro a Trey? Sua mãe disse que você está encrencado. Está devendo a Trey? — disparou Runner para Ben, o

hálito amarelo, de cerveja, tabaco e talvez salada de atum com mostarda. O estômago de Ben roncou.

— Não! Não! — disse, consciente de que sua voz soava nervosa, acovardada. Diondra se agitou ao lado dele. — Não devo nada a ninguém.

— Então por que deveria dar a você o dinheiro que me esfolo para conseguir, hein? — perguntou Runner, a voz amarga. — Isso é o que nunca entendi, essa ideia de doação: pensão alimentícia e o governo com suas mãos nos meus bolsos. Mal consigo me sustentar, não sei por que as pessoas acham que preciso ter três empregos extras para dar dinheiro à minha esposa, que tem uma *fazenda* própria. Uma própria *casa* na fazenda. E quatro filhos para ajudá-la nisso. Quer dizer, certamente não cresci achando que meu pai devia meu sustentar, cacete, que meu pai devia me dar dinheiro para tênis Nike, faculdade, camisas sociais e...

— Comida — completou Ben, olhando para baixo, para suas botas estragadas, sujas, com manchas de sanduíche de carne.

— O que foi? O que você me disse? — perguntou Runner, agora bem próximo dele, aquelas íris azuis girando nos globos amarelos como peixes na superfície de um lago feio.

— Nada — murmurou Ben.

— Quer dinheiro para pintar o cabelo, é isso? Quer dinheiro para o salão de beleza?

— Ele quer dinheiro para a garota dele... — começou Trey, mas Diondra estava murmurando com a boca: *não, não, não*.

— Bem, eu definitivamente não estou encarregado de comprar coisas para a sua namorada — disse Runner. — Você agora é namorada dele, Diondra? Que mundo pequeno. Mas definitivamente não é da minha conta.

Os homens na mesa de sinuca haviam parado de jogar, zombando da cena, e então o sujeito de cabelo branco foi mancando até eles e colocou a mão firme sobre o ombro de Trey.

— Algum problema, Trey? O Runner aqui vai dar conta. Dê a ele mais vinte e quatro horas, certo? Por mim. Entende?

O homem tinha uma postura firme, como se a gravidade o puxasse suas pernas para o chão, mas suas mãos eram musculosas, firmes, e pressionavam o ombro de Trey.

Runner sorriu, ergueu as sobrancelhas para Ben, indicando que ambos deviam ficar contentes.

— Não se preocupe, cara, está tudo certo — disse Runner a Ben. — Está tudo bem agora.

Trey retraiu o ombro sob a mão do cara, parecendo prestes a arrancá-la, mas depois olhou a meia-distância.

— Claro, vinte e quatro está bem, Whitey. Por você.

— Fico contente, índio — disse o homem. Piscou, fez um barulho estalado alegre com a boca, como se chamasse um cavalo, e voltou para os amigos, uma gargalhada vindo do grupo pouco antes de as bolas de sinuca estalarem.

— Seu merdinha — disse Trey a Runner. — Amanhã à noite, aqui. Ou me ajuda, Runner, ou vou machucar você.

O esgar vitorioso de Runner, aquele sorriso de Halloween, murchou, e ele anuiu duas vezes e, enquanto se virava para o bar, disse:

— Está bem, mas fique fora dos meus negócios.

— Cara, mal posso esperar para ficar fora dos seus negócios.

Enquanto se aprontavam para partir, Ben esperou que Runner lhe dissesse algo — sinto muito, vejo você, qualquer coisa. Mas Runner já estava tentando convencer o bartender a dar algo a ele por conta da casa, ou talvez na conta de Whitey, que lhe pagaria uma rodada, e ele já teria esquecido Ben. Assim como Trey e Diondra, que estavam a caminho da saída. Então Ben se levantou com as mãos nos bolsos da frente da calça, olhou-se no espelho, parecendo tão diferente, e se observou enquanto se virava para Runner.

— Ei, ahn, pai — disse, e Runner ergueu os olhos, aborrecido por ele ainda estar ali.

Era aquele sentimento de irritação que fazia Ben querer que Runner o respeitasse. Sentira um toque mínimo de camaradagem antes — aquela palavra, *camarada* — e queria aquilo de volta. Imaginou, um pensamento rápido, ele e o pai no bar, tomando cervejas juntos. Era tudo o que realmente queria do cara, só uma cerveja juntos de vez em quando.

— Só queria lhe dizer uma coisa. Talvez faça você se sentir, não sei, bem. — E Ben começou a sorrir, não conseguiu se conter.

Runner simplesmente ficou ali, olhos sonolentos, sem qualquer expressão.

— Eu, ahn, Diondra está grávida. Eu, ahn, nós, Diondra e eu, vamos ter um bebê.

E então sorriu pela primeira vez, pela primeira vez se sentindo realmente bem, dizendo aquilo em voz alta. Ser pai. Um pai, com alguém pequenino dependendo dele, achando que ele era *o cara*.

Runner inclinou a cabeça para o lado, ergueu a cerveja com descuido e disse:

— Apenas tenha certeza de que é seu. Duvido de que seja seu.

Então deu as costas a Ben.

* * *

Do lado de fora, Trey chutou a lateral da picape, berrando entre os lábios fechados.

— Vou lhe dizer que é melhor aquele bando de velhos morrer logo, porque estou farto deles protegendo seu pessoal. Podem me dizer que é questão de honra, mas não é, são só uns velhos brancos tentando se agarrar ao restinho de negócios antes de começarem a jogar merda uns nos outros e precisarem de crachás para saber quem são. Whitey escroto!

Ele apontou um dedo para Ben, neve por toda parte, caindo sobre a camisa de Ben e derretendo em seu pescoço.

— E o seu velho é um bosta se acha que estou acreditando nessa babaquice. Espero que você não seja apegado demais a ele, porque eu gostaria de dar descarga nele como se fosse merda.

— Vamos embora, Trey — disse Diondra, abrindo a porta, empurrando Ben para o banco de trás. — Meu pai vai voltar para casa semana que vem, e estarei morta de qualquer forma.

Ben sentiu vontade de se socar. A única coisa que ele não deveria contar, e a desperdiçou com Runner. Ben sentia tanta raiva que, assim que se sentou, começou a socar o banco cegamente, cuspindo enquanto dizia fodidofodidofodido, chutando o assento, batendo os nós dos dedos no teto do carro, batendo a cabeça no vidro repetidamente até sua testa sangrar de novo, Diondra gritando: *baby, baby, o que foi?*

— Eu juro por Deus, juro pela porra de Deus, Diondra. Porra!

Aniquilação.

Ele nunca poderia dizer a Diondra que tinha contado.

— Alguém devia morrer, porra — comentou Ben. Ele apoiou a cabeça nas mãos e podia sentir Trey e Diondra cochichando, Trey finalmente dizendo:

— Seu pai é um cretino da porra, cara.

Ele engrenou a ré e saiu cantando pneu, jogando Ben na janela. Diondra lançou a mão para trás e acariciou o cabelo de Ben até ele se endireitar um pouco no assento, uma pilha de nervos. O rosto de Diondra estava verde sob as luzes, e de repente ele pôde ver como ela aparentaria em vinte anos, flácida e com manchas de pele, do modo como descrevia a mãe, a pele dura e enrugada, mas com aquele brilho elétrico de cabines de bronzeamento.

— Tem uma coisa no porta-luvas — disse Trey, e Diondra abriu e começou a procurar. Tirou um cachimbo enorme cheio de folhas, o fumo caindo por toda parte, Trey dizendo *vai devagar*, e então ela acendeu, tragou e passou para Trey. Ben ergueu a mão. Estava quase nauseado agora, trêmulo de fome, tonto com as luzes da rua passando, mas não ia ficar de fora. Trey manteve longe dele.

— Não sei se você vai querer isso, amigo. É coisa minha e da Diondra. Um bagulho forte. Estou falando sério, Diondra, pode ser esta noite, preciso da força, não sinto isso há muito tempo. Talvez tenha que acontecer hoje.

Diondra continuou olhando para a frente, a neve caindo.

— Ben também pode precisar — incentivou Trey.

— Legal, vamos fazer então. Entre aqui à esquerda — disse Diondra.

E, quando Ben perguntou o que estava acontecendo, eles apenas sorriram.

LIBBY DAY

HOJE

O céu estava roxo de uma forma incomum quando saí do bar de Lidgerwood e dirigi por estradas secundárias até o local do vazadouro. Pensei no que isso dizia sobre mim, que meu próprio pai estivesse morando em um depósito de lixo tóxico e que até o momento eu nem sabia nem tinha me importado. Isca de gafanhoto. Farelo, garapa e arsênico para ajudar a acabar com a praga de gafanhotos dos anos trinta e, quando as pessoas não precisaram mais disso, simplesmente enterraram, sacos e mais sacos, ao estilo cova aberta. E então todos adoeceram.

Gostaria de ter alguém comigo. Lyle se remexendo no banco ao meu lado usando uma das suas jaquetas encolhidas. Deveria ter ligado para ele. Em minha pressa nervosa de chegar ali, eu não contara a ninguém onde estava nem usara cartão de crédito desde que enchera o tanque em Kansas City. Se algo desse errado ninguém sentiria minha falta por dias. Aqueles caras no bar teriam a única pista de onde eu estaria, e eles não pareciam bons cidadãos.

Isso é ridículo, disse em voz alta para que eu entendesse. Estremeci ao pensar no motivo pelo qual procurava Runner: um belo número de pessoas acreditava que ele matara os Day. Mas ainda não conseguia enfiar isso funcionar em minha cabeça, mesmo sem um álibi. Na verdade, eu tinha dificuldade de imaginar Runner usando um machado. Podia vê-lo agarrando uma espingarda em um surto — levantar, engatilhar, pou —, mas o machado não se encaixava. Muito trabalho para ele. Além disso, foi encontrado em casa, adormecido e ainda bêbado, na manhã seguinte. Runner teria

se embebedado após matar a família, sim. Mas não teria a disciplina de ficar quieto. Ele teria fugido, anunciando sem querer sua culpa a todos.

O depósito de lixo era isolado por uma cerca de metal barata, com buracos irregulares abertos. O mato até a cintura crescia por toda parte como capim de pradaria, e pequenas fogueiras brilhavam a distância. Dirigi seguindo o perímetro da cerca, mato e cascalho raspando embaixo do carro cada vez mais até eu parar. Fechei a porta do carro com uma batida silenciosa, meus olhos naquelas chamas distantes. Seria uma caminhada de dez minutos até o acampamento. Passei facilmente por um buraco cortado na cerca à minha direita e comecei a andar, rabos-de-raposa batendo em minhas pernas. O céu estava escurecendo rapidamente, o horizonte era apenas uma cutícula cor-de-rosa. Eu me dei conta de que estava cantarolando “Uncle John’s Band” sem um bom motivo para isso.

Árvores retorcidas se erguiam a distância, mas nas primeiras centenas de metros era apenas mato à altura da cintura. Mais uma vez me lembrei da minha infância, da sensação segura de todo aquele mato raspando em suas orelhas, seus pulsos e da parte interna das suas pernas, como se as plantas estivessem tentando acalmá-lo. Dei alguns passos relaxados e enfiei a ponta da minha bota nas costelas de uma mulher, de fato sentindo os ossos se afastarem enquanto a ponta de couro deslizava entre eles. Estava encolhida no chão em uma poça de urina, os braços enroscados em uma garrafa de bebida sem rótulo. Ela se sentou, grogue, a lateral do rosto e o cabelo coberto de lama. Sibilou para mim com um rosto sem vigor e belos dentes:

— Sai de mim, sai de mim!

— Que porra é essa? — gritei de volta, recuando alguns passos, os braços erguidos como se preocupada em não tocá-la. Avancei rapidamente, tentando fingir que nada tinha acontecido, esperando que a mulher desmaiasse de novo, mas ela continuou gritando para

mim entre goles na garrafa: *Saidemimsaidemimsaidemim*, os gritos se transformando em canção, transformando-se em choro.

Os berros da mulher despertaram o interesse de três homens, cujos rostos surgiram de trás das árvores retorcidas para onde eu estava caminhando. Dois deles olharam feio para mim, agressivos, e o mais novo, um homem magérrimo que devia ter quarenta e poucos anos, disparou, correndo na minha direção a todo vapor, segurando um pau que acendera na fogueira. Recuei dois passos e fiquei parada.

— Quem é? Quem é? — gritou ele.

A chama fina da tocha improvisada enfraqueceu com uma rajada de vento e apagou enquanto ele se aproximava de mim. O homem trotou durante o trecho final e então parou na minha frente, olhando desanimado para a brasa e a fumaça, sua coragem transformada em depressão com a perda do fogo.

— O que você quer? Não devia estar aqui, você precisa ter permissão para estar aqui, isso não está certo — disse o homem, com os olhos arregalados, imundo, mas com o cabelo de um amarelo brilhante, como um boné, como se fosse a única coisa de que cuidasse. — Isso não está certo — repetiu, mais para as árvores do que para mim. Desejei ter trazido meu Colt e imaginei quando deixaria de ser uma maldita idiota.

— Estou tentando encontrar um cara chamado Runner Day.

Não sabia se meu pai se preocupou em inventar um pseudônimo, mas imaginei que, mesmo que esse fosse o caso, teria esquecido na terceira ou na oitava cerveja. E eu estava certa.

— Runner? O que quer com Runner? Ele roubou alguma coisa de você? O que pegou? Ele tomou meu relógio e não quer devolver — disse o homem, murchando como uma criança, brincando com um botão solto na parte inferior da camisa.

Fora da trilha, a uns doze metros, vi um movimento. Era um casal transando, pernas, cabelos e rostos emaranhados com raiva ou desgosto. A calça jeans estava arriada na altura dos calcanhares, a

bunda rosada do homem mexendo-se como uma britadeira. O homem de cabelo amarelo olhou para eles, deu um risinho e disse algo baixo, como *diversão*.

— Não estou aborrecida com ele, com Runner — acrescentei, desviando sua atenção do casal. — Sou parente dele.

— Runneeeerrr! — gritou o homem de repente por sobre o outro ombro. Depois olhou novamente para mim. — Runner mora naquela casa mais distante, na beira do acampamento. Tem alguma comida?

Comecei a andar sem responder, o casal atingindo o clímax ruidosamente atrás de mim. As fogueiras ficaram mais brilhantes e próximas quando cheguei à rua principal: um terreno gasto, salpicado de barracas que murchavam como guarda-chuvas arruinados por uma tempestade. Uma grande fogueira brilhava no centro do acampamento, uma mulher com bochechas fundas e olhar distante cuidava das chamas, ignorando as latas de feijão e sopa que enegreciam com o calor, o conteúdo fervendo. Um casal mais jovem com braços cobertos de cascas de feridas a observava de dentro de sua barraca. A mulher usava um chapéu de inverno infantil cobrindo metade da cabeça, o rosto claro aparecendo, de uma feiura desbotada. Depois deles, dois homens velhos com dentes-de-leão trançados no cabelo crespo estavam sentados, comendo avidamente a comida de uma lata com os dedos, o molho denso lançando vapor no ar.

— Vamos, Beverly! — disse o homem com cascas de feridas para a mulher que cuidava do fogo. — Acho que já está pronto, cacete.

Enquanto eu entrava no acampamento, todos ficaram quietos. Tinham ouvido o nome de Runner ser gritado. Um velho apontou um dedo sujo para o oeste — *é para lá* —, e então me afastei do calor das fogueiras e caminhei para os arbustos frescos. As colinas estavam subindo mais, como ondas de oceano encorpadas, apenas um metro e vinte ou um metro e meio de altura, fila após fila, e umas nove colinas depois pude ver: um brilho constante, como um alvorecer.

Subindo e descendo, flutuando, cheguei ao alto da colina e descobri a fonte de luz. A casa de Runner, na verdade, era uma cisterna de mistura, que parecia uma piscina elevada. Saía luz dela e, por um segundo, temi radioatividade. Será que arsênico de gafanhoto brilhava?

Quando comecei a ir na direção do tanque, pude ouvir os ecos amplificados dos movimentos de Runner, como um besouro andando por um tambor de lata. Sussurrava para si mesmo em uma voz crítica de professor primário — *bem, acho que você deveria ter pensado nisso antes, Sr. Espertinho* —, e o tanque transmitia o barulho para o céu, que estava com a cor violeta de um vestido de luto. *É, acho que você realmente conseguiu desta vez, Runnerman*, dizia ele. O tanque tinha uns três metros de altura, com uma escada em um dos lados, e comecei a subir, chamando o nome do meu pai.

— Runner, é Libby, sua filha — berrei, a ferrugem da escada dando coceira em minhas mãos.

Sons de gargarejo vinham lá de dentro. Subi mais alguns degraus e olhei dentro do tanque. Runner estava curvado, vomitando no piso do tanque, e de repente expeliu uma massa meio redonda e roxa, como um atleta cuspiria tabaco. Então deitou-se em uma toalha de praia suja, ajeitando de lado o boné em sua cabeça, anuindo como se algum trabalho, em algum lugar, tivesse sido bem-feito. Meia dúzia de lanternas brilhava ao redor dele como velas, iluminando seu rosto sulcado e bronzeado e uma pilha de lixo: fornos sem puxador, uma panela de estanho, uma pilha de relógios e correntes de ouro e um frigobar que não tinha sido ligado a nada. Estava deitado de costas com a pose relaxada de alguém tomando sol, uma perna cruzada sobre a outra, uma cerveja nos lábios, uma embalagem murcha de doze latas ao seu lado. Berrei seu nome novamente, e ele focalizou os olhos, virou o nariz para mim ao me ver, como um cachorro maldoso. Era um dos meus gestos.

— Cêqueroquê? — disparou Runner, os dedos apertando a lata de cerveja. — Eu disse a todo mundo, nada de negócios hoje.

— Runner, é Libby. Libby, sua filha.

Ele então se apoiou nos cotovelos, virou o boné para trás. Depois passou a mão sobre o bordado de saliva seca no queixo. Tirou parte dele.

— Libby? — disse, dando um sorriso. — A pequena, pequena Libbyyy! Venha, desça, querida! Venha dizer olá para o seu velho.

Ele se esforçou para se erguer e ficou de pé no centro do tanque, a voz soando grave e melodiosa ao ecoar pelas paredes, as lanternas dando a ele um brilho louco de fogueira. Hesitei na escada, que se curvava sobre o alto do tanque e terminava.

— Entre, Libby, esta é a nova casa do seu velho! — disse, estendendo os braços para mim. A queda no tanque não era perigosa, mas também não era moleza. — Vamos! Meu Deus, você viaja isso tudo para me ver e agora fica com medinho — rosnou Runner.

Com isso, passei as pernas pela beirada e me sentei na borda como uma nadadora nervosa. Depois de outro *Ah, Meu Deus!* de Runner, comecei a entrar devagar. Ele sempre foi rápido em chamar os filhos de bebês chorões, covardes. Eu realmente só conhecera o cara durante um verão, mas havia sido um verão infernal. Seus deboches sempre funcionaram comigo: eu acabava balançando num galho de árvore, pulando do depósito de feno, me jogando no riacho apesar de não saber nadar. E nunca me sentindo triunfante depois, apenas puta da vida. Naquele momento, eu estava entrando em um tanque enferrujado e, enquanto meus braços começavam a tremer e minhas pernas a fraquejar, Runner veio e me agarrou pela cintura, me tirando da parede e começando a rodopiar enquanto me segurava. Minhas pernas curtas giravam ao redor de mim, como se eu tivesse sete anos novamente, e comecei a lutar para colocá-las no chão, o que só fez Runner me apertar com mais força, os braços deslizando sob meus seios, me fazendo como uma boneca de pano.

— Pare, Runner, me coloque no chão, pare com isso.

Nós derrubamos duas lanternas, que saíram rolando, os fachos refletindo em toda parte. Como as lanternas que me assombraram naquela noite.

— Peça arrego — falou Runner, rindo.

— Me coloque no chão.

Ele me girou com mais força. Meus seios estavam sendo esmagados no pescoço, minhas axilas doendo com a força do aperto de Runner.

— Peça arrego.

— Arrego! — berrei, meus olhos cerrados de fúria.

Runner me soltou. Como se eu fosse lançada de um balanço, de repente estava avançando para a frente no ar, sem peso. Caí de pé e dei três grandes passos até bater na lateral do tanque. Um grande trovão metálico soou. Esfreguei o ombro.

— Cara, meus filhos sempre foram bebezões! — disse Runner arfando, com as mãos nos joelhos. Ele se inclinou para trás e estalou o pescoço audivelmente. — Me passe uma dessas cervejas, querida.

Esse é o Runner que nós conhecemos: alternando picos de loucura com momentos de tranquilidade, esperando que você fingisse que qualquer idiotice que ele tenha acabado de fazer nunca aconteceu. Fiquei de braços cruzados, sem me mover na direção da cerveja.

— Que saco, Debby, ahn, Libby, você virou feminista agora? Ajude seu velho.

— Sabe por que estou aqui, Runner? — perguntei.

— Não.

Ele andou, pegou por conta própria uma cerveja e me lançou um olhar com a sobrancelha erguida que fez toda a sua testa se esconder sob rugas. Imaginara que ele ficaria mais chocado ao me ver, mas havia muito Runner transformara em picles a parte do cérebro responsável pela surpresa. Seus dias eram tão frouxos e

sem sentido, qualquer coisa podia acontecer neles, então por que não uma visita de uma filha após meia década?

— Quanto tempo desde que a vi, garotinha? Recebeu aquele cinzeiro de flamingo que mandei?

O cinzeiro de flamingo que recebi mais de duas décadas antes, quando tinha dez anos e não fumava.

— Lembra-se da carta que me escreveu, Runner? Sobre Ben? Sobre como você sabia que não havia sido ele quem... fez aquilo?

— Ben? Por que iria escrever para aquele babaca? Ele é ruim. Você sabe, não fui eu quem o criou, foi a mãe dele. Ele nasceu esquisito e continuou esquisito. Se fosse um animal, seria o pior da ninhada, e teríamos o sacrificado.

— Lembra-se da carta que escreveu para *mim*, há poucos dias? Você disse que estava morrendo e queria contar a verdade sobre o que aconteceu naquela noite.

— Algumas vezes penso se ele era meu, se realmente era meu filho. Sempre me senti meio um idiota criando ele. Como se as pessoas estivessem rindo disso quando eu não estava por perto. Porque não havia nada nele que parecesse comigo. Era cem por cento filho da sua mãe. Filhinho da mamãe.

— Na carta, lembre-se da carta, Runner, há poucos dias, você disse que sabia que não fora Ben quem fizera aquilo. Você sabe pelo menos que Peggy está voltando atrás em seu álibi? Sua antiga namorada, Peggy?

Runner deu um grande gole na cerveja e fez uma careta. Enfiou um polegar no bolso da calça jeans e deu uma risada furiosa.

— É, escrevi uma carta para você. Tinha esquecido. É, estou morrendo, tenho escoli... O que é aquilo quando o fígado fica ruim?

— Cirrose?

— É, estou com isso. E ainda há alguma coisa errada com meus pulmões. Dizem que estarei morto em um ano. Sabia que devia ter casado com alguém com plano de saúde. Peggy tinha, estava sempre indo limpar os dentes, pegar *receitas*.

Ele disse isso como se ela jantasse caviar: *receitas*.

— Você deve ter plano de saúde sempre, Libby. É muito importante. Você não é merda nenhuma sem isso — disse, observando as costas da mão, depois piscando. — Então eu lhe escrevi uma carta. Algumas coisas precisam ser esquecidas. Muita merda rolou naquele dia dos assassinatos, Libby. Pensei muito nisso, o que me torturou. Foi um maldito dia. Tipo um dia amaldiçoado. Um Day amaldiçoado — acrescentou, apontando para o próprio peito. — Mas, cara, houve muitos dedos acusadores, então eles colocariam qualquer um na cadeia. Não consegui me apresentar como gostaria de ter feito. Simplesmente não teria sido inteligente.

Disse isso como se fosse uma simples decisão empresarial, depois deu um arroto abafado. Imaginei agarrar a panela de zinco e esmagá-la na cara dele.

— Bem, você pode falar agora. O que aconteceu, Runner? Conte o que aconteceu. Ben está na cadeia há décadas, então, se você sabe de algo, diga agora.

— Para quê? Para ir para a cadeia? — reagiu, dando um rosnado de indignação e se sentando na toalha de praia, assoando o nariz numa ponta. — Não é como se seu irmão fosse um bebê na floresta. Seu irmão estava metido em feitiçaria, merdas de diabo. Se você anda com o diabo, mais cedo ou mais tarde terá que foder... Devia ter sabido quando o vi com Trey Teepano, aquele maldito... Maldito.

Trey Teepano, o nome que continuava a surgir, mas não levava a nada.

— O que Trey Teepano fazia?

Runner deu um sorriso, um dente quebrado sobre o lábio inferior.

— Cara, as pessoas não sabem merda nenhuma sobre o que aconteceu naquela noite. É hilário.

— Não é hilário. Minha mãe está morta, meu irmão está na cadeia. Seus filhos estão mortos, Runner.

Ele inclinou a cabeça ao ouvir isso, olhou para uma lua tão curva quanto uma chave inglesa.

— Você não está morta — disse ele.

— Michelle e Debby estão mortas. Patty está.

— Mas por que você não está? Nunca se pergunta isso? — disse, cuspindo sangue. — Parece esquisito.

— O que Trey Teepano tem a ver com isso? — repeti.

— Eu recebo alguma recompensa se falar?

— Tenho certeza de que sim.

— Não sou inocente, não totalmente, mas seu irmão também não, nem Trey.

— O que você fez, Runner?

— Quem acabou ficando com todo o dinheiro? Não fui eu.

— Que dinheiro? Não tínhamos dinheiro.

— Sua mãe tinha. A piranha da sua mãe tinha dinheiro, acredite em mim.

Ele agora estava se levantando, olhando para mim com raiva, suas pupilas dilatadas eclipsando as íris, fazendo seus olhos azuis parecerem explosões solares. Inclinou a cabeça novamente, nervoso como uma besta, e começou a andar na minha direção. Estendeu as palmas das mãos para fora, como se para mostrar que não ia me machucar, o que me fez sentir justamente o contrário.

— Para onde foi todo aquele dinheiro, Libby, do seguro de vida de Patty? É outro mistério para você pensar. Porque certamente eu não fiquei com ele.

— Ninguém recebeu dinheiro, Runner, foi tudo para a defesa de Ben.

Runner estava em pé acima de mim, tentando me assustar como fazia quando eu era pequena. Era um homem baixo, mas ainda assim tinha uns bons quinze centímetros a mais que eu e respirava pesado sobre mim, hálito quente, de cerveja barata.

— O que aconteceu, Runner?

— Sua mãe sempre guardando o dinheiro para ela mesma, nunca me ajudando. Dediquei anos àquela fazenda e nunca vi um centavo. Bem, as coisas têm consequências. E sua maldita mãe atraiu aquilo para ela. Se tivesse me dado aquele dinheiro...

— Você foi pedir dinheiro a ela naquele dia?

— Durante a vida inteira devi dinheiro às pessoas. Minha vida inteira, nunca consegui ir em frente, estava sempre devendo. Você tem algum dinheiro, Libby? Claro que tem, droga, você escreveu aquele livro, não foi? Então também não é realmente inocente. Me dê algum dinheiro, Libby. Dê alguma grana ao seu velho. Eu compro um fígado para mim no mercado negro, então testemunharei o que você quiser. Qualquer coisa que o bebê quiser — disse, enfiando dois dedos no meio do meu peito, e comecei lentamente a tentar recuar.

— Se você participou de alguma forma daquela noite, Runner, vão descobrir isso.

— Bem, nada foi descoberto na época, por que deveria ser descoberto agora? Acha que a polícia, os advogados, todos os envolvidos naquele caso, todos que ficaram famosos com o caso — disse, apontando para mim, o lábio inferior projetado. — Acha que vão simplesmente dizer opa, erro nosso, pode ir, menino Benny, vá em frente e aproveite a vida? Não. O que quer tenha acontecido, ele está lá pelo resto da vida.

— Não se você disser a verdade.

— Você é igual à sua mãe, sabe, tão... escrota. Sempre do contra, sempre fazendo as coisas do jeito difícil. Se ela tivesse me ajudado uma única vez, em todos aqueles anos, mas era uma vaca. Não estou dizendo que merecia morrer — disse, rindo, mordendo a cutícula —, mas, cara, era uma mulher difícil. E criou um maldito molestador de crianças. Doentio. Nunca, jamais aquele garoto foi homem. Ah, e diga a Peggy que ela pode chupar meu pau.

Diante dessa declaração, me virei para ir embora, mas me dei conta de que não conseguiria subir sem a ajuda de Runner. Eu o

encarei outra vez.

— O bebezinho Ben, realmente acha que ele matou sozinho? Ben?

— Então quem estava lá, Runner? O que está tentando dizer?

— Estou falando que Trey precisava de dinheiro, era um agiota que precisava ser pago.

— Por você?

— Não quero atacar ninguém agora, mas ele era um agiota. E naquela noite estava com Ben. Como você acha que ele entrou naquela merda de casa?

— Se isso é o que você acha que aconteceu, se acha que Trey Teepano matou nossa família, precisa testemunhar sobre isso — interrompi. — Se for verdade.

— Uau, você não sabe de nada — disse, agarrando-me pelo braço. — Você espera tudo, quer tudo de graça, um grande presente, eu arriscar meu pescoço por... Eu lhe disse para trazer dinheiro. Eu lhe disse.

Escapei do aperto dele, agarrei o frigobar e comecei a levá-lo para debaixo da escada, a coisa chacoalhando o suficiente para abafar Runner. Subi nele, e meus dedos ainda ficaram a vários centímetros do alto do tanque.

— Me dê cinquenta pratas e subo você — disse Runner, avaliando-me preguiçosamente.

Eu me estiquei para agarrar a beirada, na ponta dos pés, fazendo força, e então pude sentir o frigobar tombando abaixo de mim, e caí rapidamente no chão, batendo o queixo, mordendo a lateral da língua, meus olhos se enchendo de lágrimas com a dor. Runner riu.

— Meu Deus, que bagunça — disse, olhando para mim no chão. — Está com medo de mim, garotinha?

Fui para trás do frigobar, com os olhos fixos nele enquanto procurava coisas para empilhar e escalar.

— Não mato garotas. Não mataria garotinhas — disse ele, do nada. E então seus olhos brilharam. — Ei, eles conseguiram

encontrar Dierdre?

Eu conhecia o nome, sabia o que ele estava tentando dizer.

— Diondra?

— É, Di-*on*-dra!

— O que você sabe sobre Diondra?

— Sempre me perguntei se eles a mataram naquela noite, ninguém mais a viu depois daquilo.

— A namorada de Ben — provoquei.

— É, isso, acho. Na última vez em que a vi, ela estava com Ben e Trey, e eu meio que espero que ela tenha fugido. Às vezes gosto da ideia de ser avô.

— Do que você está falando?

— Ben a engravidou. Ou foi o que ele disse. Falou como se fosse grande coisa, como se fosse difícil fazer. Então a vi naquela noite e depois ela nunca mais apareceu. Fiquei preocupado que estivesse morta. Não é o que eles fazem, os adoradores do diabo, matar grávidas e seus bebês? Ela certamente desapareceu.

— E você não disse nada à polícia?

— Bom, e isso era da minha conta?

PATTY DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
21H12

A casa ficou silenciosa por alguns segundos depois que Runner saiu correndo, procurando mais alguém para ameaçar e conseguir dinheiro. Peggy Bannion, ela era a namorada dele agora, pelo que Patty ouvira — por que ele não ia atormentá-la? Provavelmente já tinha feito isso.

Um, dois, três segundos. Então as garotas se transformaram em uma confusão de perguntas e preocupações e mãozinhas em toda parte sobre ela, como se tentassem se esquentar em uma fogueira realmente fraca. Desta vez Runner foi assustador. Ele sempre teve algo ameaçador, sempre ficava temperamental quando não conseguia as coisas do seu jeito, mas isso foi o mais perto que chegou de atacá-la. Quando eram casados, às vezes eles brigavam, tapinhas na cabeça, concebidos mais para enfurecer, lembrar a você do seu desamparo, do que realmente para machucar. *Por que não há comida na geladeira?* Paf. *Por que este lugar está tão imundo?* Paf. *Onde vai parar todo o seu dinheiro, Patty?* Paf, paf, paf. *Está me escutando, garota? Que porra você faz com todo o dinheiro?* O homem era obcecado por dinheiro. Mesmo em um raro momento paternal, de má vontade brincando de Banco Imobiliário com as crianças, ele passava a maior parte do tempo roubando dinheiro do banco, enfiando no colo as notas laranja e roxas brilhantes. *Está me chamando de ladrão?* Paf. *Está dizendo que seu pai é um ladrão, Ben?* Paf, paf, paf. *Acha que é mais esperto que eu?* Paf.

Agora, quase uma hora após Runner ter ido embora, as garotas ainda estavam aninhadas nela, perto dela, atrás dela, por todo o sofá perguntando o que havia de errado, o que havia de errado com Ben, por que papai estava tão furioso. Por que ela deixara papai furioso? Libby se sentou o mais longe possível da mãe, toda enrolada, chupando um dedo, o cérebro preocupado ligado na visita à casa dos Cates, o policial. Parecia febril e, quando Patty esticou a mão para tocar sua face, ela se encolheu.

— Está tudo bem, Libby.

— Não está, não — disse, olhos firmes fixos em Patty. — Eu quero Ben de volta.

— Ele vai voltar — disse Patty.

— Como você saaaaabe? — gemeu Libby.

Debby aproveitou isso.

— Sabe onde ele está? Por que não conseguimos encontrá-lo? Ele está em apuros por causa do cabelo?

— Eu sei por que ele está em apuros — disse Michelle, com sua voz mais provocante. — Por causa de sexo.

Patty se virou para ela, furiosa com aquele tom afetado, futriqueiro. Um tom de salão de beleza, de sussurro em supermercado. As pessoas estavam usando aquele tom para falar de sua família por toda Kinnakee naquele exato momento. Ela agarrou Michelle pelo braço, com mais força do que pretendia.

— O que você quer dizer, Michelle, o que você acha que sabe?

— Nada, mãe, nada — apressou-se Michelle. — Só estava falando. Não sei.

Ela começou a gaguejar, como fazia quando se metia em apuros e sabia que estava errada.

— Ben é seu irmão, e você não vai falar mal do seu irmão. Não dentro de casa e definitivamente não fora dela. Isso significa igreja, escola, seja onde for.

— Mas mãe... — começou Michelle, ainda chorando. — Eu não gosto de Ben.

— Não diga isso.

— Ele é mau, faz coisas ruins, todo mundo na escola sabe...

— Sabe o quê, Michelle? — perguntou, sentindo a testa começar a queimar, desejando que Diane estivesse lá. — Não entendo o que você está dizendo. Está dizendo que Ben fez algo... ruim... com você?

Ela prometera a si mesma que nunca faria essa pergunta, que era uma traição a Ben sequer pensar nisso. Quando Ben era menor, sete ou oito anos, começou a se enfiar em sua cama à noite, e ela acordava com ele passando os dedos pelos seus cabelos, agarrando um seio. Momentos inocentes, mas perturbadores, nos quais ela acordava se sentindo sensual, excitada, e então pulava da cama, apertando roupões e camisolas sobre o corpo como uma solteirona horrorizada. *Não, não, não, não toque mamãe assim*. Mas nunca havia suspeitado — até aquele momento — que Ben poderia ter feito algo às irmãs. Então deixou a pergunta pairar, enquanto Michelle ficava cada vez mais agitada, erguendo e baixando os grandes óculos no nariz pontudo, chorando.

— Michelle, desculpe ter gritado com você. Ben está com problemas. Mas ele lhe fez algo que eu deva saber?

Seus nervos estavam abalados: tinha momentos de puro pânico, seguidos por instantes de completa indiferença. Podia sentir o medo crescendo agora, aquela propulsão, como se estivesse decolando em um avião.

— Fez o quê a mim?

— Ele a tocou de alguma forma estranha? Uma forma que não seja de irmão?

Um instante planando, como se os motores estivessem desligando.

— Ele só encosta em mim quando está me empurrando ou puxando meu cabelo — falou Michelle, a ladainha de sempre.

Alívio, ah, alívio.

— E o que as pessoas falam dele na escola?

— Ele é esquisito, é constrangedor. Ninguém gosta dele. Quero dizer, é só olhar no quarto dele, mãe. Ele tem todo tipo de coisa esquisita.

Ela estava prestes a mandar Michelle não entrar no quarto de Ben sem a permissão dele, e quis se estapear. Pensou no que o detetive Collins dissera, os órgãos de animais, em potes de plástico. Ela os imaginou. Alguns ressecados em bolas duras apertadas, outros frescos e a atacando ao abrir o pote, deixando o cheiro a atingir.

Patty se levantou.

— O que há no quarto dele?

Ela começou a seguir pelo corredor, o maldito fio telefônico de Ben se prendendo nela, como sempre. Passou pela porta com cadeado, virou à esquerda, passou pelo quarto das garotas e entrou no dela. Meias, sapatos e jeans jogados por todo lado, os restos de cada dia abandonados em pilhas.

Abriu a gaveta da mesa de cabeceira e encontrou um envelope com Em Caso de Emergência rabiscado na frente com a caligrafia alongada de Diane, que parecia a da mãe delas. Dentro havia quinhentos e vinte dólares em dinheiro. Não tinha ideia de quando Diane se esgueirara para o quarto dela, e ficou contente por não saber, porque Runner teria sentido o que escondia. Levou o dinheiro ao nariz e cheirou. Depois enfiou o envelope de volta e tirou um alicate de cortar cadeado que havia comprado algumas semanas antes, só para ter à mão, apenas caso um dia precisasse entrar no esconderijo de Ben. Ela sentiu vergonha. Começou a voltar pelo corredor, o quarto das garotas parecendo uma pensão, camas encostadas às paredes, menos à da porta. Podia imaginar a polícia torcendo o nariz — *todas elas dormem aqui?* —, e então o cheiro de urina a atingiu, e ela se deu conta de que uma das filhas devia ter molhado a cama na noite anterior. Ou antes disso?

Pensou em trocar os lençóis naquele momento, mas depois se obrigou a ir diretamente para o quarto de Ben, tendo no nível dos

olhos um velho adesivo da guitarra Fender que ele arrancou em parte. Teve um rápido momento de náusea quando quase decidiu que não podia olhar. E se encontrasse fotos incriminadoras, polaroides doentias?

Clap. O cadeado caiu no carpete. Ela gritou com as meninas, que espiavam da sala de estar como cervos assustados, mandou que fossem assistir à TV. Teve que dizer isso três vezes — *vãoverTVvãoverTVvãoverTV* — antes que Michelle finalmente saísse.

A cama de Ben estava desfeita, revirada sob uma pilha de jaquetas, calças jeans e casacos, mas o resto do quarto não era uma pocilga. A mesa tinha pilhas de cadernos e fitas cassete, além de um globo ultrapassado que tinha sido de Diane. Patty o girou, o dedo deixando uma marca na poeira perto da Rodésia, depois começou a folhear os cadernos. Estavam cobertos com logotipos de bandas: AC/DC com o raio, Venom, Iron Maiden. No papel do caderno, Ben desenhara pentagramas e poemas sobre assassinato e Satanás.

A criança é minha
Mas na verdade não
Pois Satanás tem um plano soturno
Matar o bebê e a mãe
Depois procurar mais
E matar mais um

Ela sentiu uma onda de náusea, como se uma veia indo do pescoço à pelve tivesse azedado. Folheou mais cadernos e, enquanto sacudia o último, ele se abriu naturalmente no meio. Ao longo de páginas seguidas, Ben desenhara com a esferográfica vaginas penetradas por mãos, úteros com criaturas dentro, sorrindo

demoniacamente, mulheres grávidas cortadas em duas, seus bebês saindo pela metade.

Patty se sentou na cadeira de Ben, tonta, mas continuou folheando até chegar a uma página com vários nomes de garotas: Heather, Amanda, Brianne, Danielle, Nicole e então, em uma cursiva gótica progressivamente embelezada: Krissi, Chrissy, Krissi, Krissie, Krissi, Krissi Day, Krissi Day, Krissi Dee Day Krissi D. Day, Krissi D-Day!

Krissi Day dentro de um coração.

Patty pousou a cabeça no tampo frio da mesa. Krissi Day. Como se ele fosse se casar com a pequena Krissi Cates. Ben e Krissi Day. Era o que ele pensava. Isso faria com que parecesse certo o que fizera a ela? Ele se via levando aquela garotinha em casa para jantar, deixando a mãe conhecer a namorada dele? E Heather. Era o nome da garota Hinkel que estava na casa dos Cates. O resto daqueles nomes era de mais garotas que ele machucara?

A cabeça de Patty estava pesada, ela não queria se mover. Apenas ficaria com a cabeça ali, na mesa, até alguém lhe dizer o que fazer. Era boa nisso, às vezes ficava horas sentada sem se levantar de uma cadeira, a cabeça balançando como se fosse uma interna de casa de saúde, pensando em sua infância, quando seus pais tinham a lista de tarefas, diziam-lhe quando ir para cama e quando levantar e o que fazer durante o dia, e ninguém nunca pedia que ela decidisse coisas. Mas, enquanto olhava para os lençóis amarrotados na cama de Ben, com a estampa de avião e lembrando dele pedindo lençóis novos — lençóis *lisos* — há cerca de um ano, percebeu uma sacola plástica grande saindo de baixo da cama.

Ficou de quatro, tirou uma velha sacola plástica de compras. Era pesada, balançou como um pêndulo. Espiou e viu apenas roupas, e então percebeu que via estampas de menina: flores e corações, cogumelos e arco-íris. Ela as virou em uma pilha no chão, com medo de que aquelas polaroides que temia caíssem junto. Mas eram apenas roupas: roupa de baixo, camisetas, calçolas. Eram de

diferentes tamanhos, da idade de Krissi para baixo. Eram usadas. No sentido de que haviam sido usadas por garotinhas. Assim como o detetive tinha dito. Patty as recolocou na sacola.

Seu filho. Seu filho. Ele iria para a cadeia. A fazenda estaria perdida, Ben estaria na cadeia, e as meninas... Ela se deu conta, como fazia com demasiada frequência, que não sabia exatamente como agir. Ben precisaria de um advogado, e ela não sabia como fazer isso.

Foi à sala, pensando em um julgamento e em como não poderia suportar a situação. Mandou as crianças de volta para o quarto em uma voz raivosa, elas olhando com bocas abertas, feridas e assustadas, e pensou em como tornara as coisas ainda piores para Ben, uma mãe solteira que era incompetente, confusa, no quão pior isso o fez se tornar, e colocou gravetos e jornais da lareira, alguns pedaços de madeira em cima, e tacou fogo nas roupas. Um par de calcinhas com margaridas estava começando a queimar na cintura quando o telefone tocou.

* * *

Era Len, o Agiota. Ela começou a se desculpar, explicar que havia coisa demais acontecendo para conversar sobre o despejo. Havia um problema com o filho...

— Por isso telefonei — interrompeu. — Ouvi falar sobre Ben. Não ia telefonar. Antes. Mas... Acho que posso ajudar. Não sei se você vai querer. Mas tenho uma opção.

— Uma opção para Ben?

— Uma forma de ajudar Ben. Com custos legais. Com o que você está enfrentando, irá precisar de um bocado.

— Achei que não tínhamos mais opções — disse Patty.

— Não totalmente.

* * *

Len não iria à fazenda, não iria encontrá-la na cidade. Ele ficou cheio de segredos, insistindo para que ela fosse de carro à área de piquenique e parque da Estrada Rural 5. Eles barganharam e discutiram, Len finalmente dando uma grande bufada ao telefone que fez os lábios dela retorcerem.

— Se você quer alguma ajuda, venha aqui, agora. Não traga mais ninguém. Não conte a ninguém. Estou fazendo isto porque acho que posso confiar em você, Patty, e gosto de você. Realmente quero ajudá-la.

Houve uma pausa, tão profunda que Patty olhou para o telefone e sussurrou *Len?*, achando que ele havia desligado, e que ela devia desligar.

— Patty, realmente não sei como ajudá-la a não ser assim. Acho, bem, você verá. Estou rezando por você.

Ela voltou à lareira, revirou as chamas, viu que apenas metade das roupas havia queimado. Não restava madeira, então correu à garagem, agarrou o velho machado do pai com a lâmina pesada e afiada como navalha — de quando faziam ferramentas boas — e cortou um fardo de madeira, levando o machado de volta para dentro.

Estava alimentando o fogo quando sentiu a presença oscilante de Michelle ao seu lado.

— Mãe!

— O que é, Michelle?

Ergueu os olhos e Michelle estava de camisola apontando para o fogo.

— Você estava quase jogando o machado junto com a madeira — disse Michelle, sorrindo. — Desmiolada.

Lá estava o machado sobre os braços de Patty, como se fosse um graveto. Michelle o pegou, segurando a lâmina longe, como havia sido ensinada, e o colocou ao lado da porta.

Patty viu Michelle caminhar hesitante de volta ao quarto, como se estivesse andando pelo mato, e seguiu os passos da filha. As

meninas estavam todas no chão, murmurando para suas bonecas. Havia aquela brincadeira que as pessoas faziam. Que gostavam mais dos filhos quando estavam dormindo, rá-rá, e Patty sentiu uma pequena pontada. Ela realmente gostava mais deles quando estavam dormindo, não fazendo perguntas, não precisando de comida ou diversão, e em segundo lugar gostava mais quando estavam daquele jeito: cansadas, calmas, sem interesse na mãe. Deixou Michelle no comando e saiu dali, exausta demais para fazer qualquer coisa que não fosse cumprir as ordens de Len, o Agiota.

Não espere demais, disse a si mesma. Não tenha esperança.

Era uma viagem de meia hora em meio à neve brilhante, os flocos se transformando em estrelas sob a luz dos faróis. Era uma “neve boa”, como diria a mãe de Patty, que adorava o inverno, e Patty pensou em como as meninas brincariam nela o dia seguinte inteiro, e então pensou: Iriam? O que vai acontecer amanhã? Onde Ben estará?

Onde Ben está?

Entrou na área de piquenique abandonada, um abrigo em estrutura de metal com uma laje de concreto construída nos anos setenta, com mesas comunitárias e um teto anguloso como uma tentativa fracassada de origami. Havia dois balanços sob dez centímetros de neve, seus velhos assentos de borracha preta não balançando, como Patty achou que estariam. Havia uma brisa, por que estavam tão imóveis?

O carro de Len não estava lá. Na verdade, nenhum carro estava lá, e ela começou a brincar com o zíper do casaco, passando a unha sobre cada dente metálico, fazendo um ruído estalado. O que podia acontecer: ela iria ao banco de piquenique e descobriria que Len deixara para ela um envelope com um bolo de dinheiro, um gesto cavalheiresco que ela iria retribuir. Ou talvez Len tivesse reunido um grupo de pessoas com pena dela, e estavam prestes a chegar e cobri-la de esmolas, Patty se dando conta de que afinal todos a amavam.

Houve uma batida na janela, nós de dedos rosados e um tronco grosso masculino. Não era Len. Ela baixou um pouco a janela e olhou para fora, pronta para que ele a mandasse circular, senhora. Era aquele tipo de batida.

— Venha — disse ele em vez disso. Não se inclinou, então ela não pôde ver seu rosto. — Venha, vamos conversar nos bancos.

Patty desligou o carro e saltou, o homem já caminhando à frente, sob um grosso casaco de fazenda e com um chapéu Stetson. Ela usava um gorro de lã que nunca coubera direito, suas orelhas sempre para fora, então já as esfregava quando alcançou o homem.

Ele parecia simpático, foi o que pensou. Ela precisava que ele fosse simpático. Tinha olhos escuros e um bigode grosso, as pontas se projetando do queixo. Provavelmente uns quarenta anos, parecia ser dali. Parecia simpático, pensou novamente. Eles se acomodaram nos bancos de piquenique, fingindo que não estavam cobertos de neve. Seria um advogado? Um advogado que Len convencera a representar Ben. Mas então por que estariam se encontrando...

— Ouvi dizer que está com problemas — disse ele em uma voz grave que combinava com os olhos. Patty apenas assentiu. — Prestes a perder a fazenda, e seu garoto prestes a ser preso.

— A polícia só quer conversar com ele sobre um incidente que...

— Seu filho está prestes a ser preso e eu sei pelo quê. No próximo ano você precisará de dinheiro para lidar com os credores de modo a poder manter seus filhos em casa, em sua própria casa, e precisará de dinheiro para um advogado para seu filho, porque você não quer seu filho indo para a prisão acusado de molestador de crianças.

— Claro que não, mas Ben...

— Não, falando sério: você não quer *seu* filho indo para a *prisão* acusado de *molestador de crianças*. Não há nada pior a ser na prisão do que molestador de crianças. Eu vi isso. O que eles fazem a esses homens é um pesadelo. Então você precisa de um

advogado muito bom, o que custa muito dinheiro. Você precisa de um imediatamente, não daqui a algumas semanas, não daqui a alguns dias. Imediatamente. Essas coisas saem do controle muito depressa.

Patty anuiu, esperando. O discurso do homem lhe trouxe a lembrança de estar com um vendedor de carros: você tinha que fazer isso agora, este modelo, por este preço. Ela sempre perdia essas negociações, sempre ficava com o que o vendedor insistia para que ficasse.

O homem enfiou mais o chapéu na cabeça, bufando como um touro.

— Veja, eu mesmo fui fazendeiro, e meu pai foi antes de mim, o pai dele foi antes dele. Trezentos hectares, gado, milho, trigo, perto de Robnett, Missouri. Uma boa área, como a sua.

— Nunca tivemos trezentos hectares.

— Mas você tinha uma fazenda familiar, sua terra. Sua maldita terra. Fomos enganados, nós, fazendeiros. Eles disseram “plantem de mourão a mourão!”, e fizemos isso. Comprem mais terra, diziam, porque não estão produzindo mais disso! E depois, opa, foi mal, demos alguns conselhos ruins. Vamos apenas tomar sua fazenda, sabemos que esta terra está na sua família há gerações, mas vamos simplesmente tomar isso, nada pessoal. Você é o cretino que acreditou em nós, não é realmente nossa culpa.

Patty tinha ouvido isso antes, pensado nisso antes. Era um tratamento injusto. Mas vamos voltar para o meu filho. Ela se apoiou em uma nádega e estremeceu, tentou parecer paciente.

— Não sou homem de negócios, não sou contador, não sou político. Mas posso ajudar, caso esteja interessada.

— Sim, sim, eu gostaria — disse ela. — Por favor.

E, em sua cabeça, ela disse a si mesma: Não tenha expectativas, não tenha grandes expectativas.

LIBBY DAY

HOJE

Voltei para casa por entre matas nauseantes. Em algum lugar seguindo por uma daquelas estradas estreitas, havia um aterro sanitário. Eu nunca o vi realmente, mas dirigi por bons trinta quilômetros de lixo espalhado. À esquerda e à direita, o terreno cintilava com mil sacolas plásticas de compras, flutuando e pairando logo acima da grama. Parecendo os fantasmas das pequenas coisas.

Começou a chuviscar, depois ficou mais forte, e fez frio. Tudo do lado de fora do carro parecia distorcido. Sempre que via um lugar solitário — uma depressão na paisagem, um grupo de árvores velhas — imaginava Diondra enterrada embaixo, um conjunto de ossos não reclamados e pedaços de plástico: um relógio, a sola de um sapato, talvez os brincos pendentes vermelhos que usava na foto do anuário.

Quem dá a mínima para Diondra?, eu pensei, as frases de Diane novamente surgindo na minha cabeça. Quem se importa se Ben a matou? Afinal, ele matou a nossa família, e de qualquer forma tudo termina ali.

Eu queria muito que Runner me desse algo, me fizesse acreditar que ele fez aquilo. Mas vê-lo apenas me lembrou de como era impossível que ele tivesse matado todos, e de como ele era burro. *Burro* era uma palavra que você usa quando criança, mas era a melhor forma de descrever Runner. Astuto e burro ao mesmo tempo. Magda e o Kill Club ficariam desapontados, embora me

fizesse feliz lhes dar o endereço caso quisessem continuar a conversa. Eu esperava que ele morresse logo.

Passei por um campo denso e plano de terra marrom, um adolescente apoiado na cerca sob a chuva, no escuro, desalentado ou entediado, olhando para a rodovia. Meu cérebro retornou a Ben. Diondra e Ben. Grávida. Tudo que Ben me contou sobre aquela noite parecia verdadeiro, crível, menos aquela mentira, a mentira insistente sobre Diondra. Aquilo parecia algo com o que se preocupar.

Acelerei para casa, sentindo-me contaminada. Fui diretamente para o chuveiro e me esfreguei, ao estilo Silkwood, com um escovão grosso, minha pele parecendo ter sido atacada por um bando de gatos ao terminar. Me deitei ainda me sentindo infectada, revirei nos lençóis por uma hora, depois me levantei e tomei outra chuveirada. Por volta das duas da manhã, caí em um sono pesado, suado, repleto de velhos lascivos que eu achava serem meu pai até chegar perto o suficiente e ver seus rostos derreterem. Pesadelos mais assustadores se seguiram: Michelle preparava panquecas, e gafanhotos boiaram na massa, as pernas finas se partindo quando Michelle mexia. Eles foram preparados com as panquecas, e minha mãe nos obrigou a comê-las assim mesmo, boa proteína, crunch, crac. Então todos começamos a morrer — engasgando, babando, os olhos revirando —, porque os gafanhotos estavam envenenados. Engoli um dos grandes insetos e o senti voltar pela minha garganta, seu corpo viscoso aparecendo em minha boca, esguichando tabaco em minha língua, empurrando a cabeça contra meus dentes para escapar.

A manhã nasceu cinza e sem graça. Tomei outra chuveirada — ainda estava sentindo minha pele suja — e fui para a biblioteca pública no centro, um prédio de colunas brancas que já tinha sido um banco. Sentei ao lado de um homem com cheiro azedo, barba desgrenhada e casaco de estilo militar sujo, o cara ao lado de quem eu sempre acabava em lugares públicos, e finalmente acessei a

internet. Encontrei o enorme e triste banco de dados de pessoas desaparecidas e entrei com o nome dela.

A tela fez o ruído giratório de quando pensa, e suei enquanto esperava que surgisse uma tela de Sem Informações. Não tive essa sorte. A foto era diferente da do anuário, mas não muito: Diondra com os cachos endurecidos e franja, delineador preto e brilho labial rosa. Sorria só um pouco, fazendo biquinho.

DIONDRA SUE WERTZNER
NASCIMENTO: 28 DE OUTUBRO DE 1967
DESAPARECIDA: 21 DE JANEIRO DE 1985

Ben novamente esperava por mim, desta vez de braços cruzados, reclinado na cadeira, agressivo. Ele me deu um gelo uma semana antes de aceitar meu pedido de vê-lo. Agora balançou a cabeça para mim quando me sentei.

Isso me perturbou.

— Sabe, Libby, estive pensando desde a última vez em que conversamos — disse ele, finalmente. — Estive pensando que não preciso disso, dessa dor. Quero dizer, já estou aqui, realmente não preciso que minha irmã apareça, acredite em mim, não acredite em mim. Faça perguntas esquisitas, coloque-me de prontidão após malditos vinte e quatro anos. Não preciso dessa tensão. Então, se você está vindo aqui tentando “chegar ao fundo das coisas” — disse, fazendo aspas no ar —, sabe, vá a algum outro lugar. Porque eu realmente não preciso disso.

— Encontrei Runner.

Ele não se levantou, permaneceu firme na cadeira. Então deu um longo suspiro, um suspiro de “está bem, tanto faz”.

— Uau, Libby, desperdiçou uma carreira de detetive. O que Runner teria a dizer? Ainda está em Oklahoma?

Vi um leve sorriso inadequado.

— Está em um depósito de lixo tóxico no limite de Lidgerwood, foi expulso de um abrigo.

Ben sorriu com aquilo.

— Ele está morando em um depósito de lixo tóxico. Rá.

— Ele diz que Diondra Wertzner era sua namorada, que você a engravidou. Que ela estava grávida e que vocês dois estavam juntos na noite dos assassinatos.

Ben colocou a mão no rosto, os dedos espalhados. Eu podia ver seus olhos piscando entre eles. Ele falou com o rosto ainda coberto, e não consegui entender o que disse. Tentou duas vezes, eu toda vez perguntando o que ele dizia, e na terceira ele levantou a cabeça, mastigando o interior da bochecha e se inclinou para a frente.

— Eu perguntei que porra de obsessão com Diondra é essa? Você enfiou uma coisa na cabeça e sabe o que vai acontecer, você vai foder com isso tudo. Você teve uma chance de acreditar em mim, fazer a coisa certa e finalmente acreditar em seu irmão. Que você *conhece*. Não diga que não, porque seria uma mentira. Quero dizer, você não sacou, Libby? Esta é a nossa última chance. O mundo pode acreditar que sou culpado, acreditar que sou inocente, ambos sabemos que não vou a lugar algum. Não haverá DNA para me soltar, a porra da casa não existe mais. Ou seja. Não vou sair. Ou seja. A única pessoa com quem me importo, para dizer que não poderia ter *assassinado* minha *família*, é você.

— Você não pode me culpar por ficar pensando se...

— Claro que posso. Claro que posso. Posso culpar você por não acreditar em mim. Posso perdoar você pela mentira, por ficar confusa quando criança, posso perdoar isso. Mas que maldição, Libby, e agora? Você tem o que, trinta e poucos anos, e ainda acredita que alguém do seu próprio sangue poderia ter feito algo como aquilo?

— Ah, eu acredito plenamente que alguém do meu próprio sangue poderia ter feito aquilo — disse, minha raiva subindo,

batendo em minhas costelas. — Acredito plenamente que nosso sangue é ruim. Eu sentia isso em mim. Fiz merda com as pessoas, Ben. Eu. Quebrei portas e janelas e... matei coisas. Metade das vezes em que olho para baixo meus punhos estão cerrados.

— Você acredita que somos tão maus?

— Acredito.

— Mesmo com o sangue da mamãe?

— Mesmo assim.

— Bem, fico triste por você, pequena.

— Onde está Diondra?

— Esqueça isso, Libby.

— O que você fez com o bebê?

Eu me senti tonta, febril. Se o bebê tivesse vivido, estaria (ele estaria, ela estaria) com, o que, vinte e quatro anos. O bebê não era mais um bebê. Tentei imaginar um adulto, mas meu cérebro continuava retornando à imagem de um bebê enrolado em mantas. Mas que inferno, eu mal conseguia *me* ver como adulta. No meu próximo aniversário eu faria trinta e dois, a idade da minha mãe quando foi morta. Ela parecia tão adulta. Mais adulta do que um dia serei.

Então, se estivesse vivo, o bebê teria vinte e quatro. Tive uma das minhas visões horrendas. Uma visão do que poderia ter sido. Nós, caso todos tivessem sobrevivido, em casa, em Kinnakee. Michelle na sala de estar, ainda mexendo em seus óculos exagerados, dando ordens a um bando de crianças que revirava os olhos para ela, mas obedecia. Debby, roliça e tagarela com um grande marido fazendeiro louro e uma sala especial para artesanato em sua própria fazenda, cheia de fitas de costura, retalhos e pistolas de cola. Minha mãe, com cinquenta e tantos anos e envelhecida pelo sol, os cabelos em sua maioria brancos, ainda batendo boca agradavelmente com Diane. E entra na sala a filha de Ben, uma menina, uma ruiva, uma garota na casa dos vinte, magra e

confiante, pulseiras chacoalhando em pulsos delicados, uma universitária que não leva a sério nenhum de nós. Uma garota Day.

Engasguei com minha própria saliva, comecei a tossir, minha garganta travada. O visitante a dois nichos de mim se inclinou para olhar e depois, decidindo que eu não ia morrer, voltou-se para o filho.

— O que aconteceu naquela noite, Ben? Preciso saber. Apenas preciso saber.

— Libby, você não tem como vencer este jogo. Se eu lhe digo que sou inocente significa que você é culpada, você arruinou minha vida. Se digo que sou culpado... Não acho que isso vai fazer você se sentir muito melhor. Certo?

Ele estava certo. Era uma das razões pelas quais fiquei imóvel tantos anos. Lancei mais uma pergunta.

— E quanto a Trey Teepano?

— Trey Teepano.

— Sei que ele agenciava apostas, que estava metido em merdas com o diabo, que era seu amigo e que estava com você naquela noite. Com Diondra. Tudo isso parece uma grande merda.

— Onde você conseguiu todas essas coisas? — perguntou Ben, olhando dentro dos meus olhos, depois ergueu o olhar e observou por um longo instante minhas raízes vermelhas, que agora chegavam às orelhas.

— Papai me contou. Disse que você devia dinheiro a Trey Teepano e...

— Papai? Agora ele é *Papai*?

— Runner disse...

— Runner disse fodam-se. Você precisa crescer, Libby. Precisa escolher um lado. Você pode passar o resto da sua vida tentando descobrir o que aconteceu, tentando raciocinar. Ou pode simplesmente confiar em si mesma. Escolha um lado. Fique do meu. É melhor.

BEN DAY

2 DE JANEIRO DE 1985
22H23

Eles saíram da periferia da cidade, a estrada passando de cimento para terra, Ben chacoalhando no banco de trás, mãos espalmadas contra o teto da picape, tentando ficar no lugar. Estava chapado, realmente, e seus dentes e sua cabeça chacoalhavam. *Você tem um parafuso solto?* Ele tinha dois ou três soltos. Queria dormir. Primeiro comer, depois dormir. Viu as luzes de Kinnakee se apagando, e depois eram quilômetros de neve azul cintilante, um tufo de mato aqui, uma cicatriz irregular de cerca ali, mas principalmente neve, como a superfície da Lua. Como se realmente estivesse no espaço sideral, ou em outro planeta, e não fosse para casa, nunca mais.

Entraram em uma estrada, as árvores os sugando para dentro, cercados por todos os lados, como se estivessem em um túnel, e ele se deu conta de que não tinha ideia de onde estavam. Só esperava que o que estava prestes a acontecer terminasse logo. Queria um hambúrguer. A mãe de Ben fazia hambúrgueres malucos, carne moída barata achatada com cebola, macarrão e qualquer outra bosta que estivesse prestes a estragar. Uma vez ele jurou ter encontrado parte de uma banana, coberta de ketchup — sua mãe achava que ketchup deixava tudo bom. Não deixava, ela cozinhava muito mal, mas ele comeria um daqueles hambúrgueres naquele momento. Estava pensando: *estou com tanta fome que poderia comer uma vaca*. E então, como se sua prece funcionasse, desviou os olhos de uma mancha de sujeira no banco de trás para o

lado de fora, e havia dez ou vinte Herefords de pé na neve sem nenhum motivo. Havia um estábulo perto, mas nenhum sinal de casa, e as vacas eram burras demais para voltar ao estábulo, então ficavam de pé como um bando de idiotas gordas, exalando vapor pelas narinas. As Herefords eram as vacas mais feias dali, gigantescas, avermelhadas, com rostos brancos enrugados e olhos com bordas rosadas. Vacas Jersey meio que tinham um olhar doce, aqueles grandes rostos de cervo, mas Herefords pareciam pré-históricas, agressivas, malvadas. As coisas tinham um jeito de andar horrível e chifres curvos e, quando Trey parou, Ben ficou nervoso. Algo ruim estava prestes a acontecer.

— Aqui estamos — disse Trey, com eles sentados no carro, o aquecimento desligado, o frio penetrando. — Todos para fora.

Trey se esticou sobre Diondra na direção do porta-luvas — raspando na barriga grávida de Diondra, ambos dando sorrisos esquisitos —, agarrou um cassete e o enfiou no aparelho. A música frenética em zigue-zague começou a rabiscar no cérebro de Ben.

— Venha, Ben — disse Trey, esmagando a neve com os pés. Levantou o banco do motorista para que Ben saísse. Ben errou e tropeçou, caiu no chão e Trey o ajudou. — Hora de entender alguma coisa, sentir algum poder. Você logo vai ser pai, cara. Pai! — disse Trey, sacudindo-o pelos ombros.

A voz dele soava amigável, mas ele não sorriu. Apenas encarou com os lábios crispados e os olhos vermelhos, quase sanguíneos. Decidindo. Ele tinha uma expressão decidida. Então Trey o soltou, arregaçou a jaqueta jeans e foi à caçamba da picape. Ben tentou ver sobre o capô, encontrar os olhos de Diondra, lançar um olhar de que porra é essa, mas ela estava inclinada dentro da cabine, tirando outra bolsa de baixo do banco, gemendo com uma das mãos na barriga, como se fosse realmente difícil se curvar quinze centímetros. Levantou, apoiou uma mão nas costas, e começou a procurar na bolsa. Estava cheia de embalagens laminadas de chiclete, e ela tirou três.

— Me dê — disse Trey, enfiando duas no bolso e desembrulhando a terceira. — Você e Ben podem dividir.

— Não quero dividir — choramingou Diondra. — Eu me sinto uma merda, preciso de um inteiro.

Trey deu um suspiro frustrado, depois jogou um pacote para ela, murmurando *Jesus Cristo*.

— O que é isso? — perguntou Ben, finalmente.

Podia sentir aquele fio quente escorrendo em sua cabeça, sabia que sangrava novamente. Sua dor de cabeça também estava pior, latejando atrás do olho esquerdo, descendo pelo pescoço e indo para o ombro, como uma infecção percorrendo seu sistema. Esfregou o pescoço, sentindo como se alguém tivesse enfiado uma mangueira de jardim enrolada sob sua pele.

— É erva do diabo, cara, já tomou?

Trey colocou a coisa em pó na palma da mão, inclinou-se para ela como um cavalo inclina-se para lamber açúcar, depois fungou, jogou a cabeça para trás, cambaleou alguns passos, olhou para eles como se não devessem estar ali. Um anel laranja-escuro cobria seu nariz e sua boca.

— Que porra está olhando, Ben Day?

As pupilas de Trey tremiam, como se acompanhassem um beija-flor invisível. Diondra cheirou o dela na mesma fungada animal, ansiosa, e depois caiu de joelhos, rindo. Foi um riso de alegria por três segundos, depois se transformou em um riso molhado engasgado, do tipo que você dá quando simplesmente não consegue acreditar na sua sorte de merda, esse tipo de riso. Ela chorava e gritava, abaixando-se na neve, rindo de quatro, e depois vomitando, nacho de queijo e fios grossos de espaguete que quase cheiravam bem em seu molho de vômito doce. Diondra ainda tinha um fio de espaguete pendurado na boca quando ergueu os olhos. O fio ficou ali por um segundo antes de ela perceber e puxá-lo, Ben imaginando o fio ainda pela metade na garganta, sendo arrastado para fora. Ela o jogou no chão, ainda chorando de quatro e,

enquanto olhava para aquilo, começou com aquele berro de bebê com rosto retorcido que as irmãs de Ben davam quando se machucavam. O choro do fim do mundo.

— Diondra, você está bem? O que... — começou ele.

Ela se lançou para a frente e vomitou o resto perto dos pés de Ben. Ele saiu do caminho dos respingos e ficou olhando para Diondra, que ainda estava de quatro, chorando.

— Meu pai vai me matar! — uivou de novo, suor molhando as raízes dos seus cabelos. O rosto ficou distorcido enquanto ela olhava furiosa para a barriga. — Ele vai me matar.

Trey apenas olhava para Ben, ignorando Diondra totalmente, e fez um gesto com um dedo, uma chamada que significava que Ben devia parar de embromar e cheirar a erva do diabo. Ele aproximou o nariz e sentiu cheiro de borracha velha e bicarbonato de sódio.

— O que é isso? Algum tipo de cocaína?

— É como ácido de bateria para o seu cérebro. Manda ver.

— Cara, eu já me sinto um lixo, não sei se preciso dessa coisa. Estou morrendo de fome, cara.

— Para o que vai acontecer você precisa. Deixa de conversa.

Diondra estava rindo de novo, o rosto branco sob a base bege. Uma migalha de nacho flutuava na direção do pé de Ben em um córrego rosa viscoso. Ele se afastou. Depois desviou o rosto deles, na direção das vacas que assistiam, derramou o pó na palma da mão e deixou que ele flutuasse ao vento. Quando havia sido reduzido a uma pilha com um quarto do tamanho, ele cheirou, imitando como tinham feito, e ainda assim puxou apenas uma parte com o nariz.

O que foi bom, porque aquilo foi diretamente para seu cérebro, áspero como cloro, mas ainda mais ardido, e ele pôde imaginá-lo se partindo como galhos de árvores, queimando as veias em sua cabeça. Parecia que toda a sua corrente sanguínea se tornara estranhamente quente, e até mesmo os ossos do pulso começaram a doer. Suas entranhas reviraram como uma cobra acordando e por

um segundo ele achou que iria se borrar, mas, em vez disso, espirrou cerveja, perdeu a visão e caiu no chão, a cabeça latejando, o sangue escorrendo pelo rosto a cada respiração. Sentiu que poderia correr a cento e vinte por hora, e que deveria fazer isso, que se permanecesse onde estava seu peito se abriria e algum demônio pularia para fora, sacudiria o sangue de Ben das asas e levantaria voo, tentando retornar ao inferno. E então, assim que pensou que precisava de uma arma, atirar em si mesmo e acabar com aquilo, surgiu uma grande bolha de ar de alívio que se propagou através dele, acalmou suas veias, e ele se deu conta de que estava prendendo a respiração, e começou a arfar, e então se sentiu bem para cacete. Esperto para cacete respirar ar, isso sim. Sentiu que estava se expandindo, ficando grande, incontestável. Como se não importasse o que fizesse, era a escolha certa, sim, senhor, com certeza, como se pudesse alinhar todas as escolhas que teria que fazer nos meses seguintes e abatê-las como animais de parque de diversão e ganhar algo grande. Enorme. Hurra para Ben, nos ombros de todo mundo para que a porra do mundo pudesse aplaudir.

— Que porra é essa? — perguntou.

Sua voz soava sólida, como uma porta pesada com um bom movimento.

Trey o ignorou, olhou para Diondra, que se levantava do chão, os dedos vermelhos de onde os enfiara no gelo. Ele parecia desprezá-la sem se dar conta disso. Então procurou na caçamba da picape, se virou com um machado brilhante tão azul quanto a neve. Esticou na direção de Ben, lâmina na frente, e Ben deixou os braços se colarem nas laterais do corpo, *nãonãonão, não pode me obrigar a pegar*, como se fosse um garoto a quem pediam que segurasse um recém-nascido chorando, *nãonãonão*.

— Pegue.

Ben o agarrou, frio em suas mãos, manchas de ferrugem na lâmina.

— Isso é sangue?

Trey lançou um de seus olhares preguiçosos, não se preocupou em responder.

— Ah, eu quero o machado! — guinchou Diondra.

Deu um pulo até a picape, Ben pensando se não estavam de sacanagem com ele, como de hábito.

— É pesado demais para você, pegue a faca de caça.

Diondra se retorceu no casaco, o capuz sacudindo para cima e para baixo.

— Eu não quero a faca, é pequena demais, dê a faca ao Ben, ele caça.

— Então Ben também ganha isto — disse Trey, e lhe deu uma espingarda calibre 10.

— Deixa eu ficar com a arma, daí eu faço aquilo.

Trey pegou a mão de Diondra, abriu-a, fechou a Bowie dentro dela.

— É afiada, então não faça merda.

Mas não era exatamente o que estavam fazendo, merda?

— BenGay, limpe seu rosto, está derramando sangue em toda parte.

Machado em uma das mãos, espingarda na outra, Ben limpou o rosto na manga e ficou tonto. Mais sangue continuava a escorrer, estava em seus cabelos, e se espalhou sobre um olho. Ele estava congelando e lembrou do que acontecia quando você sangrava até a morte, você sentia frio, então se deu conta de que seria loucura não estar com frio, ele com a jaquetinha fina de Diondra, o tronco inteiro arrepiado.

Finalmente Trey tirou uma enorme picareta, a lâmina tão afiada quanto um sincelo de prata. Jogou sobre o ombro, um homem indo para o trabalho. Diondra ainda fazia bico, e Trey disse:

— Quer dizer isso? Quer fazer isso?

Ela abandonou a cena, anuiu secamente, colocou a faca no meio do círculo que se formou ao acaso, no qual estavam de pé. Mas

não, não de maneira casual, porque então Trey colocou a picareta ao lado da Bowie e indicou que Ben fizesse o mesmo, fazendo aquele gesto impaciente de um pai cujo filho esqueceu de fazer uma prece. E então Ben obedeceu, pôs a espingarda e o machado no topo, aquela pilha de metal reluzente e afiado fazendo o coração de Ben bater com força.

De repente Diondra e Trey estavam agarrando suas mãos, o aperto de Trey firme e quente, o de Diondra frouxo, pegajoso, enquanto formavam um círculo ao redor das armas. O luar fazia tudo brilhar. O rosto de Diondra parecia uma máscara, todo depressões e colinas, e, quando ela apontou o queixo para a lua, entre a boca aberta e a pilha de metal, Ben teve uma ereção e não se importou. Seu cérebro fervia em algum ponto no fundo da sua consciência, fritava, e então Diondra entoou um cântico.

— A Satanás trazemos sacrifício, trazemos dor e sangue, e medo, e fúria, as bases da vida humana. Nós o honramos, O Escuro. Em seu poder nos tornamos mais poderosos, em sua exaltação somos exaltados.

Ben não sabia o que as palavras significavam. Diondra rezava o tempo todo. Ela rezava na igreja, como as pessoas normais, mas também rezava a deusas, geodos, cristais e outras merdas. Estava sempre buscando ajuda.

— Vamos fazer de seu bebê um maldito guerreiro esta noite, Dio — disse Trey.

Eles então se separaram, todos pegando suas armas, marchando em silêncio para o campo, a neve fazendo um ruído de borracha enquanto passavam por ela, quebrando a casca da superfície. Os pés de Ben pareciam congelados, coisas separadas, ligadas a ele de forma antinatural. Mas isso realmente não importava, não aquilo, muita coisa não importava. Naquela noite, eles estavam em uma bolha, nada tinha qualquer consequência e, contanto que pudessem permanecer na bolha, tudo ficaria bem.

— Qual delas, Diondra? — perguntou Trey quando pararam.

Havia quatro Herefords perto, imóveis na neve, não se preocupando nem um pouco com os humanos. Imaginações limitadas.

Diondra parou, apontou um dedo — uni-duni-tê — e então parou na maior, um touro com um grotesco pau peludo pendurado. Diondra fez uma careta em sorriso de vampiro, exibindo os caninos, e Ben esperou um grito de guerra, uma investida, mas em vez disso ela apenas caminhou. Três longos passos desajeitados na neve até o touro, que deu apenas um passo para trás antes que ela enfiasse a faca de caça em sua garganta.

Está acontecendo, pensou Ben. Aí está, acontecendo. Um sacrifício a Satanás.

O touro vazava sangue como óleo, escuro e grosso — glub, glub —, e então de repente se retorceu, a veia mudou de lugar ou algo assim, e o sangue esguichou, uma névoa raivosa, cobrindo seus rostos, suas roupas e seus cabelos com gotículas vermelhas. Diondra agora berrava, finalmente, como se a primeira parte tivesse sido sob água e ela tivesse subido à tona de repente, seus gritos ecoando no gelo. Golpeou o rosto do touro, transformou seu olho esquerdo em uma massa, escorregadio e negro de sangue. O touro tropeçou na neve, desajeitado e confuso, parecendo alguém despertado em uma emergência, assustado, mas entorpecido. Manchas de sangue por todo o pelo branco encaracolado. Trey ergueu sua lâmina para a lua, deu um berro e moveu a arma com força, enterrando-a na barriga do animal. Os quartos traseiros da coisa cederam por um momento, depois ele se levantou, começou a trotar ebriamente. As outras vacas haviam alargado o círculo ao redor dele, como crianças em uma briga, observando e mugindo.

— Pegue — berrou Diondra.

Trey deu grandes pulos pela neve, as pernas se levantando alto como se estivesse dançando, a picareta girando no ar. Ele cantava para Satanás, e então, no meio da melodia, lançou a picareta nas costas do animal, partindo sua coluna vertebral, jogando-o na neve.

Ben não se moveu. Mover-se significaria que ele iria participar, e ele não queria, não queria sentir a carne daquele touro se partindo sob ele, não porque fosse errado, mas porque poderia parecer bom, como o fumo — na primeira vez em que deu um tapa, soube que nunca mais largaria. Como se a fumaça encontrasse um lugar dentro dele que fora deixado vazio especialmente para ela, e então ela se aninhara ali. Também poderia haver um espaço para aquilo. O gosto de matar — poderia haver um lugar vazio apenas esperando para ser preenchido.

— Vamos lá, Ben, não amarele agora — chamou Trey, ofegante após três, quatro, cinco golpes de picareta.

O touro estava de lado, agora gemendo, um lamento triste, de outro mundo, do modo como um dinossauro em um poço de asfalto teria soado — assustado, moribundo, chocado.

— Vamos lá, Ben, faça o seu abate. Você não pode ficar só olhando — berrou Diondra, fazendo com que ficar parado fosse a coisa mais sem valor do mundo. O touro ergueu os olhos do chão, e ela começou a esfaqueá-lo no maxilar, um golpe rápido e eficiente, os dentes trincados, gritando “imbecil!” enquanto o esfaqueava repetidamente, uma mão na faca, a outra cobrindo a barriga.

— Está bom, D — disse Trey, e se apoiou na picareta. — Vamos, Ben, ou vou te enfiar a porrada, cara.

Os olhos dele ainda tinham o brilho drogado, e Ben desejou ter cheirado mais da erva do diabo, desejou não estar preso naquele estado intermediário em que tinha algum discernimento, mas não medo.

— Esta é a sua chance, cara. Seja homem. A mãe do seu filho está aqui olhando, está fazendo a parte dela. Não seja um garoto assustado e impotente a vida inteira, deixando as pessoas te sacanearem, deixando as pessoas te amedrontarem. Eu costumava ser como você, cara, e não quero nunca mais voltar a ser assim. É humilhante. Olhe como seu próprio pai tratou você. Como um

brocha. Mas você recebe o que merece, sabe? Acho que sabe disso.

Ben respirou ar gelado, as palavras penetrando na sua pele, deixando-o cada vez com mais raiva. Ele não era um covarde.

— Vamos lá, Ben, faça isso, apenas faça — provocou Diondra.

O touro agora apenas arfava, sangue escorrendo por dezenas de feridas, um lago vermelho na neve.

— Você precisa colocar a fúria para fora, cara, é o segredo do poder, você é tão medroso, cara, não se cansou de ser medroso?

O touro no chão era tão patético, tão rapidamente desfeito que Ben achou repulsivo. Suas mãos apertaram cada vez com mais força o machado, a coisa precisando morrer, ser poupada de seu sofrimento, então Ben ergueu a lâmina acima da cabeça, o machado alto e pesado, e golpeou o crânio do touro, um estalo chocante, o animal dando seu gemido final, e lascas de cérebro e osso se projetaram, e então a sensação tão boa de seus músculos esticando e trabalhando em seus ombros — trabalho de homem — que ele golpeou o touro novamente, o crânio se partindo em dois, o animal finalmente morto, um último estremecimento nas pernas dianteiras, e então voltou sua atenção para o meio do corpo, onde realmente poderia fazer estrago, para cima e para baixo, Ben fazendo ossos e entranhas voarem.

— Vá se foder, vá se foder, vá se foder — berrava, os ombros absurdamente contraídos, como se fossem presos por borracha, o maxilar zumbindo, os punhos tremendo, o pau duro e doendo, como se o corpo inteiro pudesse explodir em um orgasmo.

Estava prestes a pegar a espingarda quando os braços fraquejaram. Ele estava esgotado, a raiva escorrendo de seu corpo, e não sentia poder algum. Sentia-se constrangido, do modo como se sentia após tocar uma punheta com uma revista de sacanagem, hesitante, errado e tolo.

Diondra caiu na gargalhada.

— Ele é bastante durão quando a coisa está praticamente morta — disse.

— Eu matei, não matei?

Todos estavam ofegantes, exaustos, os rostos cobertos de sangue, a não ser onde haviam limpado os olhos, deixando-os destacados, como os de um guaxinim.

— Tem certeza de que foi esse cara que a engravidou, Diondra? — disse Trey. — Tem certeza de que ele fica duro? Não espanta que seja melhor com menininhas.

Ben largou o machado, começou a andar na direção do carro, pensando que era hora de ir para casa, pensando que isso era culpa da sua mãe, por ter sido uma vaca de manhã. Se ela não tivesse surtado por causa do seu cabelo, ele estaria em casa naquela noite, limpo e quente sob o cobertor, o som de suas irmãs em frente à sua porta, a TV zumbindo no final do corredor, sua mãe fazendo um refogado para o jantar. Em vez disso, ele estava ali, sendo sacaneado como sempre, tendo feito o melhor para se provar capaz e ficado devendo, como sempre, a verdade finalmente anunciada. Esta noite sempre estaria ali, a noite em que Ben não conseguiu matar.

Mas agora conhecia o sabor da violência, e queria mais. Em alguns dias, estaria pensando nisso, o sino tocando, não conseguindo silenciá-lo, e então estaria pensando nisso, obcecado com isso, a morte, mas duvidava que Trey e Diondra o levassem novamente, e ele seria desajeitado demais, medroso demais, como sempre, para fazer isso sozinho.

Ficou de costas para eles, então levou a espingarda ao ombro, virou-se, armando o percussor, o dedo no gatilho. Bang! Imaginou o ar soando, a espingarda batendo em seu ombro como um amigo dando um soco, dizendo bom trabalho! E ele abrindo a arma, enfiando outro cartucho, indo mais fundo no campo, erguendo a arma e bang!

Imaginou os ouvidos zumbindo, o ar cheirando a fumaça e Trey e Diondra, pela primeira vez, não dizendo nada enquanto ele se erguia em um campo de cadáveres.

LIBBY DAY

HOJE

Lyle tinha deixado nove mensagens durante os dias que eu passei incomunicável em Oklahoma, o tom variando loucamente: começou dando a impressão de uma viúva, acho, falando com o nariz tapado, perguntando sobre meu bem-estar, fazendo uma brincadeira, depois passou para irritado, rígido, urgente e em pânico, antes de voltar para pateta na última mensagem: “Se você não me ligar de volta, vou atrás... E o *inferno* irá comigo!”, berrou, depois acrescentou: “Não sei se você viu *Tombstone.*”

Eu vi, mas era um Kurt Russell ruim.

Telefonei para ele, dei meu endereço (uma decisão incomum para mim), disse que poderia aparecer caso quisesse. Ao fundo, eu podia ouvir a voz de uma mulher perguntando quem era, dizendo a Lyle para me perguntar algo — *pergunte a ela, não seja bobo, pergunteaela* — e Lyle tentando encerrar a ligação. Talvez fosse Magda querendo um relatório sobre Runner? Eu daria a ela. Na verdade, eu queria falar, ou ficaria na cama e não sairia por mais dez anos.

Enquanto esperava, arrumei meu cabelo. Eu tinha comprado uma tintura na volta para casa após ver Ben. Meu plano era retomar meu louro habitual — Platinum Pizazz —, mas no final acabei com Scarlet Sass, uma ruiva sorrindo sensualmente para mim na caixa. Menos manutenção, sempre preferi menos manutenção. E estava pensando em voltar desde que Ben observou como eu pareço com minha mãe, a ideia irresistível para mim, de alguma forma pensando em aparecer em frente ao trailer de Diane, parecendo Patty Day

ressuscitada, e talvez isso fosse o suficiente para conseguir entrar. Maldita Diane, não ligou de volta.

Enfiei uma gosma carmim de substâncias químicas na minha cabeça, o cheiro como o de algo queimando lentamente. Quatorze minutos faltando quando a campainha tocou. Lyle. Claro que ele estava adiantado. Entrou apressado, falando sobre como estava aliviado de ter notícias minhas, depois recuando.

— O que é isso, um permanente?

— Estou voltando ao ruivo.

— Ah. Bom. Quer dizer, é legal. O natural.

Nos treze minutos que me restavam contei a Lyle sobre Runner e Diondra.

— Certo — disse Lyle, olhando para a esquerda, apontando a orelha para mim, sua postura de ouvir-pensar. — Então, segundo Ben, ele voltou para casa naquela noite brevemente, teve uma briga com a mãe, então saiu de novo e não sabe de nada depois disso.

— Segundo Ben — assenti.

— E segundo Runner? Ou Trey matou sua família porque Runner devia a ele, ou Ben e Trey mataram sua família *e* Diondra em alguma espécie de ritual de adoração ao diabo. O que Runner disse sobre a namorada renegando o álibi dele?

— Disse que ela podia chupar o pau dele. Agora, tenho que enxaguar.

Ele me seguiu até o banheiro, tomando a passagem da porta, mãos nos dois lados do portal, pensando.

— Posso dizer uma coisa específica sobre aquela noite, Libby?

Eu estava curvada sobre a banheira, água escorrendo do chuveirinho — nada de chuveiros em Lá Em Cima Por Ali —, mas fiz uma pausa.

— Quero dizer, não parece que deveria haver duas pessoas? De algum modo? O assassinato de Michelle foi só... Sua mãe e Debby foram tipo, ahn, quase caçadas. Mas Michelle morreu na cama, as

cobertas puxadas para cima. Elas tiveram diferentes sensações. Eu acho.

Dei de ombros num movimento rápido e tenso, as imagens do lugar escuro rodopiando, e enfiei minha cabeça sob o jorro, onde não podia mais ouvir. A água começou a correr para o ralo, borgonha. Enquanto ainda estava de cabeça para baixo, senti Lyle tirar o chuveirinho de mim e dar um tapinha na minha nuca. Desajeitado, nada romântico, apenas fazendo o serviço.

— Ainda tem um pouco de gosma — berrou, um tom acima da água, e depois me devolveu a mangueira.

Levantei, ele esticou a mão para mim, agarrou um lóbulo da orelha e limpou.

— Umas coisas vermelhas no lóbulo também. Provavelmente não vai combinar com os brincos.

— Minhas orelhas não são furadas — falei, penteando os cabelos, tentando imaginar se a cor estava certa.

Tentando muito não pensar nos cadáveres da minha família e me concentrar apenas no cabelo.

— Mesmo? Achava que toda menina tinha orelhas furadas.

— Nunca tive ninguém que fizesse isso para mim.

Ele me viu pentear, um sorriso triste no rosto.

— Como está o cabelo? — perguntou ele.

— Vamos descobrir quando secar.

Nós sentamos novamente no sofá da sala, cada um em uma ponta, escutando a chuva recomeçar.

— Trey Teepano tinha um álibi — disse ele enfim.

— Bem, Runner também tinha um. Pelo visto álibis são fáceis de encontrar.

— Talvez você devesse ir em frente e retirar oficialmente seu testemunho.

— Não vou retirar nada até ter certeza — falei. — Não vou.

A chuva ficou mais forte e me fez desejar uma lareira.

— Você sabe que a fazenda foi tomada no dia dos assassinatos, certo? — perguntou Lyle.

Eu assenti. Era um dos quarenta mil fatos novos que eu tinha no cérebro, graças a Lyle e todos os seus arquivos.

— Isso não parece significar alguma coisa? — continuou. — Isso tudo não parece esquisito demais, como se estivéssemos deixando algo óbvio passar? Uma garota conta uma mentira, uma fazenda declara falência, as apostas de um jogador são cobradas por um, Jesus, por um corretor de apostas adorador do diabo. Tudo no mesmo dia.

— E todas as pessoas neste caso mentem, estão mentindo, mentiram.

— O que deveríamos fazer agora? — perguntou Lyle.

— Ver um pouco de TV — respondi.

Liguei a TV e recostei, puxando um cacho de cabelos parcialmente secos para verificar a cor. Parecia um vermelho chocante, mas agora essa era a cor dos meus cabelos.

— Sabe, Libby, estou orgulhoso de você com tudo isso — disse Lyle, rígido.

— Ah, não diga isso, é condescendente para cacete. Fico louca quando você faz isso.

— Não estava sendo é condescendente — disse, a voz ficando aguda.

— Apenas louco.

— Não estava sendo. Quero dizer, é legal conhecer você.

— É, que emoção. Sou tão importante.

— Você *é*.

— Lyle, simplesmente não, certo?

Fiquei encolhida, o queixo sobre o joelho, e ambos ficamos sentados fingindo assistir a um programa de culinária, a voz do apresentador animada demais.

— Libby?

Virei os olhos para ele lentamente, como se fosse doloroso.

— Posso lhe dizer uma coisa?

— O quê?

— Você ouviu falar sobre aqueles incêndios na floresta perto de San Bernardino, em 1999, que destruíram tipo oitenta casas e uns trinta e cinco mil hectares?

Dei de ombros. Parecia que a Califórnia estava sempre em chamas.

— Eu fui o garoto que começou aquele incêndio. Não de propósito. Ou pelo menos não queria que saísse de controle.

— O quê?

— Eu era só um garoto, doze anos, e não era um incendiário ou coisa assim, mas acabei com um isqueiro. Nem lembro como ele veio parar na minha mão, mas eu gostava de girar aquilo, sabe, e estava caminhando pelas colinas atrás do meu condomínio, entediado, e a trilha estava coberta de mato velho e outras coisas. Eu estava caminhando, girando o isqueiro, apenas tentando ver se fazia pegar no alto do mato, elas tinham aquelas pontas peludas...

— Rabo-de-raposa.

— E me virei, e então tudo estava em chamas. Havia uns vinte mini-incêndios atrás de mim, como archotes. E isso foi durante os ventos Santa Ana, então as pontas começaram a ser levadas, pousavam e incendiavam outras, e então voavam mais trinta metros. E aí não eram apenas pequenos focos aqui e ali, era um grande incêndio.

— Rápido assim?

— É, em poucos segundos era um *incêndio*. Ainda me lembro daquela sensação, de que talvez por um momento eu poderia ter conseguido desfazer aquilo, mas não. Era como se meio que estivesse além de mim. E ia ser muito ruim. Lembro de pensar que estava no meio de algo que nunca ia conseguir superar. E não consegui. É duro ser tão jovem e se dar conta de algo assim.

Eu deveria dizer algo naquele momento.

— Você não queria que isso acontecesse, Lyle. Era um menino com uma péssima sorte.

— Bem, eu sei, mas é por isso que, sabe, me identifico com você. Há pouco tempo, comecei a conhecer sua história e pensei: *ela pode ser como eu*. Ela pode entender essa sensação, de uma coisa sair completamente do seu controle. Você sabe, seu testemunho, e o que aconteceu depois...

— Eu sei.

— Nunca contei essa história a ninguém. Quero dizer, espontaneamente. Só imaginei que você...

— Eu sei. Obrigada.

Se eu fosse uma pessoa melhor, teria colocado minha mão sobre a de Lyle, apertado-a carinhosamente, deixado que ele soubesse que eu entendia, me identificava. Mas eu não era esse tipo de pessoa, o obrigado já era bastante difícil. Buck pulou no sofá entre nós, querendo que o alimentasse.

— Então, ah, o que você vai fazer no fim de semana? — Lyle perguntou, brincando com a beirada do sofá, no mesmo lugar onde Krissi havia colocado o rosto nas mãos e chorado.

— Nada.

— Ah, então, minha mãe queria que eu perguntasse se você quer ir à festa de aniversário que ela vai fazer para mim. Só um jantar ou algo assim, apenas amigos.

As pessoas faziam festas de aniversário, adultos faziam, mas do modo como Lyle falou me fez pensar em palhaços, balões e talvez um passeio de pônei.

— Ah, você provavelmente vai querer aproveitar o tempo com seus amigos — falei, olhando ao redor da sala em busca do controle remoto.

— Certo. Por isso a convidei.

— Ah. Então tudo bem.

Estava tentando não sorrir, isso seria medonho demais, e estava tentando pensar no que dizer, perguntar quantos anos ele faria —

doze anos em 1999 significava, meu Deus, vinte e dois? —, mas começou um boletim de notícias. Lisette Stephens tinha sido encontrada assassinada naquela manhã, o corpo no fundo de um desfiladeiro. Estava morta há meses.

PATTY DAY

3 DE JANEIRO DE 1985
0H01

A arruinada Kinnakee. Ela realmente não sentiria falta daquela cidade, especialmente no inverno, quando as estradas ficavam esburacadas e o simples ato de dirigir reorganizava seu esqueleto. Quando chegou em casa, as garotas estavam totalmente apagadas, Debby e Michelle jogadas no chão como sempre. Debby usando um bicho de pelúcia como travesseiro, Michelle ainda chupando a caneta no chão, o diário sob um braço, parecendo confortável apesar de uma perna dobrada sob o corpo. Libby estava na cama, toda encolhida, punhos no queixo, rangendo os dentes. Patty pensou em arrumar cada uma direito, mas não queria arriscar acordá-las. Em vez disso, soprou um beijo de boa-noite e fechou a porta, o cheiro de urina a agredindo, Patty se dando conta de que tinha esquecido de trocar os lençóis.

A sacola de roupas estava completamente queimada, apenas restos minúsculos flutuando no fundo da lareira. Um quadrado de algodão branco com uma estrela roxa estava pousado nas cinzas, desafiador. Patty colocou outro pedaço de madeira por garantia, jogou o retalho sobre o fogo. Depois telefonou para Diane e pediu que aparecesse bem cedo no dia seguinte, ao amanhecer, para que pudessem procurar por Ben novamente.

— Posso ir agora, se quiser companhia.

— Não, estou indo para a cama — disse Patty. — Obrigada pelo envelope. Com dinheiro.

— Já estou ligando para descobrir advogados, devo ter uma boa lista amanhã. Não se preocupe, Ben vai para casa. Provavelmente está em pânico. Passando a noite com alguém. Ele vai aparecer.

— Eu amo muito meu filho, Diane... — começou Patty, depois se contendo. — Durma bem.

— Levarei cereal quando for, esqueci de levar hoje.

Cereal. Era tão normal que parecia um soco no estômago.

Patty seguiu para o quarto. Queria sentar e pensar, refletir, ir fundo. A vontade era intensa, mas lutou contra. Era como tentar conter um espirro. Finalmente se serviu de dois dedos de bourbon e vestiu suas grossas camadas de roupas de dormir. O tempo de pensar havia passado. Poderia muito bem tentar relaxar.

Achou que iria chorar — o alívio de tudo —, mas não. Subiu na cama, olhou para o teto rachado e pensou: “Não preciso mais me aborrecer com o teto caindo.” Não teria que olhar para aquela janela de tela quebrada perto da sua cama, todo ano pensando que devia consertá-la. Não precisaria se preocupar com acordar de manhã, precisar de café e descobrir que a cafeteira havia quebrado. Não teria que se preocupar com preços de produtos, custos de operação, taxas de juros ou com o cartão de crédito que Runner tinha feito em seu nome e estourado de um modo que ela nunca poderia quitar. Nunca veria a família Cates novamente, pelo menos não por um longo tempo. Não teria que se preocupar com Runner e seu jeito confiante, o julgamento ou o advogado elegante de cabelos lustrosos com o relógio de ouro grosso que diria coisas tranquilizadoras e a criticaria. Não teria que ficar acordada à noite se preocupando com o que o advogado estaria contando à esposa deitado em sua cama de penas de ganso, contando histórias sobre “a mãe Day” e sua ninhada suja. Não teria que se preocupar se Ben iria para a cadeia. Não teria que se preocupar se seria capaz de cuidar dele. Ou de qualquer um deles. As coisas iam mudar.

Pela primeira vez em uma década ela não estava se preocupando, então não chorou. Em algum momento depois de uma

da manhã, Libby abriu a porta com força e, sonâmbula, subiu na cama com ela, e Patty se virou, deu um beijo de boa-noite, disse eu te amo, ficou feliz de poder dizer isso em voz alta para um dos filhos, e Libby adormeceu tão depressa que Patty ficou pensando se ela teria ouvido.

LIBBY DAY

HOJE

Acordei com a sensação de que tinha sonhado com minha mãe. Estava desejando seus hambúrgueres esquisitos dos quais sempre debochávamos, cheios de pedaços de cenoura e nabo, e às vezes frutas velhas. O que era estranho, já que não como carne. Mas queria um daqueles hambúrgueres.

Estava pensando em como alguém prepara hambúrgueres quando Lyle telefonou com sua ideia. Mais uma. Era o que Lyle insistia em dizer: eu só queria falar com mais uma pessoa e, se eu não conseguir nada, desisto. Trey Teepano. Eu devia ir atrás de Trey Teepano. Quando disse que seria difícil demais rastreá-lo, Lyle recitou o endereço.

— Foi fácil, ele tem o próprio negócio. Teepano Feed — disse Lyle.

Quis dizer a ele “belo trabalho” — quão fácil teria sido aquilo? —, mas não disse. Lyle falou que as mulheres de Magda me dariam quinhentos dólares para falar com Trey. Eu teria feito de graça, mas ainda assim aceitei o dinheiro.

Na verdade, eu sabia que continuaria com aquilo, que não poderia parar até encontrar algum tipo de resposta. Ben sabia — eu agora tinha certeza disso —, Ben sabia de algo. Mas não iria dizer. Então, vamos em frente. Lembro de uma vez ver na TV um especialista em amor muito sensível. O conselho: “Não desanime — todo relacionamento que você tem é um fracasso até encontrar o certo.” Era como me sentia sobre essa busca infeliz: toda pessoa

com quem eu falava me decepcionaria até eu encontrar a única pessoa que poderia me ajudar a entender aquela noite.

Lyle iria comigo até o Teepano Feed, em parte porque queria ver como era Trey Teepano, em parte, acho, porque estava apreensivo com o sujeito. (“Eu realmente não confio em adoradores do diabo.”) A Teepano Feed ficava a leste de Manhattan, Kansas, em algum ponto em uma pequena fazenda enfiada entre vários subúrbios novos. Os condomínios eram sem graça e limpos. Pareciam tão falsos quanto as lojas de suvenires do oeste em Lidgerwood, um lugar onde as pessoas apenas fingiam morar. À minha esquerda, as casas quadradas finalmente deram lugar a uma lagoa de grama esmeralda. Um campo de golfe. Novo em folha e pequeno. Na chuva fria da manhã, alguns homens permaneciam no gramado, torcidos e inclinados ao mover seus tacos, parecendo bandeiras amarelas e rosa sobre o verde. Então, tão depressa quanto a grama falsa e os homens de camisas em tons pastel apareceram, eles sumiram, e eu estava olhando para um campo de belas vacas Jersey marrons, que me fitavam, na expectativa. Eu as encarei — as vacas são dos poucos animais que realmente parecem nos ver. Encarei com tanta força que perdi o grande prédio velho de tijolos com a placa Teepano Feed and Farm Supply, Lyle dando tapinhas no meu ombro, LibbyLibbyLibby. Pisei no freio e deslizei uns bons quinze metros, aquela sensação de voar me lembrando de Runner me soltar após girar no ar. Voltei a toda velocidade e entrei no estacionamento de cascalho.

Só havia outro carro estacionado em frente à loja, o lugar inteiro parecendo desgastado. Os sulcos de cimento entre os tijolos estavam cheios de lama e um carrossel perto da porta da frente — vinte e cinco centavos para usar — não tinha os assentos. Enquanto subia os largos degraus de madeira da frente, as luzes neon nas vitrines acenderam. “Temos lhamas!” Palavras estranhas para se ver em neon. Uma placa de lata dizendo Inseticida balançava em uma das colunas do prédio.

— O que é codorniz? — perguntou Lyle quando chegamos ao degrau de cima.

Um sino na porta tocou quando a abri, e entramos em um salão mais frio que o exterior. O ar-condicionado estava no máximo, assim como um sistema de som tocando um jazz cacofônico, a trilha sonora de um ataque epilético.

Atrás de um comprido balcão havia rifles trancados em uma vitrine brilhante, o vidro convidativo como a superfície de um lago. Filas e mais filas de fertilizantes e ração, picaretas, adubo e selas se estendiam até os fundos da loja. Na parede mais distante havia uma gaiola de arame com um bando de coelhos que não piscavam. O animal de estimação mais burro do mundo, pensei. Quem iria querer um animal que fica sentado, estremece e caga em toda parte? Dizem que você pode treiná-los para usar uma caixa de areia, mas estão mentindo.

— Não... Você sabe — comecei a dizer a Lyle, que estava virando a cabeça, entrando em seu modo inquisidor desligado. — Você sabe, não...

— Não vou.

O jazz enlouquecedor continuou enquanto Lyle gritava um olá. Eu não via um único empregado, tampouco um cliente, mas estávamos no meio da manhã de uma terça-feira chuvosa. Com a música e a luz dura das impiedosas lâmpadas fluorescentes, eu me senti doidona. Então percebi movimento, alguém nos fundos, curvando-se e baixando em um dos corredores, e comecei a ir na direção da figura. O homem era escuro, musculoso, com cabelos pretos grossos em rabo de cavalo. Ele se levantou ao nos ver.

— Ah, droga! — falou, surpreso. Olhou para nós, depois para a porta, como se tivesse esquecido que estava aberto. — Não ouvi vocês entrando.

— Provavelmente por causa da música — disse Lyle, apontando para o teto.

— Alto demais? Provavelmente sim. Esperem — disse, desaparecendo em um escritório nos fundos, e de repente a música sumiu.

— Melhor assim? Em que posso ajudá-los?

Ele se apoiou em um saco de sementes e nos deu um olhar que dizia que era melhor que valesse a pena ele ter desligado a música.

— Estou procurando Trey Teepano — falei. — Ele é o dono desta loja?

— Sou. Eu sou Trey. O que posso fazer por você?

Ele tinha uma energia tensa, balançava na ponta dos pés, enfiava a língua nos dentes. Tinha uma boa aparência, com um rosto que alternava entre jovem e velho, dependendo do ângulo.

— Bem.

Bem, eu não sabia. O nome dele flutuava em minha cabeça como um feitiço, mas o que fazer a seguir: perguntar se ele agenciara apostas, se conhecia Diondra? Acusá-lo de assassinato?

— Ahn, é sobre meu irmão.

— Ben.

— É — falei, surpresa.

Trey Teepano deu um sorriso frio de crocodilo.

— É, levei um segundo, mas reconheci você. Os cabelos ruivos, acho, e o mesmo rosto. Você foi a que sobreviveu, certo? Debby?

— Libby.

— Certo. E você, quem é?

— Apenas amigo dela — respondeu Lyle.

Eu podia senti-lo se forçando a parar de falar, para não encenar uma reprise da entrevista com Krissi Cates.

Trey começou a arrumar as prateleiras, movendo garrafas de repelentes, fingindo mal que estava ocupado, como se lesse um livro de cabeça para baixo.

— Você também conhecia meu pai?

— Runner? Todo mundo conhecia Runner.

— Runner mencionou seu nome na última vez em que o vi.

Ele jogou o rabo de cavalo para trás.

— É... Ele morreu?

— Não, ele... Ele mora em Oklahoma. Parece pensar que você esteve de algum modo... envolvido naquela noite, que talvez você pudesse esclarecer o que aconteceu. Com os assassinatos.

— Certo. Aquele velho é maluco, sempre foi.

— Ele disse que você era corretor de apostas ou algo assim na época.

— É.

— E estava metido com adoração ao diabo.

— É.

Ele disse essas coisas com o tom desbotado de um viciado recuperado, aquele clima de paz ensaiada.

— Então é verdade? — perguntou Lyle.

Depois Lyle olhou para mim com cara de culpado.

— É, e Runner me devia dinheiro. Muito dinheiro. Ainda deve, acho. Mas isso não significa que sei o que aconteceu na sua casa naquela noite. Passei por isso tudo há dez anos.

— Quase vinte e cinco, na verdade.

Trey franziu a testa.

— Uau, acho que sim — disse, ainda não parecendo convencido, o rosto se contorcendo enquanto somava os anos.

— Você conhecia Ben? — insisti.

— Um pouco, não de verdade.

— É que o seu nome não deixa de aparecer.

— Tenho um nome fácil — disse, dando de ombros. — Olhe, na época Kinnakee era infernalmente racista. Eles não gostavam de índios. Fui acusado de muitas merdas que não fiz. Isso foi antes de *Dança com lobos*, entende o que quero dizer? Era só COI o tempo todo lá em CDM.

— O quê?

— COI, Culpe o Índio. Eu admito, eu era um merda. Não era um cara bom. Mas, depois daquela noite, o que aconteceu com a sua

família, foi... Meio que me assustou, fiquei limpo. Bem, não imediatamente, mas um ano depois, mais ou menos. Parei com as drogas, parei de acreditar no diabo. Foi mais difícil parar de acreditar no diabo.

— Você realmente acreditava no diabo? — perguntou Lyle.

Ele deu de ombros.

— Claro. Você tem que acreditar em algo, certo? Todo mundo acredita em alguma coisa.

Eu não, pensei.

— Se acredita que tem o poder de Satanás em você, então tem o poder de Satanás em você — disse Trey. — Mas isso foi há muito tempo.

— E quanto a Diondra Wertzner? — perguntei.

Ele parou, afastou-se de nós, foi até os filhotes de coelho, começou a acariciar um com o indicador através do arame.

— Aonde você quer chegar com isso, Deb, ahn, Libby?

— Estou tentando rastrear Diondra Wertzner. Ouvi dizer que estava grávida de um bebê de Ben na época dos assassinatos e depois desapareceu. Algumas pessoas dizem que foi vista pela última vez com você e Ben.

— Ah, que merda, Diondra. Sempre soube que aquela garota ia me dar problemas mais cedo ou mais tarde — disse, dando um grande sorriso. — Cara, Diondra. Não tenho ideia de onde Diondra está, mas ela estava sempre fugindo, sempre fazendo drama. Ela fugia, os pais faziam um escândalo, ela voltava para casa, eles brincavam de casinha por um tempo, então os pais dela eram babacas, cagavam para ela, e ela precisava do drama, começar alguma merda, fugir, alguma coisa. Um novelão. Acho que finalmente fugiu, decidiu que não valia a pena ir para casa. Quer dizer, você tentou a lista telefônica?

— Ela está registrada como desaparecida — disse Lyle, e me olhou novamente para ver se eu me aborrecia com a interrupção.

Não me aborreci.

— Ah, ela está bem — disse Trey. — Minha aposta é que está morando em algum lugar com um dos nomes malucos dela.

— Nomes malucos? — perguntei, e coloquei a mão no braço de Lyle para mantê-lo quieto.

— Ah, nada, ela só era uma daquelas garotas, sempre tentando ser diferente. Um dia ela falava com sotaque britânico, no seguinte, com sotaque do Sul. Ela nunca dava o nome verdadeiro a ninguém, tipo, ela ia ao salão e dava um nome errado, encomendava uma pizza e dava o nome errado. Ela gostava de sacanear as pessoas, sabe, só por brincadeira. “Sou Desiree, de Dallas, sou Alexis, de Londres.” Ela estava sempre dando, ahn, usando seu nome de atriz pornô, sabe?

— Ela fazia pornô? — perguntei.

— Não, aquele jogo. Qual o nome do seu animal de estimação de criança?

Eu fiquei olhando para ele.

— Qual o nome do seu animal de estimação de criança? — insistiu.

Eu usei o nome do cachorro morto de Diane.

— Gracie.

— E qual o nome da rua em que você cresceu?

— Estrada Rural 2.

Ele riu.

— Bem, esse não vai funcionar. Deveria soar picante, tipo Bambi Evergreen, ou algo assim. O de Diondra era... Polly alguma coisa... Palm. Polly Palm, que tal isso?

— Você não acha que ela esteja morta?

Ele deu de ombros.

— Você acha que Ben realmente era culpado? — perguntei.

— Não tenho opinião sobre isso. Provavelmente.

Lyle de repente ficou tenso, sacudindo-se, cutucando minhas costas com o indicador, tentando me encaminhar para a porta.

— Então obrigado por seu tempo — soltou Lyle, e franzi a testa para ele, que franziu de volta para mim.

Uma lâmpada fluorescente acima de nós acendeu e apagou de repente, lançando uma luz doentia sobre nós, os coelhinhos correndo sobre a palha. Trey fez uma cara feia para a luz, e ela parou, como se tivesse sido censurada.

— Bem, posso lhe dar meu número para o caso de você pensar em algo? — perguntei.

Trey sorriu, fez que não com a cabeça.

— Não, obrigado.

Trey então deu as costas. Enquanto andávamos na direção da porta, a música ficou alta novamente. Eu dei uma volta para ver a tempestade que começava a se intensificar, um lado do céu negro, o outro amarelo. Trey estava saindo do escritório, observando-nos com as mãos ao lado do corpo, os coelhos atrás dele se agitando de repente.

— Ei, Trey, o que é CDM? — perguntei.

— Cu do mundo, Libby. É nossa cidade natal.

* * *

Lyle galopava à minha frente, passos saltados, chegou ao carro em três grandes passos, mexendo na maçaneta para poder entrar, *vamoslávamoslávamoslá*. Eu me joguei ao lado dele, pré-irritada.

— O que foi? — perguntei.

Um trovão estalou. Uma rajada de vento levantou cheiro de cascalho úmido.

— Primeiro dirija, vamos dar o fora daqui, logo.

— Sim, senhor.

Saí do estacionamento, de volta para Kansas City, a chuva pesada. Estava dirigindo há uns cinco minutos quando Lyle me disse para parar, virou-se para mim e disse:

— Ai, meu Deus.

BEN DAY

3 DE JANEIRO DE 1985
0H02

Eles pararam em frente à casa de Diondra, os cachorros latindo freneticamente como sempre, como se nunca tivessem visto uma picape, uma pessoa, ou mesmo Diondra. Os três entraram pelo portão dos fundos, e Diondra disse a Ben e Trey para ficarem na frente da porta de correr e tirarem as roupas, de modo a não pingar sangue por toda parte. *Apenas tirem, façam uma pilha e vamos queimar*.

Os cachorros tinham medo de Trey. Latiam, mas não chegavam perto — ele espancou um deles uma vez, e, desde então, todos andavam com cuidado perto dele. Trey tirou a camisa pelas costas, da maneira como os caras faziam nos filmes, do jeito difícil, depois desabotoou a calça jeans, de olho em Diondra, como se estivessem prestes a transar. Como se aquilo fossem preliminares malucas. Ben tirou a camiseta da mesma forma, e depois a calça, aquela calça de couro na qual já havia suado, e então os cachorros estavam em cima dele, cheirando sua virilha, lambendo seus braços, como se pudessem devorá-lo. Empurrou um para longe, a palma da mão no focinho, com força, e ele voltou imediatamente, babando, agressivo.

— Ele quer chupar seu pau, cara — disse Trey, rindo. — Aproveite enquanto pode.

— Ele não vai conseguir comigo, então pode ficar à vontade — mandou Diondra, virando a cabeça do seu jeito irritado.

Saiu do jeans, marcas de bronzeado onde deveriam estar as calcinhas, onde não estavam as calcinhas, apenas pele branca e

pelo preto arrepiado como um gato molhado. Depois tirou o suéter e ficou ali só de sutiã, os seios inchados, estrias marcando o topo deles.

— O que é? — perguntou a Ben.

— Nada, você deveria entrar.

— Obrigada, gênio — disse, chutando as roupas para formar uma pilha e dizendo a Trey, de alguma forma deixando claro que estava falando apenas com Trey, que ia pegar fluido de isqueiro.

Trey chutou sua calça jeans para o centro, ficou de cueca boxer azul, disse a Ben que ele não conseguiu convencer.

— Não vejo a coisa assim — murmurou Ben, mas apenas balançou a cabeça quando Trey perguntou *O quê?*.

Um cachorro estava bem em cima dele agora, as patas nas coxas de Ben, tentando lamber sua barriga, onde o sangue tinha se acumulado.

— Sai de perto de mim — disse Ben e, quando o cachorro simplesmente voltou, ele deu um tapa no animal.

O cachorro rosnou, assim como o segundo, com o terceiro latindo, mostrando os dentes. Ben recuou nu na direção da casa, gritando para os cães “Vão embora”, os animais recuando apenas quando Diondra voltou.

— Cachorros respeitam força — disse Trey, um lábio levemente erguido apontando para a nudez de Ben. — Bela floresta.

Trey pegou o fluido de isqueiro com Diondra, ainda nua da grande barriga para baixo, o umbigo se projetando para fora como um polegar. Trey o jogou sobre as roupas, segurando a lata junto ao pau, como se mijasse. Acendeu seu isqueiro de lado e BUM, as roupas pegaram fogo, fazendo Trey tropeçar dois grandes passos para trás, quase caindo. Era a primeira vez que Ben o via parecer tolo. Diondra se virou, não querendo constranger Trey ao ver isso. Foi aquilo que deixou Ben mais triste: a mulher que ele queria que fosse sua esposa, a mulher que teria seu filho, fazer esse tipo de gentileza a outro homem, mas nunca, jamais a Ben.

Precisava fazer com que ela o respeitasse.

* * *

Estava preso ali, na casa de Diondra, vendo os dois fumar mais maconha. Não podia ir para casa sem a bicicleta — estava frio demais, um frio de matar, nevando muito, o vento soprando pela chaminé. Se virasse uma nevasca, aquelas vacas restantes estariam mortas congeladas pela manhã caso o fazendeiro preguiçoso não fizesse algo. Bom. Ensinar uma lição a ele. Ben sentiu a raiva dentro dele brotando novamente, apertada.

Ensinar uma lição a todo mundo. Todos aqueles escrotos que pareciam nunca ter nenhum problema, que pareciam flanar — que inferno, até mesmo Runner, o bêbado de merda, parecia ter menos problemas que Ben. Havia muita gente que merecia uma lição, merecia realmente entender, como Ben entendia, que nada era fácil, que a maioria das coisas ia azedar.

Diondra acidentalmente queimou sua calça jeans junto com as calças de couro. Então ele estava usando um agasalho roxo de Diondra, um grande casaco e meias brancas e grossas que ela já mencionara duas vezes que queria de volta. Estavam naquele momento perdido da noite, o grande acontecimento já passado, Ben ainda pensando no que significava se ele realmente rezasse para o diabo, se realmente começaria a sentir poder. Ou se tudo era alguma farsa, uma daquelas coisas em que você é levado a acreditar — como um tabuleiro ouija ou um palhaço assassino numa van branca. Os três estavam silenciosamente concordando em acreditar que fizeram um sacrifício a Satanás, ou era apenas uma desculpa para ficarem doidões e foder as coisas?

Deveriam ter parado com as drogas mais cedo. Era vagabunda, ele podia dizer pelo modo como tudo doía, ou mesmo como a erva descia com esforço, como se quisesse machucar. Era o típico bagulho vagabundo que deixava as pessoas detonadas.

Trey apagou lentamente, vendo TV, os olhos primeiro piscando, depois a cabeça pendendo, balançando, para trás e para baixo, depois para trás, e então caiu de lado, e ele apagou.

Diondra disse que precisava fazer xixi, então Ben ficou sentado ali na sala, desejando estar em casa. Imaginava seus lençóis de flanela, imaginava-se na cama, falando com Diondra ao telefone. Ela nunca ligava de casa, e ele não podia ligar para ela porque os pais dela eram malucos. Então ela pegava cigarros e se sentava na cabine telefônica perto do posto de gasolina ou no shopping. Era a única coisa que ela fazia por ele, e esse esforço fazia com que ele se sentisse bem, ele realmente gostava. Talvez gostasse mais da ideia de conversar com Diondra do que de realmente conversar com ela, nos últimos tempos ela era má para cacete quando eles estavam juntos. Ele estava novamente pensando no touro sangrando e desejando estar com a arma, era o que queria, e então Diondra gritou o nome dele no quarto.

Ele foi até lá, e ela estava de pé junto à secretária eletrônica vermelha brilhante com a cabeça inclinada para o lado e apenas disse:

— Você está fodido. — E apertou o botão.

“Oi, Dio, é Megan. Estou totalmente bolada com a história do Ben Day, você ouviu falar que ele molestou aquelas garotas todas? Minha irmã está na *sexta* série. Ela está bem, graças a Deus, mas Deus, que *doente*. Acho que a polícia prendeu ele. De qualquer forma, ligue para mim.”

Então um clique, um zumbido e a voz de outra garota, grave e nasalada: “Oi, Diondra, é Jenny. *Eu disse* a você que Ben Day era um cara do demônio, ouviu falar da merda? Acho que ele está meio que *fugindo* da polícia. Acho que vai ter uma grande conferência sobre isso na escola amanhã. Não sei, queria saber se você ia.”

Diondra estava de pé junto à secretária, como se quisesse esmagá-la, como se fosse um animal ao qual pudesse fazer algo. Ela se virou para Ben e berrou:

— Que porra é essa? — falou, ficando rosa e cuspindo, e Ben imediatamente disse a coisa errada:

— Melhor eu ir para casa.

— Melhor ir para casa? Que porra é essa Ben, o que está acontecendo?

— Não sei, por isso devia ir para casa.

— Não, não, não, não, não, filhinho da mamãe. Maldito filhinho da *mamãe inútil*. O quê? Você vai para *casa* esperar a polícia e me deixar aqui enquanto vai para a cadeia? Me deixar sentada aqui esperando que a porra do meu *pai* venha para casa? Com seu maldito *bebê* do qual não posso me livrar?

— O que você quer que eu faça, Diondra?

Casa. Era só no que ele pensava.

— Vamos fugir da cidade esta noite. Eu tenho uns duzentos dólares em dinheiro que sobraram do dinheiro dos meus pais. Quanto você consegue na sua casa?

Quando Ben não respondeu imediatamente, a cabeça dele em Krissi Cates e em se o beijo era algo pelo que ser preso e no quanto aquilo era verdade e em se a polícia realmente estava atrás dele, Diondra se aproximou e deu um tapa no rosto dele, com força.

— Quanto dinheiro tem em casa?

— Não sei. Tenho algum dinheiro que estava poupando, e minha mãe costuma ter cem pratas, duzentas, escondidas. Mas não sei onde.

Diondra cambaleou, fechou um olho e conferiu seu despertador.

— Sua mãe costuma dormir tarde? Estaria acordada?

— Se a polícia estiver lá, sim.

Se não estiver, ela estaria dormindo, mesmo que em pânico. Dizer que a mãe nunca havia festejado o ano-novo era a grande piada na família, ela sempre adormecia antes da meia-noite.

— Vamos lá e, se não virmos um carro de polícia, nós entramos. Você pode conseguir dinheiro, pegar algumas roupas, e então desapareceremos daqui.

— E depois?

Diondra foi até ele e fez um carinho onde a bochecha ainda doía. O delineador dela escorrera pela bochecha, mas ele ainda sentiu uma onda de quê, amor? Poder? Alguma coisa. Uma onda, uma sensação, uma coisa boa.

— Ben, querido, sou a mãe do seu filho, certo? — perguntou, e ele anuiu um pouco. — Então me tire da cidade. Tire a gente da cidade. Não posso fazer isso sem você. Precisamos ir. Para o oeste. Podemos acampar em algum lugar, dormir no carro, alguma coisa. Do contrário, você estará na cadeia e eu serei morta pelo meu pai. Ele vai me obrigar a ter o bebê e depois vai me matar. E você não quer que o nosso filho seja órfão, certo? Não quando podemos ajudar. Então vamos.

— Eu não fiz o que elas dizem, aquelas garotas. Não fiz — Ben finalmente sussurrou, Diondra apoiada em seu ombro, cachos de seus cabelos enrolados por cima da cabeça dele, entrando em sua boca como trepadeiras.

— Quem se importa se você fez? — disse Diondra junto ao peito dele.

LIBBY DAY

HOJE

Lyle estava se sacudindo em seu assento.

— Libby, você percebeu? Caramba, você percebeu?

— O quê?

— O nome de atriz pornô de Diondra, o que ela usava o tempo todo, você percebeu?

— Polly Palm, é isso?

Lyle estava sorrindo, seus dentes compridos brilhando mais que o resto dele no carro escuro.

— Libby, qual era o nome que seu irmão tinha tatuado no braço? Lembra dos nomes que repassamos? Molly, Sally e aquele que eu disse que parecia um nome de cachorro?

— Ai, meu Deus.

— Polly, certo?

— Ai, meu Deus — repeti.

— Quer dizer, isso não é coincidência, certo?

Claro que não era. Todos que guardam um segredo sentem vontade de contá-lo. Aquele era o modo de Ben contar. Sua homenagem à namorada secreta. Mas não podia colocar o nome verdadeiro na tatuagem, Srta. Desaparecida Diondra. Então colocou o nome que ela usava quando estava brincando.

Eu o imaginei passando os dedos sobre as linhas inchadas, a pele ainda ardendo, orgulhoso. Polly. Talvez um gesto romântico. Talvez algo para não esquecer.

— Fico pensando quanto tempo tem a tatuagem — disse Lyle.

— Na verdade não parece muito velha — falei. — Ainda estava, não sei, nítida, nada desbotada.

Lyle abriu o laptop e o equilibrou em joelhos juntos.

— Vamos lá, vamos lá, me dê um sinal.

— O que está fazendo?

— Não acho que Diondra esteja morta. Acho que está meio que exilada. E se você vai para o exílio e tem que escolher um nome, não sentiria a tentação de usar um que usara antes, um que apenas alguns amigos conhecem, uma brincadeira consigo mesma e um pedaço de... casa? Algo que seu namorado pudesse tatuar no braço e tivesse significado para ele, algo permanente para o qual pudesse olhar? Vamos *lá* — disse ele para o computador.

Dirigimos mais vinte minutos, circulando pelas rodovias até Lyle conseguir um sinal e começar a digitar no ritmo da chuva, eu tentando dar uma olhada na tela sem nos matar.

Ele finalmente ergueu os olhos, um sorriso brilhante enlouquecido no rosto. E disse:

— Libby, acho que você vai querer encostar de novo.

Fui para o acostamento da estrada, pouco antes de Kansas City, um caminhão buzinando para minha irresponsabilidade, fazendo meu carro balançar ao passar depressa.

O nome dela estava no centro da tela: Polly Palm em Kearney, Missouri. Endereço e número de telefone, bem ali, a única Polly Palm listada em todo o país, a não ser por uma manicure em Shreveport.

— Eu realmente preciso ter internet — falei.

— Acha que é ela? — perguntou Lyle, olhando para o nome como se pudesse desaparecer. — Tem que ser ela, certo?

— Vamos ver — falei, pegando o celular.

Ela atendeu no quarto toque, no instante em que eu respirava fundo para deixar uma mensagem.

— É Polly Palm?

— Sim — disse uma voz adorável, toda doce e sensual.

— É Diondra Wertzner?

Pausa. Clique.

— Você ver o caminho para essa casa, Lyle?

* * *

Lyle queria ir, queria mesmo ir, e realmente achava que deveria ir, mas eu não conseguia ver isso dando certo, então o deixei na frente do Sarah's Pub, ele tentando não parecer emburrado enquanto eu partia, prometendo ligar para ele assim que saísse da casa de Diondra.

— Estou falando sério, não esqueça — gritou para mim. — É sério!

Dei uma buzinada e saí. Ele ainda gritava algo para mim quando virei a esquina.

Eu segurava o volante com força; Kearney ficava a bons quarenta e cinco minutos a nordeste de Kansas City, e o endereço de Diondra, segundo as instruções muito específicas de Lyle, era quinze minutos depois da cidade propriamente dita. Soube que estava perto quando comecei a ver todas as placas para a Fazenda Jesse James e o Túmulo de Jesse James. Fiquei pensando em por que Diondra escolhera morar na cidade natal de um fora da lei. Parecia algo que eu faria. Passei pelo desvio para a fazenda James — estive lá no primário, um lugar pequeno e frio onde, durante um ataque surpresa, o meio-irmão mais novo de Jesse foi morto — e lembro de pensar: "Assim como na nossa casa." Segui adiante por uma estrada estreita e curva, subindo e descendo morros, e então chegando ao interior, onde casas de tábuas empoeiradas ocupavam grandes lotes planos, cachorros acorrentados latindo em cada quintal. Não apareceu uma única pessoa; a área parecia totalmente vazia. Apenas cachorros e alguns cavalos, e mais adiante uma linha de floresta exuberante que conseguiu continuar existindo entre as casas e a rodovia.

A casa de Diondra apareceu dez minutos depois. Era feia e inclinada para o lado como uma mulher furiosa projetando o quadril. Ficava bem afastada da rua, parecia os aposentos de um meeiro de uma casa de fazenda maior, mas não havia outra casa, apenas alguns hectares de lama por todos os lados, ondulados e com calombos, como se o terreno tivesse acne. Aquela triste lembrança de floresta a distância.

Subi a longa estrada de terra que levava à casa, já com medo de que meu carro atolasse e do que aconteceria caso isso ocorresse.

Atrás das nuvens de tempestade, o sol de final de tarde chegou bem a tempo de me cegar enquanto batia a porta do carro e andava até a casa, sentindo um frio na barriga. Quando me aproximava dos degraus da frente, uma grande gambá saiu em disparada de baixo da varanda, chiando para mim. A coisa me enervou, aquele rosto branco pontudo e os olhos pretos parecendo algo que já devia estar morto. Além disso, mamães gambás são bichos nojentos. Ela correu para os arbustos e eu chutei os degraus para ter certeza de que não havia mais nada lá, e depois subi. Meu pé ruim escorregou dentro da bota. Um filtro de sonhos estava pendurado perto da porta, dentes de animais esculpidos e penas balançando.

Assim como a chuva havia despertado os cheiros de concreto da cidade, ela também tinha convocado o cheiro de terra e estrume ali. Senti o cheiro de casa, o que não era certo.

Uma longa pausa relaxada se seguiu à minha batida na porta, e depois pés silenciosos se aproximaram. Diondra abriu a porta, definitivamente não morta. Nem parecia muito diferente das fotos que eu tinha visto. Ela havia abandonado o permanente, mas ainda usava o cabelo escuro e ondulado, ainda usava o delineador grosso que fazia seus olhos parecerem azul-claros, como doces. Sua máscara tinha duas camadas, lembrava uma teia de aranha e deixava pinguinhos pretos sob os olhos. Os lábios eram carnudos como grandes lábios. O rosto e o corpo inteiros eram uma série de curvas gentis: bochechas rosadas com um pouco de papada, seios

que saíam ligeiramente do sutiã, um pouco de pele sobrando no alto de sua calça jeans.

— Ah — disse ela enquanto abria a porta, uma onda de calor saindo. — Libby?

— Sim.

Ela tomou meu rosto nas mãos.

— Cacete, Libby. Sempre achei que um dia você ia me encontrar. Garota esperta — disse, abraçando-me, depois me examinando um pouco. — Oi. Entre.

Entrei em uma cozinha com um nicho ao lado, a disposição me lembrando demais minha própria casa perdida. Cruzamos um corredor pequeno. À minha direita, o alçapão para o porão aberto, deixando passar rajadas de ar frio. Entramos em uma sala de estar de teto baixo, fumaça de cigarro subindo de um cinzeiro no chão, as paredes amareladas, toda a mobília parecendo ressecada. Uma TV enorme encostada na parede.

— Você se importaria de tirar os sapatos, por favor, querida? — disse, apontando para o carpete da sala, que era viscoso e sujo.

A casa inteira era torta, acabada, suja. Havia uma bosta de cachorro em miniatura perto da escada, Diondra a contornando habilmente.

Ela me levou ao sofá, deixando para trás pelo menos três cheiros: spray de cabelos de uva, um hidratante com aroma de flores e talvez... inseticida? Vestia uma blusa decotada e calça jeans apertada, com as bijuterias baratas de uma adolescente. Era uma daquelas mulheres de meia-idade que achavam estar enganando as pessoas.

Eu a segui, sentindo falta dos centímetros a mais que meus saltos me davam, sentindo-me infantil. Diondra virou de lado para mim, localizando-me com o canto do olho, e pude ver um canino pontudo surgir sob o lábio superior.

Ela inclinou a cabeça e disse:

— Venha, sente-se. Meu Deus, você é mesmo uma Day, não? Aquele cabelo vermelho-fogo, sempre adorei.

Assim que nos sentamos, três poodles de pernas curtas entraram correndo, coleiras sacudindo como sinos de trenó, e subiram no colo dela. Fiquei tensa.

— Ah, merda, você *é mesmo* uma Day — disse ela, com um riso agudo. — Ben também sempre ficava nervoso perto de cachorros. Claro que os que eu tinha na época eram maiores que estes bebezinhos.

Ela deixou que os cachorros lambessem seus dedos, línguas rosadas entrando e saindo.

— Então, *Libby* — ela começou, como se meu nome, minha existência, fossem uma piada particular —, Ben lhe contou onde me encontrar? Diga a verdade.

— Eu a encontrei por causa de algo que Trey Teepano disse.

— Trey? Meu Deus. Como você achou Trey Teepano?

— Ele tem uma loja de rações, está na lista telefônica.

— Uma loja de rações. Nunca teria adivinhado. Como ele está, por falar nisso?

Balancei a cabeça entusiasmada, quase dizendo “ele parece bem”, antes de me conter. Depois, falei:

— Você estava com Ben naquela noite.

— Huuum-huuum. Estava — disse, estudando meu rosto, cautelosa, mas interessada.

— Quero saber o que aconteceu.

— Por quê?

— *Por quê?*

— Desculpe, Srta. Libby, mas é que você apareceu de repente, do nada. Ben lhe disse alguma coisa? Quer dizer, por que você viria me procurar agora? Por que agora?

— Preciso ter certeza do que aconteceu.

— Ah, Libby. Ahhh — disse, lançando-me um olhar simpático. — Ben está bem cumprindo a pena pelo que aconteceu naquela noite.

Ele quer cumprir a pena. Deixe ele.

— Ele matou minha família?

— É por isso que você está aqui?

— Ben matou minha família?

Ela apenas sorriu para mim, aqueles lábios sem bordas, rígidos.

— Eu preciso de alguma paz, Diondra, por favor. Apenas me conte.

— Então isto é sobre paz, Libby? Você acha que vai encontrar paz se souber a resposta? Como se saber fosse curar você? Acha que depois do que aconteceu há paz para você, querida? Que tal isto? Em vez de se perguntar o que aconteceu, apenas aceite que aconteceu. Dê-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, a Prece da Serenidade. Isso me ajudou muito.

— Apenas me diga, Diondra, apenas me diga. Então tentarei aceitar.

O sol estava se pondo, atingindo-nos pela janela dos fundos agora, fazendo-me piscar com a claridade. Ela se inclinou para mim, tomou minhas mãos.

— Libby, sinto muito. Simplesmente não sei. Eu estava com Ben naquela noite. Íamos deixar a cidade. Eu estava grávida do bebê dele. Íamos fugir. Ele ia para casa, pegar algum dinheiro. Uma hora passou, duas, três horas. Achei que ele tinha perdido a coragem. Finalmente chorei até dormir. Na manhã seguinte, ouvi o que havia acontecido. Inicialmente achei que ele também havia morrido. Depois ouvi que não, estava detido, e a polícia achava que era parte de alguma seita ou um clã satânico, eles procuravam algo do tipo Charles Manson. Fiquei esperando uma batida na *minha* porta. Mas nada aconteceu. Dias se passaram, e soube que Ben não tinha álibi, nem sequer me mencionou. Ele estava me protegendo.

— Todos esses anos.

— Todos esses anos, sim. A polícia nunca ficou satisfeita com a ideia de que fosse apenas Ben. Queriam mais. Parecia melhor. Mas Ben nunca disse uma palavra. Ele é o meu maldito herói.

— Então ninguém sabe o que aconteceu naquela noite. Eu nunca, jamais vou descobrir — falei, sentindo um estranho alívio de dizer em voz alta.

Talvez agora pudesse parar. Se nunca, jamais saberia, então talvez pudesse parar.

— Realmente acho que você poderia encontrar alguma paz se aceitasse isso. Quero dizer, Libby, não acho que Ben fez isso. Acho que ele está protegendo seu pai, é o que acho. Mas quem sabe? Odeio dizer isso, mas o que aconteceu naquela noite, Ben precisava estar na prisão. Ele mesmo diz isso. Tinha algo dentro dele que não era bom para o mundo exterior. Uma violência. Está muito melhor na prisão. É muito popular lá. Troca correspondência com todas aquelas mulheres, que são loucas por ele. Ele recebe umas dez propostas de casamento por ano. De vez em quando pensa que quer voltar para o lado de fora. Mas não quer.

— Como sabe disso?

— Nós mantemos contato — disse secamente, depois sorriu.

A luz amarelo-alaranjada do pôr do sol passou pelo queixo dela, os olhos de repente no escuro.

— Onde está o bebê, Diondra? O bebê que você esperava?

— Estou aqui — disse a Garota Day.

BEN DAY

3 DE JANEIRO DE 1985
1H11

Ben abriu a porta da sala escura e pensou: em casa. Como um herói navegador retornando após meses no mar. Ele quase bateu a porta na cara de Diondra — não me pega —, mas a deixou entrar porque... porque ele tinha medo do que aconteceria se não fizesse isso. Era um alívio terem finalmente deixado Trey para trás. Ele não queria Trey andando pela sua casa, fazendo suas observações espertinhas sobre coisas que Ben já sabia que eram constrangedoras.

Todos estavam dormindo, a casa inteira em uma respiração coletiva. Ele queria acordar a mãe, queria que ela virasse no corredor, olhos remelentos em um de seus casulos de roupas, e perguntasse onde no mundo ele estivera, *o que no mundo o possuíra?*

O diabo. O diabo me possuiu, mãe.

Ele não queria ir a lugar nenhum com Diondra, mas ela estava atrás dele, raiva exalando de seu corpo como calor, olhos arregalados — *rápido, rápido* —, e então começou a vasculhar silenciosamente os armários, procurando nos esconderijos de dinheiro da mãe. No primeiro armário encontrou uma caixa velha de farelo de trigo, abriu e engoliu o máximo que pôde do cereal seco, os flocos grudando nos lábios e na garganta, fazendo com que tossisse um pouco, uma tosse de bebê. Depois enfiou a mão inteira e agarrou um punhado de farelo, enfiando-os na boca, abriu a geladeira e encontrou um pote com ervilhas e cenouras cortadas,

uma camada de manteiga por cima, e enfiou uma colher, levou os lábios à borda do plástico e jogou tudo na boca, ervilhas rolando por seu peito em direção ao chão.

— Vamos! — sibilou Diondra. Ele ainda usava o moletom roxo dela; ela vestia uma bela calça jeans nova, suéter vermelho e os sapatos masculinos pretos de que gostava; os pés dela estavam tão grandes que realmente eram sapatos de homem. Ela não gostava que os outros soubessem disso. Agora estava dando pequenas batidas no chão com um deles. Vamos logo, vamos logo.

— Vamos para o meu quarto — disse ele. — Tenho dinheiro lá. E um presente para você.

Diondra brilhou com isso — mesmo naquele momento, os olhos abrindo e fechando, cambaleando com drogas e álcool, ela se animava com presentes.

O cadeado do quarto estava cortado, e Ben ficou puto, depois preocupado. Mãe ou polícia. Não que houvesse algo a encontrar. Mas ainda assim. Ele abriu a porta, acendeu a luz, Diondra fechando a porta atrás de si. Ela falava sem parar, mas ele não estava escutando, e depois estava chorando, então ele parou de arrumar suas coisas e deitou ao lado dela. Alisou os cabelos dela para trás, acariciou sua barriga e tentou mantê-la quieta, tentou murmurar coisas tranquilizadoras, falando sobre como a vida deles juntos seria ótima e outras mentiras do tipo. Levou uma meia hora para que se acalmasse. E era ela quem dizia para se apressar. Clássico.

Ele se levantou, olhando para o relógio, querendo sair logo dali, já que eles realmente iriam embora. A porta abrira um pouco, e ele não se importou em fechar, ele a queria aberta, o perigo fazendo com que se movesse mais rápido. Jogou calças e suéteres em uma bolsa de ginástica, juntamente com o caderno cheio dos nomes de que gostava para o bebê — ele ainda achava que Krissi Day era o melhor, aquele era um bom nome, Krissi Day. Krissi Patricia Day, ou, em homenagem a Diane, Krissi Diane Day. Gostava disso porque os

amigos dela poderiam chamá-la de D-Day, seria legal. Mas ele teria que argumentar com Diondra, que achava todos os seus nomes simples demais. Ela queria nomes como Ambrosia, Calliope e Nightingale.

Bolsa no ombro, enfiou a mão no fundo da gaveta da escrivaninha e tirou sua pilha de dinheiro escondida. Ele estava guardando notas de cinco e dez aqui e ali, convencera-se de que tinha trezentos, quatrocentos dólares, mas agora viu que não chegava a cem. Enfiou tudo no bolso, ficou de quatro para procurar embaixo da cama e só viu espaço vazio onde antes estava a sacola de roupas. As roupas de sua filha.

— Onde está meu presente? — perguntou Diondra, um som gutural porque ela estava deitada de costas, a barriga apontada para cima, agressiva como um dedo médio erguido.

Ben levantou a cabeça, olhou para Diondra, o batom borrado e os olhos negros escorrendo, e pensou que ela parecia um monstro.

— Não estou achando — disse.

— O que quer dizer com não estou achando?

— Não estou achando, alguém esteve aqui.

Ambos ficaram sob o brilho da única lâmpada, sem saber o que fazer a seguir.

— Acha que foi uma das suas irmãs?

— Talvez. Michelle está sempre xeretando. Além disso, não tenho tanto dinheiro quanto pensava.

Diondra se sentou, agarrando a barriga, algo que nunca fazia de modo afetuoso, protetor. Agarrava como um fardo que era idiota o bastante de se oferecer para carregar. Ela a estava segurando naquele momento, para ele, e dizendo:

— Você é o pai deste maldito bebê, então é melhor pensar em algo logo, foi você quem me deixou grávida, então é melhor dar um jeito nisso. Estou quase com sete meses de gravidez, posso ter um bebê a qualquer momento, e você...

Um movimento à porta, apenas a passagem de uma camisola, e então um pé se esticando, tentando manter o equilíbrio. Uma batida acidental e a porta sendo escancarada. Michelle estava no corredor tentando escutar a conversa, até se inclinar demais e todo o seu rosto redondo aparecer, aqueles grandes óculos refletindo quadrados de luz idênticos. Segurava seu novo diário, uma baba de tinta de caneta escorrendo da boca.

Michelle olhou de Ben para Diondra, depois apontou para a barriga de Diondra e disse:

— Ben engravidou uma garota. Eu sabia!

Ben não conseguia ver os olhos dela, apenas a luz nos óculos e o sorriso.

— Você contou à mãe? — perguntou Michelle ficando animada, sua voz uma insinuação. — Eu devo contar à mãe?

Ben estava prestes a pegá-la, enfiá-la de volta na cama com uma ameaça quando Diondra se lançou. Michelle tentou chegar à porta, mas Diondra segurou seus cabelos, aqueles compridos cabelos castanhos, e a jogou no chão, Michelle caindo com força sobre o cóccix, Diondra sussurrando *nem uma palavra, sua piranhazinha, nem uma porra de uma palavra*, e então Michelle se retorceu, empurrando as paredes com pés escorregadios, deixando Diondra segurando um punhado de cabelos, que jogou no chão, indo atrás de Michelle, e se Michelle conseguisse chegar ao quarto da mãe tudo ficaria bem, sua mãe cuidaria de tudo, mas em vez disso foi diretamente para o próprio quarto, o quarto das meninas, e Diondra a seguiu, Ben indo atrás, sussurrando *Diondra, pare, Diondra, deixe para lá*. Mas Diondra não deixaria para lá, foi até a cama de Michelle, onde ela se encolhia contra a parede, choramingando, e puxou Michelle por uma perna, a esticou na cama e sentou em cima. *Você quer contar ao mundo que eu estou grávida, esse é seu plano, um dos seus pequenos golpes, uma porra de um segredinho que você vende por cinquenta centavos, contar à sua mãe, sabe o que eu sei?, acho que não, sua merdinha, por que esta família*

inteira é tão idiota?, e colocou as mãos sobre o pescoço de Michelle, os pés de Michelle enfiados em chinelos que deveriam parecer pés de filhotinhos chutando para cima e para baixo, Ben observando os pés, desligado, pensando que realmente pareciam pés de filhotinho, e então Debby lentamente despertando de seu sono de zumbi, então Ben fechou a porta, em vez de escancará-la e chamar a mãe, ele queria que tudo ficasse em silêncio, nenhum outro instinto senão o de se ater ao plano, que é não acordar ninguém, e ele tentando raciocinar com Diondra, pensando que tudo ficaria bem, *Diondra, Diondra, se acalme, ela não vai contar, solte*, e Diondra se apoiando mais no pescoço de Michelle, *você acha que vou passar minha vida preocupada com esta piranhazinha*, e Michelle arranhando, depois golpeando a mão de Diondra com a caneta, um brilho de sangue, Diondra soltando por um segundo, parecendo surpresa, parecendo simplesmente não acreditar, e Michelle virada de lado, arfando, e Diondra agarrando seu pescoço de novo, e Ben colocou as mãos nos ombros de Diondra para puxá-la, mas em vez disso eles apenas ficaram ali.

LIBBY DAY

HOJE

A Garota Day era magra, quase alta, e enquanto entrava na sala o que eu via era um rosto que era quase o meu. Ela também tinha cabelo ruivo, pintado de castanho, mas as raízes vermelhas estavam aparecendo, assim como as minhas apareceram alguns dias antes. A altura devia vir de Diondra, mas o rosto era nosso, meu, de Ben, de minha mãe. Ficou me encarando, depois balançou a cabeça.

— Desculpe, isso foi esquisito — disse, corando. A pele era salpicada das sardas de nossa família. — Eu não sabia, quer dizer, acho que faz sentido sermos parecidas, mas... Uau.

Ela olhou para a mãe, depois para mim, as minhas mãos, as mãos dela, meu dedo faltando.

— Sou Crystal. Sou sua sobrinha.

Senti que devia abraçá-la, e queria. Cumprimentamo-nos com um aperto de mãos.

A garota ficou perto de nós, entrelaçando os braços um no outro como uma trança, ainda olhando de lado para mim do modo como você se vê numa vitrine ao passar andando, tentando dar uma olhada em si mesma sem ninguém perceber.

— Eu disse que isso aconteceria se tivesse que acontecer, querida — disse Diondra. — Então aqui está ela. Venha, sente-se.

A garota se jogou preguiçosamente sobre a mãe, enfiando-se na dobra do braço de Diondra, a bochecha no ombro da mãe, Diondra brincando com um cacho do cabelo ruivo/castanho. Ela me olhou dessa posição. Protegida.

— Não consigo acreditar que finalmente nos conhecemos — disse Crystal. — Não era para eu conhecer você. Eu sou um segredo, você sabe. A filha de um amor secreto, certo? — disse, olhando para a mãe.

— Isso mesmo — disse Diondra.

Então a garota sabia quem era, quem os Day eram, que seu pai era Ben Day. Fiquei chocada por Diondra ter a confiança de que sua filha soubesse isso, mantivesse o segredo, não me procurasse. Fiquei pensando em quanto tempo havia que Crystal sabia, se algum dia passara de carro pela minha casa, apenas para ver, apenas para dar uma olhada. Fiquei pensando por que Diondra contaria à família uma verdade tão horrível se realmente não precisava.

Diondra deve ter seguido meu raciocínio.

— Está tudo bem — disse ela. — Crystal conhece a história toda. Eu conto tudo a ela. Somos melhores amigas.

A filha assentiu.

— Eu tenho até um pequeno livro de recortes com fotos de todos vocês. Bem, apenas as que recortei de revistas e coisas assim, é como um álbum de família falso. Sempre quis conhecer você. Devo chamá-la de tia Libby? Isso é bizarro? É muito bizarro.

Não conseguia pensar no que dizer. Apenas senti alívio. Não era o fim dos Day. Na verdade a família estava florescendo, com aquela bonita garota alta que parecia comigo, embora com todos os dedos de mãos e pés e sem meu cérebro sombrio. Eu queria fazer uma avalanche de perguntas intrometidas: ela tinha problemas de visão, como Michelle? Era alérgica a morango, como minha mãe? Tinha o sangue doce, como Debby, que era comida viva pelos mosquitos e passava o verão fedendo a cânfora? Tinha ataques como eu, era distante como Ben? Manipuladora e sem culpa como Runner? Como ela era, como ela era, me diga o que você tem dos Day e me faça lembrar de como éramos.

— Também li seu livro — acrescentou Crystal. — *Um novo dia*. Realmente bom. Queria dizer a alguém que a conhecia, porque, sabe, estava orgulhosa.

A voz dela soava como uma flauta, como se estivesse perpetuamente à beira do riso.

— Ah, obrigada.

— Você está bem, Libby? — perguntou Diondra.

— Ahn, acho, acho só que ainda não entendo por que todos vocês ficaram escondidos esse tempo todo. Por que Ben ainda jura que não conhece você. Quer dizer, estou supondo que ele nunca nem viu a filha.

Crystal balançou a cabeça negando.

— Mas adoraria conhecê-lo. Ele é meu herói. Ele protegeu minha mãe e a mim todos esses anos.

— Realmente precisamos que guarde esse segredo por nós, Libby — disse Diondra. — Realmente esperamos isso. Eu não posso me arriscar a que pensem que fui cúmplice de algo. Não posso arriscar isso. Por Crystal.

— Só acho que não há necessidade disso...

— Por favor? — disse Crystal. A voz era simples, mas urgente. — Por favor. Eu realmente não suporto a ideia de que podem aparecer a qualquer minuto e levar minha mãe de mim. Ela realmente é minha melhor amiga.

Quase revirei os olhos, mas vi que a garota estava à beira das lágrimas. Então realmente estava assustada com esse espectro que Diondra criara: policiais bichos-papões vingativos que poderiam invadir e levar mamãe embora. Eu acreditava que Diondra era sua melhor amiga. Todos esses anos elas viveram em um casulo de duas pessoas. Segredo. Tem que continuar em segredo pela mamãe.

— Então você fugiu e nunca contou à sua família?

— Fui embora quando realmente estava começando a aparecer — disse Diondra. — Meus pais eram maníacos. Fiquei contente de

me livrar deles. Era nosso segredo, o bebê, meu e de Ben.

Um segredo na casa dos Day, que incomum. Michelle finalmente perdeu uma.

— Você está sorrindo — disse Crystal, um sorrisinho igual nos lábios dela.

— Ah, estava apenas pensando em como minha irmã Michelle teria adorado colocar as mãos nessa fofoca. Ela adorava um drama.

Elas pareceram ter levado um tapa.

— Não estava querendo fazer pouco-caso, desculpem — falei.

— Ah, não, não se preocupe com isso — disse Diondra. Nós nos entreolhamos, dedos, mãos e pés remexendo. Diondra quebrou o silêncio. — Gostaria de ficar para o jantar, Libby?

* * *

Ela me deu um rosbife salgado que tentei engolir e muito vinho rosé de uma caixa que parecia não ter fundo. Não bebericamos, bebemos. Meu tipo de mulher. Conversamos sobre bobagens, histórias do meu irmão, com Crystal distribuindo perguntas que me senti constrangida de não saber responder: Ben gostava de rock ou música clássica? Ele lia muito? Tinha diabetes?, porque ela tinha problemas de pouco açúcar no sangue. E quanto à avó, Patty, como ela era?

— Eu quero conhecê-las, sabe, como pessoas. Não vítimas — disse ela, solenemente.

Pedi licença para ir ao banheiro, precisando de um momento longe das lembranças, da garota, de Diondra. A compreensão de que não havia mais pessoas com quem conversar, de que tinha chegado ao fim, e agora precisava retornar e pensar em Runner novamente. O banheiro era tão ofensivo quanto o resto do lugar, cheio de mofo, a água do vaso correndo perpetuamente, chumaços de papel higiênico sujo de batom cobrindo o chão ao redor da lata de lixo. Pela primeira vez sozinha na casa, não pude resistir a

procurar uma lembrança. Havia um vaso vermelho esmaltado sobre a caixa do vaso, mas eu não estava com a bolsa. Precisava de algo pequeno. Abri o armário de remédios e encontrei vários remédios com o nome Polly Palm no rótulo. Soníferos, analgésicos e coisas para alergia. Peguei alguns comprimidos de Vicodin, depois embolsei um batom rosa-claro e um termômetro. Grande sorte, pois nunca, jamais pensaria em comprar um termômetro, mas sempre quis um. Quando fico na cama é sempre bom saber se estou doente ou apenas com preguiça.

Voltei à mesa, Crystal sentada com um pé na cadeira, queixo apoiado no joelho.

— Ainda tenho perguntas — disse, sua voz de flauta fazendo escalas.

— Eu provavelmente não tenho as respostas — comecei, tentando evitá-la. — Era nova demais quando aconteceu. Quer dizer, esqueci muito da minha família até começar a conversar com Ben.

— Não tem álbuns de fotos? — perguntou Crystal.

— Tenho. Guardei por um tempo, coloquei numa caixa.

— Doloroso demais — disse Crystal, em voz baixa.

— Só agora voltei a olhar as caixas, álbuns de fotos, anuários e muitas outras coisas.

— Tipo o quê? — perguntou Diondra, esmagando ervilhas sob o garfo como uma adolescente entediada.

— Bem, praticamente metade era lixo de Michelle — falei, ansiosa para poder responder a uma pergunta com segurança.

— Brinquedinhos? — perguntou Crystal, brincando com o canto da saia.

— Não, bilhetes e lixo. Diários. Com Michelle tudo era escrito. Ela via uma professora fazendo alguma coisa esquisita, anotava no diário, pensava que nossa mãe tinha favoritos, colocava no diário, tinha uma discussão com a melhor amiga por causa de um garoto de que ambas gostavam, colocava...

— ...odd Delhunt — murmurou Crystal, anuindo.

Engoliu mais um pouco de vinho em um grande gole.

— ...no diário — continuei, não exatamente ouvindo. Depois ouvindo. Ela falou Todd Delhunt? Era Todd Delhunt, eu nunca teria lembrado do nome sozinha, a grande briga que Michelle teve por causa do pequeno Todd Delhunt. Acontecera bem no Natal, pouco antes dos assassinatos, lembro que ela ficou agoniada até a manhã de Natal, escrevendo em seu diário. Mas... Todd Delhunt, como...

— Você conhecia Michelle? — perguntei a Diondra, meu cérebro ainda girando.

— Não conhecia bem — disse Diondra. — Na verdade, não — acrescentou, e começou a me lembrar de Ben fingindo não conhecer Diondra.

— Agora é minha vez de fazer xixi — disse Crystal, tomando um último gole de vinho.

— Então — comecei, e parei.

Não havia como Crystal saber da paixão de Michelle por Todd Delhunt a não ser... A não ser que tivesse lido o diário de Michelle. O que ela ganhou na manhã de Natal, para começar mais um naquele mesmo dia. Eu imaginei que nenhum dos diários estava faltando, porque 1984 estava intacto, mas nem sequer pensei em 1985. O novo diário de Michelle, apenas nove dias de pensamentos. Era o que Crystal estava citando. Ela lera o diário da minha irmã...

Tive um vislumbre de metal à minha direita, no momento em que Crystal enfiava um velho ferro de passar na minha têmpora, a boca dela esticada em um grito congelado.

PATTY DAY

3 DE JANEIRO DE 1985
2H03

Patty tinha mesmo mergulhado no sono, mas acordou às duas e dois, saindo de baixo de Libby e seguindo pelo corredor. Alguém se agitava no quarto das meninas, uma cama rangia. Michelle e Debby dormiam pesado, mas eram barulhentas — arrancavam cobertas, falavam dormindo. Passou pelo quarto de Ben, a luz ainda acesa de quando ela o invadira. Ela teria ficado, mas estava atrasada, e Calvin Diehl provavelmente não tolerava atrasos.

Bebê Ben.

Melhor não ter tempo. Andou até a porta e, em vez de se preocupar com o frio, pensou no oceano, aquela única viagem ao Texas quando menina. Ela se imaginou na praia, a água se aproximando, sal em seus lábios. Sol.

Abriu a porta, a faca entrou em seu peito, e ela se dobrou ao meio nos braços do homem, ele sussurrando: *Não se preocupe, acabará em uns trinta segundos, apenas mais uma para garantir*, e a afastou de si, ela era uma dançarina sendo curvada, e então pôde sentir a faca se virar no peito, não atingiu o coração, e podia sentir o aço se mover dentro de si, e o homem baixou os olhos para ela com um rosto gentil, preparando-se para repetir, mas olhou por sobre o ombro dela, e seu rosto gentil ficou manchado, seu bigode começou a tremer...

— Que porra é essa?

E Patty virou o rosto só um pouco, de volta para a casa, e era Debby com sua camisola lavanda, as tranças desarrumadas pelo

sono, uma fita branca descendo pelo braço, gritando *mãe, eles estão machucando Michelle!*. Nem sequer percebendo que a mãe também estava sendo machucada, ela se concentrava na mensagem, *venha, mãe, venha*, e Patty só conseguiu pensar: mau momento para um pesadelo. Depois: fechar a porta. Ela sangrava até as pernas, e enquanto tentava fechar a porta para que Debby não a visse, o homem empurrou a porta e berrou *Drogadrogadrogaaa!*, fazendo o ouvido de Patty retumbar. Ela o sentiu tentando tirar a faca de seu peito e compreendeu o que isso significava, que ele queria Debby, aquele homem que disse que ninguém deveria saber, ninguém poderia vê-lo, ele queria que Debby fosse com Patty, e Patty colocou a mão com força no cabo e a enfiou mais fundo dentro de si, e o homem continuava a gritar e finalmente soltou a faca, abriu a porta com um chute e entrou, e enquanto Patty caía, viu que o homem foi até o machado, o machado que Michelle havia colocado junto à porta, e Debby começou a correr para a mãe, correndo para ajudar a mãe, e Patty gritando *Fuja!*. E Debby ficou paralisada, berrou e vomitou na frente do corpo, escorregou no piso e começou a correr na outra direção, conseguiu chegar ao fim do corredor e dobrou para outro cômodo, mas o homem estava bem atrás dela, estava erguendo o machado, e então ela viu o machado descer, e Patty se levantou, cambaleando como uma bêbada, incapaz de ver com um dos olhos, movendo-se como em um pesadelo em que os pés vão depressa, mas não chegam a lugar algum, gritando *Corra, corra, corra* e virando no fim do corredor e vendo Debby caída no chão com asas de sangue, e o homem agora com muita raiva, os olhos molhados e iluminados, gritando *Por que me obrigou a fazer isto?*. E ele se virou como se para ir embora, e Patty passou correndo por ele, pegou Debby, que cambaleou alguns passos como se fosse um bebê gorducho aprendendo a andar, e estava realmente machucada, seu braço, seu braço doce, *Está tudo bem, querida, você está bem*, a faca deslizando do peito de Patty e caindo no chão, sangue

pulsando dela mais rapidamente, e o homem voltou, desta vez com uma espingarda, a espingarda de Patty, que ela colocara com tanto cuidado sobre a moldura da lareira da sala da frente, onde as garotas não podiam alcançar. Apontou enquanto ela tentava ficar na frente de Debby, porque agora não podia morrer.

O homem engatilhou a arma e Patty ainda teve tempo para um último pensamento, eu queria, eu queria, eu queria muito poder voltar no tempo.

E então, com um jorro, como ar de verão entrando pela janela de um carro, o disparo arrancou metade de sua cabeça.

LIBBY DAY

HOJE

— Desculpe, mãe — dizia Crystal.

Eu estava parcialmente cega, só conseguia ver uma cor laranja queimada, uma cor de olhos apertados contra o sol. Imagens da cozinha voltavam à visão e desapareciam imediatamente. Minha bochecha doía, eu podia sentir algo latejando, que descia pela coluna na direção dos meus pés. Estava caída de barriga no chão, e Diondra estava montando em mim. Podia sentir o cheiro dela — aquele cheiro de inseticida — pairando acima de mim.

— Ah, Deus, fodi tudo.

— Está tudo bem, querida, apenas pegue a arma.

Podia ouvir os pés de Crystal na escada, e então Diondra estava me virando, agarrando meu pescoço. Queria que me xingasse, gritasse algo, mas estava silenciosa, uma respiração pesada e calma. Seus dedos apertaram mais meu pescoço. Minha jugular saltou, começou a pulsar em seu polegar. Eu continuava sem enxergar. Estava prestes a morrer. Sabia disso, minha pulsação acelerando, e então ficando lenta demais. Ela prendeu meus braços com os joelhos, eu não conseguia movê-los, tudo o que podia era chutar o chão, meus pés deslizando. Ela respirava no meu rosto, podia sentir o calor, imaginar sua boca aberta. Sim, isso mesmo, podia imaginar onde a boca estava. Consegui torcer meu corpo, libertei os braços e enfiei meu punho no rosto dela.

Eu a acertei com alguma coisa, o suficiente para tirá-la de cima de mim por um segundo, apenas um pequeno osso esmagado, mas suficiente para deixar meu punho doendo, e então estava me

arrastando pelo chão, tentando encontrar uma cadeira, tentando ver, cacete, e então as mãos dela agarraram meu tornozelo, *Não desta vez, querida*, e ela segurava meu pé dentro da meia, mas era o pé direito, aquele a que faltavam dedos, então era mais difícil segurar, as meias nunca calçavam direito, e de repente estava de pé e a deixei segurando minha meia, e ainda nada de Crystal, nada de arma, e eu corria na direção dos fundos da casa, mas não conseguia ver, não conseguia ir em linha reta, e em vez disso fui para a direita, passando por aquele alçapão aberto e caí de cara no lance de escadas que dava no porão, ficando mole como uma criança, não resistindo, procurando o jeito certo de cair, e então no momento em que cheguei ao fundo me virei, e senti o cheiro úmido. Minha visão tremeu como uma TV velha — apagou, depois ligou —, e então pude perceber apenas a sombra de Diondra parada no retângulo de luz no alto da escada. Depois ela fechou o alçapão.

Eu podia ouvi-las em cima, Crystal voltando.

— Vamos ter que...

— Bem, *agora* vamos.

— Não posso acreditar, eu só, apenas saiu da minha boca, tão idiota...

Eu correndo em círculos pelo porão, tentando encontrar uma saída: três paredes de concreto e uma parede dos fundos coberta de lixo até o teto. Diondra e Crystal não estavam preocupadas comigo, conversavam no andar de cima, eu mexendo na pilha, procurando um lugar para me esconder, tentando encontrar algo que pudesse usar como arma.

— ...não sei realmente o que aconteceu, não com certeza...

Abri uma arca na qual podia me esconder e morrer.

— ...sabe, ela não é idiota...

Comecei a jogar para longe um cabideiro de chapéus, duas rodas de bicicleta, a parede de lixo mudando a cada coisa que eu deixava para trás.

— ...eu faço, foi minha culpa...

Cheguei a uma montanha de caixas velhas, desfazendo-me delas como me desfiz daquelas que eu tinha embaixo da escada. Empurro para longe e cai um velho pula-pula, pesado demais para que eu possa segurar.

— ...eu faço, tudo bem.

As vozes raivosa-culpada-raivosa-culpada-decidida.

O porão era maior que a própria casa, um bom porão do Meio-Oeste feito para resistir a tornados, feito para estocar vegetais, profundo e sujo. Tirei o lixo e continuei a avançar e enquanto me espremia atrás de uma cômoda enorme encontrei uma velha porta. Era um outro cômodo, de fato a parte de abrigo de tornados, e, sim, um beco sem saída, mas não havia tempo para pensar, tinha que continuar, e agora uma luz iluminava o porão, Diondra e Crystal estavam vindo, e fechei a porta atrás de mim e entrei no quarto apertado, com mais coisas guardadas lá — discos velhos, um berço, um frigobar, tudo empilhado nas laterais, não muito mais do que outros seis metros para correr, e podia ouvir atrás de mim mais da pilha de lixo caindo na frente da porta, mas isso não ajudaria muito, elas passariam por aquilo em segundos.

— Apenas atire para lá, ela tem que estar lá — dizia Crystal, e Diondra a mandava se calar, os pés delas pesados nos últimos degraus, com cautela, Diondra chutando coisas pelo caminho enquanto se moviam na direção da porta, encurralando-me como se eu fosse um animal raivoso que precisasse ser abatido, Diondra nem ao menos concentrada, de repente dizendo: “Aquele rosbife estava salgado demais.”

Dentro do meu quartinho percebi uma luz fraca no canto. Vindo de algum ponto do teto.

Fui na direção dela, tropeçando em um carrinho vermelho, as mulheres rindo quando me ouviram cair, Crystal gritando:

— Vai ficar com um hematoma.

Diondra chutando coisas para longe e eu sob a luz, era a abertura de uma turbina de vento, o poço de ventilação do abrigo,

pequeno demais para a maioria das pessoas, mas servia para mim, e comecei a empilhar coisas para chegar a ele, elevar meus braços para conseguir me erguer, e Diondra e Crystal estavam quase superando o entulho. Tentei ficar de pé em um velho carrinho de bebê, mas o fundo cedeu, cortei a perna, comecei a empilhar mais coisas: um trocador de fraldas empenado, depois algumas enciclopédias, e eu em cima das enciclopédias, sentindo que elas iam escorregar, mas passei os braços pelo poço, atravessando as pás da turbina enferrujada, um grande impulso e eu respirava o ar frio da noite, pronta para o próximo impulso que me tiraria dali, e então Crystal agarrou meu pé, tentando me puxar para baixo de novo, eu a chutando, lutando. Gritos abaixo de mim, *Atire nela!* e Crystal berrando *Eu peguei*, e o peso dela me puxando para baixo, eu perdendo apoio, metade dentro e metade fora do chão, e então dei um belo chute com meu pé ruim e enfiei o calcanhar bem no rosto dela, o nariz quebrando, um uivo abaixo de mim, e Diondra gritando *Ah, minha menina*, e eu livre, em cima, meus braços com arranhões profundos vermelhos, e eu lá em cima, sobre o chão, e enquanto ofegava, respirando na lama, já podia ouvir Diondra falando *Para cima, para cima*.

As chaves do carro tinham sumido, perdidas em algum lugar lá dentro, então me virei e corri para a floresta, um trote manco, como algo com três pernas, uma meia vestida, uma meia perdida, vadeando a lama que fedia a estrume à luz da lua, e então me virei, sentindo-me quase bem, e vi que elas estavam fora da casa, me seguindo, correndo atrás de mim — rostos brancos pálidos vertendo sangue —, mas consegui chegar à floresta. Minha cabeça girava, meus olhos não focalizavam nada: uma árvore, o céu, um coelho fugindo de mim. *Libby!* atrás de mim. Entrei mais fundo na floresta, prestes a desmaiar, e quando meus olhos começaram a escurecer, encontrei um carvalho gigantesco. Estava em um declive de pouco mais de um metro, raízes retorcidas se irradiando como o sol, e desci na terra e me enfiei em uma velha toca de animal, sob uma

das raízes que eram grossas como um adulto. Eu me enfiei no solo frio e úmido, uma coisinha em um buraquinho, tremendo, mas em silêncio, escondendo-me, algo que eu podia fazer.

As luzes das lanternas se aproximaram, batendo no tronco da árvore, as mulheres passando por cima de mim, um vislumbre de uma saia, um relance de uma perna vermelha sardenta. *Ela tem que estar aqui, não pode ter ido tão longe*, e eu tentando não respirar, sabendo que se fizesse isso seria um bocado de ar que faria com que levasse um tiro no rosto, então prendi a respiração enquanto sentia o peso delas pressionando as raízes, e Crystal disse *Ela pode ter voltado para a casa*, e Diondra disse *Continue olhando, ela é rápida*, como alguém que sabia, e elas se viraram e correram mais para dentro da floresta, e respirei, engoli ar de terra, meu rosto enfiado na sujeira. Durante horas a floresta ecoou com seus gritos de irritação, frustração — *isso não é bom, isso é muito ruim* —, e em algum momento os gritos pararam, eu esperei mais algumas horas, até amanhecer, antes de sair e cambalear por entre as árvores na direção de casa.

BEN DAY

3 DE JANEIRO DE 1985
2H12

Diondra ainda estava sobre o corpo de Michelle. Escutando. Ben estava sentado, encolhido, sacudindo-se enquanto vinham do corredor gritos e xingamentos, o machado acertando carne, a espingarda e o silêncio, e depois sua mãe novamente, não ferida, talvez não ferida, mas então ele soube que estava, estava fazendo sons incoerentes e batendo nas paredes, e aquelas botas pesadas descendo o corredor, na direção do quarto da mãe, e então o som horrível de mãozinhas tentando agarrar, as mãos de Debby raspando o piso de madeira, e então o machado novamente e ar escapando ruidosamente, e então outro tiro de espingarda, Diondra se encolhendo em cima de Michelle.

O nervosismo de Diondra se revelava apenas nos cabelos, que tremiam ao redor da cabeça naqueles cachos grossos. A não ser por isso, ela não se movia. Os passos pararam diante da porta, a porta que Ben fechara depois que os gritos haviam começado, a porta atrás da qual ele se escondia enquanto a família estava caída do lado de fora, morrendo. Eles ouviram um uivo — *drogaaaa* —, e depois os passos correram, pesados e duros para fora de casa.

Ben sussurrou para Diondra, apontando para Michelle.

— Ela está bem?

E Diondra franziu a testa, como se ele a tivesse insultado.

— Não, ela está morta.

Ben não conseguiu se levantar.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta — disse Diondra, e saiu de cima de Michelle, a cabeça da menina tombando para o lado, seus olhos abertos voltados para Ben. Os óculos quebrados caídos perto dela.

Diondra foi até Ben, os joelhos na frente do rosto dele. Esticou a mão para ele.

— Vamos, levante.

Eles abriram a porta, os olhos de Diondra se arregalando como se vissem neve pela primeira vez. Havia sangue por toda parte, Debby e sua mãe em uma poça de sangue, machado e espingarda largados no corredor, uma faca mais à frente. Diondra foi olhar mais de perto, seu reflexo escuro no lago de sangue que ainda corria na direção de Ben.

— Que merda — sussurrou ela. — Talvez realmente tenhamos feito merda com o diabo.

Ben correu para a cozinha, querendo vomitar na pia, a ânsia parecendo reconfortante, *bote para fora bote tudo para fora*, do modo como sua mãe costumava dizer, segurando sua testa acima do vaso quando ele era criança. *Bote toda essa coisa ruim para fora*. Mas nada aconteceu, então ele cambaleou na direção do telefone e lá estava Diondra, bloqueando a passagem.

— Você vai me denunciar? Por causa de Michelle?

— Precisamos chamar a polícia — disse ele, os olhos na xícara suja da mãe, um resto de café ainda no fundo.

— Onde está a menor? — perguntou Diondra. — Onde está o bebê?

— Ah, merda! Libby!

Ele voou pelo corredor novamente, tentando não olhar para os corpos, fingindo que eram apenas obstáculos sobre os quais saltar, olhou no quarto da mãe e sentiu o frio, viu a brisa balançando as cortinas e a janela aberta. Voltou à cozinha.

— Ela sumiu — disse. — Conseguiu escapar, sumiu.

— Vá buscá-la.

Ben se virou para a porta, prestes a correr para fora, e então parou.

— Buscá-la por quê?

Diondra foi até ele, pegou as mãos e as colocou na barriga.

— Ben, você não vê como isto deveria ser? Acha coincidência que tenhamos feito o ritual esta noite, que precisemos de dinheiro e isso, pou, um homem mata sua família. Você agora vai herdar o seguro de vida da sua mãe, vai poder fazer qualquer coisa que quiser, se quiser ir morar na Califórnia, na praia, ir morar na Flórida, podemos fazer isso.

Ben nunca disse que queria morar na Califórnia ou na Flórida. Diondra que disse aquilo.

— Somos uma família agora, podemos ser uma família de verdade. Mas Libby é um problema. Se ela viu alguma coisa.

— E se não viu?

Mas Diondra já estava fazendo que não com a cabeça.

— Hora de romper com o passado, querido. É perigoso demais. Hora de ser corajoso.

— Mas, se precisamos sair da cidade esta noite, não posso ficar esperando o seguro de vida.

— Bem, claro que não podemos ir embora esta noite. Agora precisamos ficar, pareceria suspeito se você fosse embora. Mas você entende como é uma bênção, as pessoas vão esquecer toda a besteirada sobre Krissi Cates, porque agora você é uma vítima. As pessoas vão querer ser boas com você. Vou tentar esconder isto por mais um mês — disse, tocando a barriga. Usarei casaco o tempo todo, alguma coisa assim. E quando pegarmos o dinheiro sumiremos. Livres. Você nunca mais terá que comer merda.

— E quanto a Michelle?

— Peguei o diário dela — disse Diondra, mostrando a ele o novo livro com capa da Minnie Mouse. — Estamos bem.

— Mas o que dizemos sobre Michelle?

— Você diz que o maluco fez isso, como fez com as outras. Incluindo a Libby.

— Mas e quanto...

— E Ben, você nunca pode dizer que me conhece, não até irmos embora. Não posso ser ligada a isto de modo algum. Você entende? Quer que eu tenha nosso bebê na cadeia? Sabemos o que acontece, ele vai para adoção, nunca o veremos novamente. Quer isso para seu filho, para a mãe de seu filho? Você ainda tem uma chance de ser adulto, ser homem. Agora vá pegar Libby para mim.

Ele apanhou a grande lanterna e saiu para o frio chamando por Libby. Ela era uma menina rápida, uma boa corredora, devia ter descido a estrada e chegado até a rodovia a esta altura. Ou podia estar se escondendo no lugar de sempre, junto ao lago. Atravessou a neve, pensando se tudo aquilo era uma alucinação. Voltaria para casa e tudo estaria como antes, quando ouviu o clique da tranca e tudo estava normal, todos dormindo, uma noite comum.

Então viu Diondra de cócoras sobre Michelle como uma ave de rapina gigantesca, ambas tremendo no escuro, e soube que nada ficaria bem, e soube que não levaria Libby de volta para casa. Passou a luz da lanterna sobre o alto dos juncos, viu rapidamente seus cabelos vermelhos em meio ao amarelo-claro e gritou:

— Libby, fique onde está, querida — disse, virou-se e correu de volta para casa.

Diondra estava dando machadadas nas paredes, no sofá, berrando com os dentes à mostra. Sujara as paredes de sangue, escrevera coisas, espalhara sangue por toda parte com seus sapatos de homem, comera Rice Krispies na cozinha e restos de comida ficando para trás, e deixara digitais por toda parte, e continuava a berrar:

— Faça parecer bom, faça parecer realmente bom.

Mas Ben sabia o que era aquilo, era a sede de sangue, a mesma sensação que ele teve, aquela explosão de fúria e poder que fazia você se sentir tão forte.

Ele limpou as pegadas bastante bem, pensou, embora fosse difícil dizer quais eram de Diondra e quais eram do homem — quem era o homem, cacete? Limpou tudo em que ela havia tocado — os interruptores, o machado, os balcões, tudo em seu quarto. Diondra apareceu no umbral e disse:

— Limpei o pescoço de Michelle.

Ben tentou não pensar, não pensar. Ele deixou as palavras nas paredes, não sabia como consertar aquilo. Ela tinha acertado sua mãe com o machado, a mãe tinha novos buracos estranhos, fundos, e pensou em como podia estar tão calmo, e em quando seus ossos derreteriam e ele desmoronaria, e disse a si mesmo para se segurar, cacete, *seja homem, faça isso, seja homem, faça o que precisa ser feito, seja homem*, e levou Diondra para fora da casa, e o lugar todo já cheirava a terra e morte. Quando fechou os olhos viu um sol vermelho e pensou novamente, *Aniquilação*.

LIBBY DAY

HOJE

Eu ia perder dedos do pé de novo. Sentei do lado de fora de um posto de gasolina fechado durante quase uma hora, esfregando meus pés que latejavam enquanto esperava por Lyle. Sempre que passava um carro eu me escondia atrás do prédio para caso fossem Crystal e Diondra procurando por mim. Se me encontrassem agora eu não conseguiria correr. Elas me pegariam e seria o fim. Passei anos querendo morrer, mas não nos últimos tempos, e decididamente não queria ser morta por aquelas vacas.

Liguei a cobrar para Lyle de um telefone fora do posto que eu tinha certeza de que não funcionaria, e ele começou a conversar antes mesmo de a telefonista sair da linha: *Você ouviu? Você ouviu?* Eu não ouvi. Eu não queria ouvir. Apenas venha me buscar. Desliguei antes que ele começasse com as perguntas.

— O que aconteceu? — disse Lyle quando finalmente chegou, eu tremendo, o ar gelado.

Eu me joguei dentro do carro, meus braços paralisados de frio.

— Diondra definitivamente não está morta. Me leve para casa, preciso ir para casa.

— Você precisa ir a um hospital, seu rosto está, ele está... Você viu seu rosto?

Ele me puxou para baixo da luz do carro para olhar melhor.

— Senti meu rosto.

— Ou a polícia? O que aconteceu? Sabia que devia ter vindo com você, Libby. Libby, o que aconteceu?

Contei a ele. A coisa toda, deixando ele preencher os vazios entre meus acessos de choro, terminando com *e então elas, então elas tentaram me matar...* As palavras saindo como mágoa, uma garotinha contando à mãe que alguém foi mau com ela.

— Então Diondra matou Michelle — disse Lyle. — Vamos à polícia.

— Não, não vamos. Só preciso ir para casa — disse, minhas palavras embotadas por muco e lágrimas.

— Temos que ir à polícia, Libby.

Comecei a gritar coisas horrendas, bater com a mão na janela, berrando até começar a cuspir, e isso apenas deixou Lyle mais convencido de me levar à polícia.

— Você vai querer ir à polícia, Libby. Além disso, quando lhe contar o que tenho para contar, você vai querer ir à polícia.

Eu sabia que era o que precisava fazer, mas meu cérebro estava infectado de lembranças do que acontecera após minha família ser assassinada: as longas horas exaustivas repetindo minha história para a polícia, minhas pernas balançando em cadeiras grandes demais, chocolate quente frio em copos descartáveis, eu não conseguindo me aquecer, apenas querendo dormir, aquela exaustão total em que até seu rosto fica dormente. E você pode dizer tudo o que quiser, não importa, porque todos estão mortos mesmo.

Lyle ligou o aquecedor no máximo, apontou a saída para mim.

— Certo, Libby, eu tenho algumas, algumas novidades. Eu acho, bem, certo, vou apenas contar. Certo?

— Você está me assustando, Lyle. Conte.

A luz do teto não iluminava muito, continuei olhando o estacionamento para ter certeza de que ninguém vinha.

— Lembra do Anjo da Dívida? — começou Lyle. — Que o Kill Club estava investigando? Foi pego em um subúrbio de Chicago. Preso enquanto ajudava um pobre idiota do mercado de ações a... organizar, digamos assim, sua morte. Deveria parecer um acidente de cavalgada. O Anjo foi pego em uma das trilhas de cavalgada,

acertando o cara com uma pedra, esmagando sua cabeça. Seu nome é Calvin Diehl. Ele tinha sido fazendeiro.

— Certo — falei, mas sabia que vinha mais.

— Certo. Então descobriram que ele estava ajudando a matar pessoas desde os anos oitenta. Era inteligente. Tem bilhetes escritos à mão de todas as pessoas que assassinou, trinta e duas pessoas, jurando que o contrataram.

— Certo.

— Um desses bilhetes era de sua mãe.

Eu me dobrei, mas continuei olhando para Lyle.

— Ela o contratou para matá-la. Mas deveria ser apenas ela. Para receber o seguro de vida, salvar a fazenda. Salvar vocês, Ben. Eles estão com esse bilhete.

— Certo. O quê? Não, isso não faz sentido. Diondra matou Michelle. Ela tinha o diário dela. Acabamos de dizer que foi Diondra...

— Bem, essa é a coisa. Esse Calvin Diehl finge ser uma espécie de herói popular. Juro, há uma multidão em frente à cadeia nos últimos dias, pessoas com cartazes dizendo que Diehl é o cara. Logo estarão escrevendo canções sobre ele: ajudar pessoas endividadas a morrer para que os bancos não tomem suas propriedades, ainda por cima sacaneando as seguradoras. As pessoas estão adorando isso. Mas, ahn, ele diz que não vai confessar o assassinato de nenhuma das trinta e duas pessoas, diz que tudo foi suicídio assistido. Morrer com dignidade. Mas está assumindo a culpa por Debby. Diz que irá confessar o assassinato de Debby, contou que ela apareceu, colocou-se no meio, as coisas deram errado. Diz que é a única pela qual lamenta.

— E quanto a Michelle?

— Diz que nunca viu Michelle. Não vejo motivo para ele mentir.

— Dois assassinos — falei. — Dois assassinos na mesma noite. Isso sim é sorte.

* * *

Entre me esconder na floresta, choramingar no posto de gasolina, uivar no carro de Lyle e finalmente convencer um sonolento xerife do interior de que eu não era maluca (Você é irmã de *quem*?), eu perdi sete horas. Diondra e Crystal haviam sumido com tudo pela manhã, estou dizendo tudo *mesmo*. Haviam enchido o lugar de gás e a casa queimou totalmente antes mesmo de os caminhões de bombeiros deixarem o quartel.

Contei minha história muito mais vezes, sendo recebida com uma mistura de diversão e dúvida, e então finalmente um toque de credibilidade.

— Vamos precisar de um pouco mais, entende, para ligar Diondra ao assassinato de sua irmã — disse um detetive, colocando em minha mão um copo descartável com café frio.

Dois dias depois detetives apareceram à minha porta. Tinham fotocópias de cartas da minha mãe. Queriam saber se eu reconhecia sua letra, queriam saber se eu desejava vê-las.

A primeira era um bilhete muito simples de uma página absolvendo Calvin Diehl de seu assassinato.

A segunda era para nós.

Queridos Ben, Michelle, Debby e Libby,

Não acho que essa carta vá chegar a vocês um dia, mas o Sr. Diehl disse que a guardará para mim, e acho que isso me dá algum consolo. Não sei. Seus avós sempre me disseram: Tenha uma vida útil. Não acho que realmente tenha feito isso, mas posso ter uma morte útil. Espero que todos me perdoem. Ben, seja lá o que acontecer, não se culpe. As coisas saíram do nosso controle, e isto é o que precisava ser feito. Parece muito claro para mim. Estou de certa forma orgulhosa. Minha vida foi tão determinada por acidentes que agora parece bom que um "acidente de propósito" conserte as coisas. Um feliz

acidente. Cuidem bem uns dos outros, eu sei que Diane cuidará de vocês. Só fico triste por não chegar a ver que pessoas boas vocês irão se tornar. Embora não precise. De tanto que acredito em meus filhos.

Amo vocês,
Mãe

Eu me senti vazia. A morte da minha mãe não foi útil. Tive um surto de raiva dela, depois imaginei aqueles últimos momentos sangrentos na casa, quando ela se deu conta de que o plano dera errado, quando Debby estava morrendo e tudo acabou, sua vida desperdiçada, jogada fora. Minha raiva deu lugar a uma estranha ternura, como a que uma mãe poderia sentir pelo filho, e pensei: pelo menos ela tentou. Ela tentou, naquele último dia, tanto quanto qualquer um teria tentado.

E vou tentar encontrar paz nisso.

CALVIN DIEHL

3 DE JANEIRO DE 1985
4H12

Foi idiota como tudo deu errado tão depressa. Ali está ele fazendo um favor a ela, a garota ruiva da fazenda. Droga, ela nem sequer deixou dinheiro suficiente para ele; haviam combinado dois mil dólares, ela deixou um envelope com apenas oitocentos e doze dólares e setenta e cinco centavos. A noite toda foi mesquinha, insignificante e idiota. Foi desastrosa. Ele ficou frouxo, presunçoso e despreocupado, e isso levou a... Ela também foi relaxada demais. A maioria das pessoas era meticulosa sobre a forma como morria, mas tudo que ela pediu foi para não se afogar. Ela não queria se afogar, por favor. Ele poderia ter feito de muitas formas simples, como sempre fez. Mas então foi tomar um drinque no bar, nada demais, caminhoneiros iam ali o tempo todo, ele nunca se destacou. Mas o marido dela estava lá, e era um cretino de merda tão grande, um rato tão inútil que Calvin se viu prestando atenção em qual era o negócio do tal Runner, e as pessoas contavam todo tipo de história, sobre como o homem tinha arruinado a fazenda, a família, e estava se afogando em dívidas. E Calvin Diehl, um homem honrado, pensou, por que não?

Esfaquear a mulher no coração à própria porta, fazer aquele Runner suar um pouco. Deixar a polícia interrogá-lo, aquele merda infeliz que não tinha responsabilidade nenhuma. Fazer com que tivesse alguma. No final seria descartado como um crime aleatório, tão factível quanto as outras coisas que ele fizera, acidentes de carro e desabamentos de silos. Perto de Ark City ele afogara um

homem em seu próprio trigo, armou para que parecesse um acidente. As mortes de Calvin sempre seguiam as estações: afogamento nas enchentes de primavera, acidentes de caça no outono. Janeiro era a temporada de assaltos a casas e violência. O Natal passara e o ano-novo acabara de lembrar a você quão pouco sua vida mudara, e cara, as pessoas sentiam raiva em janeiro.

Então, apunhalá-la no coração, de forma rápida, uma grande faca de caça Bowie. Acabaria em trinta segundos, e a dor não era nada de mais, diziam as pessoas. O choque seria grande. Ela morre e é a irmã quem a encontra, ela garantiu que a irmã apareceria cedo. Nesse sentido era uma mulher preocupada.

Calvin precisava voltar para casa, cruzar a divisa de Nebraska e lavar o cabelo. Ele se limpou com porções de neve, a cabeça soltava fumaça do frio. Mas ainda estava grudento. Não deveria ter sangue no corpo, e precisava tirar, podia sentir o cheiro no carro.

Parou ao lado da estrada, as mãos suando nas luvas. Achou ter visto uma criança correndo na neve à frente, mas se deu conta de que só estava vendo a garotinha que matara. Coisinha fofa, os cabelos ainda trançados, correndo, e ele em pânico, vendo-a não como uma garotinha, não ainda, mas como uma presa, algo que precisava ser abatido. Ele não queria fazer isso, mas ninguém vira seu rosto até hoje, e ele primeiro tinha que se proteger e precisava pegá-la antes que acordasse as outras crianças — sabia que havia mais, e sabia que não tinha coragem de matar todas. Essa não era a sua missão, a sua missão era ajudar.

Viu a garotinha se virar para correr, e de repente tomou aquele machado na mão — também viu a espingarda e pensou: o machado é mais silencioso, ainda posso fazer isso em silêncio.

E então talvez ele tivesse enlouquecido, sentiu tanta raiva da criança — ele picou uma garotinha —, tanta raiva da ruiva por foder com tudo, por não morrer direito. Matou uma garotinha com um machado. Arrancou a cabeça de uma mãe de quatro filhos em vez de lhe dar a morte que merecia. Os últimos momentos dela foram de

horror, pesadelo em sua casa, em vez de ele apenas segurá-la enquanto sangrava na neve e morria com o rosto sobre o peito. Ele picou uma garotinha.

Pela primeira vez Calvin Diehl pensou em si mesmo como um assassino. Recostou-se no assento e gritou de dor.

LIBBY DAY

HOJE

Treze dias desde o sumiço de Diondra e Crystal e a polícia ainda não as havia encontrado, não havia encontrado provas que ligassem Diondra a Michelle. A caçada estava se reduzindo a um caso de incêndio criminoso, estava perdendo força.

Lyle veio ver TV comigo, seu novo hábito. Eu o deixava vir se ele não falasse demais, fiz toda uma cena para que ele não falasse demais, mas sentia falta dele nos dias em que não aparecia. Estávamos vendo um reality show particularmente tosco quando Lyle de repente se empertigou.

— Ei, esse é o meu suéter.

Eu estava vestindo um dos pulôveres que pegara no carro dele em algum momento, e realmente ficava muito melhor em mim.

— Ele fica bem melhor em mim — falei.

— Cara, Libby. Você podia pedir, sabe — disse, voltando-se para a TV, onde duas mulheres se lançavam uma na outra como cães abandonados. — Libby Dedos Ágeis. Uma pena que você não tenha saído da casa de Diondra com, digamos, a escova de cabelos dela. Teríamos algum DNA.

— Ah, o mágico DNA — falei.

Parei de acreditar em DNA.

Na TV, uma loura agarrava outra loura pelos cabelos e a arrastava pelos degraus, e então troquei de canal para um programa sobre crocodilos.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus — exclamei, e saí correndo da sala.

Voltei, bati com o batom e o termômetro de Diondra na mesa.

— Lyle Wirth, você é brilhante para cacete — falei, e o abracei.

— Bem — disse ele, depois riu. — Uau. Ahn, brilhante. Libby Dedos Ágeis acha que sou brilhante.

— Com certeza.

* * *

O DNA nos dois objetos era compatível com o sangue nos lençóis de Michelle. A caçada começou. Não espanta que Diondra houvesse insistido tanto em não ter qualquer ligação com Ben. Todos aqueles avanços científicos, um após o outro, tornando cada vez mais fácil comparar DNA: ela deve ter se sentido mais ameaçada a cada ano, em vez de menos. Bom.

Eles pegaram Diondra recebendo uma ordem de pagamento em Amarillo. Crystal não estava em lugar nenhum, mas Diondra foi presa, embora fossem necessários quatro policiais para colocá-la no carro. Então Diondra estava na cadeia e Calvin Diehl confessara. Até mesmo um agiota repulsivo havia sido detido, só o nome já me dando arrepios: *Len*. Com tudo isso você pensaria que Ben teria sido libertado da prisão, mas as coisas não acontecem assim tão depressa. Diondra não confessava, e eles iriam segurar meu irmão, que se recusou a comprometê-la, até que o julgamento de Diondra acontecesse. Eu finalmente fui visitá-lo no fim de maio.

Ele parecia mais gordinho, cansado. Deu um sorriso murcho enquanto eu me sentava.

— Não sabia se você ia querer me ver — falei.

— Diondra sempre teve certeza de que você ia encontrá-la. Sempre teve certeza disso. Acho que estava certa.

— Acho que estava.

Nenhum de nós parecia disposto a ir além disso. Ben protegeu Diondra por quase vinte e cinco anos, e eu desfiz tudo. Ele parecia desconfortável, mas não triste. Talvez sempre tivesse esperado que

ela fosse desmascarada. Eu estava disposta a acreditar nisso, pelo meu próprio bem. Era fácil não fazer a pergunta.

— Você logo estará fora daqui, Ben. Acredita nisso? Vai sair da prisão.

Aquilo não era de modo algum certo — uma tira de sangue nos lençóis de uma garota morta é bom, mas uma confissão é melhor ainda. Mesmo assim eu tinha esperança. Mesmo assim.

— Isso não me incomodaria — disse ele. — Pode ser a hora. Acho que vinte e quatro anos pode ser suficiente. Pode ser suficiente para... esperar. Deixar acontecer.

— Acho que sim.

Lyle e eu havíamos juntado pedaços daquela noite a partir do que Diondra me contou: eles estavam na casa, prontos para fugir, e algo que enlouqueceu Diondra aconteceu, e ela matou Michelle. Ben não a impediu. Minha aposta é que Michelle de algum modo soube da gravidez, do bebê secreto. Eu um dia perguntaria a Ben, pediria detalhes. Mas sabia que ele não me daria nada agora.

Os dois Day ficaram se olhando, pensando coisas e as digerindo. Ben coçou uma espinha no braço, o Y da tatuagem de Polly saindo de baixo da manga.

— Então: Crystal. O que você pode me dizer sobre Crystal, Libby? O que *aconteceu* naquela noite? Ouvi versões diferentes. Ela, ela está errada? Ela é má?

Então agora era Ben pensando no que havia acontecido em uma casa fria e solitária na periferia da cidade. Mexi nas duas cicatrizes em forma de lágrima no alto da bochecha, impressões do ferro do duto de ventilação.

— Ela é suficientemente inteligente para fugir da polícia esse tempo todo — falei. — Diondra nunca vai dizer onde ela está.

— Não foi o que perguntei.

— Não sei, Ben, ela estava protegendo a mãe. Diondra disse ter contado tudo a Crystal, e acho que falava a verdade. Tudo: *Eu matei Michelle e ninguém pode saber*. O que isso faz com uma garota que

sabe que a mãe é uma assassina? Ela fica obcecada, tenta descobrir o sentido disso, recorta fotos dos parentes mortos, lê o diário da tia morta até poder citar de cor, conhece todos os ângulos, passa a vida pronta para defender a mãe. E então eu apareço e é Crystal quem solta isso. E o que ela faz? Tenta consertar. Eu meio que entendo. Livro a cara dela. Ela não vai para a cadeia por minha causa.

Fui vaga com a polícia em relação a Crystal — eles queriam falar com ela sobre o incêndio, mas não sabiam que ela havia tentado me matar. Eu não iria ferrar outra pessoa da minha família. Não iria, mesmo que fosse culpada. Tentei dizer a mim mesma que ela não era tão perturbada. Poderia ter sido insanidade temporária, fruto do amor. Mas então a mãe dela tivera um acesso de fúria e deixou minha irmã morta.

Espero nunca ver Crystal de novo, mas, se vir, ficarei contente em ter uma arma, digamos assim.

— Você realmente livra a cara dela?

— Eu entendo um pouco de tentar fazer a coisa certa e foder tudo completamente — acrescentei.

— Está falando da mãe? — perguntou Ben.

— Estava falando de mim.

— Você poderia estar falando de todos nós.

Ben espalmou a mão contra o vidro, e eu e meu irmão colamos as palmas das nossas mãos.

BEN DAY

HOJE

De pé no pátio da prisão certo dia ele sentiu cheiro de fumaça. A fumaça flutuava em uma corrente de ar cerca de dois metros e meio acima de sua cabeça, e ele imaginou os incêndios de outono nos campos, de quando era menino. Chamas marchando sobre o solo em linhas tremeluzentes, queimando o que não era útil. Ele havia odiado ser um garoto de fazenda, mas agora só pensava nisso. O lado de fora. À noite, quando os outros homens faziam seus ruídos viscosos, ele fechava os olhos e via hectares de sorgo chacoalhando nos joelhos dele com aquelas contas marrons brilhantes, como as joias de uma garota. Via as Flint Hills de Kansas, com seus assustadores topos planos, como se cada elevação esperasse seu próprio coiote para uivar dela. Ou fechava os olhos e via seu pé, enfiado fundo na lama, a sensação da terra o sugando, prendendo-o a ela.

Uma ou duas vezes por semana Ben tinha um momento de frivolidade em que quase ria. Ele estava na prisão. Perpétua. Por assassinar sua família. Isso podia ser certo? Pensava em Ben, o Ben de quinze anos, quase como seu filho, um ser inteiramente diferente, e algumas vezes queria estrangular o garoto, o garoto que simplesmente não tinha isso nele — ele se imaginava sacudindo Ben até o rosto ficar borrado.

Mas algumas vezes sentia orgulho.

Sim, ele havia sido um pequeno covarde choramingador e inútil naquela noite, um garoto que simplesmente deixou as coisas acontecerem. Medroso. Mas, depois dos assassinatos, algo talvez

tenha se encaixado. Ele ficaria quieto para salvar Diondra, sua mulher, e o bebê. Sua segunda família. Ele não conseguira sair daquele quarto e salvar Debby e sua mãe. Não conseguira impedir Diondra e salvar Michelle. Não conseguira fazer nada a não ser se calar e aceitar. Ficar imóvel e aceitar. Isso ele podia fazer.

Ele tinha se tornado esse tipo de homem.

Ele ficara famoso por ser esse tipo de homem. Primeiro ele era o malvado diabólico dominante, todos se apressando para ficar longe dele, mesmo os guardas assustados, depois foi o prisioneiro gentil e incompreendido. Mulheres apareciam o tempo todo, e ele tentava não falar muito, deixá-las imaginando o que ele estaria pensando. Normalmente imaginavam que ele tinha bons pensamentos. Algumas vezes tinha. E algumas vezes pensava no que teria acontecido caso aquela noite tivesse sido diferente: ele, Diondra e um bebê berrando em algum lugar no oeste de Kansas, Diondra chorando lágrimas malvadas em algum pequeno quarto de motel sujo de comida que alugavam por semana. Ele a teria matado. Em algum momento ele poderia. Ou talvez tivesse agarrado o bebê e corrido, e ele e Crystal seriam felizes em algum lugar, ela universitária, ele cuidando da fazenda, a cafeteira sempre ligada, como em casa.

Agora talvez fosse sua vez de estar fora e de Diondra estar dentro, e ele sairia e encontraria Crystal onde ela estivesse. Felizmente ela era uma criança que sabia se proteger, não poderia desaparecer por muito tempo, ele a encontraria e cuidaria dela. Seria legal cuidar dela, realmente fazer alguma coisa além de calar e aceitar.

Mas ao mesmo tempo em que pensava isso, sabia que precisava mirar em algo menor. Era o que havia aprendido na vida até então: sempre mirar em algo menor. Ele nasceu para ser solitário, era do que tinha certeza. Quando menino, quando adolescente, e definitivamente agora.

Algumas vezes sentia como se tivesse passado a vida toda fora — no exílio, longe do lugar onde deveria estar, e que, como um soldado, estava ansioso para voltar. Com saudade de um lugar onde nunca esteve.

Caso saísse, procuraria Libby, talvez. Libby, que parecia sua mãe, que parecia com ele, que tinha todos aqueles gestos, aquele jeito que ele simplesmente conhecia, conhecia de cor. Ele podia passar o resto da vida pedindo perdão a Libby, cuidando de Libby, sua irmãzinha, em algum lugar lá fora. Em algum lugar pequeno.

Era tudo o que ele queria.

LIBBY DAY

HOJE

As espirais do arame farpado da prisão brilhavam amarelas enquanto eu chegava ao meu carro, e eu estava ocupada pensando em todas as pessoas que haviam sido machucadas: intencionalmente, acidentalmente, merecidamente, injustamente, levemente, completamente. Minha mãe, Michelle, Debby. Ben. Eu. Krissi Cates. Os pais dela. Os pais de Diondra. Diane. Trey. Crystal.

Pensei em quanto disso podia ser consertado, se alguém podia ser curado ou mesmo consolado.

Parei em um posto de gasolina para pedir informações, pois me esquecera de como chegar ao estacionamento de trailers de Diane e, que droga, eu ia ver Diane. Corri os dedos pelos cabelos no espelho do banheiro do posto, passei um protetor labial que quase roubei, mas acabei comprando (ainda não me sentindo totalmente bem com essa decisão). Depois atravessei a cidade, entrei no estacionamento de trailers de cerca branca onde Diane morava, narcisos amarelando por toda parte.

Não existe nada como um estacionamento de trailers bonito.

A casa de Diane estava exatamente onde eu lembrava, e parei, dando três buzinadas, seu ritual de quando nos visitava antigamente. Ela estava em seu pequeno jardim, mexendo nas tulipas, seu grande traseiro virado para mim, um grande bloco de mulher com cabelos prateados ondulados.

Ela se virou com as buzinadas, piscou violentamente enquanto eu saltava do carro.

— Tia Diane? — chamei.

Ela cruzou o jardim em grandes passos largos e sólidos, a expressão fechada. Quando estava em cima de mim, me agarrou e abraçou com tanta força que expulsou o ar dos meus pulmões. Então me deu dois tapinhas fortes, me segurou a distância do braço, depois me puxou de novo.

— Eu sabia que você conseguiria, sabia que conseguiria, Libby — murmurou em meus cabelos, sua respiração quente e enfumaçada.

— Fazer o quê?

— Apenas se esforçar um pouco mais.

* * *

Passei duas horas com Diane, até começarmos a ficar sem ter o que falar, como sempre acontecia. Ela me abraçou de forma ríspida de novo e ordenou que eu voltasse no sábado. Precisava de ajuda para instalar uma bancada.

Não peguei a rodovia imediatamente. Segui devagar para onde um dia esteve a nossa fazenda, tentando me ver ali por acaso. Havia sido uma primavera cheia de altos e baixos, mas agora baixei as janelas. Cheguei ao fim da longa estrada que levava à fazenda, preparando-me para condomínios ou shoppings. Em vez disso cheguei a uma velha caixa de correio, com “Os Muehler” pintado em letra cursiva na lateral. Nossa fazenda era novamente uma fazenda. Um homem caminhava pelos campos. Mais além, junto ao lago, uma mulher e uma garota observavam um cachorro chapinhar na água, a menina balançando os braços, entediada.

Estudei aquilo tudo por alguns minutos, mantendo meu cérebro firme, afastando-me do lugar escuro. Nada de gritos, nada de espingardas, nada de gritos selvagens de gaios-azuis. Apenas escutando o silêncio. O homem finalmente me notou e acenou. Acenei de volta, mas me afastei quando ele começou a se aproximar como um vizinho. Não queria encontrá-lo, nem queria me

apresentar. Só queria ser uma mulher qualquer, voltando para casa em Lá Em Cima Por Ali.

AGRADECIMENTOS

Tendo crescido em Kansas City, onde uma viagem de vinte minutos pode levar você a amplos campos abertos de milho e trigo, sempre fui fascinada por fazendas. Fascinada, mas, tenho que admitir, não informada. Um enorme obrigado aos fazendeiros e especialistas que me ensinaram sobre a realidade do trabalho na fazenda, durante a crise agrícola dos anos oitenta até agora: Charlie Griffin, da Kansas Rural Family Helpline; Forrest Buhler, do Kansas Agriculture Mediation Service; Jerrold Oliver; minha prima Christy Baioni e seu marido David, fazendeiro do Arkansas a vida toda. Uma enorme dívida de gratidão para com Jon e Dana Robnett: Jon não apenas me deixou brincar de fazendeira por um dia nas suas terras em Missouri, como respondeu a inúmeras perguntas sobre agricultura — de elevadores de grãos a castração de touros. Não chegou a me ensinar como exatamente sacrificar uma vaca em um ritual satânico, mas o perdoo por esse bom gosto.

Meu irmão, Travis Flynn, um dos melhores atiradores da região de Missouri e Kansas, foi inacreditavelmente generoso com seu tempo, aconselhando-me sobre o período e a personalidade das armas e me levando para atirar com tudo, de uma espingarda calibre 10 até uma Magnum .44 — obrigada à sua esposa, Ruth, por nos aturar.

Em minhas perguntas sobre cena de crime, apelei novamente para o tenente Emmet B. Helrich. Para o rock, vali-me de Slayer, Venom e Iron Maiden. Meu primo, o advogado Kevin Robinett, respondeu às minhas perguntas legais com sua mistura característica de humor e inteligência. Um enorme obrigado a meu

tio, o Exmo. Robert M. Schieber, que sofreu com minhas horrendas e estranhas consultas sobre *Lugares escuros* por dois anos e sempre teve tempo de conversar sobre o que poderia acontecer, o que deveria acontecer e o que provavelmente aconteceria no que dizia respeito à Justiça. Sua ajuda foi inestimável. Quaisquer erros em relação a agricultura, armas de fogo ou Direito são de minha responsabilidade; espero que meus concidadãos de Kansas City perdoem minhas poucas liberdades ficcionais em relação à boa e velha cidade.

No âmbito editorial, obrigada a Stephanie Kip Rostan, em cujos bom humor, inteligência e sensibilidade eu me apoiei. Aplausos para minha editora Sarah Knight, que me desafia e confia em mim — uma combinação adorável — e sabe como levar uma garota para uma boa noite na cidade. No Reino Unido, Kirsty Dunseath e seu pessoal na Orion são inacreditavelmente gentis. Um obrigada definitivo a inigualável Shaye Areheart, que apostou em mim há alguns anos!

Tenho um fascinante grupo de amigos e parentes que sempre me encoraja. Agradecimentos especiais a Jennifer e Mike Arvia, Amie Brooks, Katy Caldwell, Kameren Dannhauser, Sarah e Alex Eckert, Ryan Enright, Paul e Benetta Jensen, Sean Kelly, Sally Kim, Steve e Trisha London, Kelly Lowe, Tessa e Jessica Nagel, Jessica O'Donnell, Lauren Oliver, Brian Raftery, Dave Samson, Susan e Errol Stone, Josh Wolk, Bill e Kelly Ye, e o encantador e talentoso Roy Flynn-Nolan, que ajudou a produzir belas frases como: nfilsahnfiojfios343254nfa.

Para minha grande família de Missouri-Kansas-Tennessee: os Schieber, os Dannhauser, os Nagel, os Welsh, os Basler, os Garrett, os Flynn, e minha avó Rose Page. Minha tia Leslie Garrett e meu tio Tim Flynn dão um apoio especial e muitas ideias iluminadas para minha escrita "feminista chocante".

Aos meus parentes de coração: James e Cathy Nolan, Jennifer Nolan e Megan e Pablo Marroquin, por sempre serem tão gentis

sobre o livro, por me fazerem rir em momentos inesperados e por me deixarem comer todas as suas sobremesas. Não poderia ter a sorte de cair em uma família mais engraçada.

E para meu grupo de escrita de superamigos: Emily Stone tem um olho brilhante para detalhes e me lembra de festejar durante o ato às vezes sonolento de escrever. Scott Brown lê e depois lê de novo, e sempre faz com que eu me sinta brilhante. Além disso, ele sabe quando parar de escrever e ir visitar galinheiros assombrados no Alabama.

Para meus pais, Matt e Judith Flynn. Pai, seu humor, sua criatividade e sua gentileza sempre me impressionam. Mãe, você é a pessoa mais gentil e generosa que conheço, e um dia escreverei um livro em que a mãe não seja a) má ou b) morta. Você merece mais! Obrigada a vocês dois pela companhia na estrada em várias viagens por Missouri-Kansas e por me fazer saber que os deixo orgulhosos. Uma criança não pode querer mais que isso.

Finalmente, obrigada a meu brilhante, engraçado, de grande coração e supersensual marido Brett Nolan. O que dizer a um homem que sabe como penso e ainda dorme ao meu lado com as luzes apagadas? A um homem que me faz perguntas que me ajudam a encontrar meu caminho? A um homem que lê vorazmente, faz um péssimo ensopado, parece inteligente de smoking e assobia melhor que Bing? A um homem que é tão legal ao estilo antigo quanto Nick Charles, por chorar alto! O que eu digo sobre nós? Duas palavras.

SOBRE A AUTORA



GILLIAN FLYNN é jornalista e, antes de se dedicar integralmente à carreira de escritora, trabalhou por dez anos como crítica de cinema e TV para a *Entertainment Weekly*. Nascida no Missouri e formada em jornalismo e inglês pela Universidade do Kansas, Gillian escreveu durante dois anos para uma revista de negócios na Califórnia e concluiu um mestrado em jornalismo na Northwestern University, em Chicago.

Também é autora dos premiados *Garota exemplar* e *Objetos cortantes*, que juntos já venderam mais de 200 mil exemplares no Brasil. Seus livros foram publicados em vinte e oito países. Atualmente, Gillian mora em Chicago com o marido e o filho.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



Objetos cortantes



Garota exemplar

LEIA TAMBÉM



O hipnotista
Lars Kepler



No escuro
Elizabeth Haynes



Até você ser minha
Samantha Hayes